

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CRISLAINE ALINE CAMPANA



APHRA BEHN: A TRAJETÓRIA DE UMA ESCRITORA NA INGLATERRA DA  
RESTAURAÇÃO MONÁRQUICA, SÉCULO XVII

CURITIBA 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CRISLAINE ALINE CAMPANA

APHRA BEHN: A TRAJETÓRIA DE UMA ESCRITORA NA INGLATERRA DA  
RESTAURAÇÃO MONÁRQUICA, SÉCULO XVII

Dissertação apresentada à linha de pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade: reflexão e sentimentos na História, ao Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em História.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Vosne Martins

CURITIBA 2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –  
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoëla Nogueira – CRB 9/1607

Campana, Crislaine Aline

Aphra Behn : a trajetória de uma escritora na Inglaterra da restauração  
monárquica, século XVII. / Crislaine Aline Campana. – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Paula Vosne Martins

1. Behn, Aphra, 1640-1689 – Crítica e interpretação. 2. Literatura inglesa  
1600 - 1700. 3. Romance - Séc. XVII. 4. Escritoras inglesas. I. Martins, Ana  
Paula Vosne, 1961-. II. Título.

CDD – 823.4



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -  
40001016009P0

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **CRISLAINE ALINE CAMPANA** intitulada: **APHRA BEHN: A TRAJETÓRIA DE UMA ESCRITORA NA INGLATERRA DA RESTAURAÇÃO MONÁRQUICA, SÉCULO XVII**, sob orientação da Profa. Dra. ANA PAULA VOSNE MARTINS, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação,

CURITIBA, 31 de Agosto de 2021,

Assinatura Eletrônica

01/09/2021 10:39:15,0

ANA PAULA VOSNE MARTINS

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

01/09/2021 13:35:06,0

ANADIR DOS REIS MIRANDA

Avaliador Externo (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE PINHAIS)

Assinatura Eletrônica

01/09/2021 10:38:47,0

PRISCILA PIAZENTINI VIEIRA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Rua General Carneiro, 460, Ed.D.Pedro I, 7º andar, sala 716 - Campus Reitoria - CURITIBA - Paraná - Brasil

CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5086 - E-mail: cpghis@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 109078

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>  
e Insira o código 109078

*Para Molly*

## AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer primeiramente ao CNPQ por ter nos possibilitado meios econômicos para o desenvolvimento dessa pesquisa através da bolsa concedida nesses dois anos e meio de mestrado.

Escrever e pesquisar são um trabalho árduo e sem a ajuda de pessoas que nos apoiam e nos confortam teria sido impossível sobreviver a realização desse trabalho. Assim, agradeço a meus pais, pelo suporte financeiro e pela companhia nesse período pandêmico que parece não ter fim. Agradeço as minhas amigas, que mesmo distantes, me deram suporte emocional e foram pacientes com as minhas paranoias sobre a vida. Muito obrigada Aline por todas as conversas e por ter sido fundamental nessa reta final de pesquisa. Sem a sua ajuda e sua racionalidade nos momentos mais delicados eu estaria perdida. Não vejo a hora de voltar com nossos cafés e passeios desprentensiosos pelo shopping.

Obrigada a Luana por todas as conversas regadas a muito vinho (agora somos chiques!) e por todo o companheirismo desses últimos anos. Ter te conhecido fez minha vida mais feliz e espero que nossa amizade tenha ainda muitos capítulos. Agradeço à Mariana pelas conversas infinitas (desculpa aí guria!) e por ser a pessoa mais tranquila e aberta para indicações aleatórias. Saudades de cantar Fiona Apple no seu carro no meio de uma tempestade (importante é que sobrevivemos!) Agradeço também a Milena e a Liandra, que ainda que estejam mais longes devido a pandemia, a distância e a vida insana, sempre alegram meu coração com nossas conversas. Ter a amizades de vocês é muito importante na minha vida.

Por fim, agradeço a minha orientadora Ana Paula Vosne Martins pela orientação sempre dedicada e exigente. Agradeço sua paciência e suas correções, em especial nas correções de texto nessa etapa final. Sua orientação me faz uma pesquisadora melhor. Agradeço também as professoras Priscila e Anadir pelos apontamentos na banca de qualificação, que foram importantes para a conclusão dessa pesquisa. Ademais, agradeço à Linha de Pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade: reflexão e sentimentos na História e a seus professores, que me deram a oportunidade de realizar esse trabalho de pesquisa.

Muito obrigada a todos!

*I care for myself,  
The more solitary,  
the more friendless,  
the more unsustained  
I am, the more I will  
respect myself.*

*Jane Eyre, Charlotte Brontë*

## RESUMO

O objetivo desta dissertação é analisar a trajetória biográfica da escritora inglesa Aphra Behn a partir de dois de seus romances: *Oroonoko* (1688) e *Love-Letters between a Nobleman and his Sister* (1684-1687). Para tanto, refletimos a respeito da escrita de autoria feminina da Inglaterra do século XVII, época na qual os romances estavam começando a se popularizar. Em seguida, analisamos o período da Restauração monárquica (1660-1688) pela literatura produzida na época e sua proximidade com as transformações políticas e sociais, assim como tratamos dos romances publicados pelas mulheres na Inglaterra, apresentando também uma breve biografia de Aphra Behn, considerada a primeira escritora profissional da Inglaterra, tendo sido romancista, dramaturga, poeta, propagandista e espiã do Estado. Na análise dos romances pudemos perceber que, de forma geral, a autora apresenta protagonistas mulheres sob fortes dilemas morais. *Oroonoko*, o mais famoso de seus romances, transita entre a ficção e a realidade ao contar a história de um príncipe africano capturado e enviado à colônia inglesa do Suriname. *Love-Letters*, romance em três volumes, narra a complexa história de amor de Sylvia e Philander em meio a uma rebelião. Compreendemos, a partir dessa pesquisa, que Aphra Behn foi uma romancista invulgar e mesmo inconformista, que a partir de seus escritos ficcionais deu forma e significado ao que viriam a ser os famosos romances ingleses dos séculos XVIII e XIX.

Palavras chave: Aphra Behn, literatura inglesa, escrita de autoria feminina, romances.

## ABSTRACT

The objective of this dissertation is to analyze the biographical trajectory of the English writer Aphra Behn from two of her novels: *Oroonoko* (1688) and *Love-Letters between a Nobleman and his Sister* (1684-1687). In order to accomplish it, we reflect on the female-authored writing of 17th century England, a time when novels were beginning to become popular. Then, we analyse the period of the Restoration (1660-1688) through the literature produced at the time and its proximity to political and social transformations, as well as the novels published by women in England, also presenting a brief biography of Aphra Behn, considered England's first professional writer, having been a novelist, playwright, poet, propagandist and state spy. In the analysis of the novels, we could see that, in general, the author presents female protagonists under strong moral dilemmas. *Oroonoko*, her most famous novel, transitions between fiction and reality as she tells the story of an African prince captured and sent to the English colony of Suriname. *Love-Letters*, a three-volume novel, tells the complex love story of Sylvia and Philander in the midst of a rebellion. We understand, from this research, that Aphra Behn was an unusual and even nonconformist novelist, who, from her fictional writings, gave form and meaning to what would become the famous English novels of the 18th and 19th centuries.

Keywords: Aphra Behn, English literature, women's writing, novels.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                                                                        |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1: Retrato de Aphra Behn, atribuído à John Greenhill .....                                                                                      | 14 |
| Figura 2: Edição brasileira de Oroonoko, de 1999.....                                                                                                  | 15 |
| Figura 3: Imagem representando a frequência de primeiras edições e todas as edições de trabalhos publicados por mulheres ao longo do século XVII ..... | 60 |
| Figura 4: Distribuição do número de trabalhos por autor. ....                                                                                          | 62 |
| Figura 5: Número de primeiras edições de livros de autoria feminina que foram publicados ao longo do século XVII. ....                                 | 63 |
| Figura 6: Retrato do Rei Carlos II. ....                                                                                                               | 69 |
| Figura 7: Número de impressões de livros na Inglaterra no período entre 1650 e 1670. ....                                                              | 72 |
| Figura 8: Porcentagem de publicações em relação à categoria de assunto na década de 1660. ....                                                         | 73 |
| Figura 9: Imagem de John Dryden .....                                                                                                                  | 74 |
| Figura 10: Margaret Cavendish, por Sir Peter LeLy em 1663 .....                                                                                        | 75 |
| Figura 11: Retrato de Mary Wroth, de 1607. ....                                                                                                        | 83 |
| Figura 12: Retrato de Aphra Behn, atribuído à Mary Beale. ....                                                                                         | 84 |
| Figura 13: Retrato de Aphra Behn, por John Riley .....                                                                                                 | 86 |

## SUMÁRIO

|                                                                                   |        |
|-----------------------------------------------------------------------------------|--------|
| INTRODUÇÃO.....                                                                   | 13     |
| <br>CAPÍTULO 1: ESCRITA DE AUTORIA FEMININA NA INGLATERRA DO SÉCULO XVII<br>..... | <br>24 |
| 1.1 Crítica Literária Feminista.....                                              | 26     |
| 1.1.1 “A Room of One’s One” .....                                                 | 29     |
| 1.2 Família, religião e educação no século XVII .....                             | 37     |
| 1.3 O Século XVII em números .....                                                | 59     |
| <br>CAPÍTULO 2: APHRA BEHN E A LITERATURA DA RESTAURAÇÃO MONÁRQUICA<br>.....      | <br>66 |
| 2.1 Restauração Monárquica .....                                                  | 67     |
| 2.1.1 A literatura no período da Restauração Monárquica .....                     | 72     |
| 2.2 Romances de autoria feminina .....                                            | 77     |
| 2.3 Aphra Behn, uma escritora de seu tempo .....                                  | 84     |
| <br>CAPÍTULO 3: UM ROMANCE ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE .....                     | 92     |
| 3.1 História de um romance.....                                                   | 93     |
| 3.2 Lendo Oroonoko.....                                                           | 96     |
| 3.3 Um romance, várias perspectivas .....                                         | 119    |
| <br>CAPÍTULO 4: UM ROMANCE ENTRE O AMOR E A HONRA .....                           | 129    |
| 4.1 História de um romance.....                                                   | 131    |
| 4.2 Lendo Love-Letters .....                                                      | 134    |
| 4.2.1 Uma história de amor .....                                                  | 137    |
| 4.2.2 Uma grande experimentação? .....                                            | 148    |
| 4.2.3 As desventuras amorosas de Philander e Sylvia.....                          | 156    |

|                                  |     |
|----------------------------------|-----|
| 4.3 Um romance subversivo? ..... | 171 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....       | 175 |
| FONTES .....                     | 178 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... | 179 |

## INTRODUÇÃO

Alas! a woman that attempts the Pen,  
Such an intruder on the rights of men,  
Such a presumptuous Creature, is esteem'd,  
The fault, can by no vertue be redeem'd.<sup>1</sup>

Nessa dissertação realizamos uma análise da trajetória da escritora inglesa Aphra Behn (1640-1689) a partir de dois de seus romances: *Oroonoko* (1688) e *Love-Letters between a Nobleman and his Sister* (1684-1687). A partir desses dois romances problematizamos questões sobre a escrita de autoria feminina na Inglaterra do século XVII e suas relações com a tradição literária, a relação da literatura do período da Restauração monárquica (1660-1688) com a situação política conturbada, e a trajetória de vida de Aphra Behn, fundamental para compreendermos de onde escreve.

Quando pensamos na escrita de Aphra Behn sabíamos dos desafios que seriam encontrados em nosso caminho. Tivemos contato com a autora pela primeira vez em 2014, em uma disciplina ainda no início da graduação em história.<sup>2</sup> Na disciplina, uma abordagem interdisciplinar entre História e Estudos Literários, foi possível problematizar questões sobre a escrita feminina e assim ter uma visão mais ampla sobre a prática literária. A partir desse momento surgiu nosso interesse de pesquisa pela escrita de autoria feminina. Como trabalho de conclusão de curso de graduação analisamos a obra ficcional de Anne Brontë (1820-1849), escritora inglesa do século XIX que teve o brilhantismo de sua obra ofuscada pelos trabalhos mais famosos e de igual qualidade de suas irmãs mais velhas, Emily Brontë (1818-1848) e Charlotte Brontë (1816-1855).

Pensando na continuidade da pesquisa sobre as escritoras inglesas recuamos ao século XVII, um período que até aquele momento conhecíamos pouco, mas que oferecia a oportunidade singular não só de compreendermos o surgimento de uma tradição literária feminina na Inglaterra, mas também aprofundarmos a compreensão da escritora que era reconhecida pelo pioneirismo na escrita dos romances na Inglaterra. A princípio essa escolha nos pareceu um pouco precipitada visto que seria mais lógico continuar com a pesquisa sobre o século XIX. No entanto, as escritoras inglesas do século XVII são menos conhecidas e

---

<sup>1</sup> FINCH, Anne (c. 1690/2001), 'The Introduction', in Stevenson and Davidson (2001). p. 459.

<sup>2</sup> Tópicos Especiais em História e Cultura., ministrado pela professora Doutora Ana Paula Vosne Martins.

estudadas, fazendo nossa pesquisa ter um elemento desafiador e inédito em língua portuguesa do Brasil.

Virgínia Woolf em *Um Teto Todo Seu* (1929) afirmou que “todas as mulheres reunidas deveriam jogar flores sobre a sepultura de Aphra Behn [...] por ter sido quem conquistou para elas o direito de dizerem o que pensam”.<sup>3</sup> Desde que Woolf destacou Aphra Behn como a precursora entre as escritoras profissionais inglesas, não apenas seus trabalhos, mas também sua vida têm sido objeto de fascínio entre os leitores, existindo até mesmo mais estudos biográficos publicados sobre Behn que estudos críticos sobre suas obras.<sup>4</sup>

De fato, Aphra Behn foi uma precursora. Primeira escritora inglesa a escrever profissionalmente, foi romancista, dramaturga, poeta, propagandista e até mesmo trabalhou como espiã para o Estado inglês. Sua vida, no entanto, não é fácil de ser reconstruída. Expressões como talvez, supostamente, parece ter, provavelmente, é possível, pode ser, são comuns quando se trata da vida dessa escritora, que provavelmente tenha nascido em Harbledown, Kent, em 14 de dezembro de 1640, com o nome Eaffrey Johnson, filha de Elizabeth Denham e Bartholomew Johnson.<sup>5</sup> A vida de Aphra Behn tem uma combinação perigosa de obscuridade, mistério e teatralidade que faz com que seja difícil encaixá-la em qualquer narrativa, seja ela especulativa ou factual.<sup>6</sup>



Figura 1: Retrato de Aphra Behn, atribuído à John Greenhill (FONTE: DUFFY, 1989)

Assim, a dificuldade em investigar a vida de Aphra Behn pode ser bastante intimidadora. Sem contar seus trabalhos publicados, existe um pouco mais de vinte documentos relacionados à autora. Isso inclui todas suas cartas, cobrindo uma vida de quase cinquenta anos.<sup>7</sup> Assim, na ausência de fontes mais substanciais (cartas, diários e análises de outras pessoas), a reconstrução da vida da autora se baseia em sua narração ficcional, nos enunciadores de seus poemas, nas vozes das personagens de suas peças teatrais, em seus prólogos e epílogos, em temas, personagens e expressões que se repetem, “aceitando

<sup>3</sup> WOOLF, V. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014. p. 96.

<sup>4</sup> SALZMAN, Paul (Ed.). *An anthology of seventeenth-century fiction*. Oxford University Press, USA, 2001. p. xxiv.

<sup>5</sup> Existem algumas hipóteses quanto à data e local do nascimento de Aphra Behn a partir de registros paroquiais de pessoas com variações de nomes parecidos. A mais provável e aceita é essa citada.

<sup>6</sup> TODD, J. *Aphra Behn: A Secret Life*. Bloomsbury Publishing, 2017. Kindle Edition. Introduction to the 1996 Edition, doc. 1-2.

<sup>7</sup> DUFFY, M. *The Passionate Shepherdess. Aphra Behn 1640-4689*. Drama, 1989. p. 19.

que a autobiografia pode ser contada através desses elementos e que a memória é um recurso imaginativo principal para artistas, explorada de forma oblíqua”, como assinala Todd.<sup>8</sup>

A genealogia literária de Aphra Behn começa com a própria autora. Uma mulher que entrou na literatura como escritora e não como uma mulher da elite que rabiscava versos em seus momentos de tédio. Não tendo antecessores ou exemplos a serem seguidos, surge numa tradição anônima e silenciosa. Além disso, Aphra Behn não é exatamente o que podemos chamar de escritora famosa, visto que fora os especialistas em literatura do período da Restauração monárquica e os estudiosos da crítica literária feminista, poucas pessoas ouviram falar de Behn. Depois de sua morte, ela praticamente desapareceu das páginas de biografias, da literatura e da própria história, e quando seus trabalhos voltaram a ser impressos no século XIX, não tiveram o devido reconhecimento do público e da crítica. Somente no início do século XX as obras de Behn começaram a alcançar leitores curiosos, mas apesar disso ela é vagamente lembrada como escritora, sendo hoje seus livros encontrados em poucas bibliotecas e livrarias.<sup>9</sup>

No Brasil ela é ainda menos conhecida, tendo apenas uma tradução em português de uma de suas obras, *Oroonoko*, em 1999, pela Editora Mulheres, e se encontra esgotada, sendo encontrada eventualmente em sebos por preços elevados. No meio acadêmico a situação não é diferente. Fazendo uma busca por pesquisas e artigos, além de nossa própria pesquisa, na Plataforma Lattes, encontramos um projeto de pesquisa de 2013-2014,<sup>10</sup> um texto publicado em Anais de Congresso em 1999<sup>11</sup> e uma monografia de conclusão de curso do ano de 2019,<sup>12</sup> apenas essa última realizada por historiadora, as outras duas de pesquisadores dos Estudos Literários.<sup>13</sup> Ademais, existe um capítulo dedicado à autora no livro *Escritores e*

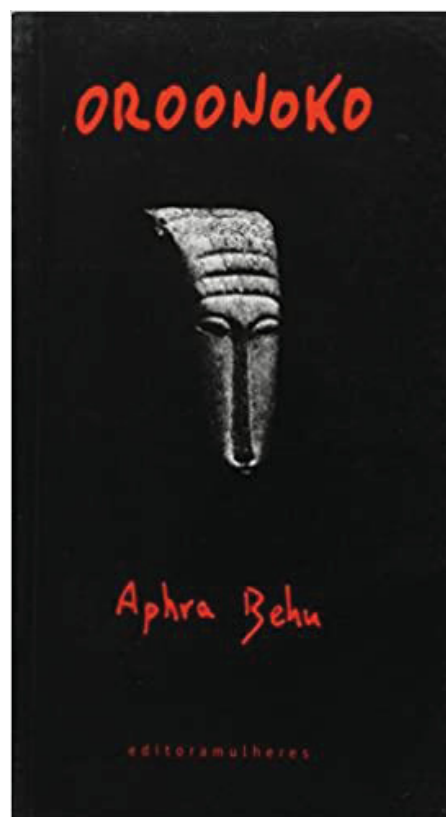


Figura 2: Edição brasileira de *Oroonoko*, de 1999.

<sup>8</sup> TODD, J. Aphra, Op. Cit., doc. 5-6. [accepting that autobiography may be diffused through them and that memory is a main imaginative resource for artists, exploited in oblique ways]

<sup>9</sup> GOREAU, Angeline. *Reconstructing Aphra: a social biography of Aphra Behn*. Dial, 1980. p. 7.

<sup>10</sup> A estética literária de autoria feminina e a construção de identidades/alteridades: de Aphra Behn a Maya Angelou, de Janice Cristine Thiél.

<sup>11</sup> Aphra Behn e *Oroonoko*: uma leitura sob vários pontos de vista, de Marta Betânia Marinho Silva.

<sup>12</sup> Gênero e poder na literatura de Aphra Behn e John Wilmot: considerações sobre os poemas “The Disappointment” e “The Imperfect Enjoyment”, de Marina Taloni Barros.

<sup>13</sup> A pesquisa na Plataforma Lattes foi realizada no dia 05/07/2020.

Espiões: a vida secreta dos grandes nomes da literatura mundial, de Fernando Martínez Laínez: Aphra Behn: uma feminista no grande teatro do mundo.

Desta forma, nosso trabalho é uma abordagem inédita em língua portuguesa e no campo da investigação histórica. Uma pesquisa em português sobre uma escritora tão pouco conhecida e estudada em nosso país, apesar dos desafios, pretende contribuir para a divulgação de suas obras e provocar interesse pela leitura de seus livros e entre pesquisadores para adentrar nos estudos de autoria feminina do século XVII, e assim, quem sabe, Aphra Behn possa ser mais conhecida, bem como suas obras fora de seu país de origem e num idioma bem diferente do qual escreveu.

Uma dificuldade encontrada quando estudamos as mulheres do passado, no caso dessa dissertação, as mulheres escritoras, diz respeito à falta de estudos críticos em relação à maioria delas. A maioria dos trabalhos envolvendo os escritos dessas mulheres vem de outras mulheres, cansadas de procurar alguma referência ou menção à alguma mulher importante por sua escrita. Esse foi o caso de Elaine Hobby quando começou a escrever *Virtue of Necessity: English Women's Writing 1649-88* (1988). Segundo a autora, o livro surgiu pelo simples fato de que queria saber mais sobre as mulheres escritoras que foram esquecidas, uma vez que estudar literatura inglesa significava estudar a escrita de homens quase que exclusivamente. Desta forma, Hobby quis descobrir o que havia sobre essas mulheres e assim dividir o que havia descoberto com outras mulheres.<sup>14</sup>

No caso de Aphra Behn, além das dificuldades já assinaladas, encontramos outros dois contratempos. Primeiro, o fato de que quase a totalidade da bibliografia se encontra em língua inglesa. Ainda que sejamos familiarizadas com a língua e que a internet tenha nos provido de material para nossa pesquisa, alguns títulos desejados ou estavam indisponíveis para compra, ou encontravam-se sob encomenda internacional por valores impraticáveis. Isso, no entanto, não prejudicou nossa pesquisa visto que estivemos cercadas de vastas opções bibliográficas. Segundo, a escrita de Aphra Behn em inglês da Inglaterra do século XVII e as suas referências. Isso ficou bastante evidente na análise do segundo romance de Behn, *Love Letters between a Nobleman and his Sister*. O livro, dividido em três volumes, além de muito longo, é permeado de referências nem sempre claras para o leitor na atualidade. Isso teve reflexo em nossa análise, que diferente de *Oroonoko*, no qual tivemos um controle maior da narrativa, abordou aspectos mais gerais e com os quais conseguimos trabalhar melhor as referências oferecidas pela autora.

---

<sup>14</sup> HOBBY, E. *Virtue of Necessity: English women's writing, 1649-88*. Univ of Michigan Pr, 1989. p. 204.

Essa última dificuldade não é exclusiva dos não falantes da língua inglesa. Isso se verifica também entre o público que fala o inglês. Pensando na importância de um maior reconhecimento na obra de Aphra Behn surgiu o projeto “*Editing Aphra Behn in the Digital Age*”, que é liderado por Elaine Hobby em conjunto com a *Cambridge University Press*, tendo um valor financiado de 752.246,00 libras e que está em desenvolvimento desde julho de 2016 e com data de conclusão agosto de 2021. O objetivo desse projeto é produzir uma edição com 8 volumes das obras da autora. Essa edição contará com os textos de Behn em sua ortografia original e será minuciosamente anotada. Estará disponível de forma impressa e digital, sendo a versão eletrônica disponível tanto nas grafias antiga e moderna. Tem como público alvo tanto leitores especialistas como leitores em geral, ficando ainda disponível para professores e companhias de teatro a opção, sob demanda, de textos selecionados da autora em grafia moderna.

A edição, que terá o nome de “*Behn Complete Writings*”, tem como propósito fazer uma reavaliação completa do cânone literário de Aphra Behn, visto que a autora possui textos de atribuição contestada.<sup>15</sup> Esta edição substituirá a que foi feita por Janet Todd entre os anos de 1992 e 1996, *The Works os Aphra Behn*, produzida a partir de meios limitados, possuindo poucas anotações e anterior aos recursos modernos da atualidade. Apesar de ser uma edição pioneira, é considerada inadequada e incompleta para o século XXI.<sup>16</sup>

Consideramos que esse projeto pode ser um ponto de inflexão para o acesso e os estudos das obras de Aphra Behn, fazendo com que a autora seja mais lida e reconhecida na atualidade. No Brasil, edições de livros clássicos comentados estão aos poucos sendo lançadas e ficando mais populares entre os leitores desse gênero. Um exemplo é a editora Zahar com a coleção “*Clássicos Zahar*”. Entre os livros de autoria feminina lançados nessa coleção estão *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë, *O Morro dos Ventos Uivantes* (1847), de Emily Brontë, *Frankenstein* (1823), de Marry Shelley, *Persuasão* (1818), de Jane Austen e *Mulherzinhas* (1868), de Louisa May Alcott.

Esse projeto demonstra como a presença das mulheres escritoras modernas na atualidade e do cânone literário britânico é uma questão muito discutida pela crítica literária especializada e pela crítica literária feminista, mas, no caso de nossa pesquisa, até agora não trouxe resultados

---

<sup>15</sup> Esse é o caso de um dos romances que analisaremos, *Love Letters Between a Nobleman and his Sister* (1684-1687).

<sup>16</sup> Para mais informações sobre o projeto, acessar: <<https://www.aphrabehn.online/front-page/>>, disponível em 13/09/2020 e <<https://gtr.ukri.org/projects?ref=AH%2FN007573%2F1>>, disponível em 13/09/2020.

que demonstrem uma mudança significativa. Nenhuma delas até o momento teve seu nome consolidado e estabelecido.

Na introdução do livro *Strong Voices, Weak History*, as autoras Pamela Joseph Benson e Victoria Kirkham discutem o fato de que as mulheres, de forma geral, têm uma presença na história literária menos estável que a dos homens. As autoras abordam inicialmente as duas noções de cânone emprestadas dos estudos bíblicos. Primeiro, o termo cânone deriva do uso eclesiástico, o qual originalmente “fazia referências aos livros oficiais das Escrituras, uma ‘lista fechada’ que evoluiu através de revisões sucessivas”. Depois, a palavra cânone, que fazia parte de uma lista mais aberta formulada pela Igreja, como “proclamações de conselhos ecumênicos, o estado legal da Igreja (lei canônica) e ‘regras sobre padrões de vida’ (regras monásticas)”. Segundo as autoras essas duas noções são essenciais, já que de um lado se tem uma lista que se encontra fechada, mas que está sempre aberta a revisões, e de outro a “determinação de canonicidade com base em critérios sociais ou estilísticos”.<sup>17</sup>

A partir da historicidade da palavra, Benson e Kirkham exploram três tipos de cânone: primeiro, aquele composto por textos de autores pioneiros e que são considerados, além de competentes, dignos de imitação durante a Idade Média e o Renascimento; segundo, textos escritos por autores medievais e renascentistas que foram elevados a status similar por leitores contemporâneos; em terceiro, os trabalhos e os autores que, nas gerações seguintes, foram considerados os melhores e mais representativos de seu período.<sup>18</sup>

As autoras, desta forma, preferem trabalhar com a noção de cânone ao invés dos conceitos de “tradição” e “clássico”, pois, apesar do conceito de clássico fazer com que certos autores e textos sejam reconhecidos e identificados como referência e com reverência, influenciando e guiando outros autores, e do conceito de tradição sugerir a conexão que esses textos e autores têm uns com os outros, assim como o contexto social que os favorece, a noção de cânone traz uma questão interessante e particular para o presente, como destacam: “como esses autores e trabalhos específicos vieram a se destacar com especial reverência; o que aconteceu com os outros que não foram escolhidos; quem fez as escolhas; e como a lista mudou ao longo do tempo – o tópico da formação do cânone”.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> BENSON, Pamela Joseph; KIRKHAM, Victoria. *Strong voices, weak history: early women writers & canons in England, France, & Italy*. University of Michigan Press, 2005. p. 1-2. [referred to the officially sanctioned books of Scripture, a “close list” that evolved through successive openings], [proclamations of ecumenical councils, the legal statutes of the Church (canon law), and “rules about patterns of life” (monastic rules)] e [the determination of canonicity on the basis of social or stylistic criteria]

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> Idem. [how theses specific authors and works came to be singled out for special reverence, how it happened that others were not chosen, who was doing the choosing, and how the list changed over time – the topic of canon formation]

A partir da facilitação do acesso e dos usos experimentais da informação foi possível repensar a importância dos textos e das autoras do período moderno. O feminismo foi o grande incentivador dos debates críticos a respeito do cânone literário nas últimas décadas, descrevendo as limitações e distorções de suas próprias práticas de forma repetitiva. Como assinala Rabb, o feminismo

tenta intervir política e praticamente na construção das antologias, edições, coleções de ensaios, ofertas de cursos, programas de estudos e outros aparatos institucionais que até então não incluíam mulheres, busca um novo espaço operativo, um quadro de referência, fora da ideologia da instituição patriarcal, na qual seja possível pensar em novos termos não apenas sobre sexualidade e gênero, mas também sobre classe, raça, colonialismo, estética e sistemas de valor.<sup>20</sup>

Desta forma, as feministas acabam se situando entre dois polos. De um lado, havia a necessidade de privilegiar a identidade como mulher e como categoria avaliativa, de outro lado a necessidade de não favorecer essa categoria identitária, pois poderia essencializar e incentivar leituras que fossem apenas biográficas ou protofeministas dos textos de autoria feminina.<sup>21</sup>

As mulheres escritoras não foram diferentes dos escritores quanto à aspiração de se pertencer ao cânone. Imitavam seus precedentes de autoria masculina escrevendo gêneros reconhecidos, como a poesia lírica e composições em latim. A noção de uma única mulher escritora pertencente ao cânone literário, sempre esmagadoramente masculino, a partir do século XVI, se tornou um lugar comum e regularmente invocado por mentes masculinas, como autores e editores, que as “inscreviam nos catálogos de mulheres dignas”,<sup>22</sup> como foi o caso de Sappho<sup>23</sup> e de Christine de Pizan (1363-1430).<sup>24</sup>

A circulação de manuscritos foi um importante meio pelo qual escritores e escritoras divulgavam seus textos no século XVII, especialmente as mulheres. Os círculos literários eram lugares nos quais os autores poderiam encontrar uma substancial audiência e construir sua fama sem que os textos tivessem sido impressos. No entanto, para as mulheres esse meio de

<sup>20</sup> RABB, Melinda Alliker. The Work of Women in the Age of Electronic Reproduction: The Canon, Early Modern Women Writers and the Postmodern Reader. In: *A Companion to Early Modern Women's Writing*, p. 337-360, 2002. p. 340, apud DE LAURETIS, Teresa. Technologies of gender: Essays on theory, film, and fiction. Indiana University Press, 1987. p. 26. [It attempts to intervene politically and practically in the construction of anthologies, editions, collections of essays, course offerings, syllabuses and other institutional apparatuses that hitherto did not include women; it also seeks a new operative space, a frame of reference, outside the ideology of the patriarchal institution, in which it might be possible to think in new terms not only about sexuality and gender, but about class, race, colonialism, aesthetics and systems of value]

<sup>21</sup> Ibidem, p. 340-341.

<sup>22</sup> BENSON, Op. Cit., p. 3, 5. [inscribing them into catalogs of female worthies]

<sup>23</sup> Célebre poetisa grega da Ilha de Lesbos e nascida entre 630 a.C. a 604 a.C. Conhecida por sua poesia escrita para ser cantada ao som da lira.

<sup>24</sup> Poeta italiana que viveu na França na primeira metade do século XV.

divulgação e a fama adquirida não era algo que durasse uma geração. A recepção dos escritos das mulheres na história literária inglesa apresenta um caso diferente, se comparado com outros países. No cenário cultural inglês os textos das mulheres pertenciam a uma categoria doméstica, que não era incentivada à impressão, o que contribuiu para que fossem preservados apenas alguns poucos manuscritos femininos. As edições impressas foram raras, o que contribuiu para que trabalhos de escritoras dos séculos XVI e XVII tenham chegado ao século XIX somente em breves fragmentos de antologias e que no começo do século XX tenham desaparecido por completo. Os trabalhos que sobreviveram até os dias atuais representam apenas uma fração dos escritos produzidos nos séculos passados.<sup>25</sup>

No que diz respeito ao cânone da literatura inglesa, nomes como os de Geoffrey Chaucer (1343-1400), Edmund Spenser (1552-1616), William Shakespeare (1564-1616) e John Milton (1608-1674) são parte de uma respeitável lista analisada e desestabilizada por dezenas de críticos ao longo dos anos. No entanto, apesar dos defensores da grandeza universal inerente de certos textos, as discussões acadêmicas que surgiram a partir da década de 1980 reconhece nessas obras “suas origens políticas, sua função ideológica e sua mudança ao longo do tempo”, como destaca Rabb. Estudos argumentam que o crescente nacionalismo inglês após as Guerras Civis fomentou a necessidade de se constituir uma literatura e um patrimônio nacional. Desta forma, o cânone literário era “necessariamente antigo e carregava grande parte da aura da antiguidade: dificuldade, raridade, sublimidade e masculinidade.”<sup>26</sup>

Além do cânone, a ideia de um “contra-cânone” passou a ser cada vez mais viável, visto que grupos excluídos, como as mulheres, os afro-descendentes, os grupos étnicos, os pós-coloniais, os gays e as lésbicas, passaram a criar suas próprias listas de livros a partir de outros critérios. A partir de novas edições, antologias e listas de leituras, não apenas uma maior variedade de textos se tornou disponível aos leitores, como também uma maior variedade de tipos de livros, além dos gêneros mais tradicionais. As tentativas de estabelecer um “contra-cânone”, no entanto, “não emanciparam o trabalho das mulheres dos sistemas intelectuais poderosamente restritivos que governam as comunidades interpretativas pós-modernas”, assinala Rabb.<sup>27</sup>

Entre as escritoras do período moderno, Aphra Behn é o nome que possui a reivindicação mais segura ao cânone, visto que, em especial a produção da última década de

---

<sup>25</sup> Ibidem, p. 7, 9-10.

<sup>26</sup> RABB, Op. Cit., p. 341-342. [its political origins, its ideological function and its change over time] e [necessarily old and carried with it much of the aura of antiquity: difficulty, rarity, sublimity, and masculinity]

<sup>27</sup> Ibidem, p. 343, 349. [not yet emancipated the work of women from the powerfully restrictive intellectual systems that govern postmodern interpretive communities]

sua vida, estudos críticos têm aparecido em diversos livros, capítulos de livros e artigos, assim como a existência de diversas biografias, novas edições de seus textos, antologias e outros, que atestam a importância da autora. São também cada vez mais diversos os argumentos citados sobre a pertinência de Behn ao cânone inglês dentro das universidades. Entre as alegações citadas por Rabb estão: a multiplicação dos “pontos de interseção entre sua escrita e outros textos ou outras áreas de estudo”, o fato de sua carreira ter “uma história de reconhecimento público e profissionalismo, apesar do ceticismo constrangido dos vitorianos”, a qualidade comprovada de seus trabalhos, o conteúdo de seus textos que permanecem em voga, o fato de ter trabalhado com gêneros tradicionais, como a comédia, a tragédia e o verso lírico, assim como também com gêneros experimentais e inovadores, como a ficção epistolar. Esses são alguns exemplos da importância de Aphra Behn para o discurso acadêmico, algo que não deve ser subestimado.<sup>28</sup>

Apesar do relativo reconhecimento de Aphra Behn no meio acadêmico a questão do cânone para as escritoras ainda é algo sem uma solução satisfatória. Deste modo, um trabalho como o *“Editing Aphra Behn in the Digital Age”*, além da sua importância por apresentar o trabalho da autora para uma nova geração que a desconhece, também pode fortalecer ainda mais seu nome no meio acadêmico, gerando maior interesse por seu trabalho e consolidando definitivamente o nome de Aphra Behn entre os grandes escritores ingleses.

Ainda é oportuno dizer que a qualidade dos escritos das mulheres do século XVII não é de forma alguma, ou será, o foco dessa pesquisa. Como destaca Hobby, essa é uma dúvida comum, que pode até parecer pontual, mas que “é limitada pelas culturas literárias e educativas dominantes de hoje”. A autora segue com seu pensamento:

Muito trabalho foi feito nos últimos dez anos, mostrando que nossas idéias sobre o que faz a 'boa escrita' estão conectadas e ajudam a sustentar muitos dos valores do 'establishment': de homens brancos, heterossexuais, de classe média. Precisamos fazer um tipo diferente de pergunta sobre os escritos do passado. Estou muito mais interessada no que a escrita de autoria feminina nos mostra sobre as lutas das mulheres em defesa e contra as exigências feitas a elas, do que em seu uso da rima ou complexidade de caracterização.<sup>29</sup>

<sup>28</sup> Ibidem, p. 344-345. [points of intersection between her writing and other texts or other areas of study] e [has a history of public recognition and professionalism, notwithstanding the embarrassed skepticism of the Victorians]

<sup>29</sup> HOBBY, Op. Cit., p. 25. [is limited by the dominant literary and educational cultures of today; e A lot of work has been done in the last ten years or so showing that our ideas about what makes for 'good writing' are connected to and help support many of the values of the 'establishment': of white, heterosexual, middle-class men. We need to ask a different sort of question about writings from the past. I am much more interested in what women's writing show us about female struggles within and against the demands made of them, than I am in their use of rhyme or complexity of characterisation]

A crítica de Elaine Hobby, com a qual concordamos, vem a propósito de como as fontes literárias são utilizadas pelos historiadores em análises sobre as representações sociais e menos sobre a estrutura e forma de um determinado escrito. Roger Chartier sugere o reestabelecimento de “uma leitura histórica das obras literárias que não destrua sua condição literária”. Segundo o autor, muitos historiadores, ao fazerem leituras de obras literárias da mesma forma como leem um documento histórico, frequentemente falham. Tratar uma obra literária apenas como uma fonte documental faz dela apenas “uma leitura redutiva, puramente documental e que destrói o próprio interesse de se confrontar com a natureza”.<sup>30</sup> Chartier cita a reflexão de Louis Martin:<sup>31</sup>

em toda representação literária ou pictória, há duas dimensões: por um lado a representação representa algo, é a dimensão que ele chama transitiva e que governa ao menos a teoria clássica da representação, no qual há algo representado por meio de uma representação; e por outro, há a dimensão reflexiva, que faz com que a representação se dê representando algo de maneira que não se confundam a representação com o objeto, ou em cena, ou uma pessoa representada.<sup>32</sup>

Desta forma, para uma melhor compreensão não apenas da obra e da vida de Aphra Behn, mas também do contexto histórico da Restauração monárquica e da escrita de autoria feminina do período, dividimos os capítulos de nossa dissertação da seguinte forma. No primeiro capítulo, intitulado “Escrita de autoria feminina na Inglaterra do século XVII”, analisamos a escrita de autoria feminina do século XVII. Apesar do recorte de nossa pesquisa ser o período da Restauração monárquica, consideramos importante conhecer aquele contexto histórico para demonstrar que Aphra Behn não foi uma exceção, tendo participado de um movimento mais amplo de participação das mulheres como escritoras na cultura escrita. Assim, o capítulo foi dividido em três partes. Na primeira fazemos um debate sobre a crítica literária feminista, campo de pesquisa que contribuiu para o surgimento do campo de pesquisa da escrita de autoria feminina. Em seguida, discutimos família, religião e educação, três temas importantes nas vidas das mulheres do período. Por fim, analisamos dados qualitativos e quantitativos referentes às publicações das mulheres escritoras durante o século XVII.

No segundo capítulo, intitulado “Aphra Behn e a literatura da Restauração monárquica”, adentramos no período da Restauração monárquica. Desta forma, analisamos a literatura produzida na época. Dividimos o capítulo em três momentos. No primeiro, discutimos o período

---

<sup>30</sup> CHARTIER, Roger et al. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Artmed, 2001. p. 91.

<sup>31</sup> Pintor francês (1850-1925).

<sup>32</sup> CHARTIER, Op. Cit., p. 89.

da Restauração monárquica, atrelado à importância da literatura, através das transformações políticas e sociais. Em um segundo momento, analisamos os romances publicados pelas mulheres na Inglaterra, com o propósito de entender esse importante gênero literário. Por fim, apresentamos uma breve biografia de Aphra Behn, pois consideramos importante conhecer a trajetória de vida da autora antes de adentrarmos nas análises de seus romances.

No terceiro capítulo, intitulado “Um romance entre a ficção e a realidade”, analisamos o livro *Oroonoko*, texto mais famoso de Aphra Behn. O romance conta a história do príncipe africano que é capturado e enviado à colônia inglesa do Suriname como escravo. Narrado em primeira pessoa pela autora que alega que a história é verdadeira e que até mesmo conheceu Oroonoko, o romance é permeado por elementos que transitam entre a ficção e a realidade. Dividimos o capítulo em 3 momentos. No primeiro, apresentamos informações sobre o romance como o processo de lançamento, a recepção, as edições e a construção narrativa. Em seguida analisamos o texto de Aphra Behn e por fim, discutimos, a partir de bibliografia especializada, algumas perspectivas de análise deste romance.

No quarto capítulo, intitulado “Um romance entre o amor e a honra”, analisamos o livro *Love-Letters between a Nobleman and his Sister*. O romance conta a trajetória amorosa das personagens Philander e Sylvia, que ao longo de três volumes se apaixonam, desapaixonam e se apaixonam por várias outras pessoas, tudo isso em meio a uma rebelião que tinha o objetivo de tirar o rei da França de seu trono. O primeiro volume do romance é narrado inteiramente de forma epistolar; o segundo volume mistura narrativa epistolar e narrativa em terceira pessoa e o terceiro volume é inteiramente em terceira pessoa. Dividimos o capítulo em três momentos: primeiro, apresentamos informações importantes referentes ao romance, tais como lançamento, recepção, edições e construção narrativa; no segundo momento analisamos os três volumes separadamente; e no terceiro momento fazemos a discussão do romance a partir de uma bibliografia especializada.

Em tempo, gostaríamos de assinalar que as traduções presentes nessa monografia são de nossa autoria, com exceção das traduções das passagens do romance *Love-Letters*, presentes no capítulo quatro, que são de Luana de Oliveira Silva.

## CAPÍTULO 1: ESCRITA DE AUTORIA FEMININA NA INGLATERRA DO SÉCULO XVII

[Women suffer] not simply the powerlessness which derives from not seeing one's experience articulated, clarified, and legitimized in art, but more significantly, the powerlessness which results from the endless division of self against self, the consequence of the invocation to identify as male while being reminded that to be male – to be universal – is to be *not female*... [T]he cultural reality is not the emasculation of men by women, but the immasculation of women by men. As readers, teachers, and scholars, women are taught to think as men, to identify with a male point of view, and to accept as normal and legitimate a male system of values, one of whose central principles is misogyny.<sup>33</sup>

Em seu ensaio, Ann Messenger,<sup>34</sup> discute os problemas de quando classificamos uma obra, no caso, escritos de autoria feminina do período da Restauração e do século XVIII, como secundários ou pertencentes à categoria principal da literatura. Para a autora, a posição das mulheres no mundo das letras era diferente da dos homens, ainda que ambos compartilhassem estilos e temas. As mulheres cultas naquela época, tinham as mesmas referências culturais que os homens cultos e todos faziam o que os seus antecessores haviam feito. As mulheres, no entanto, tinham a vantagem da originalidade em relação aos homens. Apesar de não terem a mesma educação formal que os homens, eram mais livres para inventar.

Segundo Messenger, as mulheres podiam pensar além dos gêneros convencionais da cultura escrita, como a ode e o épico, assim como alterar a lírica e a composição de seus textos e também misturar as formas mais tradicionais, tendo assim a chance de produzir um trabalho novo e original. A autora, no entanto, reconhece que naquela época “as mulheres reivindicavam mais frequentemente sua participação na literatura adotando formas tradicionais e lidando com temas de preocupação central para a humanidade, mas de seu próprio ponto de vista”. Assim, a literatura escrita pelas mulheres não foi secundária, nem periférica à literatura da corrente

---

<sup>33</sup> FETTERLEY, Judith (1991). 'Introduction: on the politics of reading.' In: Robyn R. Warhol and Diane Price Herndl (eds), *Feminisms: An Anthology of Literary Theory and Criticism* (pp. 492–508). New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1991. p. 493, 497.

<sup>34</sup> MESSENGER, A. *His and Hers: Essays in Restoration and 18th-Century Literature*. University Press of Kentucky, 2015.

principal, mas pertencente a ela, sendo, portanto, a “corrente principal mais ampla, mais profunda e mais rica do que imaginávamos”.<sup>35</sup>

A partir dessa provocação damos início a este primeiro capítulo de nossa dissertação, que tem como objetivo realizar uma análise da escrita de autoria feminina na Inglaterra seiscentista a partir de bibliografia especializada. Este foi um século extraordinário para as mulheres escritoras, vendo a primeira mulher inglesa publicar um livro de poesia,<sup>36</sup> a primeira mulher inglesa a viver de suas publicações<sup>37</sup> e a primeira jornalista política,<sup>38</sup> além do primeiro grupo autêntico de dramaturgas.<sup>39</sup> Ainda que o foco principal de nossa pesquisa não seja a análise de todo o século XVII, mas sim o período da Restauração monárquica (1660-1688) e a trajetória de vida de Aphra Behn a partir da análise de dois de seus romances, conhecer o contexto histórico nos parece ser fundamental para entender como esta escritora não foi uma exceção, nem uma pioneira, mas participou de um movimento mais amplo de inserção e reivindicação das mulheres para criar um espaço de ação e criação na cultura escrita. Importante ressaltar que não é nosso objetivo analisar o gênero de escrita dos livros que foram publicados na Inglaterra seiscentista, mas apresentar, neste capítulo, um panorama geral do que foi escrito e publicado, assim como os meios pelos quais foi possível às mulheres escreverem e publicarem.

Desta forma, o capítulo está dividido em três partes. Na primeira fazemos um debate sobre a crítica literária feminista, que contribuiu para o surgimento do campo de pesquisa da escrita de autoria feminina e nos orienta neste trabalho. Em seguida, discutiremos três questões fundamentais nas vidas das mulheres escritoras do período: família, religião e educação. Por

---

<sup>35</sup> Ibidem, p. 222-225. [in this period women more often claimed their membership in literature by adopting traditional forms and dealing with topics of central concern to humanity - but from their own point of view] e [that the main stream is wider and deeper and richer than we had thought]

<sup>36</sup> Katherine Philips (1632-1664) também conhecida como “The Matchless Orinda”, foi poeta, tradutora e dramaturga. Segundo a Enciclopédia Britânica de Mulheres Escritoras, “seus poemas, traduções dramáticas e cartas dão a imagem de uma monarquista cercada por membros da família pertencentes ao Parlamento, de uma esposa leal devotada, principalmente a outras mulheres, e uma poeta autodepreciativa que se promoveu eficientemente”. [Her poems, dramatic translations, and letters give the picture of a royalist surrounded by parliamentarian family members, of a loyal wife devoted chiefly to her women, and of a self-deprecating poet who promoted herself efficiently] [SCHLUETER, J; SCHLUETER, P. *An encyclopedia of British women writers*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1998. p. 508]

<sup>37</sup> Aphra Behn (1640-1689).

<sup>38</sup> Delarivière Manley (1663-1724) foi dramaturga e panfletista política. Segundo o Guia das Mulheres Escritoras Inglesas da Universidade de Cambridge, sua escrita era poderosa, escandalosa e combinava perspicácia política com uma ficção carregada de erotismo. Sua “originalidade e eficácia na interação entre autobiografia, ficção, escândalo e política” são hoje reconhecidos. [SAGE, L; GREER, G; SHOWALTER, E. *The Cambridge Guide to Women's Writing in English*. Cambridge University Press, 1999. p. 416-417]

<sup>39</sup> WILLIAMSON, M.L. *Raising their voices: British women writers, 1650-1750*. Wayne State University Press, 1990. p. 16.

fim, analisaremos dados qualitativos e quantitativos oriundos de bibliografia especializada referentes às escritoras e suas publicações durante o século XVII.

### 1.1 Crítica Literária Feminista

Nos dias atuais, ao menos entre os críticos literários, o debate sobre as relações entre literatura e teoria é frequentemente marcado por grande atenção às diferenças entre homens e mulheres. No que diz respeito à crítica literária feminista, esse é um campo de pesquisa que tem como objeto preferencial as mulheres e a representação. Pode ser resumida, de três formas, como assinala Crosby: “como representações de mulheres ou imagens de mulheres na literatura; como representações de mulheres ou escritos de mulheres; e como mulheres e “as condições de representabilidade”, ou a relação da diferença sexual com a própria possibilidade de significação”.<sup>40</sup>

Apesar de existirem inúmeras diferenças nos trabalhos críticos, todos concordam que em nossa cultura existe uma diferença hierárquica entre os gêneros masculino e feminino, no qual a mulher é vista como o segundo sexo. A literatura, como produto cultural, é enredada pelas consequências desse tratamento desigual. Como os termos “mulher” e “representação”, são entendidos, e não como estão relacionados, tem a ver com “as variações na crítica feminista, os debates teóricos e até os antagonismos que se desenvolveram nos últimos anos”, pontua Crosby.<sup>41</sup>

A crítica feminista, porém, não é algo fácil de ser definida. Isso se deve ao fato de que o campo de pesquisa não tem ainda uma única perspectiva crítica, apresentando formas e direções distintas e variando muito de país para país. No entanto, existe a suposição de que a cultura fundamentalmente patriarcal do Ocidente unifica os estudos da área. O patriarcado está refletido em todos os aspectos da cultura – religião, filosofia, economia, educação – e a literatura está inclusa nesse aspecto, sendo, portanto, trabalho do crítico trazer a tona os trabalhos que possam não só expor sua existência, mas que se possa mostrar a criatividade e talento das mulheres e, assim, ocorra uma mudança de fato em como os textos escritos pelas mulheres são lidos e criticados.<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> CROSBY, Christina. *Stranger than Truth: Feminist Literary Criticism and Speculations on Women*. The Dalhousie Review, 1984. p. 247. [as representations of women, or images of women in literature; as representations by women, or women's writing; and as women and "the conditions of representability," or the relation of sexual difference to the very possibility of signification]

<sup>41</sup> Ibidem, p. 247, 248. [the variations in feminist criticism, the theoretical debates, even antagonisms which have developed over the last several years]

<sup>42</sup> DOBIE, Ann B. *Theory into practice: An introduction to literary criticism*. Cengage learning, 2011. p. 97.

O exemplo mais claro a respeito das diferenças na crítica feminista literária pode ser observado nas duas principais correntes, a anglo-americana e a francesa. Como assinala Pacheco, nem todas as críticas feministas concordavam que a “agenda política é melhor servida pelo estudo e pela institucionalização de escritoras mulheres anteriormente negligenciadas”. Há discordâncias por parte das duas principais correntes da crítica feminista no que diz respeito à importância da leitura de textos e livros de autoria feminina no combate ao patriarcado e ao esquecimento. A crítica anglo-americana tem dado um maior protagonismo ao estudo da cultura das mulheres, em recuperar uma tradição da escrita de autoria feminina e também investigar nos textos de autoria feminina suas qualidades distintivas. Em contrapartida, a teoria feminista francesa privilegia o texto ao invés de centrar a importância no autor, não fazendo, assim, referência ao sexo biológico do autor, mas sim a escrita-poética, lúdica, não racional, que em relação a escrita masculina, desafia e perturba a ordem.<sup>43</sup>

A teoria feminista francesa vem de uma tradição menos empírica que a americana, de uma tradição filosófica mais idealista, derivando de pensadores fenomenológicos alemães. Recorre às teorias psicanalíticas de Freud e Lacan e demonstrou pouco interesse pelos escritos das mulheres no passado por considerarem os textos profundamente enraizados em estruturas linguísticas e culturais patriarcais. Também não estiveram interessadas pela descrição dos poucos pontos que faziam a escrita das mulheres se distinguir da escrita literária canônica. Como similaridades entre as teorias francesa e americana, Todd cita:

ambas reescreveram as narrativas ocidentais, uma de forma mitológica e outra predominantemente psicológica; ambas sonham em dar às mulheres uma voz; [...] ambas desejam destruir oposições binárias, incluindo a oposição entre masculino e feminino e ambas invocam a mitologia, o misticismo e a deusa; [...] ambas valorizam as relações de amizade entre as mulheres; e o efeito político também é semelhante.<sup>44</sup>

É imperioso dizer que em nossa pesquisa nos alinhamos à crítica anglo-americana por motivos que passamos a explicar. No entanto, é importante esclarecer que a crítica literária francesa não será esquecida e a ela recorreremos quando considerarmos pertinente para a análise das fontes literárias desta dissertação.

<sup>43</sup> PACHECO, A. *Early women writers: 1600-1720*. Routledge, 2014. p. 1, 3. [this political agenda is best served by the study and institutionalization of previously neglected women writers]

<sup>44</sup> TODD, J. *Feminist Literary History*. Oxford: Polity Press, 1988. p. 51-52, 54. [stemmed from a more idealist, less empirical philosophical tradition than the American, one which like deconstruction derived from German phenomenological thinkers], [they regarded as deeply embedded within patriarchal cultural and linguistic structures] e [both rewrite Western narratives, the one mythological, the other predominantly psychological, and both dream of a woman's tongue; [...] both desire to destroy binary oppositions, including the fundamental one of male and female and both invoke mythology, mysticism and the goddess; [...] both valorized female relationships. [...] the political effect is also similar]

Quando a crítica literária feminista anglo-americana surgiu entre o final da década de 1960 e início da década de 1970, pouca atenção havia então sido dada às mulheres escritoras. Raras foram as escritoras que chegaram a ser discutidas e estudadas nas universidades e nos cursos de literatura, orientados para os escritores canônicos. Assim, o que as primeiras críticas feministas fizeram foi afrontar atitudes patriarcais, a depreciação intrínseca das mulheres e a misoginia cultural. Quando, de fato, o foco das atenções passou às mulheres escritoras, foram destacadas nos estudos feministas, em sua maioria, as escritoras do século XIX e as que escreveram no século XX. Dentre as questões analisadas pelos estudos críticos feministas estava a recuperação de mulheres que haviam sido ocultadas dos relatos dominados por homens, assim como a recuperação de uma consciência da opressão que essas mulheres sofreram e como, ao escrever, essas mulheres resistiam e desafiavam sua posição. Desta forma, um novo valor e significado foi encontrado por essas feministas nos trabalhos dessas mulheres do passado, que ademais usaram esses dilemas para entender os próprios problemas do mundo contemporâneo.<sup>45</sup>

Desta maneira, a revisão da história da literatura se deu graças “ao feminismo, ao novo historicismo, ao materialismo cultural e às tendências críticas relacionadas”, como assinala Dorrego. Isso contribuiu para que inúmeros textos e escritoras que foram ignorados ao longo do tempo fossem recuperados e reavaliados a partir de novas edições publicadas e de novos estudos críticos. A escrita de autoria feminina é um exemplo de tradição que tem sido reivindicada nas últimas décadas.<sup>46</sup>

No entanto, durante esse processo, várias foram as questões que as críticas feministas começaram a levantar em relação a uma autêntica representação das mulheres escritoras: “Se as imagens oferecidas pelos homens na literatura canonizada de nossa tradição não são autênticas, o que se pode aprender com as escritoras? As representações das mulheres poderiam ajudar a responder à pergunta “o que é uma mulher?”. Para Crosby, a mudança de foco para a escrita das mulheres gerou questões que se relacionavam com outras questões mais antigas, como as “caracterizações de mulheres na ficção; as condições sob as quais as mulheres escrevem; a posição das escritoras em relação ao cânone; a possibilidade de uma tradição literária especificamente feminina, ou de uma maneira de escrever única para as mulheres”. Essas questões não eram novas, mas a partir das últimas décadas do século XX começaram a

---

<sup>45</sup> CARR, H. A history of women's writing. In: *A history of feminist literary criticism*. Cambridge University Press, 2007. p. 120, 124-125.

<sup>46</sup> DORREGO, J. F. Seventeenth-century prose fiction by English women writers: primary sources and recent studies (1977-97). *Revista Alicantina de Estudios Ingleses*, v. 12, p. 205-218, 1999. p. 205. [to feminism, new historicism, cultural materialism and related critical trends.]

ser reelaboradas de maneira bastante insistente e, como consequência, tiveram muitas respostas detalhadas.<sup>47</sup>

### 1.1.1 “A Room of One’s Own”

Adentrar ao universo da crítica literária feminista é, sem dúvida, uma tarefa complexa. Nossa aproximação com o tema teve início com a pesquisa sobre a biografia das irmãs Brontë, com destaque para Anne Brontë.<sup>48</sup> Naquele momento nos aproximamos da crítica literária feminista sobre o século XIX, conhecido como o século das escritoras romancistas, com escritoras renomadas e bastante estudadas. Nomes como o de Elaine Showalter, de Sandra Gilbert e Susan Gubar, e de Viginia Woolf foram essenciais para o desenvolvimento de nosso estudo.

Apesar de bem-sucedida, a crítica literária feminista relega para segundo plano alguns nomes menos conhecidos do público leitor. No caso das escritoras inglesas, apenas nomes como de Jane Austen, das irmãs Brontë, George Eliot (Mary Ann Evans) e de Viginia Woolf são sempre lembrados e considerados por sua excelente qualidade literária. Ao concentrar-se nesses poucos nomes famosos, a crítica sobre as mulheres romancistas ignorou os nomes daquelas escritoras que não foram consideradas excelentes e, desta forma, deixou de lado antologias, histórias, livros didáticos e teorias, impedindo a percepção da continuidade na escrita e ficando as pesquisas pobres em informações confiáveis sobre os relacionamentos entre a vida das escritoras e as mudanças de status, social e econômica dessas mulheres.<sup>49</sup>

À vista disso, a crítica literária feminista, apesar de seus esforços em resgatar e dar importância para trabalhos de autoria feminina, em especial às escritoras do período vitoriano, acabou deixando de lado, ou dando pouca importância, para nomes menos celebrados da literatura ou de períodos no qual não havia ainda uma tradição de escrita feminina estabelecida, como é o caso do século XVII e de Aphra Behn. Viginia Woolf foi certamente a responsável pelo descobrimento e reconhecimento de Behn por parte da crítica especializada ao citar a

---

<sup>47</sup> CROSBY, Op. Cit., p. 248. [If the images offered by men in the canonized literature of our tradition are inauthentic, what might one learn from women writers? Could representations by women help to answer the question, "what is a woman?"] e [characterizations of women in fiction; the conditions under which women write; the position of women writers vis a vis the canon; the possibility of a specifically female literary tradition, or of a way of writing unique to women]

<sup>48</sup> CAMPANA, Crislaine Aline. *A Irmã Silenciosa: Anne Brontë e a escrita de autoria feminina na Inglaterra do início do século XIX*. Monografia de Conclusão de Curso, Curitiba: UFPR, 2017. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2017/12/MONOGRAFIA-CRISLAINE-REVISADA.pdf>>

<sup>49</sup> SHOWALTER, E. *A Literature of Their Own*. London: Virago, 1997. p. 4-6.

importância da autora na conquista do direito das mulheres dizerem o que pensam no início do ensaio *Um Teto Todo Seu* (1929).<sup>50</sup>

Assim, no início de nossa pesquisa, momento no qual as dúvidas ainda são maiores, foi importante conhecer algumas estudiosas da crítica literária e suas análises sobre os escritos e as escritoras do início do período moderno na Inglaterra. O nome mais destacado no que diz respeito à Inglaterra do século XVII e à Aphra Behn, sem dúvida, é o de Janet Todd,<sup>51</sup> que possui uma vasta obra crítica sobre a literatura de autoria feminina no período e também é a biógrafa mais reconhecida de Behn no momento.<sup>52</sup>

Janet Todd tem opiniões bastante firmes quando analisa a obra de outros autores famosos e consagrados na área da crítica literária feminista. Para a autora, nomes como os de Elaine Showalter, Sandra Gilbert e Susan Gubar, cujos trabalhos começaram a ser publicados no final da década de 1970 e ainda são bastante atuais, não dominam esse campo de pesquisa de forma teórica e metodológica, embora sejam pesquisadoras que tenham alcançado uma posição de influência e respeito nos meios acadêmicos inatingível por qualquer outro estudioso da área. Essa posição conquistada por críticas feministas estadunidenses sugere ganhos sem precedentes, pois houve uma aceitação institucional extraordinária no meio acadêmico britânico.<sup>53</sup>

A crítica feminista, como destaca Todd, começa quando “a primeira mulher tomou consciência de seu relacionamento com a linguagem e de si mesma como escritora, oradora, leitora ou editora”. Os trabalhos de Virginia Woolf (*Um Teto Todo Seu*) e de Simone de Beauvoir (*O Segundo Sexo*) são para a autora referenciais para esta discussão, a partir de muita simplificação e compreensão, e que podem facilmente representar as linhas básicas a diferir a crítica feminista anglo-americana e a francesa. O livro de Beauvoir, no entanto, não é muito útil para a história literária feminista pois, primeiro, universaliza como natureza humana as distinções entre homens e mulheres, ao invés de historicizar como cultural essas distinções, segundo, a autora investiga a cultura das mulheres a partir da construção de mitos e terceiro, o fato do livro ter uma abordagem filosófica, não literária. No caso de Virginia Woolf, *Um Teto Todo Seu* é um ensaio completamente literário, sendo capaz de transformar “ideias em uma biografia específica e criticismo em um tipo de história de vida”, como é o caso da irmã

<sup>50</sup> “todas as mulheres reunidas deveriam jogar flores sobre a sepultura de Aphra Behn [...] por ter sido quem conquistou para elas o direito de dizerem o que pensam”. (WOOLF, V. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014. p. 96).

<sup>51</sup> Acadêmica britânica especializada em literatura e cultura no período da Restauração e nos séculos XVIII e XIX.

<sup>52</sup> A biografia em questão é: Aphra Behn, *A Secret Life* (1996).

<sup>53</sup> TODD, J., *Feminist*, Op. Cit., p. 17.

hipotética de Shakespeare criada por Woolf para demonstrar como uma mulher não teria as mesmas condições sociais para ter sucesso como de Shakespeare.<sup>54</sup>

Outros trabalhos citados por Todd que tiveram sua devida importância para a crítica feminista e que foram publicados no final da década de 1960, são os livros *A Mística Feminista*, de Betty Friedan (1963), *Thinking about Women*, de Mary Ellmann (1968) e *Sexual Politics*, de Kate Millet (1970). Para Todd, a crítica feminista foi inaugurada para fazer parte de uma atividade extremamente engajada, que evitasse a neutralidade e clamando que o pessoal era político. Assim,

A literatura na produção e no consumo feministas tornou-se um tipo de terapia que abalou a impessoalidade autoritária da crítica masculina, apreendida como uma arma de controle patriarcal. Para evitar conluio com críticas opressivas, a versão feminista tornou-se altamente confessional, enfatizando o contexto e a gênese da crítica e o caráter e as circunstâncias da crítica.<sup>55</sup>

Na década de 1970, são publicados outros livros importantes que foram inspirados, segundo Todd, “pela atmosfera inebriante da recém-libertada sala de aula feminista”. *The Female Imagination*, de Patricia Sparks (1975), que “descreveu a literatura da experiência feminina e seu consumo empolgado por estudantes recém-conscientes”, *Literary Women*, de Ellen Moers (1976), que “vinculou personagens femininas e autoras como heroínas na marcha da história feminina, postulando uma tradição feminina de influência ao lado dos homens e descobrindo modos e mitos femininos na literatura”, e os dois mais famosos e referenciais: *A Literature of Their Own*, de Elaine Showalter (1977), e *The Madwoman in the Attic*, de Sandra Gilbert e Susan Gubar (1979).<sup>56</sup>

Sobre o famoso livro de Showalter, Todd assinala que, apesar da aparente ênfase histórica do livro, esse trata essencialmente do século XIX, ignorando a grande quantidade de trabalhos escritos por mulheres nos séculos anteriores. Para a autora, Showalter errou ao declarar que as mulheres não pensavam nelas como escritoras profissionais antes de 1800, quando na verdade já existiam escritoras profissionais no período da Restauração em diante, como é o caso de Aphra Behn. *A Literature of Their Own* é um típico trabalho do início do

<sup>54</sup> Ibidem, p. 18-19. [the first woman became aware of her relationship to language and conscious of herself as writer, speaker, reader or auditor] e [ideas into a particular biography and criticism into a kind of life history]

<sup>55</sup> Ibidem, p. 20-21. [Literature in feminist production and consumption became a kind of therapy which undermined the authoritative impersonality of male criticism, apprehended as a weapon of patriarchal control. To avoid colluding with oppressive criticism, the feminist version became loudly confessional, emphasizing the context and genesis of the criticism and the character and circumstances of the critic]

<sup>56</sup> Ibidem, p. 25-28. [described the literature of female experience and its excited consumption by newly conscious women students], [linked female characters and authors as heroines in the march of female history, positing a female tradition of influence by the side of men's and discovering female modes and myths in literature]

feminismo crítico, visto que se concentra “no período Vitoriano e no modo do realismo doméstico” e ignora o problema do julgamento estético da linguagem. Desta forma, apesar do livro ter grande importância para o conhecimento socio-histórico, suas omissões “distorcem o entendimento do passado e incentivam a generalização prematura que cumpria uma história específica”, destaca Todd.<sup>57</sup>

Em relação ao importante livro *The Madwoman in the Attic*, Todd considera o livro um trabalho híbrido, que se afasta da ênfase histórica de Showalter e procura, através de marcadores da literatura e da cultura, “encontrar algum padrão essencial de repetição, a mulher suprema, o senso do secreto e do negado”. Assim, as autoras deste livro mostram a reação das escritoras a “restrições socioculturais criando narrativas simbólicas que expressavam seus sentimentos comuns sobre constrição, exclusão e expropriação”. Apesar do livro ter tido, quando lançado, grande impacto na área, para Todd, é claro que algo ficou faltando nessa conquista. Primeiro, o número de autoras analisadas no livro é muito pequeno e representa as autoras já privilegiadas pelo conhecimento literário masculino, como Jane Austen, Charlotte Brontë, Mary Shelley, Emily Brontë, George Eliot e Emily Dickinson. Concentrar o livro em padrões fez com que fornecesse apenas um pouco “da rica, variada e muitas vezes extremamente opaca textura das mulheres ao longo dos séculos”. Quando esse pequeno número de escritoras é usado como modelo de como eram as escritoras do passado, centenas de mulheres que vieram antes e depois de Jane Austen, e que não se encaixam no padrão psicológico estabelecido, deixam de ser representadas e são esquecidas. Todd considera o trabalho de Gilbert e Gubar animador e inspirador, apenas desejava que as autoras tivessem fornecido mais história e variação a esta obra referencial.<sup>58</sup>

Janet Todd não é a única a expor os problemas desses textos críticos. Para Rabb, várias críticas feministas importantes, como as citadas e outras tantas, abraçaram as suposições de Viginia Woolf em *Um Teto Todo Seu* sobre como era a escrita das mulheres antes do século XVIII e que foram desacreditadas. Entre as suposições citadas está a afirmação de que o profissionalismo de Aphra Behn libertou as mulheres e que o fim dado por Virgínia Woolf à irmã fictícia de Shakespeare representava com precisão o “destino inevitável das mulheres com

---

<sup>57</sup> Ibidem, p. 27. [on the Victorian period and on the mode of domestic realism] e [skewed the understanding of the female past and encouraged premature generalization that did duty for specific history]

<sup>58</sup> Ibidem, p. 28-30. [a hybrid work which moves from the historical emphasis of Showalter and focuses less on her little known writers than the approved authors], [for some essential pattern of repetition, the supreme female, the sense of hidden and denied], [to socio-cultural constraints by creating symbolic narratives that expressed their common feelings on constriction, exclusion and dispossession] e [rich, varied and often extremely opaque texture of women's through the centuries]

aspirações literárias”.<sup>59</sup> Outra questão importante assinalada por Rabb é que como o ápice do sucesso dos romances escritos por mulheres ocorreu no século XIX, muitos autores como Margareth Ezell, Elaine Hooby, Isobel Armstrong, Virgínia Blain entre outras, argumentam que “as linhas de continuidade entre as escritoras dos séculos XIX e XX podem 'estrangular as mulheres que viveram e escreveram nos séculos em que a tecnologia e o ethos da autoria eram significativamente diferentes”.<sup>60</sup>

Entre as diferenças apontadas por Rabb, destacamos que, antes do século XVIII, muitos textos importantes escritos por mulheres não foram publicados de forma convencional e questões consideradas femininas, como amor, casamento e família, que foram por gerações posteriores imaginadas como tendo sido os temas mais populares entre as mulheres do passado, não foram os temas mais frequentes no início do período moderno, mas sim a religião e a política. Desta forma, a maioria dos textos escritos pelas mulheres modernas não parece ser “feministas o suficiente, não são profissionais o suficiente, não são abundantes o suficiente, não são da classe média o suficiente”. A maioria dos textos escritos por mulheres nesse período foram: “cartas, periódicos, diários, poemas, ficção, assuntos pessoais, profecia, folhetos religiosos (conservadores e radicais), panfletos políticos, drama tanto para teatro como para o círculo pessoal, tradução, propaganda, história, hinos, crítica, ensaio periódico, ficção narrativa e biografia”.<sup>61</sup>

Mulheres acadêmicas interessadas em estudar o lugar das mulheres comuns na narrativa da “História da Inglaterra”, tiveram seus trabalhos fortemente contestados, como assinala Hendriks:

Primeiro, essas historiadoras enfrentaram o difícil desafio de provar que havia uma história para contar, e que sua narrativa exigia novas metodologias. Segundo, como a maioria dos historiadores da academia era do sexo masculino, qualquer mulher que tentasse escrever a história das mulheres provavelmente enfrentaria críticas por querer lidar com essas questões supostamente triviais. Assim, essas primeiras historiadoras frequentemente concordavam com as regras da historiografia tradicional - contando a história de grandes eventos, povos, civilizações e idéias - ou se separavam das fileiras e sofriam marginalização e/ou banalização por insistir em pesquisar histórias de 'mulheres'.<sup>62</sup>

<sup>59</sup> RABB, Op. Cit., p. 348. [the inevitable fate of women with literary aspirations]

<sup>60</sup> Idem, apud EZELL, 1993, p. 65. [the lines of continuity between nineteenth and twentieth-century writers can 'strangle those women who lived and wrote in centuries when the technology and the ethos of authorship were significantly different']

<sup>61</sup> RABB, Op. Cit., p. 348, apud Hobby, Op. Cit. [appear not feminist enough, not professional enough, not plentiful enough, not middle class enough] e [letters, journals, diaries, poems, stories, self-writing, prophecy, religious tracts (both conservative and radical), political pamphlets, drama for both theatre and coterie, translation, propaganda, history, hymns, criticism, periodical essay, narrative fiction and biography]

<sup>62</sup> HENDRICKS, M. Feminist Historiography. In: *A Companion to Early Modern Women's Writing*, p. 337-360, 2002. p. 361-362. [First, these historians faced the difficult challenge of proving that there was a history to tell,

Embora seja possível escrever sobre a história inglesa sem dar muita atenção às mulheres, esse trabalho dificilmente será aceito nos dias atuais sem enfrentar algum tipo de crítica. As obras que temos acesso hoje, seja em forma de coletâneas, edições individuais ou obras completas, não só expandiram nosso horizonte como também ampliou a consciência a respeito de suas contribuições ao período no qual foram escritas.<sup>63</sup>

Isso nos leva a outro tema que consideramos importante: a generalização por parte da teoria e da historiografia sobre a Inglaterra do período moderno ter sido um ambiente etnicamente homogêneo e completamente heterossexual. A prática historiográfica passou a ser redefinida quando estudos de gênero, queer, estudos culturais, sobre “raça” e colonialismo passaram a ser explorados pela investigação histórica. No entanto, a historiografia feminista ainda postula um retrato da cultura inglesa moderna como homogênea e branca, sendo “irônico e preocupante que, apesar do atual envolvimento crítico com etnia e raça nos primeiros estudos modernos em inglês, as histórias de mulheres não europeias (e até algumas europeias) residentes na Inglaterra (especialmente nas grandes cidades) permanecem não contadas ou mal contadas”, pontua Hendricks.<sup>64</sup>

Quem começa a questionar esses padrões nas narrativas da teoria e da historiografia foram as feministas não brancas, visto que “questões de raça, sexualidade, etnia e imigração estão curiosamente ausentes das publicações desses historiadores”. Na prática historiográfica feminista, é necessário não apenas um reconhecimento da diversidade presente no início do período moderno, mas também é essencial redefinir a forma como a política da historiografia patriarcal lida com essas mulheres. Desta forma, como destaca Hendricks,

A historiografia feminista tem como obrigação teórica e política o imperativo de corrigir as omissões de gênero da historiografia tradicional. Historiadores feministas da Renascença e da cultura inglesa no início do período moderno também têm o imperativo adicional de redefinir os parâmetros da historiografia feminista, para que ela seja verdadeiramente representativa das 'histórias das mulheres'. Em essência, a historiografia feminista não pode se dar ao luxo de gerar narrativas totalizadoras sobre a existência das mulheres no Renascimento e no início da Inglaterra moderna, particularmente quando várias dessas mulheres eram de diversas origens étnicas e sociais. É importante que os historiadores sociais feministas assumam a liderança na

---

and that its telling required new methodologies. Second, because the majority of historians in the academy were male, any woman seeking to write women's history was likely to face criticism for wanting to deal with such supposedly trivial issues. Thus, these early women historians often either acquiesced in the rules of traditional historiography – telling the story of major events, peoples, civilizations and ideas – or broke from the ranks and suffered marginalization and/or trivialization for their insistence on researching 'women's' histories]

<sup>63</sup> Ibidem, p. 363.

<sup>64</sup> Ibidem, p. 364. [ironic and troubling that, despite the current critical engagement with ethnicity and race in early modern English studies, the histories of non-European (and even some European) women residing in England (especially in the larger towns and cities) remain untold or under-told]

reformulação e redefinição das categorias de análise na historiografia moderna. Os historiadores literários retiraram o corpo feminino não inglês da obscuridade para a visibilidade em suas leituras do Renascimento e dos primeiros textos literários modernos. É tempo de historiadores sociais e culturais incorporarem essa visibilidade em seus próprios métodos e investigações historiográficas.<sup>65</sup>

Como efeito interessante da nova apreciação e atenção aos trabalhos das mulheres no período moderno, há “um novo interesse na textualidade e nas operações de gênero e desejo dentro dos textos”, como assinala Carr. Desta forma, a crítica literária feminista torna-se mais sofisticada, diversificada e abrangente, ainda que mais dividida. A academia anglo-americana virou um local onde “guerras teóricas” eram comuns. De um lado, estavam os críticos jovens de esquerda, que assumiram as novas causas teóricas necessárias, e de outro, os acadêmicos mais velhos, conservadores e estabelecidos, que se opuseram a essas mudanças. Carr assinala o ponto de vista de Tori Moi no livro *Sexual/Textual Politics* (1985), no qual a autora salienta que, embora a crítica feminista anglo-americana tradicional possua uma consciência política feminista, ela falhou a partir de seu essencialismo ingênuo. Para Moi, segundo interpretação de Carr, as críticas anglo-americanas “não se libertaram das suposições patriarcais do humanismo; em sua busca pela unidade e totalidade, permanece ideologicamente parte da crítica literária tradicional dominada pelos homens”.<sup>66</sup>

Esse foi o sinal definitivo de que o campo teórico da crítica literária feminista estava adquirindo novas formas, explorando mais questões de classe e gênero, visto que não era mais possível considerar o gênero isolado das questões de classe. Além do mais, o repertório de escritos e autoras de importância também se expandiu. Até o final da década de 1980, a escrita de autoria feminina se tornou não apenas um tópico acadêmico estabelecido, mas também parte significativa do mundo editorial. Embora ainda exista muito a ser feito, a história da escrita das mulheres foi descoberta e estabelecida.<sup>67</sup>

---

<sup>65</sup> Ibidem, p. 364-367, 374. [issues of race, sexuality, ethnicity and immigration are curiously absent from these historians' publications] e [Feminist historiography has as its theoretical and political obligation the imperative to redress traditional historiography's gendered oversights. Feminist historians of Renaissance and early modern English culture also have the added imperative of redefining the parameters of feminist historiography so that it is truly representative of 'women's histories'. In essence, feminist historiography cannot afford to generate totalizing narratives about women's existence in Renaissance and early modern England, particularly when a number of these women were from diverse ethnic and social backgrounds. It is important that feminist social historians take the lead in reshaping and redefining the categories of analysis in modern historiography. Literary historians have brought the non-English female body from obscurity to visibility in their readings of Renaissance and early modern literary texts. It is time social and cultural historians incorporate that visibility into their own historiographical methods and investigations.]

<sup>66</sup> CARR, Op. Cit., p. 130-132. [a new interest in textuality and in the operations of gender and desire within texts] e [has not freed itself from the patriarchal assumptions of humanism; in its search for unity and wholeness, it remains ideologically part of traditional male-dominated literary criticism]

<sup>67</sup> Ibidem, p. 132-134.

A crítica literária feminista, teve um impacto grande nas últimas décadas, transformando “o estudo acadêmico de textos literários, alterando fundamentalmente o cânone que é ensinado e estabelecendo uma nova agenda de análise, além de influenciar radicalmente os processos paralelos de publicação, revisão e recepção literária”, como destaca Plain. Desta forma, é um campo que se caracteriza pela troca extensa de ideias, em diferentes contextos. Apesar da má fama conquistada em alguns meios, a crítica literária feminista tem o potencial de alterar a maneira na qual vemos o mundo, os outros e a nós mesmos, sendo uma fonte de prazer, estímulo, auto-afirmação, confirmação, questionamento, reavaliação.<sup>68</sup>

Vivemos em um período no qual existe toda uma infra-estrutura que nos permite explorar o campo da escrita de autoria feminina. “Livrarias feministas, grupos de leitura, festivais e conferências de livros, educação de adultos e aulas abertas para a comunidade não acadêmica forneceram a infra-estrutura para uma explosão na escrita feminina”, são lugares citados por Eagleton que permitem que o campo literário que antes só conhecia os nomes mais célebres, hoje seja preenchido “com uma extensa e variada gama de autoras”.<sup>69</sup>

No entanto, ao estudarmos o passado devemos ficar atentas e precavidas. Como assinala Hobby, “estudar o passado parece um pouco como ser um visitante em uma cultura estrangeira”. Para a autora, pessoas que trabalham com o passado cometem erros similares de procurar apenas o que lhes convêm e logo só encontrando o que estavam procurando, se esquecem do fato de que nem todos os relatos do passado são igualmente verdadeiros. Um problema constante para as historiadoras feministas é saber distinguir se o que encontramos quando pesquisamos o passado é algo realmente novo ou é apenas algo “novo para nós”, em decorrência da nossa falta de conhecimento sobre o período.<sup>70</sup>

O espaço público não era um ambiente esperado para uma mulher de respeito e isso fez com que suas palavras também não fossem públicas. Desta forma, as mulheres que escreviam tiveram que encontrar maneiras para que seus escritos fossem aceitáveis, não só para o público, como também para si mesmas. Como destaca Hobby, “não apenas seus trabalhos discutem política e amor, gestão doméstica e educação, elas também examinavam, repetidamente, o problema em ser uma mulher escritora em sua sociedade”. Para a autora, existem três questões

<sup>68</sup> PLAIN, G; SELLERS, S. (Eds.). *A history of feminist literary criticism*. Cambridge University Press, 2007. p. 1-3. [the academic study of literary texts, fundamentally altering the canon of what is taught and setting a new agenda for analysis, as well as radically influencing the parallel processes of publishing, reviewing and literary reception]

<sup>69</sup> EAGLETON, M. Literary Representations of Women. In: *A history of feminist literary criticism*. Cambridge University Press, 2007. p. 109. [Feminist book shops, reading groups, book festivals and conferences, adult education and extra-mural classes provided the infra-structure for an explosion in women’s writing] e [with an extensive and varied range of female authors]

<sup>70</sup> HOBBY, Op. Cit., p. 23-25. [studying the past feels a little like being a visitor in a foreign culture]

principais que estabeleciam os limites de como uma mulher deveria ser: a posição da mulher em suas famílias, sua participação na igreja e seu acesso à educação.<sup>71</sup> Desta forma, consideramos essencial, quando analisamos a escrita de autoria feminina do século XVII, discutirmos mais profundamente esses três elementos que estavam presentes na vida cotidiana das mulheres do período.

## 1.2 Família, religião e educação no século XVII

Escrever, tanto para homens como para mulheres, era ao mesmo tempo uma atividade social e um meio de refúgio ao privado e à intimidade. A partir de textos e manuscritos recuperados, podemos perceber uma paisagem mais vivaz para as mulheres escritoras do período moderno. Além da diversidade de textos que as mulheres escreveram, é possível ver mais claramente que escreviam, independente se o faziam sozinhas ou em grupos, para si mesmas, para suas famílias, para Deus, para seus amigos, filhos e quem mais viesse a ler seus textos no futuro. Desta forma, Ezell resume as mulheres escritoras do período da seguinte forma:

Para as mulheres modernas, a escrita pode ser um prazer particular e um meio de apresentação pública. Escrever pode ser uma resposta a uma crise de vida específica ou a uma prática sustentada ao longo da vida. Quando imaginamos cenários de autoria para essas mulheres, precisamos lembrar que a escrita poderia funcionar como um ato de criação, uma tentativa de fama, uma afirmação de lealdades e uma parte de uma oração, e que uma mulher que escreveu provavelmente o fez em uma variedade de gêneros para uma variedade de públicos.<sup>72</sup>

A paisagem histórica, até o início do século XX, era povoada quase inteiramente pelos grandes homens da história. Foi apenas a partir da primeira metade do século XX, com a escola dos Annales, que essa visão estreita do passado começou a ser desafiada. No entanto, apesar dos assuntos da história terem tomado uma direção nova, onde a vida cotidiana, em especial a do homem comum, passou a ser melhor explorada, a ausência da história das mulheres, com a exceção à mulher excepcional, persistia. Assim, atividades de pesquisa sobre mulheres e sobre a família, o domínio principal das mulheres no passado, não tiveram uma abordagem de gênero

<sup>71</sup> Ibidem, p. 1-2.

<sup>72</sup> EZELL, M. Women and Writing. In: *A companion to early modern women's writing*. John Wiley & Sons, 2008. p. 92. [For early modern women, writing could be both a private pleasure and a means of public performance. Writing could be a response to a particular life crisis or a sustained life-long practice. When we imagine scenarios of authorship for these women, we need to remember that writing could function as an act of creation, a bid for fame, an affirmation of allegiances, and a part of a prayer, and that a woman who wrote probably did so in a variety of genres for a variety of audiences]

significativa. Como observamos no tópico sobre a crítica literária feminista, foi apenas na década de 1960 que houve um renascimento da história das mulheres, questionando “qualquer definição de história que privilegiasse as atividades e os valores dos homens sobre as atividades e os valores das mulheres”, como assinala Whitehead. Desta forma, o objetivo principal entre os historiadores que estudam as mulheres é investigar as suposições subjacentes da história e a própria história em si.<sup>73</sup>

Durante o período entre 1500 a 1800, a família inglesa do período moderno passou por mudanças na visão de mundo e nos sistemas de valores. Em relação a classificação pode ser caracterizada em três fases que gradualmente se sobrepuseram: “a 'família de linhagem aberta' (c.1450-1630), a 'família nuclear patriarcal restrita' (c.1550- 1700) e finalmente a 'família nuclear domesticada fechada' (c.1640-1800)”. A primeira fase sendo caracterizada por relações familiares mais frias e distantes, onde as decisões sobre como e com quem casar eram tomadas de forma coletiva e os relacionamentos familiares eram regidos através de uma autoridade masculina patriarcal e existia uma maior brutalidade nas relações entre pais e filhos. A importância da opinião dos parentes declina ao longo das décadas e no século XVIII a sociedade vê o aumento da importância do individualismo, os casamentos passaram a acontecer a partir de uma atração mútua entre duas pessoas e onde os relacionamentos pai-filho se tornaram mais amorosos e afetuosos.<sup>74</sup>

Essas mudanças, no entanto, não facilitaram a vidas das mulheres, visto que, apesar das decisões a partir de então estivessem confinadas mais exclusivamente à família nuclear, estando, desta forma, mais fechadas às influências externas de parentes e da sociedade, ao mesmo tempo, “tanto o Estado quanto a Igreja, por suas próprias razões, reforçaram ativamente o patriarcado preexistente dentro da família, e há sinais de que o poder do marido e do pai sobre a esposa e os filhos foi nitidamente fortalecido, tornando-o um tirano legalizado dentro de casa”, como destaca Stone.<sup>75</sup>

No século XVII, pelo menos entre as famílias de classe média e alta, cresceu a divisão entre a esfera pública e privada. A família tornou-se o lugar do privado e isso teve implicações diferentes para homens e mulheres. De um lado, a família se transformou num refúgio onde os

---

<sup>73</sup> WHITEHEAD, Barbara. *Women's Education in Early Modern Europe: A History, 1500 to 1800*. Routledge, 2012. p. ix. [any definition of history that privileged men's activities and values over women's activities and values]

<sup>74</sup> BERRY, Op. Cit., p. 1-2, apud STONE, Lawrence et al. *The family, sex and marriage in England 1500-1800*. Harmondsworth: Penguin, 1979. [the 'open lineage family' (c.1450–1630), the 'restricted patriarchal nuclear family' (c.1550–1700) and finally the 'closed domesticated nuclear family' (c.1640–1800)].

<sup>75</sup> STONE, Op. Cit., p. 7. [both state and Church, for their own reasons, actively reinforced the pre-existent patriarchy within the family, and there are signs that the power of the husband and father over the wife and the children was positively strengthened, making him a legalized petty tyrant within the home]

homens poderiam procurar abrigo e alívio; de outro, servia para delimitar o mundo das mulheres. Nessa esfera, as mulheres deveriam seguir dois mandamentos fundamentais: preservar a todo custo a honra de suas famílias, mantendo-se virgens até o casamento e fiéis ao marido; e restringir suas atenções apenas ao que fosse considerado apropriado a uma mulher.<sup>76</sup>

O padrão de mulher aceito nesse período independia das origens sociais. Qualquer mulher era definida, a partir do momento que nascesse, pela sua relação com um homem. Primeiro eram legalmente responsabilidade do pai, depois do casamento, de seu marido. A ambos a mulher devia honrar e obedecer, pois eram considerados pela sociedade como “amortecedores entre ela e as duras realidades do violento mundo exterior”, além disso, também eram dependentes financeiramente do homem que estivesse controlando sua vida, o pai ou o marido.<sup>77</sup>

A mulher não só apenas passava a ser de responsabilidade do marido, mas o marido também esperava ser recompensado pela esposa que ele havia escolhido, sendo esse um contributo decisivo para o estabelecimento de um novo lar. Esse modelo, no entanto, estava presente de maneira mais rigorosa entre as famílias das classes média e alta. Nessas famílias, a dependência da mulher era uma questão negociada com atenção, uma vez que “uma filha levava da sua família dinheiro e recursos que tinham de comprar o bem-estar futuro e, idealmente, através da nova aliança, elevar a posição social dos seus parentes”, como assinala Hufton. Nas famílias mais pobres esse modelo não era aplicado de forma tão completa visto que as mulheres das classes trabalhadoras precisavam trabalhar, fossem elas solteiras ou casadas. Ainda assim, essas mulheres não eram totalmente independentes, pois recebiam salários menores e era esperado delas que, em alguma medida, o pai ou o marido proporcionassem uma casa e algum meio de sustento.<sup>78</sup>

O status secundário das mulheres inglesas no período moderno pode ser compreendido se levarmos em consideração o restrito direito legal que possuíam, assim como o acesso limitado à propriedade. Havia uma crença geral na inferioridade das mulheres em relação aos homens. A sociedade negava às mulheres não só papel na elaboração e na administração das leis que as envolviam, mas também aplicava termos como “chefe-de-família”, “donos de propriedade” ou “pessoas” apenas aos homens. As mulheres eram consideradas inapropriadas

---

<sup>76</sup> HOBBY, Op. Cit., p. 2-3.

<sup>77</sup> HUFTON, O. Mulheres, trabalho e família. In: *História das mulheres no Ocidente*. Volume 3: do Renascimento à Idade Moderna. Porto: Afrontamento, 1991. p. 23.

<sup>78</sup> Ibidem, p. 25-26.

para atuar em posições de autoridade por serem consideradas incapazes. O direito comum<sup>79</sup> foi o principal impedimento à liberdade das mulheres nesse período, visto que ajudaram a definir a identidade feminina ao oferecer certos direitos e reter outros e também ao vincular o status legal das mulheres ao seu estado civil.<sup>80</sup>

Uma mulher casada, desta forma, não possuía uma identidade legal aos olhos do direito comum, visto que homem e mulher eram apenas uma pessoa, e essa pessoa era o marido. Assim, uma mulher casada era proibida por lei de praticar algumas atividades, como por exemplo exercer um comércio por conta própria, “exceto em algumas localidades como a cidade de Londres, onde uma mulher casada podia negociar como se fosse uma mulher solteira”, como cita Mendelson. No entanto, a maioria das mulheres nesse período trabalhava, e muito, começando desde a tenra idade até a idade mais avançada para trabalhar. Não possuíam uma única ocupação, tendo sempre que se adequar a novas circunstâncias à medida que a economia mudava.<sup>81</sup>

A maioria das mulheres, entre os períodos de 1550 a 1800, se casava seguindo o modelo que dominava na época. A proporção de mulheres solteiras com mais de 50 anos oscilava entre 5 e 25%. Na Inglaterra do século XVII, a idade média que as mulheres se casavam era de 26 anos. No que diz respeito ao nível social, as mulheres das classes média e da aristocracia se casavam menos que as da classe operária e isso, em parte, tinha a ver com o montante dos dotes que as famílias ricas davam às suas filhas e que estava cada vez mais elevado. Em geral uma ou duas filhas dessas famílias se casavam, deixando as outras em casa e depois se instalando em propriedades modestas que no fim acabavam sendo revertidas novamente à família, quando da morte da filha.<sup>82</sup>

Outra questão importante era com quem as mulheres deveriam se casar. Tudo dependia, nesse período, da classe social e até em certos casos da posição hierárquica da família e do tamanho do dote que seria oferecido. As mulheres, no geral, não se casavam com homens pertencentes a classes inferiores, desta forma as mulheres da aristocracia podiam escolher o que havia de melhor do mercado matrimonial. As filhas dos clérigos, médicos e homens das leis se casavam ou com homens que tivessem as mesmas profissões que seus pais ou que tivessem

---

<sup>79</sup> Conjunto de leis estabelecidas pelos tribunais com base em precedentes legais. O direito comum influencia tomadas de decisões em processos de casos incomuns, nos quais o resultado não é determinado com base em regras escritas do direito ou estatutos.

<sup>80</sup> STRETTON, T. Women, Property and Law. In: *A companion to early modern women's writing*. John Wiley & Sons, 2008. p. 40-42, 44.

<sup>81</sup> MENDELSON, S. Women and Work. In: *A companion to early modern women's writing*. John Wiley & Sons, 2008. p. 58-59. [except in a few localities like the city of London where a married woman was permitted to trade as if she were a *feme sole* or single woman]

<sup>82</sup> HUFTON, Op. Cit., p. 42-44.

alguma relação profissional com a família. Já as trabalhadoras do campo se casavam com trabalhadores agrícolas e apenas uma minoria se casava com outros criados. Desta forma, é possível observar como o principal determinante na escolha de um companheiro para casar eram as determinações econômicas. Segundo Hufton, “o casamento era entendido como uma instituição destinada a proporcionar apoio e sustento a ambas as partes e uma percepção clara dos imperativos econômicos era fundamental à sobrevivência”. Assim, ainda segundo a autora,

o casamento não era visto apenas como um destino natural da mulher, mas como um agente específico de uma metamorfose que transformava a mulher num ser econômico e social diferente enquanto parte de um novo agregado familiar, a unidade primária sobre a qual se baseava toda a sociedade.<sup>83</sup>

Impedidas de seguir uma carreira equivalente à carreira profissional masculina, as mulheres, ao longo da vida, “construíram identidades vocacionais que combinavam habilidades femininas tradicionais com uma série de estratégias econômicas inovadoras”. O trabalho realizado pelas mulheres refletia a divisão de gênero e classe existente na sociedade patriarcal inglesa do período. O trabalho, desta forma, era dividido por gênero, no qual trabalhos que eram considerados apropriados para as mulheres seriam considerados humilhantes se fossem realizados por homens. Um trabalho que era considerado exclusivo das mulheres, independente da posição na hierarquia social ou econômica, era a ocupação de dona de casa, que incluía ter filhos e criá-los. A Inglaterra do período moderno, entretanto, era uma sociedade hierárquica e desta forma, o tipo de trabalho que uma mulher realizava variava conforme o nível econômico de sua família, como assinala Mendelson:

No nível econômico mais baixo, as mulheres empregavam uma variedade de estratégias criativas para manter a si e a suas famílias, colocando sua energia e inteligência contra um sistema econômico que lhes impunha duplas deficiências por serem pobres e mulheres. Aquelas no nível intermediário da sociedade eram mais propensas a seguir o que chamáramos de profissão, um único comércio ou negócio em que uma mulher estava ocupada em tempo integral durante a maior parte de suas horas de trabalho. Embora tendamos a pensar nos membros da elite feminina como uma classe ociosa, as mulheres da nobreza e da aristocracia também trabalharam durante esse período, não apenas como supervisoras das trabalhadoras de famílias grandes e complexas, mas também como ocupantes de escritórios na corte e como administradoras capazes de instituições médicas e de caridade.<sup>84</sup>

---

<sup>83</sup> Ibidem, p. 45-47.

<sup>84</sup> MENDELSON, Op. Cit., p. 59. [women constructed vocational identities which combined traditional feminine skills with a host of innovative economic strategies] e [At the lowest economic level, women deployed an assortment of creative strategies in order to maintain themselves and their families, pitting their energy and wit against an economic system that imposed double disabilities on them because they were both poor and female. Those at the middling level of society were most likely to pursue what we would call a profession, a single trade or business in which a woman was occupied full-time for most of her working hours. Although we tend to think

As mulheres das classes mais altas, apesar de compartilharem a mesma sociedade limitadora que as mulheres de outros níveis sociais, tinham mais recursos se quisessem progredir em alguma carreira, posto que poderiam ter acesso à educação e tinham a seu alcance capital para investir em algum tipo de comércio ou empresa a partir de alguma conexão masculina. Entre as atividades que mulheres pertencentes aos níveis intermediários e superior estavam envolvidas havia a instrução das crianças, em especial das filhas, à orientação e educação de suas empregadas, trabalho filantrópico voluntário, trabalho burocrático dentro das Igrejas e a prática médica, ainda que muitas das vezes sob ataque de profissionais masculinos.<sup>85</sup>

O objetivo maior de uma mulher quando se casava, sem dúvida, era a reprodução. Os filhos representavam a “perpetuação da propriedade, a proteção derradeira dos pais idosos num mundo conturbado e violento”. Entre os inúmeros papéis que as mães desempenhavam, a educação dos filhos era a principal função quando esses passavam da infância. No entanto, o significado do que era educar um filho dependia da classe social, da época e do lugar analisado. Todavia, independente dessas condições, educar as filhas era o principal papel educativo das mães.<sup>86</sup>

Ser viúva em uma sociedade que definia as mulheres pela sua relação com um homem era um acontecimento que para as mulheres tinha imensas consequências psicológicas, econômicas e sociais. Isso, no entanto, variava conforme a posição social que a viúva ocupava na sociedade. Quanto mais destacada era a posição social da mulher, menor seriam as mudanças em sua vida, uma vez que essa mulher teria autonomia sobre si mesma a partir de um rendimento garantido enquanto fosse viva, proveniente do dote que trouxera consigo para o casamento. Desta forma, passava a ser senhora de seu destino, não estando submetida a nenhuma tutela masculina. A maioria das mulheres viúvas, no entanto, não teve esta sorte. As viúvas pertencentes às classes mais baixas eram esquecidas em casas de parentes com a intenção de cuidar das mulheres mais jovens e sem meios financeiros para a satisfação mínima. As que precisavam trabalhar para se sustentar ou sustentar os filhos, faziam parte do nível mais baixo na hierarquia econômica europeia, com seus nomes geralmente listados entre as pessoas pobres que necessitavam de assistência social.<sup>87</sup>

---

of members of the female elite as a leisure class, women of the gentry and aristocracy also labored during this period, not only as hard-working supervisors of large and complex households, but also as officeholders at court, and as capable administrators of medical and charitable institutions]

<sup>85</sup> Ibidem, p. 70-71.

<sup>86</sup> HUFTON, Op. Cit., p. 56, 60-61.

<sup>87</sup> Ibidem, p. 66-68.

No caso das mulheres solteiras, a situação não era muito melhor. Com exceção daquelas que possuíam uma família de origem com meios para o sustento, a maioria das solteiras ficava à mercê de trabalhos com salários de baixo nível que tornava impossível uma existência independente. Por esse motivo, muitas mulheres acabavam se juntando nas cidades, partilhando alojamentos e apoiando umas as outras. Ainda assim, pouco ou nada sobrava de seus salários no caso de ficarem doentes, desempregadas ou quando envelhecessem. Sorte tinham as que conseguiam abrigo na casa de algum familiar, mas as perspectivas nem sempre eram boas.<sup>88</sup> Apesar das mulheres solteiras e viúvas serem um grupo mais livre para praticar uma profissão se assim desejassem<sup>89</sup> e virtualmente possuísem os mesmos direitos privados que os homens segundo a lei comum,<sup>90</sup> ser uma mulher fora dos papéis estabelecidos pela sociedade como filha, esposa e mãe não era fácil nessa sociedade, visto que viviam em condições muito difíceis, especialmente aquelas pertencentes às classes mais baixas.<sup>91</sup>

Da mesma forma que as mulheres foram excluídas da história tradicional, também foram negligenciadas quando o assunto foi a educação no início do período moderno. Estava fora do alcance de quase todas as mulheres da época uma educação formal, visto que haviam diversas barreiras sociais que as impediam de entrar para escolas e universidades qualificadas e, desta forma, havia poucas mulheres com níveis de instrução parecidos com os dos homens no início do período moderno na Europa. Essas mulheres que possuíam um histórico de educação parecido com o dos homens e que obtiveram um nível educacional similar, apesar dos impedimentos educacionais, são casos excepcionais. Assim, recuperar a herança intelectual das mulheres é o primeiro desafio quando procuramos pela mulher excepcional, aquela que, apesar das barreiras institucionais, foi educada da mesma maneira que um homem.<sup>92</sup>

Ao longo de todos os períodos históricos não houve apenas um padrão educacional. Uma mulher considerada educada no início dos tempos modernos não possuía necessariamente uma educação formal. Desta forma, uma definição restrita da palavra educação é um risco, pois não apenas vai trazer resultados falsos à pesquisa, como também corre o risco de anacronismo. Para Whitehead, o conceito de educação era fluído, havendo uma ideia muito mais ampla do que significava ser alguém educado. Logo, para a autora, a educação é

---

<sup>88</sup> Ibidem, p. 69.

<sup>89</sup> MENDELSON, Op. Cit., p. 70.

<sup>90</sup> STRETTON, Op. Cit., p. 45-46.

<sup>91</sup> HUFTON, Op. Cit., p. 69.

<sup>92</sup> WHITEHEAD, Op. Cit., p. x. [How could it be otherwise?], [social barriers prevented women from attaining such an education]

o meio pelo qual é transmitido um conjunto de conhecimentos exigidos de cada membro social para cumprir suas obrigações. Numa época em que os papéis sociais de homens e mulheres eram rigidamente separados, a educação necessária para desempenhar suas funções também seria necessariamente diferente. Como a educação durante os primeiros tempos modernos foi ajustada para se adequar não apenas ao gênero e à classe social, mas também à sua posição na família, seria impreciso fazer a afirmação de que, em qualquer período, havia um padrão de educação; pelo contrário, havia vários padrões diferentes que variavam com o status de alguém.<sup>93</sup>

Desta forma, duas questões são fundamentais em qualquer estudo sobre mulheres escritoras e seus trabalhos: como elas adquiriram uma educação que lhes fosse possível se envolver em uma atividade de tal maneira erudita e quem foram as pessoas que leram esses textos, com qual finalidade leram e como se beneficiaram. Essas duas questões não estão relacionadas à produção escrita das mulheres, mas sim à circulação e recepção, sendo raramente feitas visto que não estão disponíveis evidências para responder tais questões.<sup>94</sup> Consideramos importante, desta forma, antes de destacar a questão da educação das mulheres na Inglaterra durante o século XVII, entender como era a educação das mulheres nos períodos anteriores e como esse entendimento é essencial para examinar essas questões, que são fundamentais em um estudo como é o nosso.

A leitura e a escrita, em algum nível, sempre foram necessárias tanto para homens como para mulheres. Antes do século XVI na Inglaterra, devido ao tipo de sociedade pré-industrial baseada em uma estrutura familiar e comunitária, era permitido às mulheres uma gama ampla, ainda que pequena em relação aos homens, de atividades nas quais poderiam participar usando ou adquirindo conhecimentos que necessitassem da leitura ou da escrita. Entre as mulheres mais pobres havia a possibilidade de aprender e ensinar a ler nos níveis mais iniciais e entre as mulheres mais ricas havia o ensino e o aprendizado religioso dos conventos. Esse cenário mudou a partir de três eventos que aconteceram a partir do século XVI e que afetaram o curso da educação das mulheres: o humanismo, a Reforma Protestante e o fim do reinado da Rainha Elizabeth I.<sup>95</sup>

---

<sup>93</sup> Ibidem, p. xi e xii. [is then the means by which a body of knowledge that is required of each social member to fulfill her obligations is passed on. In an age when the societal roles for men and women were rigidly separated, the education necessary to perform their duties would of necessity differ as well. As education throughout early modern times was adjusted to suit not only one's gender and social class, but one's position in the family as well, it would be inaccurate to make the assertion that within any given period there was one standard of education; rather there were a number of differing standards which varied with one's status]

<sup>94</sup> CHARLTON, K. Women and Education. In: *A companion to early modern women's writing*. John Wiley & Sons, 2008. p. 19.

<sup>95</sup> BALMUTH, Miriam. Female Education in 16th and 17th Century England. *Canadian Woman Studies*, v. 9, n. 3, 1988. p. 17-18.

O humanismo, em contraste com as tendências escolásticas e religiosa do período anterior, defendia “uma liberalização do pensamento e da atitude, bem como uma ênfase na erudição clássica grega e latina”, conforme afirma Balmuth, havendo uma insitência na leitura das escrituras não apenas no latim, mas também na língua vernacular e também da recomendação da educação mais elaborada para as mulheres. Com isso, muitas mulheres, em especial mulheres da alta burguesia e da nobreza, foram possibilitadas de terem uma educação clássica, saindo, desta forma, do foco na educação religiosa. No entanto, com a Reforma Protestante, uma nova força entra em cena e com isso ocorrem mudanças em relação à educação das mulheres, visto que entre os grupos protestantes e seus líderes a questão da educação da mulher era um assunto controverso. Na Inglaterra, o Protestantismo começou quando Henrique VIII foi excomungado da Igreja Católica pelo Papa Clemente VIII em 1534 e fundou a Igreja Anglicana. Como cabeça da nova igreja Henrique VIII fechou conventos e mosteiros, o que resultou no surgimento de inúmeras escolas privadas por todo o país. Essas eram subsidiadas por membros das classes mais altas e dirigidas por mestres acadêmicos, sendo a maior parte do sexo masculino, e em substituição ao clero local e de professores menos instruídos.<sup>96</sup>

Elizabeth Tudor, que substituiu o pai Henrique VIII à frente do Estado Monárquico, teve um aprendizado guiado pelos valores pedagógicos humanistas mesclado com valores religiosos dos reformadores protestantes. Na última parte do século XVI os impactos do humanismo, do protestantismo e do reinado de Elizabeth haviam se unificado. A visão sobre a educação das mulheres pode ser expressada pela posição de Richard Mulcaster (1531-1611),<sup>97</sup> que como pontua Balmuth, defendia educação formal não só para as mulheres de classes mais altas. No entanto, a grande maioria dos membros do clero e dos professores que apoiavam esse novo sistema de educação fazia parte de um grupo oposto à Igreja Anglicana, os Puritanos. Isso fez com que os valores Puritanos se disseminassem, resultando em um novo tipo de família, no qual a mulher deveria ter deveres específicos em relação ao seu marido. Essa família, que era controlado por um marido autoritário, atendia a uma necessidade religiosa, segundo Balmuth:

a prática católica de adoração em grupo centrada na igreja foi substituída pelo ideal de cada família tornar-se um centro de adoração, com serviços diários, leitura das

<sup>96</sup> Ibidem, p. 18. [a liberation of thought and attitude, as well as an emphasis on classical Greek and Latin scholarship]

<sup>97</sup> Foi professor e escritor. Escreveu livros sobre educação que mostram seus interesses e ideais humanistas, assim como visões esclarecidas sobre a educação.

escrituras e outras práticas que dependiam de um modelo de família claramente definido e com responsabilidade tanto para a educação quanto para a religião.<sup>98</sup>

À vista disso, as aspirações intelectuais das mulheres foram frustradas. Os efeitos foram sentidos no século XVII, em que mais e mais limitações foram colocadas às mulheres, fazendo surgir um novo ideal de mulher alfabetizada, aquela que deveria saber o suficiente para ler a Bíblia e talvez poder ensinar os próprios filhos ou os servos da casa. Na prática, a educação formal das mulheres era ainda mais limitada, tendo as mulheres das classes mais elevadas melhor educação e melhores oportunidades. Sobre como as mulheres do século XVII reagiram às limitações de oportunidades, Balmuth diz ser essa uma questão ambígua, pois “por um lado, as mulheres em geral acreditavam que a vida social de uma mulher, assim como sua moralidade, poderia ser posta em perigo por muito aprendizado. No entanto, há indícios de que tal cautela não significou que as mulheres se considerassem inatamente inferiores”.<sup>99</sup>

Muito já foi escrito sobre as “mulheres eruditas” que viveram no passado, porém sabemos pouco como esse conhecimento foi adquirido e como essa instrução era transmitida aos filhos. A maioria das mulheres pertencentes às classes médias e altas sabia ler e escrever de forma funcional na virada do século XVI, no entanto, a maior parte das mulheres era analfabeta. A educação era baseada na “vontade auditiva de fazer o uso de uma provisão oral”, conforme assinala Charlton. Desta forma, era uma provisão que, apesar de incluir todas as classes da população, era principalmente de conteúdo religioso. Assim, na Inglaterra do início do período moderno, tanto para homens como para mulheres, a cultura oral era predominante.<sup>100</sup>

A educação das mulheres, de todas as idades e classes sociais, tinha início na Igreja e era complementada em casa com orações e cantos de salmos. Esse tipo de educação religiosa ocorria com a intenção da existência de uma continuidade de uma igreja estatal protestante e da pessoa que seria coroada, sendo a manutenção da ortodoxia, da uniformidade e da conformidade uma preocupação primordial. Desta forma, a educação religiosa estava impregnada “de uma educação política que implicava uma indução não apenas na observância

<sup>98</sup> Ibidem, p. 18-19. [the Catholic practice of group worship centered in the church was replaced by the ideal of each family household becoming a center for worship, with daily services, Scripture reading, and other practices that depended upon a clearly defined family model with responsibility for education as well as religion]

<sup>99</sup> Ibidem, p. 19. [on the one hand, women in general believed that a woman's social life, as well as her morality, could be endangered by too much learning. Yet, there are indications that such caution did not mean that women considered themselves innately inferior]

<sup>100</sup> CHARLTON, K. *Women and Education...* Op. Cit., p. 4. [on their aural willingness to make use of an oral provision]

e doutrina religiosa, mas também na estrutura de poder da sociedade, com obediência, deferência e subordinação recebendo atenção particular”, como destaca Charlton.<sup>101</sup>

A religião, de forma geral, era de extrema importância para essa sociedade. O comparecimento às igrejas foi obrigatório na maior parte do século, sendo as questões mais importantes debatidas sob os termos do que “Deus quer” e não no do que as pessoas realmente queriam. Às mulheres cabia o silêncio e a afirmação da autoridade masculina.<sup>102</sup> Assim, não é de se surpreender que em uma sociedade quase que obsessivamente preocupada com a religião, sua base bíblica se voltasse para as escrituras para definir a natureza das mulheres e assim poder “justificar reivindicações sobre o status das mulheres na sociedade e uma educação considerada apropriada para esse status”. Lembrando que a palavra natureza foi usada, na maioria das vezes, para sugerir algo que era inato, inerente, imutável. Entre todas as caracterizações sobre a natureza da mulher, o que a tornou inferior aos homens foi a evidente falta de capacidade do raciocínio masculino.<sup>103</sup>

Outra questão a ser assinalada é o fato de que, apesar das inovações que ocorreram no período moderno, a tradição e o costume tiveram uma poderosa influência, na qual sua existência era uma questão de julgamento comemorada por alguns e uma questão de aceitação irracional para outros. A tradição, desta forma, era seguida sem questionamentos pois era algo que havia funcionado para os antepassados e desta forma, continuaria a funcionar com o tempo.<sup>104</sup>

No entanto, a tradição não foi somente limitadora para as mulheres. A religião, apesar da natureza patriarcal da Igreja e da sociedade, forneceu às mulheres “um meio de lidar com a dor e o medo do parto, bem como os custos emocionais da mortalidade infantil ou do casamento infeliz; prometia igualitarismo espiritual” sendo que “a piedade poderia ser um meio de auto-expressão e uma fonte de influência”, já que acabou sendo utilizada pelas mulheres para atuar publicamente, como foi o caso da Guerra Civil Inglesa,<sup>105</sup> na qual muitas mulheres passaram a trabalhar em prol do sustento de suas famílias. Católicos ou protestantes, todos concordavam

---

<sup>101</sup> Ibidem, p. 6. [not only into religious observance and doctrine, but also into the power structure of society, with obedience, deference and subordination receiving particular attention]

<sup>102</sup> HOBBY, Op. Cit., p. 6.

<sup>103</sup> CHARLTON, K. *Women, religion and education*, Op. Cit., p. 10, 15, 21. [to justify claims about women’s status in society and an education deemed appropriate to that status]

<sup>104</sup> Ibidem, p. 2. [the what? The how? the by whom? the where? and the when?]

<sup>105</sup> Conflito envolvendo as forças do Parlamento e do Rei Carlos I. A guerra civil teve início em 1642 e término em 1649 com a condenação do rei à morte.

com o tipo de qualidade que definia uma mulher virtuosa, que as próprias mulheres abraçaram e internalizaram: “ser casta, obediente, silenciosa, piedosa e humilde”.<sup>106</sup>

A religião, apesar de ter oferecido “um conjunto prescritivo de valores que poderiam canalizar as atividades das mulheres e reforçar seus papéis sociais subservientes”, como destaca Willen, também foi capaz de oferecer às mulheres da época moderna legitimidade e autoridade para que se afirmassem ou se expressassem, “qualquer que seja sua persuasão denominacional ou política”. Apesar de ter internalizado as virtudes femininas tradicionais, as mulheres foram capazes de criar suas próprias identidades, refletindo suas experiências e suas circunstâncias familiares únicas. Para Willen, os valores e as convicções religiosas da época forneceram não apenas uma justificativa “para construir e defender normas convencionais para o comportamento feminino”, mas também foram um forte fundamento “para transcender essas mesmas normas prescritivas”.<sup>107</sup>

Qualquer discussão sobre a educação das mulheres no início do período moderno deve reconhecer a centralidade que a educação religiosa teve, que a Bíblia era a principal parte integrante na educação de seus seguidores.<sup>108</sup> Os ensinamentos recebidos pelas mulheres pela educação religiosa tinham uma ampla variedade de formas e pessoas envolvidas, com uma multiplicidade de textos religiosos disponíveis. Outro conteúdo que apresentava um alto teor religioso eram os livros de conselhos, que eram escritos em sua maioria por homens e possuíam conteúdo diferente dos que eram voltados para o público masculino. Charlton acrescenta aos textos de aconselhamento religioso as memórias religiosas, que eram escritas geralmente pelo pai da família, que dirigia seus comentários tanto para os filhos como para as filhas e “eram peças conscientes da escrita histórica que deliberadamente se propuseram a relatar antepassados como exemplos morais para as futuras gerações mais jovens”. As mulheres também tiveram participação no assunto, atuando de maneira informal através de cartas de família ou, de modo formal, por meio de tratados ou textos espistolares. Ainda segundo Charlton, os conselhos, em suas várias formas “definiam papéis de gênero em termos religiosos e seculares, além de indicar

---

<sup>106</sup> WILLEN, D. Religion and the Construction of the Feminine. In: *A companion to early modern women's writing*. John Wiley & Sons, 2008. p. 23. [a means to address the pain and fear attending childbirth as well as the emotional costs of infant mortality or unhappy marriage; it promised spiritual egalitarianism], [piety could be a means of self-expression and a source of influence] e [should be chaste, obedient, silent, pious and humble]

<sup>107</sup> Ibidem, p. 28, 38. [a prescriptive set of values that could channel women's activities and reinforce their subservient social roles], [whatever their denominational or political persuasion] e [to construct and defend conventional norms for feminine behavior] e [to transcend those same prescriptive norms]

<sup>108</sup> CHARLTON, K. *Women, religion and education*, Op. Cit., p. 57-58.

adesão e observância religiosa preferidas. O fato de estes serem muitas vezes estereotipados não reduz sua importância na educação religiosa de mulheres e meninas”.<sup>109</sup>

A casa ou a Igreja não eram, no entanto, os únicos lugares nos quais as mulheres eram educadas e desta forma, novas possibilidades e oportunidades para a educação de uma mulher foram surgindo. O hábito de enviar os meninos e as meninas para passar a infância em lares de classes sociais superiores, que teve início no período medieval, permaneceu uma tradição, em especial entre as famílias das classes mais elevadas. As famílias, desta forma, esperavam com isso que suas filhas recebessem uma educação que fosse não apenas apropriada para sua classe social, mas que também compartilhasse, de certa forma, a vida religiosa da família. Para Charlton, é importante que

esse era apenas um método de socialização entre várias meninas, uma pluralidade que foi expressa no debate público-privado na educação, um debate que reconheceu o reducionismo da ideia comum de que o envio de crianças para longe para esse tipo de escolaridade era simplesmente uma expressão de falta de afeto por parte dos pais.<sup>110</sup>

No que diz respeito à educação, apesar de ser muito difícil medir a habilidade de uma pessoa ler, especialmente no passado, as grandes vendas de almanaques e bíblias e a popularidade dos livros de culinária são indícios de que muitos podiam ler, inclusive as mulheres. A inabilidade em escrever, no entanto, é relativamente mais fácil de provar. No caso das mulheres isso pode ser provado a partir dos registros existentes de ortografia, que possuem caligrafia peculiar e de difícil compreensão. Apesar desse ser um assunto controverso, é inegável o fato dos homens praticarem com mais constância a escrita do que as mulheres.<sup>111</sup> Uma forma de determinar e avaliar o quanto a população feminina do período possuía o domínio da escrita, seja ela aprendida em casa ou na escola, as assinaturas em atos notariais são a melhor opção de unidade de medida. Como pontua Sonnet, “o estabelecimento de uma relação precisa e infalível entre a capacidade de assinar e de decodificar a letra e o sentido de um texto

---

<sup>109</sup> Ibidem, p. 118-121, 125. [these were conscious pieces of historical writing which deliberately set out to report on ancestors as moral exemplars for future younger generations] e [defined gender roles in religious as well as secular terms, besides indicating preferred religious adherence and observance. That these were all too often stereotypical does not reduce their importance in the religious education of women and girls]

<sup>110</sup> Ibidem, p. 126. [that this was but one method of socialization amongst several for such girls, a plurality which was itself expressed in the public– private debate in education, a debate which recognized the reductionism of the common idea that the sending of children away to this kind of schooling was simply an expression of a lack of affection on the part of parents]

<sup>111</sup> HOBBY, Op. Cit., p. 5.

escrito, ou de manejar a pena, é delicado, mas admite-se que a assinatura testemunha um mínimo de capacidade para a leitura”.<sup>112</sup>

Crawford assinala que o acesso das mulheres à educação “teve consequências importantes para elas como autoras e para o relacionamento com seu público”. A autora cita os calculos feitos por David Cressy,<sup>113</sup> que a partir da análise da capacidade das pessoas em assinar seus próprios nomes, estipula que a taxa de alfabetização na década de 1640, durante o período da Guerra Civil Inglesa, era de 30% para os homens e 10% entre as mulheres, com o aumento de 45% entre os homens e 30% entre as mulheres no início de século XVIII.<sup>114</sup> Nesse estudo Cressy também aponta para um fato curioso relacionado às mulheres londrinas em comparação às mulheres que moravam nos distritos rurais. De acordo com esses dados, no período elizabetano e nas primeiras décadas do período Stuart (começo do século XVII), as mulheres londrinas não possuíam um nível melhor de alfabetização que as mulheres de qualquer outro lugar. Apenas nas últimas décadas do século XVII é que a capacidade de sua escrita melhorou. Segundo dados do autor, em 1670 78% das mulheres em Londres não possuía habilidade de escrever seu próprio nome, em 1680 esse número caiu para 64% e em 1690 era de 52%,<sup>115</sup> dados importantes e reveladores, portanto, sobre um processo de alfabetização e de capacidade de escrita das mulheres.

O envolvimento das mulheres na educação foi algo bastante diversificado, seja como como alunas, governantas, professoras de escola ou como fundadoras de escolas. As mulheres, desta forma, assumiram para si a responsabilidade de não apenas instruir seus próprios filhos, mas também os filhos de outras pessoas, ainda que pertencessem ao “sexo mais fraco” e que deveriam ser obedientes a seus maridos e à Igreja. De maneira geral, não suscitou muito debate à época se a mãe deveria ser a principal educadora dos filhos, tampouco o propósito para tal. O que levantou mais dúvidas foi o ambiente que essa educação deveria acontecer, se era um ambiente acolhedor e atencioso ou um meio serevo ou indiferente.<sup>116</sup>

Na questão da qualidade do ensino, entre os séculos XVI e XVIII, o conhecimento que era permitido às mulheres era limitado, mas houve aumento de instituições voltadas ao ensino de mulheres. A população feminina escolarizada aumentou, mas o nível da educação continuava

---

<sup>112</sup> SONNET, M. Uma filha para educar. In: *História das mulheres no Ocidente*. Volume 3: do Renascimento à Idade Moderna. Porto: Afrontamento, 1991. p. 176.

<sup>113</sup> Historiador estadunidense, professor no departamento de História da Universidade do Estado de Ohio e especializado em História Social do período moderno na Inglaterra.

<sup>114</sup> CRAWFORD, Op. Cit., p. 162, 204. [had important consequences for them as authors and for their relationship with their audience]

<sup>115</sup> CRESSY, D. *Literacy and the social order: Reading and writing in Tudor and Stuart England*. Cambridge University Press, 2006. p. 147.

<sup>116</sup> CHARLTON, K. *Women, religion and education*, Op. Cit., p. 188-189, 202.

ruim. Nenhuma mulher saía sábia de nenhuma escola, pois estas ofereciam apenas uma pequena e limitada experiência do saber. Como pontua Sonnet, apenas a “educação familiar bem orientada” era capaz de “produzir mulheres de cultura compatível à que o colégio dispensa aos rapazes”.<sup>117</sup>

Durante o século XVII, entre as famílias de classe média a alta, se tornou prática disseminada enviar suas jovens filhas às academias “para filhas de cavalheiros”. As crianças mais pobres que apresentavam certo brilhantismo poderiam conseguir uma chance de frequentar as escolas primárias. Foi tarefa da filantropia prover fundos para esse tipo de nível de ensino para a classe mais popular. No que diz respeito aos níveis mais avançados de ensino, falta documentação. As evidências que existem são dispersas e trazem pouco detalhes. Ainda assim, a maior conquista na educação de uma mulher foi o cuidado com a formação da dona de casa. Durante todo o período, foram frequentes as impressões de manuais de culinária, bordados, remédios e obstetrícia. Desta forma, as mulheres poderiam exercer as habilidades conquistadas em seus próprios lares.<sup>118</sup>

Ensinar as mulheres a ler, escrever e contar, no entanto, foi uma preocupação secundária, quase como que um prêmio pelo incentivo à frequência escolar. A leitura no período moderno, como assinala Sonnet

é, antes de mais, um instrumento ao serviço da instrumentação religiosa; ela vem em socorro de memórias frágeis e previne contra o titubear de versículos deformados e incompreensíveis. Por esta razão, todas as escolas ensinam as raparigas a ler. A leitura é um progresso, consolidando a mensagem cristã que as mães transmitirão à sua descendência. Fora deste piedoso emprego, ela torna-se suspeita aos olhos dos educadores, que multiplicam as advertências contra os maus usos que ela se pode fazer.<sup>119</sup>

Ensinar a escrever era algo que tinha ainda menor relevância. Segundo Sonnet, por um lado “algumas mestras não dominam suficientemente a exigente arte da escrita para a poderem demonstrar” e por outro, “a escrita corresponde a uma segunda etapa da escolaridade, tendo lugar quando já se domina bem a leitura” e nem todas as alunas passavam tempo suficiente na escola para chegar a esse nível de ensino. Outra questão a ser considerada é o fato de que conhecimentos como a leitura, a escrita ou o cálculo, deveriam ser habilidades cultivadas fora do ambiente escolar, caso contrário caíam no esquecimento. Os conhecimentos fundamentais,

<sup>117</sup> SONNET, Op. Cit., p. 168-169.

<sup>118</sup> CHARLTON, K. *Women and Education*, Op. Cit., p. 9-14.

<sup>119</sup> SONNET, Op. Cit., p. 173.

portanto, deveriam ser praticados frequentemente, o que nem sempre era o caso para aquelas mulheres.<sup>120</sup>

A educação das mulheres nesse período, no entanto, ocorreu tanto fora da sala de aula como dentro dela. Um ponto discutível é qual o tipo de educação, formal ou informal, mais influente na educação ou formação das mulheres, visto que as mulheres se auto-educaram e também contribuíram como agentes de educação de outras pessoas.<sup>121</sup>

As aspirações educativas, de forma geral, aumentaram entre os séculos XVI e XVII. Como assinala Sonnet, a educação no período medieval foi reduzida apenas “à imitações dos gestos do trabalho e da oração”, não se preocupando em diferenciar os saberes que eram próprios de um sexo ou de outro. Para as jovens mulheres, desde as classes mais baixas até as mais altas, os saberes estavam confinados ao universo doméstico, diferente dos homens, em especial os da elite, que tinham a sua disposição a cultura clássica, o colégio, a universidade e uma carreira promissora no futuro. Ainda segundo a autora, as diferenças entre as práticas educativas entre homens e mulheres tendem a seguir as diferenças sociais nesse período.<sup>122</sup>

Ler, escrever e contar, as três habilidades fundamentais da educação tanto para homens como para mulheres, passam a se desenvolver graças aos avanços e a diversificação das instituições escolares. A democratização do conhecimento não trouxe os mesmos resultados para mulheres e homens, pois existia uma diferença entre os investimentos na educação de ambos. Ainda que o acesso à educação tivesse seus entraves, o progresso da alfabetização feminina foi irreversível.<sup>123</sup>

Entre os lugares nos quais as mulheres poderiam receber algum tipo de instrução, a casa foi onde isso aconteceu mais expressivamente, ainda que fosse limitada. Com a necessidade que surgiu de as mulheres saberem mais e melhor, surgem outras alternativas de espaços para a educação, como os conventos, as escolas elementares e o colégio interno laico. Sobre a educação feminina em casa, Sonnet afirma ter sido o único lugar de educação para mulheres durante muito tempo e isso para nós historiadores é algo frustrante, pois, os ensinamentos transmitidos de mãe para filha deixaram poucos vestígios durante as gerações que se seguiram. O aprendizado em casa consiste, em sua maior parte, em aprender os afazeres quotidianos de uma mãe de família: “a cozinha, os cuidados com as crianças mais novas, a manutenção da roupa da casa e de vestir, o manejo do fio, das agulhas, da lã, dos tecidos”. As melhores

---

<sup>120</sup> Ibidem, p. 174.

<sup>121</sup> CHARLTON, K. *Women and Education*, Op. Cit., p. 16.

<sup>122</sup> SONNET, Op. Cit., p. 141-142.

<sup>123</sup> Ibidem, p. 142, 147.

condições de aprendizagem estavam nas casas onde residiam pais mais esclarecidos, que contratavam mestres para ensinar suas filhas. Outra opção de ensino era a complementação dos estudos numa casa de amigos ou de parentes.<sup>124</sup>

A aprendizagem nos conventos é algo que exige muitas correções se quisermos entender como era a realidade educativa nesses ambientes religiosos entre os séculos XVI a XVIII. A primeira diz respeito ao tipo de pessoas que frequentavam esses ambientes, visto que o internato num convento custava muito caro. Os custos elevados permitiam que apenas as filhas da nobreza ou da alta burguesia frequentassem esses lugares. Por esse motivo, em número quantitativos, o total de mulheres que frequentaram os conventos é muito pequeno se comparado às mulheres que frequentaram as escolas elementares. O impacto dos conventos pode ser observado de forma qualitativa, uma vez que é o mais antigo local de educação, depois da casa. Inicialmente os conventos foram espaços aos quais as famílias mandavam as filhas para ter uma iniciação à vida religiosa enclausurada, mas a partir do século XVII vários conventos passaram a se especializar no ensino de meninas, não necessariamente voltado para a adoção da vida religiosa, uma vez que as expectativas das famílias em relação à educação das filhas evoluíram, especialmente após a Reforma.<sup>125</sup>

Outra opção, além dos conventos, era o internato, também conhecido na Inglaterra como *boarding school*. Para Sonnet, na Inglaterra do século XVII, “o aparecimento e a multiplicação das *boarding schools* prolonga e seculariza a tradição do internato conventual”. Esses lugares, que se multiplicaram nas maiores cidades inglesas, eram destinados, primeiramente, a “transformar as filhas da burguesia comerciante em esposas apresentáveis para os cavalheiros da *gentry*”<sup>126</sup> e no qual a preocupação principal era o “porte, o saber viver, as artes recreativas” e acima de tudo, as aparências. Por fim, o lugar que abrigou a maior parte dos alunos, seja de forma paga ou gratuita, no ambiente rural ou urbano, foi a escola elementar. No quesito das diferenças entre as práticas educativas entre homens e mulheres, essa instituição foi o ambiente mais neutro, não apresentando diferenças significativas no que era ensinado às meninas e aos meninos em relação “às verdades da religião e os rudimentos da alfabetização”. O tempo se desenrola de forma diferente nas escolas elementares, ainda que celebrações religiosas fossem respeitadas. Segundo Sonnet, a escola, sendo ela gratuita ou de baixo custo, estabelecia “seu

---

<sup>124</sup> Ibidem, p. 152-154.

<sup>125</sup> Ibidem, p. 157-159.

<sup>126</sup> *Gentry*: palavra derivada de ‘*gentrice*’, tem seu uso mais comum para indicar pessoas de nascimento nobre e de alta posição. Também foi usada para descrever qualidades compartilhadas por pessoas nobres. Antes do século XVI o termo foi igualmente utilizado como sinônimo de nobreza. (Coss, Peter. *The origins of the English gentry*. Cambridge University Press, 2005, p. 2-3).

calendário a famílias cuja participação financeira já não justifica a sujeição à sua vontade”, como foi o caso dos conventos. O período de permanência das jovens era por volta de três a quatro anos, entre os seis aos dez anos de idade.<sup>127</sup>

Apesar do progresso observado na educação feminina nesse período, a alfabetização das mulheres ainda é uma preocupação secundária para essa sociedade. A educação feminina estava condicionada ao destino de todas as mulheres da época, que era ser mãe, transmitindo aos seus filhos os valores religiosos e morais. Apesar das mulheres terem aprendido a ler para que pudessem fixar de maneira melhor os ensinamentos da Bíblia, viviam em uma sociedade que não via necessidade que elas tivessem muito conhecimento.<sup>128</sup>

Entre os papéis importantes desempenhados pelas mulheres como educadoras no período moderno, o mais importante foi a contribuição das mulheres na educação de seus próprios filhos. Este era o papel mais bem aceito socialmente, apesar da posição do marido autoritário e patriarca. Um dos principais motivadores da educação familiar era a educação religiosa. Porém, essa não consistia apenas no conhecimento religioso, como a oração e o conteúdo da Bíblia, mas também no comportamento cotidiano. As virtudes cristãs eram “expressas pelo grande número de livros de conduta e conselhos” e, desta forma, seriam “o produto final imediato de todo culto público e privado, oração, leitura e exortação”.<sup>129</sup>

As mulheres, assim, eram tanto agentes como pacientes, em matéria de educação, no período moderno: “recebedoras em casa, na igreja e na escola, agentes de prescrição e provisão na educação de outras pessoas, incluindo seus próprios filhos”, como assinala Charlton. Apesar disso, o conteúdo dessa educação era limitada e limitante na maioria das vezes, mesmo para as pessoas das classes mais altas. Para a maioria “a educação era uma questão de estar em conformidade com as normas sociais e culturais prescritas pelos que detinham autoridade”, sendo poucos os que “aproveitaram a oportunidade de 'virar o mundo de cabeça para baixo' e usar sua habilidade recém-descoberta, de ler a Bíblia, por exemplo, para desafiar visões estereotipadas sobre a natureza da masculinidade e feminilidade e o propósito de 'cuidar’”.<sup>130</sup>

<sup>127</sup> SONNET, Op. Cit., p. 160-161, 170.

<sup>128</sup> Ibidem, p. 178.

<sup>129</sup> CHARLTON, K. *Women and Education*, Op. Cit., p. 17-18. [were expressed in the multitude of conduct books and ‘Advices’] e [were to be the immediate end-product of all public and private worship, prayer, reading and exhortation]

<sup>130</sup> Ibidem, p. 19-20. [recipients at home, in church and at school, agents of both prescription and provision in the education of others, including their own children], [was a matter of conforming to the social and cultural norms prescribed by those in authority] e [seized the opportunity to ‘turn the world upside down’, and to use their new-found ability, to read the Bible for instance, to challenge stereotypical views about the nature of masculinity and femininity and the purpose of ‘nurture’]

Podemos notar, desta forma, que a educação das mulheres era uma questão presente, porém era realizada majoritariamente no ambiente familiar, para o benefício da família. A educação com o propósito de fornecer à mulher conhecimento ou uma profissão foi algo que se ampliou ao longo dos séculos XVII e XVIII, conforme o número de escolas e instituições de caridade voltadas para o ensino de meninas aumentava em número, necessitando de mais professoras. As mulheres pobres em geral serviam como instrutoras em escolas para damas, onde eram mal remuneradas, ou ensinavam crianças locais em serviços de meio período. Já as mulheres nobres, possuidoras de uma educação liberal, puderam usufruir de carreiras nas artes e na literatura. A partir de meados do século XVII ocorreu um crescimento exponencial nas publicações femininas, as mulheres diversificaram os assuntos sobre o que escreviam, deixando de escrever apenas sobre assuntos religiosos e domésticos e passando a produzir romances, poesias e peças de teatro.<sup>131</sup>

Sobre as mulheres que escreveram nesse período, Ezell questiona o porquê de não ter havido mais mulheres escrevendo e da inexistência de grandes escritoras para competir com seus contemporâneos masculinos, como foi o caso do século XIX com as romancistas que ocuparam uma grande parte do cenário literário. Para a autora, um historiador literário dos dias atuais atua com uma premissa similar a de um historiador da década de 1920 ou 1930 ao afirmar que “as primeiras escritoras modernas estavam dentro de uma estrutura social convencionalmente patriarcal e hierárquica, que frequentemente determinava que as mulheres deviam ser castas, silenciosas, obedientes e confinadas em seu trabalho criativo com agulhas e linhas, em vez de papel e pena”. Isso, no entanto, não pode ser mais considerado como uma demarcação apurada sobre a participação das mulheres na cultura literária moderna, nem supor que uma das razões pelas quais poucas mulheres escreveram foi porque poucas eram alfabetizadas. Para Ezell, os modos de pensar sobre as mulheres mudaram desde a década de 1920 e agora não apenas

as maneiras pelas quais a alfabetização é avaliada, mas também o desenvolvimento de uma apreciação do que abrange o termo 'autoria', as camadas de questões envolvidas na avaliação das conexões entre as mulheres modernas que escreveram e as mulheres que liam em termos de como os textos foram criados, reproduzidos, circularam e foram preservados.<sup>132</sup>

<sup>131</sup> MENDELSON, Op. Cit., p. 73.

<sup>132</sup> EZELL, M. *Women and Writing*, Op. Cit., p. 77-78. [that early modern women writers existed within a conventionally patriarchal and hierarchical social structure, the oft-cited injunction that women should be chaste, silent and obedient and confine their creative work to needles and threads]e [the ways in which literacy is assessed but also the development of an appreciation of what is encompassed by the term ‘authorship’, the layers of issues involved in assessing connections between early modern women who wrote and women who read in terms of how texts were created, reproduced, circulated and preserved]

A atitude condenatória do público em relação à escrita das mulheres teve grande impacto em seu trabalho e em seu status. Havia receio de que as mulheres que escrevessem pudessem questionar a ordem “natural” das coisas, como seus deveres domésticos e sociais, mas também o problema poderia ser o fato das mulheres pensarem por conta própria e ainda por cima tornarem suas ideias públicas. As mulheres escritoras não possuíam, nesse período, boa reputação, isso se tivessem alguma. De acordo com MacCarthy, o público geral e o público leitor separava as mulheres escritoras em três classes distintas, com julgamentos diferentes. A primeira classe era das mulheres escritoras das classes privilegiadas, que muitas vezes vinham de famílias que já tinham escritores. Essas mulheres escaparam da condenação pública e nunca tiveram suas reputações colocadas em julgamento. A segunda classe era das mulheres consideradas excêntricas ou mesmo devassas. Essas sofreram condenação pública e tiveram suas reputações colocadas em julgamento frequentemente. A terceira classe pertencia às mulheres que estavam acima da censura moral, mas que eram suspeitas de atitudes condenadas. Essas mulheres foram rotuladas de “estranhas”.<sup>133</sup>

As mulheres escritoras, no entanto, não mediram esforços literários no início de suas trajetórias. Os escritores, de forma geral, haviam criado um padrão referente ao que deveria ser considerado um gosto literário apropriado e para as mulheres essa foi uma questão muito importante, pois se quisessem escrever, deveriam não só competir com os escritores, mas também com o padrão estabelecido por eles. Segundo MacCarthy

O fato de terem entrado na competição literária significava que elas aceitavam o código estabelecido pela maioria dos escritores de acordo com a demanda popular. A fama literária e, posteriormente, o sucesso financeiro dependiam de jogar o jogo ao menos tão bem quanto seus adversários masculinos, e jogar um jogo envolve a aceitação de regras definidas e o desenvolvimento de uma técnica específica.<sup>134</sup>

Uma escritora para conseguir aprovação de seus pares, deveria, portanto, não apenas ser tão boa como eles, mas melhor que eles. Era também necessária a sua participação na esfera pública, desde a procura por um benfeitor ou protetor, como manter relações com pessoas influentes que pudessem facilitar o contato com editores e livreiros, até que elas mesmas se sentissem mais à vontade nesse tipo de ambiente e serem recebidas por pessoas distintas e

<sup>133</sup> MACCARTHY, B. G. *The Female Pen: Women Writers and Novelists, 1621-1818*. NYU Press, 1994. p. 8, 10.

<sup>134</sup> Ibidem, p. 11-12. [The fact that they entered into literary competition meant that they accepted the code established by the majority of writers in accordance with popular demand. Literary fame and, later, financial success depended on playing the game at least as well as their masculine adversaries, and playing a game involves the acceptance of definite rules and the developing of a particular technique]

respeitáveis. Isso, no entanto, não foi um caminho fácil, tendo em vista que tais habilidades requeriam liberdade de ação e de movimento bastante reduzidos para as mulheres.<sup>135</sup> As mulheres não só não possuíam os mesmos direitos políticos, sociais e culturais que os homens, como também não possuíam educação equivalente à dos homens quando a possuíam. Desta forma, um dos maiores impedimentos para uma carreira literária para as mulheres no século XVII foi a visão amplamente aceita de que o conhecimento era uma atividade própria somente aos homens. Como consequência, poucas foram as famílias que viram necessidade em providenciar uma educação formal para suas filhas.<sup>136</sup>

Segundo Ezell, quando pensamos na relação entre mulheres e escrita, a primeira pergunta que vem à cabeça é em termos do gênero que as mulheres escreveram: “ela escreveu poesia? Ficção? Drama? Um diário?”. Para a autora, as perguntas mais adequadas para repensar a cultura literária das mulheres escritoras do início do período moderno seriam “onde ela escreveu e por quê”. Entre os lugares de escrita e suas motivações, Ezell cita primeiramente que a escrita era parte integrante das casas religiosas das mulheres inglesas que moravam no exterior e das que moravam nos conventos. Além do retiro religioso, havia também as mulheres que “tiveram a solidão imposta à prática de escrever por causa de suas circunstâncias pessoais particulares”. Esses cenários citados não diferem das expectativas sobre os requisitos da autoria entre as mulheres modernas: “solidão, lazer e espaço doméstico”.<sup>137</sup>

Entre os cenários distintos de escrita citamos as mulheres que escreveram em colaboração por propósitos políticos. O grupo de mulheres que teve mais escritos nessa categoria no período da Restauração monárquica foram as mulheres Quakers, que “escreveram não apenas para registrar suas jornadas espirituais individuais para a assistência de seus companheiros de viagem, mas também revelaram relatos de perseguições, provações e encarceramentos, onde a autoria de um único documento é obra de várias mãos, carregando várias assinaturas”, como pontua Ezell.<sup>138</sup>

Outro grupo importante de mulheres escritoras foram as que se motivaram “pelo desejo de melhorar o status do sexo feminino como um todo e de responder à representação dos escritores masculinos dos papéis e natureza das mulheres”. Essas mulheres compartilhavam a

---

<sup>135</sup> Ibidem, p. 12-13.

<sup>136</sup> GOREAU, A. *The Whole Duty of a Woman Female Writers in Seventeenth Century England*. 1985. p. 1-2.

<sup>137</sup> EZELL, M. *Women and Writing*, Op. Cit., p. 79, 81-82. [did she write poetry? Fiction? Drama? A diary?], [where did she write and why], [had solitude imposed on their practice of writing because of their particular personal circumstances] e [solitude, leisure and private domestic space]

<sup>138</sup> Ibidem, p. 87. [wrote not only to record their individual spiritual journeys for the assistance of their fellow travelers, but who also turned out accounts of persecutions, trials and incarceration where the authorship of a single document is the work of several hands, carrying several signatures]

visão de que os homens, apesar de alguns progressos, ainda as mantinham predominantemente no domínio do doméstico. Desta forma, ler e escrever para elas não era apenas um meio de aprimorar suas vidas, mas também de defender “um sistema de educação para as mulheres paralelo ao oferecido aos homens daquela posição”.<sup>139</sup>

Por fim Ezell cita o cenário que nos é mais familiar e que é o mais importante em nossa dissertação, as escritoras que escreviam profissionalmente, com o intuito da publicação. A última parte do século XVII é o primeiro período da história inglesa onde as mulheres começam a escrever de forma aberta e clara por dinheiro. Alguns fatores possibilitaram essa busca das mulheres pela renda através da escrita: “a reabertura dos teatros, a expansão das publicações comerciais, bem como o desenvolvimento de novos tipos de gêneros literários, como periódicos”.<sup>140</sup>

No que diz respeito aos cenários e às formas como as mulheres escreviam, Ezell afirma que escrever poderia ser algo realizado de várias formas, como um “parto, como uma compulsão irresistível, uma canalização divina e um passatempo divertido”. Entre os cenários existia uma grande variedade de metáforas que sugeriram uma grande variedade de cenários para a autoria feminina, em especial no final do século XVII e início do século XVIII quando é possível observar vários cenários sobrepostos com mulheres escrevendo, uma vez que os pontos de referências individuais e os territórios já estão mais claramente definidos. Como exemplos de cenários a autora cita

a prática de manter diários e registros cotidianos para aprimoramento espiritual privado alimenta as formas de ficção em desenvolvimento com fins lucrativos; a mãe que escreve para os filhos parece relacionada à mulher que escreve para melhorar seu sexo; a senhora sentada com suas damas ou enviando seus poemas para suas amigas em cartas aparece refletida nos vínculos entre o crescente número de mulheres profissionais que elogiam e contribuem para os trabalhos umas das outras.<sup>141</sup>

Sobre o que desejavam escrever as mulheres? Para Ezell, muitas das mulheres escritoras compartilharam suas experiências a respeito de Deus, da salvação, da dor e da esperança.

<sup>139</sup> Ibidem, p. 88. [by a desire to improve the status of the female sex as a whole and to respond to male writers' representation of women's roles and natures] e [a system of education for women which paralleled that offered to men of that station]

<sup>140</sup> Idem. [the reopening of the theatres, the expansion of commercial publishing, as well as the development of new types of literary genres such as periodicals]

<sup>141</sup> Ibidem, p. 91. [as childbirth, as an irresistible compulsion, a divine channeling, and an amusing pastime] e [the practice of keeping diaries and journals for private spiritual improvement feeds into the developing forms of fiction for profit; the mother writing for her children seems related to the woman writing for the improvement of her sex; the woman sitting with her waiting ladies or sending her poems to her friends in letters seems reflected in the links between the growing numbers of professional women writers praising and contributing to each other's works]

Também havia as mulheres profetizas, que pertenciam às diversas origens sociais, como as mulheres Quakers e da aristocracia que, durante a Guerra Civil Inglesa e a Restauração monárquica, “se sentiram compelidas a publicar seus avisos e profecias para o bem da Inglaterra”. Da mesma forma, havia as mulheres que foram motivadas por uma atraente combinação entre a política contemporânea e o lucro que poderiam obter escrevendo sobre o assunto.<sup>142</sup> Sobre o que escreveram e o quanto publicaram no decorrer do século XVII é um ponto fundamental para encermos este capítulo, revelando pelos números o que discutimos ao longo desse capítulo.

### 1.3 O Século XVII em números

Os escritos das mulheres durante o século XVII têm atraído cada vez mais atenção, ainda que a maioria das publicações desse período tenha sido ignorada pelos seus contemporâneos, alguns deles sendo esquecidos e outros atribuídos a autoria de escritores. Embora já existissem na Inglaterra livros impressos desde o século XV e algumas mulheres tivessem publicado livros no século XVI, até por volta de 1640 poucas foram as mulheres que escreveram com o intuito de publicação. Como escrever não era uma atividade socialmente considerada adequada às mulheres, as razões pelas quais escreviam são constantemente tema de debate histórico. Como assinala Crawford, “embora tenha sido argumentado que as mulheres no século XVII não estavam suficientemente conscientes para escrever ou falar por si mesmas como mulheres, suas próprias declarações sugerem que foram forçadas a escrever para publicar porque sabiam que suas experiências como mulheres eram diferentes das dos homens”.<sup>143</sup>

O século XVII foi uma época que em termos da história das mulheres e da literatura na Inglaterra foi imensamente empolgante. Apesar de terem uma educação limitada, especialmente se comparada aos homens do mesmo período, e tendo suas vidas confinadas ao lar e às habilidades domésticas e devocionais principalmente, as mulheres começavam a tornar públicos seus escritos, seja pela circulação de manuscritos, seja pela publicação de livros impressos. Em relação aos gêneros, esses variaram bastante, incluindo “poemas, peças teatrais,

<sup>142</sup> EZELL, M. *Women and Writing*, Op. Cit., p. 91. [felt compelled to publish their warnings and prophecies for the good of England]

<sup>143</sup> CRAWFORD, P. Women’s published writings 1600-1700. In: *Women in English society, 1500-1800*. Routledge, 2005. p. 158. [Although it has been argued that women in the seventeenth century were not sufficiently conscious of themselves ever to write or speak for themselves as women,<sup>5</sup> their own statements suggest that they were forced to write for publication because they knew that their experiences as women were different from those of men]

narrativas de conversão, livros de conselhos, traduções, cartas, textos devocionais, profecias, panfletos, memórias e obras de filosofia e ficção”.<sup>144</sup>

A Guerra Civil Inglesa e o Interregno<sup>145</sup> foram acontecimentos políticos que tiveram um impacto considerável na publicação dos escritos de mulheres na Inglaterra, como pode ser observado na figura 3. Antes da Guerra Civil o número de escritos publicados por mulheres representa apenas 0,5% de todas as publicações da década. Esses dois momentos marcaram o ponto alto em relação às publicações das mulheres. Dois pontos são assinalados por Crawford. Primeiro, que períodos de guerra forçam as mulheres a desempenhar papéis com os quais não estão acostumadas, fazendo com que na ausência dos homens ficassem responsáveis por suas famílias. Em segundo lugar, as mulheres tiveram que lidar com as controvérsias políticas também, forçando-as a refinar e aguçar seus argumentos em decorrência da oposição e hostilidade que experienciavam, o que as levou a escrever.<sup>146</sup>

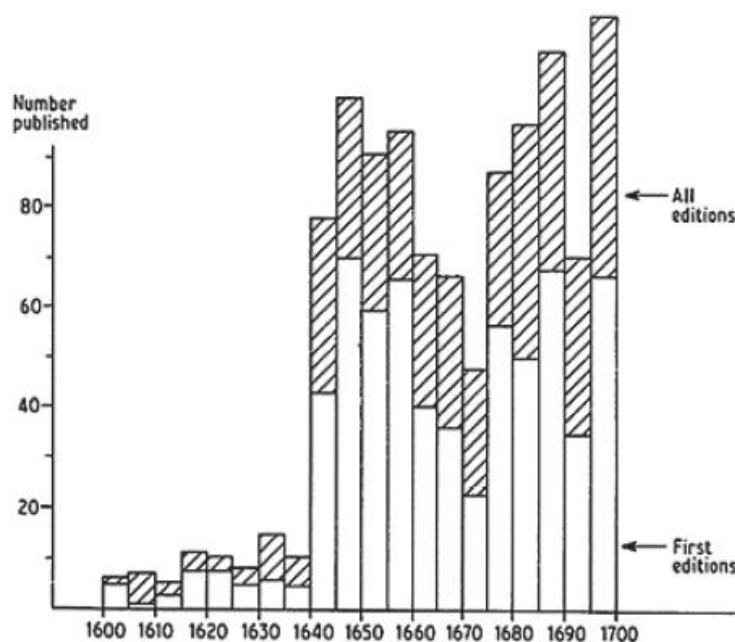


Figura 3: Imagem representando a frequência de primeiras edições e todas as edições de trabalhos publicados por mulheres ao longo do século XVII (FONTE: CRAWFORD, 2005)

<sup>144</sup> WILCOX, H. Feminist criticism in the Renaissance and seventeenth century. In: *A history of feminist literary criticism*. Cambridge University Press, 2007. p. 27, 29. [was an immensely exciting time in terms of the history of women and literature in England] e [poems, plays, conversion narratives, advice books, translations, letters, devotional texts, prophecies, pamphlets, memoirs and works of philosophy and fiction]

<sup>145</sup> Período subsequente ao fim da monarquia Stuart e à ascensão das forças políticas do Parlamento e da liderança de Oliver Cromwell, Lorde Protetor da Inglaterra entre 1653 e 1658. Teve início após a execução de Carlos I em 1649 e terminou em 1660, com a restauração da Monarquia Stuart e a ascensão de Carlos II ao trono.

<sup>146</sup> CRAWFORD, Op. Cit., p. 158-160.

Um grupo muito pequeno de mulheres escreveu no século XVII com o intuito de publicar. Duzentas e trinta e uma mulheres escreveram a maior parte das 653 primeiras edições publicadas. Dessas, 22 mulheres representam quase metade desse total, enquanto a maioria dessas mulheres teve apenas uma ou duas publicações, como pode ser observado na figura 4. Houve, no entanto, diferentes circunstâncias de publicação. As mulheres de nível social mais elevado, como as aristocratas, podiam pagar por suas publicações. Já mulheres como Aphra Behn, vendiam seus trabalhos com o objetivo de se sustentar. Importante ressaltar que o grupo de mulheres que escreveu nesse período não foi homogêneo. O número de mulheres não foi numeroso o suficiente, segundo Crawford, para construir uma “sociedade literária alternativa”, mas ainda assim foi um grande feito, tendo em vista a oposição social e cultural à escrita de autoria feminina.<sup>147</sup>

Apesar dos livros serem um território reivindicado como parte de um privilégio apenas masculino, as mulheres foram capazes de escrever sobre uma variedade de assuntos. Foram, no entanto, restringidas a determinados temas devido à falta de educação formal e isso explica o motivo pelo qual publicaram pouco em áreas como a ciência, a geografia, a genealogia e a economia. Como pontua Crawford, “as mulheres sabiam que havia certas regras para diferentes tipos de discursos e se sentiam desconfortáveis por não conhecê-las”.<sup>148</sup>

---

<sup>147</sup> Ibidem, p. 160.

<sup>148</sup> Ibidem, p. 160-161. [Women were aware that there were certain rules for different kinds of discourse, and they felt uneasy at not knowing them]

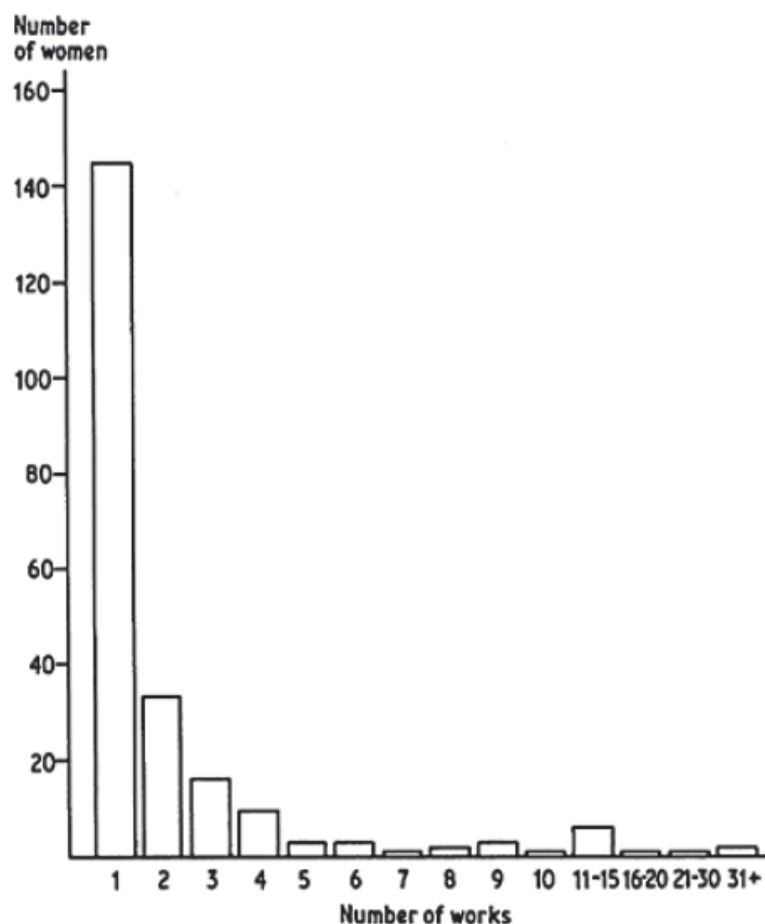


Figura 4: Distribuição do número de trabalhos por autor. (FONTE: CRAWFORD, 2005)

Quanto ao gênero de escrita podem ser agrupados em torno de quarenta categorias. Crawford agrupa essas categorias por considerar o número de publicações muito pequenas para fins comparativos. Muitas das obras, assim como nos dias atuais, pertencem a mais de um gênero e são, portanto, classificadas na categoria que lhe pareceu mais importante. Ainda que o número de publicações, se comparada com a dos homens, seja muito pequeno, durante todo o século XVII, como pode ser observado na figura 5, as mulheres publicaram livros dos mais diversos gêneros. A autora divide os livros publicados pelas mulheres em doze gêneros principais:

|                  | 1600   | 1611   | 1621    | 1631    | 1641      | 1651      | 1661    | 1671    | 1681      | 1691      | Totals    |
|------------------|--------|--------|---------|---------|-----------|-----------|---------|---------|-----------|-----------|-----------|
|                  | 1610   | 1620   | 1630    | 1640    | 1650      | 1660      | 1670    | 1680    | 1690      | 1700      |           |
| Prophecy         | 1 (2)  | –      | 1 (1)   | – (2)   | 56 (60)   | 16 (17)   | 3 (3)   | 5 (5)   | 3 (4)     | 7 (9)     | 92 (103)  |
| Prayers          | –      | – (1)  | –       | 3 (5)   | 4 (4)     | 3 (4)     | 1 (1)   | 1 (2)   | 1 (4)     | 5 (9)     | 18 (30)   |
| Quaker           | –      | –      | –       | –       | 1 (1)     | 55 (57)   | 38 (38) | 20 (21) | 37 (42)   | 26 (30)   | 177 (189) |
| Literature       | –      | 2 (3)  | 3 (3)   | 1 (2)   | 1 (1)     | 2 (2)     | 4 (8)   | 9 (11)  | 22 (30)   | 24 (35)   | 68 (95)   |
| Translation      | 2 (4)  | 1 (2)  | 1 (1)   | 5 (8)   | 1 (1)     | 1 (2)     | –       | –       | 4 (4)     | 1 (1)     | 16 (23)   |
| Prose            | 1 (1)  | –      | –       | –       | 1 (1)     | 11 (13)   | 7 (14)  | 5 (9)   | 11 (12)   | 15 (26)   | 51 (76)   |
| Political        | –      | 3 (3)  | –       | 1 (1)   | 21 (30)   | 12 (13)   | 8 (9)   | 4 (4)   | 17 (19)   | 2 (3)     | 68 (82)   |
| Advice practical | –      | –      | –       | –       | 3 (3)     | 3 (8)     | 3 (6)   | 8 (12)  | 3 (15)    | 1 (4)     | 21 (48)   |
| Mothers          | 1 (5)  | 1 (4)  | 3 (10)  | – (6)   | 1 (1)     | – (1)     | – (1)   | – (1)   | – (1)     | 1 (1)     | 7 (31)    |
| Lives            | –      | 1 (1)  | –       | –       | 4 (11)    | 8 (11)    | 5 (7)   | 4 (11)  | 5 (8)     | 3 (4)     | 30 (53)   |
| Advertisements   | –      | –      | –       | –       | –         | –         | –       | 1 (1)   | 3 (3)     | 10 (10)   | 14 (14)   |
| Miscellaneous    | 2 (2)  | 1 (1)  | 4 (6)   | 1 (2)   | 16 (21)   | 10 (12)   | 3 (3)   | 8 (10)  | 6 (13)    | 7 (8)     | 58 (78)   |
| All genres       | 7 (14) | 9 (15) | 12 (21) | 11 (26) | 109 (134) | 121 (140) | 72 (90) | 65 (87) | 112 (155) | 102 (140) | 620 (822) |

Figura 5: Número de primeiras edições de livros de autoria feminina que foram publicados ao longo do século XVII. Em parênteses estão indicados o número total de edições que o livro teve no período. (FONTE: CRAWFORD, 2005)

- 1 – Profecia (Prophecy): nessa categoria estão incluídos os poemas proféticos, mas não a literatura Quaker;
- 2 – Orações (Prayers): coleções de orações, sermões religiosos, exposições cristãs e conselhos morais gerais”;
- 3 – Literatura Quaker;
- 4 – Literatura (Literature): peças, poemas, baladas e canções;
- 5 – Traduções (Translations);
- 6 – Prosa (Prose): ficções, ensaios, coleções de cartas;
- 7 – Político (Political): panfletos de importância política, discussões educacionais e petições de grupos de mulheres;

- 8 – Conselho (Advice: Practical): almanaques, livros de culinária, receitas e trabalhos médicos;
- 9 – Conselhos Maternos (Mother's Advice);
- 10 – Pessoais (Lives): autobiografias, justificativas pessoais, últimas palavras;
- 11 – Anúncios (Advertisements);
- 12 – Diversos (miscellaneous): documentos mais formais como petições legais, discursos da Rainha, prefácios.<sup>149</sup>

A colaboração entre as mulheres escritoras inseridas no mercado editorial é algo que variava muito. Quem e como esses livros eram publicados é uma questão que deve ser analisada caso por caso, dado que as autoras são sempre a categoria principal de interesse, no qual as editoras e os editores são um fator secundário. Aphra Behn, por exemplo, foi uma escritora muito bem-sucedida do ponto de vista comercial, tendo publicado ao longo de sua carreira um número significativo de títulos. Mudou de editor muitas vezes, tendo se relacionado mais frequentemente com três casas editoras: Canning, Richard and Jacob Tonson e Richard Bentley and James Magnes.<sup>150</sup>

A partir dos dados expostos podemos perceber a importância que a escrita e publicação de textos teve para as mulheres escritoras no início do período moderno na Inglaterra. Ainda que se comparados com as publicações masculinas esses números sejam muito pequenos, decorrentes dos impedimentos sociais e culturais que as mulheres do período estavam impostas, são dados importantíssimos para não apenas compreendermos a formação de uma tradição literária feminina que estava surgindo, como também conhecer sobre o que essas mulheres escreviam e de que forma foram capazes de deixar suas marcas na história literária inglesa.

Assim, nesse capítulo situamos a discussão sobre a escrita de autoria feminina na Inglaterra do século XVII. Para tanto, tratamos de questões essenciais, como a crítica literária feminista, que não só deu origem aos estudos sobre a escrita de autoria feminina, mas também divulgou e incentivou a releitura dos escritos e das escritoras do passado. Ainda que muito controversa, tendo várias diferenças teóricas e de abordagens que variam de país para país, a crítica literária feminista é um importante campo de pesquisa sobre a literatura e sobre as escritoras, incluindo igualmente os estudos sobre a produção das representações da mulher e da escritora.

---

<sup>149</sup> Ibidem, p. 198.

<sup>150</sup> Women Writers and Print Networks in Eighteenth-Century England. Disponível em: <<https://www.northeastern.edu/blog/print-networks/>>. Acesso em: 14/07/2019.

Tratamos também, neste capítulo, de três aspectos fundamentais quando se estuda as mulheres na época moderna: família, religião e educação. Esses três aspectos estabeleceram os limites e os parâmetros do lugar social das mulheres e para as mulheres que desejavam escrever. Por fim, analisamos dados disponíveis na bibliografia especializada a respeito das publicações das mulheres, que apesar de ser muito pequena em relação às publicações realizadas pelos homens, demonstra quantitativamente como se deu a formação de uma tradição literária das mulheres inglesas.

Passamos, no próximo capítulo, a tratar do período da Restauração monárquica, quando Aphra Behn escreveu diversas peças teatrais, publicou romances e se tornou a primeira escritora profissional da Inglaterra.

## CAPÍTULO 2: APHRA BEHN E A LITERATURA DA RESTAURAÇÃO MONÁRQUICA

All I ask, is the privilege for my masculine part the poet in me...If I must not, because of my sex, have this freedom...I lay down my quill, and you shall hear no more of me.<sup>151</sup>

A obra de Aphra Behn é uma fonte importante para compreendermos o contexto cultural e social no qual produziram as mulheres escritoras no período da Restauração. Foi uma época em que a arte não era entendida como uma forma de expressão, por esse motivo as pessoas escreviam abertamente por propósitos políticos, religiosos e principalmente por dinheiro. Desta forma, não faz sentido dizer que Behn escreveu porque foi impelida a expressar seus problemas como mulher ou suas reflexões sobre a vida e o mundo. Escreveu porque era boa no que fazia e precisava ganhar dinheiro. Em vários aspectos escrevia igual aos homens, a diferença é como ela entrou para espaços públicos a partir de sua escrita e das relações que conseguiu estabelecer devido seu reconhecimento como escritora. No momento histórico no qual Aphra Behn viveu prevaleciam dois conceitos patriarcais sobre a mulher e a feminilidade, um religioso e outro secular, como destaca Todd: “da mulher vista através da misoginia da Bíblia como o vaso mais fraco do pecado e do sexo, e de uma mulher como uma entidade física, emocional e intelectual distinta de um homem, governada não pela falha de Eva, mas pelo seu corpo de grande sensibilidade”.<sup>152</sup>

Este capítulo tem como objetivo analisar o período da Restauração Monárquica através da literatura produzida na época, em especial a de autoria feminina. O período teve início com o retorno do sucessor da coroa em 1660, Carlos II, filho do rei deposto Carlos I, e teve fim com a crise instaurada entre seu irmão e sucessor, Jaime II, com o Parlamento, em 1688. Considerado um período vibrante e violento, a Restauração da monarquia evidenciou o choque pelo qual o país estava passando e que não recuperaria seu equilíbrio tão cedo.<sup>153</sup>

Esse período, no entanto, foi visto por muito tempo como sem importância, especialmente pelos historiadores whigs, sendo considerado apenas como um intervalo entre duas “revoluções”. Como pontua Miller, a partir do século XX uma nova abordagem histórica dos acontecimentos do século XVII continuou a oferecer uma visão similar sobre a Restauração,

<sup>151</sup> Aphra Behn no prefácio do livro *The Lucky Chance* (1686).

<sup>152</sup> TODD, Janet. *Aphra Behn: A Secret Life*. London: Fentum Press, 2017. p. xxiii-xxvii. [of woman seen through the misogyny of the Bible as the weaker vessel of sin and sex, and of a woman as a physical, emotional and intellectual entity distinct from a man, ruled not by Eve's fault but by her oversensitive body]

<sup>153</sup> Ibidem, p. 1.

mas argumentando que as verdadeiras causas das mudanças que aconteceram foram econômicas e sociais e que foi nas décadas de 1640 e 1650 que o país realmente viveu uma verdadeira revolução.<sup>154</sup>

O século XVII foi um período de conflitos civis recorrentes,<sup>155</sup> com enfrentamentos políticos e religiosos, além das transformações culturais e materiais e dos empreendimentos coloniais. Esses fatores tiveram impacto na vida de muitas mulheres. O ato de escrever em tempos tão incertos, fosse a escrita em prosa ou em verso, para publicação impressa ou apenas circulação familiar, permitiu que muitas mulheres expressassem suas experiências de pertencimento e deslocamento nesse mundo que estava em mudança. Utilizando-se de suas experiências e da memória, as mulheres criaram textos que fizeram a mediação entre o vivido e a história como era escrita.<sup>156</sup>

As mulheres escreveram textos dos mais diversos gêneros que foram transmitidos dos mais diversos modos, lembrando, interpretando e comunicando suas experiências. Esses textos são documentos importantes, visto que demonstram como as mulheres reimaginaram, responderam e comentaram as mudanças.<sup>157</sup>

Esse capítulo está dividido em três partes. Na primeira, tratamos do período da Restauração Monárquica e da importância da literatura nas transformações políticas e sociais que aconteceram ao longo do século. Em seguida, analisamos os romances publicados por mulheres na Inglaterra, com o intuito de entender como surgiu e se desenvolveu esse importante gênero literário. Por fim, apresentamos elementos da biografia de Aphra Behn, porque consideramos importante conhecer a trajetória de vida da escritora antes de adentrarmos na análise de seus romances.

## 2.1 Restauração Monárquica

Um elemento fundamental na constituição do pensamento político da Inglaterra do século XVII foi a transição política. O país, nesse período, passou por um intenso conflito político, social e religioso, no qual o ponto crucial foi a reestruturação política, em que novos direitos e deveres do cidadão surgiram, envolvendo novas concepções de autoridade política.

---

<sup>154</sup> MILLER, John. Politics in Restoration Britain. In: *A Companion to Stuart Britain*. John Wiley & Sons, 2008. p. 399.

<sup>155</sup> Para mais informações sobre o século XVII na história britânica, recomendamos: COWARD, Barry (Ed.). *A Companion to Stuart Britain*. John Wiley & Sons, 2008.

<sup>156</sup> CHEDGZOY, Kate. *Women's Writing in the British Atlantic World: Memory, Place and History, 1550–1700*. 2007. p. 2-3.

<sup>157</sup> *Ibidem*, p. 2-4.

Isso provocou uma intensa exploração e experimentação intelectual, surgindo a partir daí novas ideias e conceitos que seriam dominantes no pensamento e no discurso político moderno.<sup>158</sup>

A literatura participou dessa transformação, muito impulsionada por imperativos políticos. Desta forma, os regimes políticos e a maioria dos grupos de oposição concordavam que a literatura tinha um grande potencial crítico. Desta forma, a literatura foi um elemento fundamental de transformação ideológica, funcionando de maneira eficaz “confirmando e validando mudanças importantes ou constituindo um reservatório de crenças e valores para sucessivos grupos políticos nas margens”, como pontua Corns. Assim, não podemos analisar a literatura produzida no século XVII sem associá-la à história política do período.<sup>159</sup>

Lembramos que a literatura nesse contexto era definida de forma ampla, incluindo toda a cultura escrita e o teatro. Essa é uma questão metodológica complexa, visto que difere bastante do que consideramos como literatura na atualidade. A teoria crítica contemporânea, embora valorize e estude mais alguns textos do que outros, evita definir e privilegiar o que seria a literatura que hoje em dia conhecemos em detrimento da não-ficção.<sup>160</sup> Essa é uma questão muito importante visto que entre os escritores do período não havia uma divisão clara de nomenclatura em relação ao que era escrito.

Tomemos como exemplo a autora que estudamos. Aphra Behn, ao longo de sua carreira como escritora, escreveu uma grande variedade de gêneros literários, ficcionais ou não-ficcionais. A autora, no entanto, escreveu com o intuito de se sustentar financeiramente, não levando em consideração a terminologia de seus escritos. O que chamamos de literatura hoje Behn só veio a produzir no final de sua vida e só o fez porque a dramaturgia já não estava sendo financeiramente vantajosa. Esta era uma prática comum entre os escritores da época e quando os primeiros romances foram lançados na Inglaterra nenhum escritor tinha a consciência ou a intenção de escrever um romance. O “surgimento” e a classificação desses textos como romances só ocorreu quando começaram a se popularizar e cada vez mais escritores passaram a escrever textos em prosa ficcional.

A Restauração monárquica foi um período de transição entre dois importantes períodos na história política da Inglaterra: o início do século XVII e o século XVIII. Esse foi um período de conjunções e disjunções não só no mundo das letras, mas também no desenvolvimento

<sup>158</sup> AMADEO, Javier. As origens do liberalismo: liberdade, autoridade e propriedade no pensamento político do século XVII. Publicado nos *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo, 2011. p. 1-2.

<sup>159</sup> CORNS, Thomas, N. Literature and History. In: *A Companion to Stuart Britain*. John Wiley & Sons, 2008. p. 166-168. [confirming and validating major change or else constituting a reservoir of beliefs and values for successive groups of political losers]

<sup>160</sup> Ibidem, p. 171.

nacional e local, com muitas reviravoltas políticas. A literatura é importante porque explorou esses acontecimentos, registrando e acelerando as mudanças.<sup>161</sup>

Importante ressaltar que em relação à literatura do período da Restauração encontramos dois recortes utilizados. O primeiro, entre 1660 até 1688, correspondente aos reinados de Carlos II e de seu irmão Jaime II, e o segundo entre 1660 e 1714, que marca a restauração monárquica e o fim da dinastia Stuart com a morte da rainha Ana. Em nossa pesquisa enfocamos o primeiro período, tendo vista que Aphra Behn viveu até 1689. No entanto, em parte da bibliografia à qual recorreremos, o segundo recorte também aparece e faremos menção a ele.



Figura 6: Retrato do Rei Carlos II. (FONTE: GOREAU, 1980)

Outra questão a ser assinalada sobre a literatura do período da Restauração é a falta de consenso entre os pesquisadores a respeito do lugar em que está inserida a história literária inglesa. O período pode ser considerado um dos grandes marcos da história literária inglesa, visto que a transformação da cultura literária foi real e permanente. Críticos e estudiosos literários dos séculos XVII e XVIII tentaram, de diversas formas, analisar o período como um momento único ou à parte, numa sequência que começa com a Guerra Civil, a turbulência social e a experimentação política.<sup>162</sup> Há os que defendem, como Grundy, que esse período foi uma espécie de prefácio cultural e literário da literatura que viria a ser produzida no

século XVIII. Esta autora diz que as mudanças que aconteceram na literatura do período vieram acompanhadas da reviravolta política da própria Restauração. Assim, a ficção em prosa do período difere da produzida anteriormente,<sup>163</sup> visto que os textos passaram a dar relevo aos eventos políticos. Aphra Behn é um exemplo dessa “nova literatura”, que não oferecia apenas entretenimento, mas também discussões políticas e sociais. Isso aparece nos dois textos

<sup>161</sup> GARGANIGO, Alex. ELIZABETH SAUER (ed.). *Emergent Nation: Early Modern British Literature in Transition, 1660-1714*. 2020. p. 1-2.

<sup>162</sup> ZWICKER, Steven N. Is there such a Thing as Restoration Literature? *huntington library quarterly*, v. 69, n. 3, p. 425-450, 2006. P. 425-426.

<sup>163</sup> GRUNDY, Isobel. Restoration and Eighteenth Century. In: *The Oxford illustrated history of English literature*. Oxford University Press, USA, 2001. p. 214.

analisados nessa dissertação, em especial em *Love-Letters*, que tem como pano de fundo uma rebelião.

Entre os historiadores contrários a essa interpretação estão os que argumentam que o período da Restauração não marca o início de um “longo século XVIII”, visto que o período pode ser entendido como uma extensão dos eventos que desencadearam a guerra civil e suas consequências para o país. Desta forma, as mudanças políticas do século XVII não afetaram a estrutura da sociedade inglesa do período, posto que permaneceu conservadora e a favor da monarquia, e a Igreja Anglicana manteve seu domínio sobre o povo.<sup>164</sup>

A Restauração, assim, ofereceu aos governantes e às elites uma chance de recuperar a confiança e restabelecer uma cooperação mútua para manter a ordem social. Para Miller, é possível olhar a política da Restauração de duas formas:

A primeira acentuando a 'governabilidade' básica do povo inglês: revoltas camponesas e rebeliões eram coisas do passado e o respeito pela lei estava profundamente enraizado. As guerras civis podem ser vistas como um reforço dessas características. [...] Uma segunda perspectiva enfatizaria a explosão de informação política e consciência política popular na década de 1640, as profundas divisões políticas e religiosas criadas pela guerra civil e o desenvolvimento de ideias políticas radicais e republicanas.<sup>165</sup>

A literatura foi um meio importante em um período que testemunhou tantas mudanças permitindo-nos compreender melhor o século XVII na Inglaterra. A cultura literária na corte de Carlos I foi moldada pela indiferença do Rei à palavra escrita, tendo apoiado mais as artes e a música. Esse cenário foi alterado após o fim da monarquia e o governo ditatorial de Oliver Cromwell, quando a cultura literária sofreu a intervenção estatal mais decisiva que o país já viveu. Os teatros, lugares que representavam um perigo imediato para a ordem pública, fecharam as portas em 1642. Nas primeiras semanas de guerra civil até fazia sentido estes espaços onde manifestações e tumultos poderiam ter origem. Porém, não foi só o teatro a ser atingido. Os textos impressos, a partir da “*Licensing Order*” (ou Ordem de Licenciamento), de 1643, precisavam de aprovação de um censor antes da publicação. A Restauração monárquica trouxe de volta uma maior liberdade para os textos literários. Quando o teatro reabriu as portas, em 1660, duas novas companhias foram formadas, a *King's Company* e a *Duke's Company*.

---

<sup>164</sup> MILLER, Op. Cit., p. 405.

<sup>165</sup> Ibidem, p. 408. [One would stress the basic 'governability' of the English people: peasant revolts and noble insurrections were things of the past and respect for the law was deep-rooted. The civil wars could be seen as enhancing these characteristics. [...] A second perspective would emphasize the explosion of political information and popular political awareness in the 1640s, the deep political and religious divisions created by civil war and the development of radical and republican political ideas.]

Ambas operavam sob patente real e eram administradas por pessoas que se alinhavam politicamente com a corte.<sup>166</sup>

Escritores, editoras e livreiros, durante as décadas de 1640 e 1650, se familiarizaram com a relação mais próxima que passou a existir entre literatura e política, quando certas liberdades foram assumidas para trazer a público “as vidas e políticas pessoais dos líderes nacionais na esperança de orientar a opinião e, assim, o curso dos eventos”, como pontua Mclean. A literatura produzida no período da Restauração seguiu essa tendência e foi, desta forma, caracteristicamente política, não apenas pelo fato de abordar questões sociais e políticas, mas também devido “às maneiras pelas quais a leitura e a escrita tornaram o debate público cada vez mais central na experiência política das pessoas comuns”.<sup>167</sup>

A ascensão de Carlos II ao poder fez com que um número sem precedente de publicações comemorativas fosse produzido na forma de “poemas formais, sermões, personagens em histórias ficcionais, baladas, peças teatrais, histórias, tratados científicos, biografias e autobiografias, romances e narrativas, traduções de Virgílio e até um livro de receitas”. A história nacional começou a ser revista pelos escritores que apoiavam a monarquia, porém isso resultou em uma variedade de relatos contraditórios. Desta forma, esses escritos não fornecem um guia confiável para a literatura da Restauração em seu todo.<sup>168</sup>

Apesar do retorno da monarquia, permanecia a instabilidade política. Um dos grandes motivos era a religião, num período marcado por intensos conflitos ideológicos e políticos. Essa não era uma questão nova, tendo em vista que durante o reinado de Carlos I, casado com uma católica, já havia a suspeita sobre a lealdade religiosa dos Stuart. Quando a monarquia foi restaurada em 1660 a tolerância da Igreja Anglicana em relação aos não-conformistas e aos católicos estava no limite. Em 1673, o *Test Act* (ou Ato de Teste) exigia que qualquer pessoa que fosse potencial titular a algum cargo do Estado – incluindo os futuros herdeiros ao trono – jurasse fidelidade à Igreja Anglicana. Isso revela o anti-catolicismo da Restauração, que “foi um legado religioso tanto da Reforma Inglesa quanto das subseqüentes batalhas religiosas e

<sup>166</sup> CORNS, Op. Cit., p. 167, 173, 178-179, 181.

<sup>167</sup> MACLEAN, Gerald. Literature, culture, and society in Restoration England. In: *Culture and society in the Stuart Restoration: literature, drama, history*. Cambridge University Press, 1995. p. 9-11. [the personal lives and policies of national leaders in the hopes of guiding opinion and, thereby, the course of events] e [the ways in which reading and writing had made public debate increasingly central to the political experience of ordinary people]

<sup>168</sup> Ibidem, p. 14, 19, 22. [formal poems, sermons, prose characters, ballads, closet dramas and masques, histories, scientific treatises, biographies and autobiographies, romances and histories, translations of Virgil, and even a cookbook]

políticas sobre a natureza da Reforma e suas consequências para a identidade nacional”, como pontua Sauer.<sup>169</sup>

O retorno de Carlos II à Inglaterra, apesar de ter tido uma onda de apoio, não significou uma mudança radical nos acontecimentos. A velha ordem pode ter sido restaurada em 1660, no entanto as ideias radicais proclamadas entre as décadas de 1640 e 1660 destruíram lenta e permanentemente as bases idealógicas do antigo regime. A literatura, assim, desempenhou um papel vital, a partir de inúmeras publicações, propagando as mudanças e as continuidades.<sup>170</sup>

### 2.1.1 A literatura no período da Restauração Monárquica

Eventos como revoluções, mudanças de regime, guerras e pestes, em geral geram impacto econômico no mundo literário e no mercado editorial. Isso se refletiu na Inglaterra com o fim do Interregno, em que podemos observar um aumento nas publicações de livros, em especial no ano de 1660, como pode ser observado na figura 7. Segundo os dados de Zwicker, entre os anos de 1650 e 1670, aproximadamente 26.000 livros foram impressos, com uma média de 1.300 impressões por ano, sendo o ponto alto o ano de 1660, aproximadamente com 3.000 impressões, representando 11% das publicações em um período de vinte anos.<sup>171</sup>

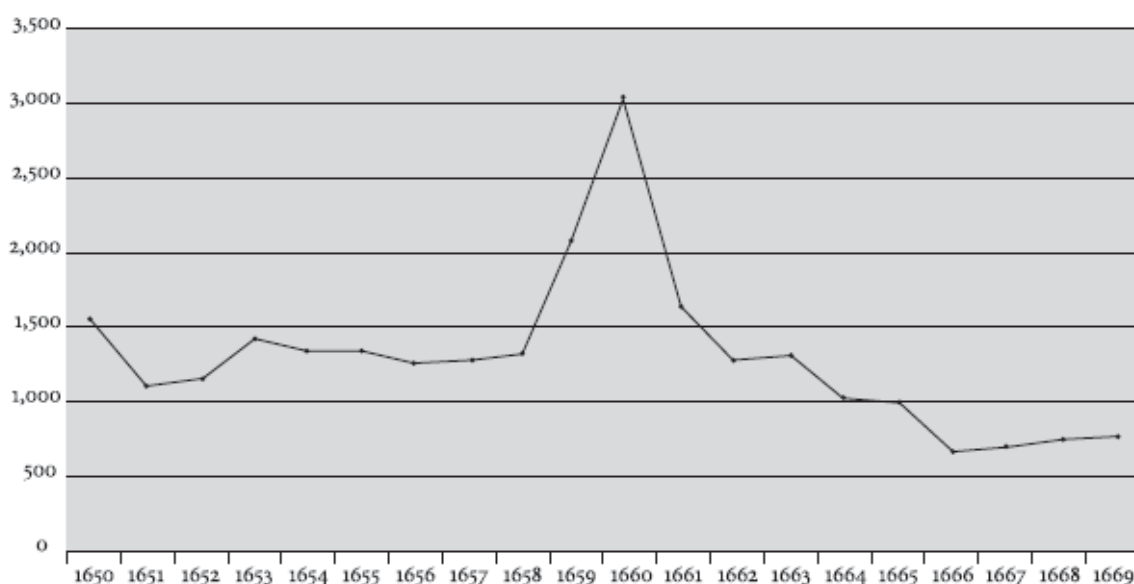


Figura 7: Número de impressões de livros na Inglaterra no período entre 1650 e 1670. (Fonte: ZWICKER)

<sup>169</sup> Ibidem, p. 4-5. [was a religious legacy of both the English Reformation and the subsequent religio-political battles over the nature of reform and its consequences for national identity]

<sup>170</sup> MILLER, Op. Cit., p. 399 e SAUER, Op. Cit., p. 7-8.

<sup>171</sup> ZWICKER, Op. Cit., p. 431.

Apesar das fronteiras entre os gêneros literários publicados no período nem sempre seja fácil de identificar, em relação às categorias de assuntos, Zwicker identifica as seguintes: religião, relações públicas, literatura, ciência, almanaques, educação, direito, medicina e prática<sup>172</sup>, como pode ser observado na figura 8. As publicações religiosas, bíblias, saltérios, sermões, “comentários, catecismos, resumos das escrituras, resumos e tratados; desculpas e advertências; confissões, debates, conferências, casos de consciência e advertências”, formavam o maior segmento do mercado, com 38% do total. A categoria de assuntos públicos “impressões, atos, decretos, comunicados, proclamações e declarações de autoridade”, representam 28% do total de publicações. A literatura na década de 1660 representa a terceira maior categoria, sendo responsável por 14% do total (inclui de baladas até poesias épicas). A literatura na década de 1650, só para fazermos uma comparação, representava 9% em relação ao total de publicações.<sup>173</sup>

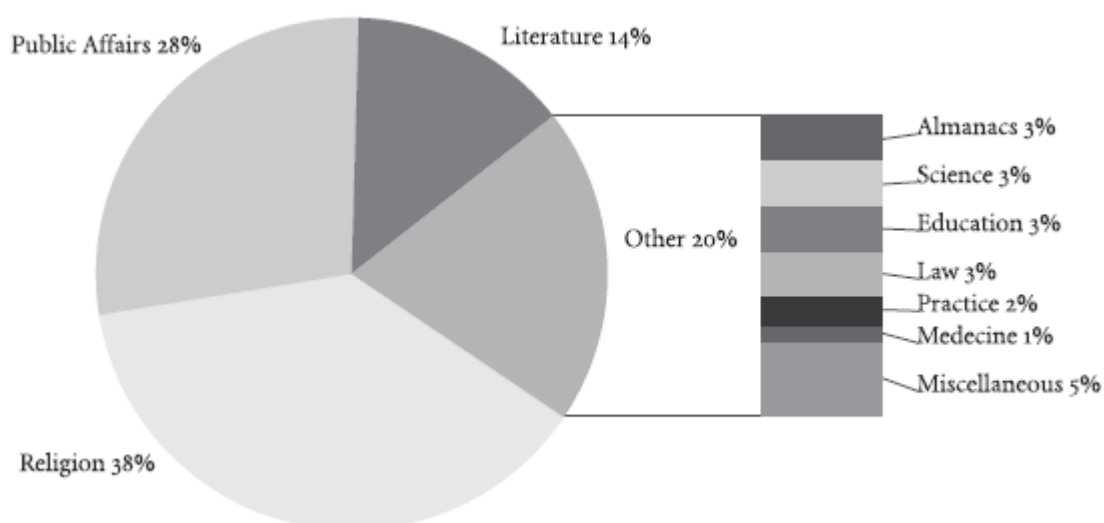


Figura 8: Porcentagem de publicações em relação à categoria de assunto na década de 1660. (Fonte: ZWICKER).

Quais conclusões podemos tirar a partir desses números? Para Zwicker, não há dúvidas que o período da Restauração monárquica teve impacto na cultura impressa. Foi um momento no qual oportunidades para empreendimentos, como os relacionados às gráficas e editoras, afloraram. Na cultura impressa, religião e assuntos públicos continuaram, em grande parte,

<sup>172</sup> Essa categoria, segundo Zwicker, fazem parte livros e panfletos de instrução profissional e conselhos domésticos e pessoais.

<sup>173</sup> ZWICKER, Op. Cit., p. 432-434. [commentaries, catechisms, scriptural abstracts, abridgments, and treatises; apologies and caveats; animadversions, confessions, debates, conferences, cases of conscience, and warnings], [imprints, the acts, ordinances, addresses, proclamations, and declarations of officialdom]

como o negócio de costume. Assim, o autor questiona se o ano de 1660 pode, de alguma forma, ser considerado um marco na literatura inglesa. A Restauração, como momento de virada, “parece obscurecer continuidades no passado literário e ocultar as confusões e contradições”.<sup>174</sup>

Para as mulheres escritoras esse foi um momento em que suas publicações aparecem de maneira complexa e contraditória, segundo McLean, pois, ao mesmo tempo que a escrita oferecia um meio honesto de sobrevivência, também poderia expor a autora ao ridículo, ao desprezo e à exploração por parte do público. Entre as mulheres da aristocracia, a escrita oferecia um “tipo diferente de empoderamento social”. Com a ausência de seus maridos durante as guerras, elas passaram a atuar no espaço público independentes dos homens e assim puderam criar protagonistas mais ativas em seus textos ao invés das esposas solitárias e tristes.<sup>175</sup>

Mencionar os autores e autoras mais proeminentes do período é algo um tanto quanto circunstancial, pois a maioria dos escritores e escritoras não produziu e publicou sua obra exclusivamente no período entre 1660 a 1688; segundo, a importância de determinado autor ou autora em detrimento de outros se deve, na maioria das vezes, à relevância que determinado



Figura 9: Imagem de John Dryden (FONTE GOREAU, 1980)

autor(a) tem em diferentes estudos. O que nos interessa são os livros escritos e publicados em prosa ficcional pelas mulheres do período. No entanto, antes de tratarmos dos textos de autoria feminina, e em especial de Aphra Behn, gostaríamos de lembrar alguns nomes que tiveram publicações importantes no período aqui analisado.

O nome mais importante do período, tanto em publicações quanto pelo reconhecimento, é John Dryden (1631-1700). O autor, segundo a antologia “*The Norton anthology of English literature*”, trouxe para Inglaterra uma literatura moderna, combinando “uma visão cosmopolita das últimas tendências europeias com algumas das riquezas e variedades que ele admirava em Chaucer<sup>176</sup> e Shakespeare”.<sup>177</sup>

<sup>174</sup> Ibidem, p. 446. [to reassess identity and loyalty, to slip in and out of ideologies and disguises] e [seems at once to obscure continuities in the literary past and to veil the confusions and contradictions]

<sup>175</sup> MACLEAN, Op. Cit., p. 25-26. [a different sort of social empowerment]

<sup>176</sup> Geoffrey Chaucer (1343-1400), escritor, filósofo, cortesão e diplomata inglês.

<sup>177</sup> William Shakespeare (1564-1616), poeta, ator e dramaturgo inglês. Considerado um dos maiores nomes da literatura inglesa e mundial.

Escreveu a maioria dos gêneros contemporâneos importantes: versos, comédia, tragédia, peça heróica, ode, sátira, tradução e ensaio crítico.<sup>178</sup> Seus trabalhos mais importantes são: *Mac Flecknoe* (1682), considerado um trabalho clássico do período, e *Marriage à-la-Mode* (1673), sua comédia mais famosa. Apesar de ser considerado o autor mais conhecido e importante do período, sendo o dramaturgo com mais peças teatrais encenadas no período da Restauração, no Brasil é pouco ou nada conhecido, não tendo nenhum texto traduzido no país.

Outra escritora importante do período é Margaret Cavendish, ou Duquesa de Newcastle-upon-Tyne (1623-1673). Tem uma obra bastante extensa, tendo escrito prosa ficcional, poesia, filosofia e dramaturgia. Nascida em uma família rica, foi dama de honra da rainha Henrietta Maria (1609-1669), esposa de Carlos I, e casada, em 1645, com William Cavendish, o duque de Newcastle (1593-1676).<sup>179</sup> Notória por sua excentricidade e desejo pela fama, foi pouco consagrada durante sua vida, contudo sempre teve o apoio e a admiração do marido em sua carreira como escritora. Seu trabalho mais importante em prosa ficcional foi o livro *The Blazing World* (1666), considerado precursor entre os livros de ficção científica e que também explora questões como ciência, gênero e poder.<sup>180</sup> O livro tem uma edição em português, de 2019, lançada apenas em ebook pela editora Plutão Livros com o título *O Mundo Resplandecente*.



Figura 10: Margaret Cavendish, por Sir Peter LeLy em 1663 (FONTE JONES, 1988)

Outros nomes importantes do período e que merecem destaque são John Wilmot, *2nd Earl of*

<sup>178</sup> ABRAMS, Meyer Howard et al. *The Norton anthology of English literature*. WW Norton, 1993. p. 2074. [a cosmopolitan outlook on the latest European trends with some of the richness and variety he admired in Chaucer and Shakespeare]

<sup>179</sup> SAGE, L; GREER, G; SHOWALTER, E. *The Cambridge Guide to Women's Writing in English*. Cambridge University Press, 1999. p. 467.

<sup>180</sup> SALZMAN, Paul (Ed.). *An anthology of seventeenth-century fiction*. Oxford University Press, USA, 2001. p. xvii-xix.

*Rochester* (1647-1680),<sup>181</sup> William Wycherley (1641-1716),<sup>182</sup> além, é claro, de Aphra Behn, que discutiremos na terceira parte desse capítulo.

A dramaturgia, como podemos observar entre os autores citados, foi um dos principais gêneros do período, sendo as peças teatrais impressas e amplamente divulgadas. Para MacCarthy, esse foi um período de estagnação para a prosa ficcional. De acordo com a autora, a Inglaterra estava passando por uma fase de desilusão e exaustão espiritual, em decorrência de vinte anos onde “houve muita morte, muito sussurro, muita hipocrisia, muita luta emocional”. Não havendo iniciativa em relação às obras literárias, foi um dos períodos onde a imitação da literatura francesa alcançou seu auge.<sup>183</sup> Lembramos que o Rei Carlos II e sua corte viveram na França antes da Restauração, sendo os romances bem conhecidos na corte e importados para o mercado inglês na forma de traduções e imitações.<sup>184</sup> A popularidade da dramaturgia foi um dos motivos para que os romances no período tenham demorado a se desenvolver, visto que o teatro atraía toda a atenção de diferentes públicos e também os escritores talentosos.<sup>185</sup>

A partir da década de 1650 até o final do século, textos ficcionais de escritoras francesas também foram traduzidos para o inglês,<sup>186</sup> exercendo uma forte influência sobre as escritoras inglesas a partir da década de 1670.<sup>187</sup> Os escritores do período, de forma geral, escreveram diversos gêneros literários, se adequando ao que era vantajoso financeiramente. Aphra Behn também agiu movida por interesses financeiros. Sua obra ficcional está concentrada no final de sua vida e a autora é até hoje mais conhecida pela produção na dramaturgia. Ela teve uma carreira bem-sucedida no teatro, tendo escrito 22 peças, incluindo traduções, que foram produzidas e encenadas. Quando começou a escrever romances já se encontrava doente e apenas quatro de seus trabalhos foram publicados ainda em vida. Teve uma reputação incerta como

<sup>181</sup> Célebre figura da corte durante a Restauração monárquica, foi um poeta satírico. Suas obras, intelectualmente ousadas e muitas vezes obscenas, eram consideradas ideológicas e escandalosas demais para serem impressas, desta forma circulavam entre leitores da corte em número limitado. (ABRAMS, Op. Cit., p. 2167).

<sup>182</sup> Um dos principais dramaturgos do período da Restauração, embora tenha produzido apenas quatro peças teatrais. Nascido em uma família privilegiada, foi enviado para ser educado na França, onde sob influência de seus tutores se converteu ao catolicismo em segredo. Ao retornar à Inglaterra é matriculado na Universidade de Oxford. Entre 1671 e 1677 suas peças são encenadas e publicadas, sendo a mais famosa *The Country Wife* (1675), considerada um trabalho que retrata de forma espirituosa e irreverente a sociedade londrina da época. No final da década de 1670 foi contratado como tutor real por Carlos II e encerrou suas publicações para o teatro. (BLACK, Joseph et al. (Ed.). *The Broadview Anthology of British Literature: Concise Volume A-: The Medieval Period-The Renaissance and the Early Seventeenth Century-The Restoration and the Eighteenth Century*. Broadview Press, 2016. p. 1143-1144).

<sup>183</sup> MACCARTHY, B.G. *The Female Pen: Women Writers and Novelists, 1621-1818*. NYU Press, 1994. p. 122-123. [there had been too much dying, too much whispering, too much canting, too much wrestling with the spirit]

<sup>184</sup> SCHONEVELD, Cornelis W. *English Theory and Criticism of Prose Fiction, 1660-1800*. p. 1.

<sup>185</sup> SPENDER, Dale. *Mothers of the novel*, Op. Cit., p. 48.

<sup>186</sup> Esse é o caso o livro Agnes Castro, que foi traduzido e adaptado por Aphra Behn.

<sup>187</sup> SALZMAN, Paul. *Prose Fiction*. In: *A companion to early modern women's writing*. John Wiley & Sons, 2008. p. 306.

escritora, mas foi capaz de ocupar um lugar ao lado dos homens.<sup>188</sup> Desta forma, antes de tratarmos de sua biografia, analisaremos os romances escritos por mulheres na Inglaterra, que começavam a surgir na época e que foram importantes para a criação de uma tradição literária feminina na Inglaterra.

## 2.2 Romances de autoria feminina

Sobre a escrita das mulheres, Virginia Woolf assinala que a investigação, por mais superficial que seja sobre o tema, suscita inúmeras perguntas:

Por que, por exemplo, não houve uma produção contínua de escrita feita por mulheres antes do século XVIII? Por que elas, nessa época, não escreveram quase tão habitualmente quanto os homens e no desenvolvimento dessa escrita criaram, um após outro, alguns dos clássicos da ficção inglesa? Por que então sua arte assumiu a forma de ficção e por que isso, até certo ponto, ainda prevalece?<sup>189</sup>

Para a autora, essas perguntas têm como resposta ainda mais ficção, visto que a resposta está guardada nos velhos diários que aquelas mulheres escreveram, guardados em velhas gavetas ou simplesmente apagada da memória. Pouco se sabe sobre essas mulheres, uma vez que a história, nesse caso a da Inglaterra, se preocupava com a história dos homens e não das mulheres. Assim, conhecemos as histórias dos homens, se foram soldados ou marinheiros, quais cargos ocuparam, se fizeram alguma lei. Sobre as mulheres sabemos muito pouco, apenas informações básicas, como seus nomes, datas de nascimento e, quando casaram, o número de filhos que tiveram.<sup>190</sup>

Desta forma, para Woolf, é extremamente difícil saber o que as mulheres fizeram em determinados momentos da história, por que as mulheres não escreveram nada ou pouco em um momento e em outro escreveram obras-primas. O que falta, assim, é um maior conhecimento sobre a mulher comum no passado, pois é dela que a mulher incomum depende,

apenas quando soubermos quais eram as condições de vida da mulher comum – o número de filhos que teve, se o dinheiro de que dispunha era seu, se tinha um quarto para ela, se contava com ajuda para criar a família, se tinha empregadas, se parte do trabalho doméstico era tarefa dela -, apenas quando pudermos avaliar o modo de vida

<sup>188</sup> SALZMAN, Paul (Ed.). *An anthology of...* Op. Cit., p. xxiv.

<sup>189</sup> WOOLF, V. Mulheres e ficção. In: *Mulheres e ficção*. São Paulo Penguin Classics Companhia das Letras, 2019. p. 9.

<sup>190</sup> Ibidem, p. 10.

e a experiência de vida tornados possíveis para a mulher comum é que poderemos explicar o sucesso ou o fracasso da mulher incomum como escritora.<sup>191</sup>

O século XVII se destaca por ser um período no qual é evidente o surgimento de mulheres escritoras, tanto em número como em importância. Foi uma época de transição que apresentou inovações particulares.<sup>192</sup> Essa descoberta, no entanto, é recente. Por muito tempo a prosa ficcional do século XVII foi analisada pelos estudiosos apenas como uma “série de ensaios mais ou menos bem-sucedidos para o romance do século XVIII” e que não produziu nenhuma obra prima reconhecida, assinala Salzman. Esta interpretação, no entanto, começou a mudar, em especial em relação às mulheres escritoras e particularmente aquelas que contribuíram para o desenvolvimento do romance. Por ser um gênero complexo e com muita variedade, deve-se ter cautela ao analisá-lo. O nome “romance” ou “prosa ficcional” não era utilizado pelos escritores da época, mas se desenvolveu entre os autores e as autoras, um processo de experimentação da narrativa.<sup>193</sup> O número de textos de prosa ficcional pode variar conforme a definição da categoria de cada estudo. Em uma estimativa aproximada feita por Salzman, cita o número de 600 obras de ficção em prosa publicadas na Inglaterra entre 1558 e 1700, incluindo nesse total traduções e coleções de histórias. Desse total aproximado, apenas 46 foram escritos por mulheres.<sup>194</sup>

Os textos em prosa escritos no século XVII apresentam grande riqueza e variedade. Por esse motivo, é necessário atentar para as mudanças que aconteceram na prosa ficcional e nas ideias que propagavam. Desta forma, analisar essas mudanças é mais do que observar como o estilo dessa escrita mudou ao longo dos anos. Além disso, devemos observar as mudanças políticas, religiosas, filosóficas e científicas do período, muitas das quais iniciadas pelos próprios textos em prosa.<sup>195</sup>

O ato de escrever para uma audiência pública, para mulheres que não tinham direitos, poderia ser interpretado como um ato de desafio, visto que era, sobretudo, uma afirmação de individualidade e autonomia. Escrever para as mulheres não era apenas um ato de criação, mas de existência, pelo qual conseguiam construir e criar uma visão de mundo sem interferência dos “mestres”. A maioria das mulheres que escreveu, tinha na escrita o meio para sustentar a si e suas famílias. Como o leque de opções de ocupações remuneradas para mulheres era muito

---

<sup>191</sup> Idem.

<sup>192</sup> SAUER, Op. Cit., p. 9.

<sup>193</sup> SALZMAN, Paul (Ed.). *An anthology of...* Op. Cit., p. ix-xi. [a series of more or less successful rehearsal for the eighteenth-century novel]

<sup>194</sup> SALZMAN, Paul. *Prose Fiction...* Op. Cit., p. 303.

<sup>195</sup> POOLEY, Roger. *English Prose of the Seventeenth Century 1590-1700*. Routledge, 2014. Introduction, p. 1.

restrito, trabalhar como escritora era uma das poucas opções disponíveis na qual podiam se aventurar. Desta forma, as mulheres se valeram de seu talento e qualidades criativas para conquistar uma voz própria capaz até de criar uma nova forma literária, o romance, forjando para si mesmas uma ocupação que era intelectualmente estimulante e que poderia, em vários casos, ser também lucrativa.<sup>196</sup>

Uma das razões para o sucesso das mulheres romancistas é que os livros que escreviam atendiam as necessidades do público feminino leitor, que era excluído de atividades sociais, políticas e econômicas e frequentemente isoladas em suas vidas pouco atraentes. Desta forma, os romances escritos por mulheres, em certa medida, criaram um lugar de educação feminina, sendo subversivos em seu próprio contexto, visto que quanto mais disponíveis, mais difícil era manter as mulheres silenciosas e conformadas. Esse é o motivo por que as mulheres escritoras desse período terem sido consideradas portadoras de uma tradição literária tão vital e importante, não só em seu próprio tempo, mas na atualidade, sendo consideradas “as mães do romance”.<sup>197</sup>

Os primeiros estudos importantes sobre o nascimento do romance como forma literária na Inglaterra apareceram na década de 1950, como assinalam Backscheider e Richetti, com os livros *The Early Masters of English Fiction*, de A.D. McKillop (1956) e *A Ascensão do Romance*, de Ian Watt (1957), livros que se tornaram referências sobre o assunto. Apesar desses dois livros serem estudos que revigoraram o conhecimento sobre o romance britânico, hoje são criticados, visto que se concentraram exclusivamente na autoria masculina. Ao longo das últimas décadas inúmeros foram os trabalhos que ampliaram a história do surgimento do romance na Inglaterra, recuperando e avaliando uma série de trabalhos em prosa escritos por mulheres, onde se descobriu, na realidade, que as mulheres dominaram a produção do gênero durante o século XVIII. Assim, nenhuma discussão sobre a “ascensão” do romance britânico pode ignorar as mulheres escritoras, uma vez que são consideradas parte importante dessa história.<sup>198</sup>

Ainda que na atualidade o romance seja uma forma literária dominante, a teoria e a crítica sobre a prosa ficcional demoraram a se desenvolver na Inglaterra. O que compreendemos como “romance” hoje deve muito à maneira pela qual o gênero se desenvolveu, ainda que no período os escritores não tivessem a noção de que estavam escrevendo romances.<sup>199</sup> Um dos

---

<sup>196</sup> SPENDER, Dale. *Mothers of the novel...* Op. Cit., p. 3-5.

<sup>197</sup> Ibidem, p. 5 e 6.

<sup>198</sup> RICHETTI, John J. et al. *Popular Fiction by Women: 1660-1730: An Anthology*. Oxford: Clarendon Press, 1996. p. ix.

<sup>199</sup> SCHONEVELD, Op. Cit., p. 1.

motivos que fizeram o romance se tornar o maior gênero literário se deve à maneira como trataram as relações nas histórias contadas. O romance, com sua preocupação em narrar relações amorosas e aventuras, era um dos poucos gêneros nos quais as mulheres eram representadas em obras escritas por homens. Muitas mulheres, dessa forma, quando começaram a escrever encontraram no gênero um lugar de pertencimento.<sup>200</sup>

Desde o seu surgimento o romance foi um gênero literário muito popular, tendo um papel muito importante no imaginário social. Escritos em vernáculo e com enredos mais próximos das experiências dos leitores, diferentes dos épicos, a escrita dos romances trouxe às mulheres, principalmente, a oportunidade de uma ocupação respeitável ou adequada, que poderia ser praticada na privacidade de suas casas e que, de alguma forma, poderia aproximar homens e mulheres. Acessível para todo tipo de mulher instruída (solteiras, casadas, viúvas, divorciadas), essa nova forma de escrita permitiu às mulheres a possibilidade de aplicar suas habilidades criativas e também utilizar nas histórias suas próprias experiências, surgindo um número sem precedentes de mulheres escritoras talentosas, criando, assim, uma consciência de tradição feminina.<sup>201</sup>

No entanto, a escrita não foi uma prática fácil para as mulheres. Ainda que representasse um elemento de liberdade, escrever colocava as mulheres em constante dificuldade. Um obstáculo considerável era o fato de que escrever implicava publicação e visibilidade. Apesar dos trabalhos que ficaram escondidos e secretos, as mulheres passavam por dificuldades diferentes dos homens quando procuravam publicar seus livros.<sup>202</sup> Ser colocada em uma posição de destaque não era comum para as mulheres, que tinham no casamento a única referência social respeitável. Escrever com o intuito de publicar ameaçava uma virtude esperada nas mulheres, a modéstia.<sup>203</sup>

Escrever, ler e pensar eram atividades consideradas masculinas, logo, a figura do autor estava relacionada à do criador, com as ressonâncias da autoridade, originariamente associada à divindade e à figura paterna, ou seja, como atributo do poder patriarcal. Do ponto de vista mais convencional, a mulher que escrevia estava em desacordo com sua natureza, precisando se desvencilhar da imagem de “anjo”, mas também da imagem do “monstro”, ambas construídas pelos autores masculinos ao longo do tempo. A mulher apropriada, modesta, pura,

---

<sup>200</sup> Hobby, Op. Cit., p. 88.

<sup>201</sup> MOTHERSOLE, B. *Female philanthropy and women novelists of 1840-1870*. Thesis submitted for the degree Doctor of Philosophy. Brunel University, 1989. Chapter 3 “The novel and the woman writer –a tradition on her own?” p. 236.

<sup>202</sup> DUBY, G & PERROT, M. *História das Mulheres. O século XIX*. V. 4. Porto, Afrontamento, 1995. p. 490-492.

<sup>203</sup> POOVEY, M. *The Proper Lady and the Woman Writer: ideology as style in the works of Mary Wollstonecraft, Mary Shelley and Jane Austen*. Chicago: University of Chicago Press, 1984. p. 35-36.

casta, obediente, frágil e bela correspondia à figura do “anjo”. Por outro lado, a agressividade e a desobediência eram características “monstruosas” que deveriam ser repelidas por serem ameaçadoras à natureza e à ordem social e de gênero. Ser uma escritora numa sociedade dominada pelos homens e que reduzia a mulher ao estereótipo binário de anjo ou monstro, significava lutar contra as ideias pré-estabelecidas sobre elas e redefinir seu papel na sociedade.<sup>204</sup>

O romance foi o gênero literário dominante na tradição feminina da ficção. As mulheres, desde seus primeiros escritos literários seculares do século XII, usaram seus escritos para fazer críticas às formações ideológicas que objetivavam as mulheres em papéis estereotipados ou que as transformavam em simples objetos de troca patriarcal, como por exemplo nos casamentos arranjados. O ponto de vista crítico era a percepção de que por serem mulheres eram tratadas como seres inferiores, fazendo com que elas resistissem e protestassem contra esse tratamento.<sup>205</sup>

Uma questão importante a ser assinalada é como esses textos foram recebidos e criticados. Em geral, os trabalhos de autoria feminina eram considerados inferiores aos trabalhos escritos pelos homens. Como pontua Spender, não era a escrita das mulheres que era responsável pelas más classificações dadas aos seus livros, mas sim o gênero de quem os escrevia, nesse caso, as mulheres. Assim, os escritos das mulheres não eram considerados indignos, mas desqualificados pelos escritores por não ser uma escrita digna de inclusão no cânone. Por serem responsáveis pela atribuição de valor à literatura, os homens consideravam suas contribuições textuais mais importantes e superiores aos das mulheres.<sup>206</sup>

Outra questão a ser assinalada é a expansão da cultura impressa que aconteceu na Inglaterra do século XVII, o que fez com que o mercado literário crescesse e fosse atraente para um número maior de escritores de ambos os sexos. Este aumento foi naturalmente maior entre as escritoras, que eram mais visíveis do que foram no século XVI, e passaram a ter seus escritos levados mais em consideração e a fazer sucesso. Embora a literatura fosse ainda vista pela maioria como um dom naturalmente masculino, as mulheres passaram a se incorporar a este ofício da escrita ficcional.<sup>207</sup>

---

<sup>204</sup> GUBAR, S; GILBERT, S. *The Madwoman in the Attic: the woman writer and the nineteenth century literary imagination*. New Haven: Yale University Press, 2000. p. 6-29, 44-51.

<sup>205</sup> DONOVAN, J. *Women and the Rise of the Novel, 1405-1726*. Springer, 2016. p. ix, xi-x.

<sup>206</sup> SPENDER, Dale. *The writing or the sex? or, Why you don't have to read women's writing to know it's no good*. 1989. p. 1.

<sup>207</sup> SPENCER, J. *Aphra Behn's afterlife*. OUP Oxford, 2000. p. 1-2.

Aphra Behn foi uma delas e atendia às demandas do novo mercado literário. Como a mais proeminente escritora do período da Restauração, ela teve um papel importante e significativo para as outras gerações de escritoras que a sucederam. Além do sucesso que teve em vida, com uma obra extensa e diversificada, Behn exerceu forte influência nas escritoras que vieram depois dela.<sup>208</sup> No entanto, o sucesso profissional de Aphra Behn foi um dos motivos para a tentativa de desqualificação de sua escrita nos anos subsequentes. A própria escritora tinha noção da diferença entre o sucesso comercial e o literário.

Durante o longo período de 1660 a 1800 o campo literário na Inglaterra estava em processo de desenvolvimento. Com o crescimento do mercado literário, se desenvolveu a prática de hierarquizar as obras de prestígio literário e o que era um mero sucesso comercial passageiro, entretenimento somente. O mercado literário para as mulheres nos séculos XVII e XVIII não era fechado, escassos foram as honras, o prestígio e as nomeações nos espaços institucionais e oficiais como as Academias. A criação do campo literário trouxe um novo tipo de hierarquização, no qual o sucesso comercial era desvalorizado e o reconhecimento oficial era algo bastante valorizado. O padrão típico de recepção em torno das mulheres escritoras era uma aceitação inicial seguida do rebaixamento e do esquecimento.<sup>209</sup>

Contudo, com base na articulação de sua própria voz crítica e da particularização das circunstâncias, foi possível às mulheres participar intensamente na formação desse gênero literário. Resistiram às desqualificações, ajudaram a romper com os discursos limitadores sobre a feminilidade que então predominavam, sustentados numa longa tradição filosófica, religiosa e científica, e ajudaram a estabelecer um contraponto narrativo que foi essencial para o surgimento do romance.<sup>210</sup>

Quando estudamos os romances escritos por mulheres na Inglaterra invariavelmente a figura de Aphra Behn aparece como precursora, como a escritora que permitiu que outras tantas mulheres pudessem não só escrever, mas também fazer da escrita seu ofício e, para algumas, a principal forma de subsistência. É tentador fazer uma lista definitiva das primeiras mulheres que escreveram ficção da Inglaterra, mas isso não seria algo adequado. Apesar de Aphra Behn ser considerada a primeira mulher escritora profissional inglesa, em 1621, dezenove anos antes do nascimento de Behn, Mary Wroth (1587-1651)<sup>211</sup> publicava *Urania* (ou *The Countess of*

---

<sup>208</sup> Ibidem, p. 2.

<sup>209</sup> Ibidem, p. 5, 8-10.

<sup>210</sup> DONOVAN, Op. Cit., p.12.

<sup>211</sup> Pertencente à uma família literária distinta da Era Elisabetana, foi dama de companhia da Rainha Anne e bem conhecida nos círculos literários. Casa-se em 1604 com Robert Wroth, vivendo um casamento infeliz e sobrecarregado em dívidas até 1614, quando Robert morre. Tem dois filhos frutos de um relacionamento com seu

*Montgomery's Urania*), livro hoje considerado o primeiro romance publicado por uma mulher na Inglaterra.<sup>212</sup>

Não entraremos na discussão de quem foi a primeira mulher a escrever ou a se profissionalizar na escrita de romances na Inglaterra, visto que, como já comentamos, a



Figura 11: Retrato de Mary Wroth, de 1607. (FONTE: THE GUARDIAN)

delimitação do que era um texto ficcional ou romance não era precisa no período e ainda hoje existe uma variedade de opiniões sobre o assunto entre os pesquisadores do tema. A ênfase crítica em Aphra Behn tanto como primeira escritora profissional, como a representante das outras mulheres do período, é útil no sentido de que pode nos ajudar a dar um caminho para estudar a obra produzida por ela, mas também é problemático, pois pode obscurecer “as influências específicas sobre ela, especialmente a maneira como seus textos apareciam em gêneros comerciais e, portanto, estavam ligados às ideologias dominantes representadas nesses gêneros”, como pontua Wiseman.<sup>213</sup>

A maioria dos biógrafos de Behn se concentra no fato dela ter sido a primeira mulher a ganhar a vida escrevendo profissionalmente na Inglaterra, de modo que a autora é citada e lembrada por todos como a primeira escritora profissional inglesa. Essa caracterização, no entanto, passa ao largo de questões importantes, como as contradições que existem no termo “escritor profissional” e a autenticidade do termo “mulher escritora”. As categorias “amador”

---

primo William Herbert, fato que afeta sua posição na corte e faz com que viva os últimos 20 anos de sua vida afastada em uma propriedade rural e passando por dificuldades financeiras. (SAGE, Op. Cit., p. 682).

<sup>212</sup> SPENDER, Dale. *Mothers of the novel...* Op. Cit., p. 11.

<sup>213</sup> WISEMAN, Sue J. *Aphra Behn*. Liverpool University Press, 1996. p. 5-6. [the specific influences upon her, especially the way in which her texts appeared in commercial genres and were therefore linked to the dominant ideologies represented in those genres]

e “profissional” se misturavam nesse período e a palavra profissional não era entendida da forma como concebemos hoje, desta forma, devemos ser cautelosos ao usarmos essas definições. Assim, ao invés de analisarmos Aphra Behn a partir do status da figura icônica da primeira mulher escritora profissional, podemos abordar questões importantes levantadas pelos textos que a autora produziu, tais como as questões de gênero, estilo da escrita, política, entre outros elementos.<sup>214</sup>

Desta forma, ainda que elementos da biografia de Behn sejam importantes para nossa pesquisa, não utilizaremos apenas os fatos de sua vida para explicar todo e qualquer texto escrito pela autora, pois como assinala Wiseman, “explicar um texto com detalhes de uma vida de qualquer maneira literal é explicar a ficção pelo mito”.<sup>215</sup> Assim, o importante é, pela trajetória de vida de Aphra Behn, tratar de uma tradição literária que reverbera até os dias atuais e que está em constante desenvolvimento, e não apenas pontuar os feitos extraordinários e peculiares da vida da autora que são mais conhecidos.

### 2.3 Aphra Behn, uma escritora de seu tempo

Quem foi Aphra Behn? Essa não é uma pergunta para a qual obteremos respostas definitivas. Apesar de ter produzido uma vasta quantidade de escritos, em um período em que poucas mulheres escreveram com o intuito de publicação, e mais informações sempre estejam surgindo, sabemos apenas a respeito de sua carreira de escritora e do breve período que trabalhou como espiã.<sup>216</sup> Isso, no entanto, não nos impede de adentrar com confiança em sua trajetória de vida e de produção escrita.

Entre especulações e fatos, o que se sabe é que Aphra Behn cresceu durante o período da Guerra Civil Inglesa e era uma



Figura 12: Retrato de Aphra Behn, atribuído à Mary Beale. (FONTE: GOREAU, 1980)

<sup>214</sup> Ibidem, p. 6.

<sup>215</sup> Idem. [To explain a text by details from a life in any literal way is to explain fiction by myth]

<sup>216</sup> WISEMAN, Op. Cit., p. 4.

jovem de aproximadamente vinte anos quando o Rei Carlos II foi coroado em 1660. Quase nada se sabe sobre sua infância e adolescência, mas estima-se que ela vinha de uma família de pequena *gentry*. Em 1663 pode ter ido para o Suriname, lugar que forneceu à autora material e inspiração para o seu mais famoso e influente romance, *Oroonoko* (1688). Não se sabe se Behn foi para a colônia para acompanhar o pai que tinha sido favorecido com um cargo comercial, ou se foi já com a incumbência de espionar em favor do Estado monárquico. Ela ficou no Suriname por volta de seis meses. Em algum momento entre 1664 e 1666 pode ter se casado com um homem chamado Johan Behn, mas não há nenhum documento oficial. O senhor Behn, no entanto, não viveu muito, deixando a mulher viúva e sem dinheiro.<sup>217</sup> Quando retornou do Suriname foi enviada para a Antuérpia, onde usava o codinome Astrea (ou agente 160), atuando como espiã da monarquia. A Inglaterra, devido à concorrência do expansionismo mercantil, havia declarado guerra à Holanda em 1665 e enviava espiões para diversas partes da Europa para que descobrissem os planos e movimentos dos holandeses e não fossem pegos desprevenidos.<sup>218</sup> De volta à Inglaterra Behn foi presa por um breve período por dívidas<sup>219</sup> e depois, precisando de uma forma de sustento, começou a ganhar a vida como escritora profissional. Aproveitando a retomada da popularidade dos teatros escreveu peças teatrais que fizeram dela uma das mais bem sucedidas dramaturgas do período da Restauração. Muitas de suas peças teatrais e poemas foram produzidos em apoio à causa dos Stuart.<sup>220</sup>

Inúmeras são as questões na vida de Aphra Behn que permanecem sem resposta, como assinala Wiseman: “Ela gostava de mulheres tanto quanto de homens? Ela se casou? Ela foi para o Suriname? Ela era católica?”. Como sabemos tão pouco sobre sua vida pessoal, acabamos, muitas vezes de forma equivocada, considerando como verdadeiros os fatos

<sup>217</sup> Especula-se também que Aphra Behn pode nunca realmente ter se casado e tenha passado a usar o sobrenome Behn e ter se autointitulado viúva como forma de proteção, já que nessa época uma mulher viúva era mais respeitada que uma mulher solteira.

<sup>218</sup> A espionagem nesse período era algo comum, tanto na corte inglesa, como na francesa. Ainda que oficialmente mantivessem vínculos amistosos, as cortes em geral se espionavam, utilizando diversos artifícios e valendo-se da ajuda das favoritas do Rei nessas atividades secretas. Desta forma, Aphra Behn embarcou para a Antuérpia no final de julho de 1666. Sua primeira missão foi entrar em contato com William Scott, um provável amante dos tempos que estava no Suriname e a quem não via desde então, que se encontrava refugiado no país e a quem deveria transmitir uma mensagem que lhe oferecia o perdão do Rei se ele passasse a informar os planos e movimentos das tropas holandesas. Daí em diante Behn continuou a enviar informações à Inglaterra, porém os fundos prometidos para que ela se mantivesse no país não foram enviados. Behn ficou sem dinheiro e precisou, por meio de cartas, suplicar que lhe enviassem mais dinheiro, o que nunca aconteceu. Desesperada, se viu obrigada a negociar um crédito de 150 libras para pagar suas dívidas e conseguir retornar à Inglaterra, viagem que fez em janeiro de 1667. Desembarcou na Inglaterra sem dinheiro, endividada e sem o reconhecimento pelos serviços prestados à corte. (LAÍNEZ, F. Aphra Behn. Uma feminista no grande teatro do mundo. In: *Escritores e espiões: a vida secreta dos grandes nomes da literatura mundial*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005. p. 180-187).

<sup>219</sup> Ao retornar à Inglaterra, Aphra Behn não consegue juntar as 150 libras que havia emprestado e desta forma é presa. Na prisão envia outra carta ao Rei pedindo o valor necessário para pagar a dívida e dessa vez seu pedido foi atendido e deixa a prisão. (Ibidem, p. 189).

<sup>220</sup> DUFFY, Op. Cit., p. 24; LAÍNEZ, Op. Cit., p. 177-179.

descritos pela autora em seus textos. Isso faz da vida de Aphra Behn matéria de intensa especulação biográfica. Assim, apesar da falta de informação sobre a autora, a maioria dos trabalhos acadêmicos sobre Behn são profusamente biográficos, levando seus escritos como evidência de seu caráter e de sua vida.<sup>221</sup>

Com exceção dos sermões, Aphra Behn escreveu todos os tipos de gêneros narrativos. Suas obras são típicas de seu tempo, mas apresentam certo grau de complexidade, abertas à ironia e ambiguidade. Aphra Behn merece a fama que tem devido sua importância cultural e por ter escrito muitos trabalhos competentes e enérgicos, como a peça teatral *The Rover* (1677) e os romances *Love-Letters* (1684-87) e *The Fair Jilt* (1688).<sup>222</sup> Behn não só escreveu diversos gêneros narrativos, como também possui uma vasta quantidade de material escrito. No entanto, somente nas últimas décadas sua escrita, além de sua vida pessoal, tem chamado a atenção dos críticos, tendo sido objeto de estudos históricos e feministas, além de biografias que também fazem análises de seus textos literários.



Figura 13: Retrato de Aphra Behn, por John Riley (FONTE: GOREAU, 1980)

A produção literária de Behn sempre esteve ligada aos gêneros literários comerciais do período, as instituições que publicavam seus textos e ao que era lido pelas pessoas. Desta forma, a obra de Behn não apresenta ideias centrais. Em geral, seus textos estão ligados a circunstâncias específicas de sua vida ou acontecimentos políticos. Como assinala Wiseman, ao procurarmos por questões que dominam os escritos de Behn devemos levar em conta “como as contingências momentâneas afetaram a redação desses textos e das formas narrativas fornecidas pelos diferentes gêneros”. De forma geral, os textos de Aphra Behn exploram os desejos, sejam eles políticos, sociais ou econômicos, sempre retornando a questões políticas e fazendo constantemente críticas à política sexual, nacional e colonial do período.<sup>223</sup>

O primeiro trabalho de Behn para o teatro foi *The Forc'd Marriage* (1670), seguido de *The Amorous Prince* (1671) e *The Dutch Lover* (1673), seu primeiro fracasso. Afastada três

<sup>221</sup> WISEMAN, Op. Cit., p. 5. [Did she love women as well as men? Did she marry? Did she go to Surinam? Was she a Roman Catholic?]

<sup>222</sup> TODD, Op. Cit., p. xxviii-xxx.

<sup>223</sup> WISEMAN, Op. Cit., p. 1-3. [of the way momentary contingencies affected the writing of these texts, and of the narrative shapes provided by different genres]

anos dos palcos retornou com sua única tragédia, *Abdelazer* (1676), seguida de *The Town-Fopp* (1676). Seu maior sucesso veio no ano de 1677 com *The Rover*, quando a autora assegurou sua reputação no teatro. Seus demais trabalhos na dramaturgia foram: *Sir Patient Fancy* (1678), *The Feigned Courtesans* (1679), *The Young King* (1679), *The Rover Part 2* (1681), *The False Count* (1681), *The Roundheads* (1681), *The City Heiress* (1682), *Like Father, Like Son* (1682), *Prologue and Epilogue to Romulus and Hersilia, or The Sabine War* (1682), *The Lucky Chance, or an Alderman's Bargain* (1686) e *The Emperor of the Moon* (1687). Em seus últimos anos de vida a autora se ocupou predominantemente com a prosa e poesia, escrevendo apenas quatro peças, duas delas encenadas postumamente.<sup>224</sup> Behn teve mais peças produzidas durante o período da Restauração que qualquer outro escritor, exceto John Dryden.

A necessidade de escrever textos em prosa ficcional não foi um mero capricho criativo para a autora, mas uma necessidade financeira. Sem escrever e publicar, Behn não tinha como se manter. Quando os palcos deixaram de ser um lugar lucrativo, publicar histórias dramáticas em forma de prosa foi a solução encontrada. Essa, no entanto, não foi uma mudança radical para a autora, uma vez que era comum a prática de publicar as peças teatrais para alcançar o público que não podia frequentar os teatros. Desta forma, Aphra Behn estava acostumada a apresentar suas histórias de forma impressa ao público, que já tinha uma certa familiaridade com a autora a partir de suas peças teatrais que haviam sido publicadas.<sup>225</sup>

Na prosa, com exceção de *Oroonoko*, Aphra Behn não mereceu senão uma pequena atenção por parte da crítica. Entre contos, novelas e romances, há catorze trabalhos atribuídos a autora: *Oroonoko* (1688), *The Fair Jilt: or, the History of Prince Tarquin and Miranda* (1688); *Agnes de Castro: or, the Force of Generous Love* (1688);<sup>226</sup> *The Lucky Mistake* (1689); *The History of the Nun: or, the Fair Vow-Breaker* (1689); *Love-Letters Between a Nobleman and his Sister* (1684-1687); *Memoirs of the Court of the King of Bantam* (1698); *The Nun: or, the Perjur'd Beauty* (1698); *The Adventure of the Black Lady* (1698); *The Unfortunate Bride: or, the Blind Lady a Beauty* (1700); *The Dumb Virgin: or, the Force of Imagination* (1700); *The Unfortunate Happy Lady* (1700); *The Wandring Beauty* (1700); *The Unhappy Mistake: or, the Impious Vow Punish'd* (1700).

<sup>224</sup> O'DONNELL, M.A. Aphra Behn: the documentary record. In: *The Cambridge Companion to Aphra Behn*. Cambridge University Press, 2004. P. 5-6.

<sup>225</sup> SPENDER, Dale. *Mothers of the novel*, Op. Cit., p. 48.

<sup>226</sup> Agnes de Castro foi na verdade tradução de uma novela francesa de Mlle de Brillac que foi publicada no mesmo ano. Ainda assim essa obra é comumente contabilizada entre as obras ficcionais de Aphra Behn. (DORREGO, J. F. "Seventeenth-century prose fiction by English women writers: primary sources and recent studies (1977-97)." *Revista Alicantina de Estudios Ingleses*, 12 (1999): 205-218. p. 212).

A ficção de Behn apresenta todas as características do gênero romance, como pontua Pearson: “contemporaneidade; credibilidade e probabilidade; familiaridade; rejeição a temas tradicionais; linguagem livre da tradição; individualismo; subjetividade; empatia e vicariedade; coerência e unidade de estilo; inclusão, digressão, fragmentação; autoconsciência sobre inovação e novidade”. Ainda assim, a crítica em relação ao trabalho ficcional de Behn é escassa. Isso acontece por alguns motivos. Seus trabalhos, em especial os publicados postumamente, levantam questões difíceis e, por serem curtos, são de difícil discussão; Aphra Behn traduzia e adaptava trabalhos de outros autores, o que não era visto com bons olhos; e a autoria de seus trabalhos póstumos é constantemente questionada, pois são bem diferentes dos publicados em vida pela autora.<sup>227</sup>

A ficção que Aphra Behn escreveu tem as mulheres como personagens principais, à exceção de *Oroonoko*. Essas personagens encontram-se geralmente sob fortes dilemas morais que as testam ao limite. Além do mais, as narrativas da autora parecem em determinados pontos aceitar e em outros criticar as desigualdades entre homens e mulheres. Behn é direta e específica em relação à situação financeira de suas personagens, desvalorizando afirmações românticas e sentimentais em favor da realidade financeira e das condições materiais de existência. Suas histórias são fundadas em um misto de ambição por uma condição econômica favorável e confortável e o desejo sexual. De forma geral, a ficção de Aphra Behn explora temas relacionados à política, ao desejo sexual, às relações de gênero por meio de diversas metáforas, ao colonialismo, incluídos dentro de uma série de quadros narrativos que se alternam entre o lirismo e a ironia, e entre afirmações idealistas e o questionamento crítico.<sup>228</sup>

Aphra Behn alega em muitos de seus textos que suas histórias são baseadas em fatos e experiências reais, situação muito comum entre autores de sua época. Fatos e ficção não eram fáceis de distinguir nesse período e, desta forma, tudo pode ter sido ficção ou fatos reais na obra de Behn, ou simplesmente sua obra é uma combinação entre ficção e realidade. Assim, é um equívoco buscar consistência na obra de Behn, visto que, como leitores contemporâneos “encontramos divisões entre o desejo e a hierarquia, entre as mulheres e a monarquia dominante, e entre o hedonismo e a lealdade, quando ela e a época não faziam estas distinções”,

---

<sup>227</sup> PEARSON, J. The short fiction (excluding *Oroonoko*). In: *The Cambridge Companion to Aphra Behn*. Cambridge University Press, 2004. p. 188-189. [contemporaneity; credibility and probability; familiarity; rejection of traditional plots; tradition-free language; individualism, subjectivity; empathy and vicariousness; coherence and unity of design; inclusivity, digressiveness, fragmentation; self-consciousness about innovation and novelty]

<sup>228</sup> Ibidem, p. 193-194, 201.

como assinala Todd. Sem dúvida, ao lermos hoje Aphra Behn, perdemos o significado de muitas referências e alusões compreensíveis para seus leitores e espectadores.<sup>229</sup>

Em seu tempo Aphra Behn obteve uma conceituada reputação de escritora profissional. Após sua morte ela passou a atrair críticas depreciativas e negativas. Foi somente a partir do século XX, quando um modelo muito restritivo de feminilidade passou a ser discutido histórica e criticamente, é que a qualidade e a singularidade da escrita de Behn foi reconhecida. Ela foi a primeira mulher escritora profissional da Inglaterra, e também a única dramaturga do final do século XVII.<sup>230</sup>

No que se refere à recepção literária, a construção e o uso da reputação são uma questão importante para os historiadores e críticos feministas e para esta pesquisa, visto que argumentos pessoais e sexuais estiveram quase sempre misturados à escrita das mulheres. No caso de Behn, que escreveu sobre a liberdade sexual em um período relativamente mais flexível do ponto de vista moral, que foi a Restauração, essa questão foi muito relevante, uma vez que ser uma escritora respeitável, em especial depois, no século XVIII, requeria qualidades morais que os detratores de Behn afirmavam estar ausentes. No entanto, muitas mulheres imitaram seu estilo, ainda que não admitissem. Aphra Behn, assim, foi uma força influente na literatura do século XVIII em diversos aspectos, como no desenvolvimento das comédias teatrais, na tradição sentimental e até mesmo no discurso contra a escravidão.<sup>231</sup>

Apesar das tentativas em relegá-la ao esquecimento e à desimportância no cânone literário, bem como em desqualificar sua reputação pessoal, tendo sido acusada de plágio e de não ser uma escritora inteligente, suas obras na atualidade são amplamente reeditadas, lidas e comentadas, assim como suas peças ainda são encenadas, hoje mais do que em outras épocas, exceto durante o período de sua vida. Aphra Behn escrevia sobre temas pouco usuais para mulheres e que muito a interessavam: política, desejo sexual, poder, sendo sua maior ambição falar diretamente com o seu público de forma poderosa e com vigor, características que conseguimos observar e admirar até hoje.<sup>232</sup>

O que conhecemos sobre a vida de Aphra Behn é pouco, mas é o suficiente para ficarmos encantadas com a possibilidade de análise de dois de seus romances a partir de sua trajetória de vida. Desde o primeiro momento que nos aproximamos de sua vida e da história do período em que viveu, podemos perceber como Behn foi uma mulher de seu tempo, estritamente falando.

---

<sup>229</sup> TODD, Op. Cit., p. xv. [we find splits between desire and hierarchy, between women and dominating monarchy, and between hedonism and loyalty where she and her age found no necessary distinctions]

<sup>230</sup> Ibidem, p. xxiii-xxv.

<sup>231</sup> SPENCER, Op. Cit., p. 12-13, 15.

<sup>232</sup> O'DONNELL, Op. Cit., p. 9-10.

Viveu, ao longo de sua vida, o impacto das mudanças políticas e sociais da Inglaterra do século XVII e isso pode ser observado não só em sua vida pessoal, mas também em seus escritos, que várias vezes fazem referência aos acontecimentos do período.

A escolha pela análise dos romances *Oroonoko* e *Love-Letters between a Nobleman and his Sister* se deve ao fato de não apenas serem os dois romances mais relevantes da autora, como também suas histórias apresentam relações entre a vida da autora e acontecimentos importantes que ela testemunhou ou viveu. *Oroonoko* será analisado porque a história parece ter sido inspirada em fatos reais, ou seja, interessa-nos a relação entre a realidade e ficção ou entre a memória e a escrita literária. Entre os críticos existe uma divisão de opiniões em relação à viagem da autora ao Suriname. Há os que acreditam que a autora nunca fez essa viagem e que copiou detalhes de sua narrativa de livros de viagem da época. Há também os que acreditam na possibilidade de Behn ter viajado à colônia inglesa e até mesmo ter conhecido um escravo que serviu de inspiração para construir o protagonista Oroonoko. O que sabemos de fato é que não há evidências concretas que comprovem ou contradigam o que a autora alega ter vivido.

*Love-Letters between a Nobleman and his Sister* é um *roman à clef*<sup>233</sup> que faz referência a dois acontecimentos históricos: a fuga de Lorde Ford Grey com sua cunhada Henrietta Berkeley e o complô de um grupo de protestantes Whigs, do qual participava Ford Grey, para assassinar Carlos II e seu irmão e provável sucessor, Jaime Stuart. Grey foi preso, mas conseguiu escapar do país com Henrietta.<sup>234</sup> Aphra Behn muda o cenário de sua narrativa da Inglaterra para a França e o nome de seus personagens principais para Sylvia e Philander. Publicado de forma anônima e em três partes,<sup>235</sup> sendo a primeira inteiramente epistolar<sup>236</sup> e as outras duas partes uma miscelânea de cartas e de narrativa, tornou-se um romance muito popular na primeira metade do século XVIII, alcançando mais de dez edições até 1740, sendo ignorado no período vitoriano devido à dubiedade moral, não tendo nenhuma edição até 1987.<sup>237</sup>

Para Gardiner, apesar do romance introduzir inovações importantes, ele tem muitas características que frustraram os leitores acadêmicos contribuindo para que não seja considerado exemplar da grande literatura: “é popular, sentimental, retórico, explicitamente

<sup>233</sup> É um romance no qual a narrativa aborda pessoas reais por meio de personagens fictícios.

<sup>234</sup> BALLASTER, R. ‘The Story of the heart’: *Love-Letters between a Nobleman and his Sister*. In: *The Cambridge Companion to Aphra Behn*. Cambridge University Press, 2004. p. 138.

<sup>235</sup> Em decorrência do anonimato até hoje se suspeita que o romance não foi escrito por Aphra Behn.

<sup>236</sup> A primeira parte de *Love-Letters* é a primeira ficção inglesa escrita inteiramente de forma epistolar. (GARDINER, J.K. “The First English Novel: Aphra Behn's Love Letters, the Canon, and Women's Tastes. In: *Tulsa Studies in Women's Literature*, 8.2 (1989): 201-222. p. 203).

<sup>237</sup> DORREGO, Op. Cit., p. 212.

sexual e aparentemente imoral”.<sup>238</sup> Acreditamos, no entanto, que uma das grandes dificuldades do romance, tanto entre os acadêmicos como entre o público geral, é a dificuldade de assimilar uma história que traz uma grande quantidade de acontecimentos e referências com os quais não estamos familiarizados. Isso faz com que o livro, em especial para os leitores brasileiros contemporâneos, que além de não dispor de uma cópia traduzida do romance, não têm familiaridade histórica com as referências utilizadas por Aphra Behn, tornando a leitura do texto de difícil compreensão, em especial o último volume.

Os escritos de Aphra Behn revelam como a autora esteve atenta não apenas aos acontecimentos políticos de sua época, como também às demandas do mercado livreiro e o valor comercial de um texto. Desta forma, os escritos de Behn requerem quadros de referências muito distintos. Behn foi uma escritora extremamente adaptável, visto que escreveu a maioria dos gêneros literários, estando sempre disposta a responder aos desafios da produção comercial de textos.<sup>239</sup> Desta forma, a análise desses dois romances permitirá não apenas o aprofundamento sobre a escrita da autora, como também um quadro dos acontecimentos importantes vividos por Behn e pela Inglaterra no período da Restauração monárquica.

---

<sup>238</sup> GARDINER, Op. Cit., p. 203-204.

<sup>239</sup> WISEMAN, Op. Cit., p. 101.

### CAPÍTULO 3: UM ROMANCE ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE

“I hope the reputation of my pen is considerable enough to make his glorious name to survive to all ages”.<sup>240</sup>

“Come, my fellow slaves, let us descent, and see if we can meet with more Honour and Honesty in the next World we shall touch upon”.<sup>241</sup>

*Oroonoko* conta a história de um príncipe africano, Oroonoko, capturado e enviado para a colônia inglesa do Suriname como escravo. Também é a história de amor do príncipe e de sua amada e bela Imoinda que, ao desafiarem o Rei, são separados, mas pelo destino se reencontram na colônia inglesa, escravizados. Em busca da liberdade, Oroonoko, então batizado com o nome cristão de César, inicia uma rebelião escrava. Fracassada a rebelião faz um pacto suicida com Imoinda, agora com o nome cristão Clemene, que está grávida, para que assim não fossem capturados e sofressem represálias. Oroonoko mata Imoinda e o filho, mas se acovarda na hora de tirar a própria vida. É capturado, supliciado e condenado à pena de morte pelo governador da colônia.

Narrado em primeira pessoa pela própria autora, Aphra Behn alega ter conhecido e até mesmo ter sido amiga do personagem Oroonoko. O espaço narrativo se divide em dois continentes: a primeira parte tem o enredo na África Ocidental, quando conhecemos o protagonista e suas qualidades. Segundo a autora, as informações lhe foram narradas pelo próprio Oroonoko, dando a impressão de que não se trata de uma ficção. A segunda parte se dá no Suriname, e a narrativa se constrói com as informações colhidas das experiências “reais” da autora, novamente borrando as fronteiras entre ficção e história. Ademais o romance é desenvolvido como uma narrativa contínua, sem prefácio ou capítulos, mesclando detalhes “autobiográficos” da escritora com a história do protagonista Oroonoko.

A partir deste breve resumo do romance estabelecemos como objetivo do capítulo analisar o livro mais conhecido de Aphra Behn, que apesar de uma narrativa relativamente curta,<sup>242</sup> traz aos leitores uma trama tecida com diversos elementos presentes na realidade social e histórica. O capítulo está dividido em três partes, procurando problematizar estes elementos:

<sup>240</sup> BEHN, A. *Oroonoko and Other Writings*. London: Oxford University Press, 1994. p. 73.

<sup>241</sup> Ibidem, p. 37-38.

<sup>242</sup> A edição brasileira traz apresentação e uma breve cronologia da autora, com 124 páginas. A edição em inglês que utilizamos tem 74 páginas.

num primeiro momento vamos apresentar as informações sobre o romance, como o processo de lançamento, a recepção, as edições, e a construção da narrativa. Em seguida analisaremos o texto de Aphra Behn, e por último discutiremos algumas perspectivas de análises do romance, tendo como base a bibliografia especializada.

### 3.1 História de um romance

Publicado pela primeira vez em 1688, um ano antes da morte de Aphra Behn, *Oroonoko* é um romance com texto controverso, sendo avaliado de diversas maneiras pelos estudiosos de diferentes áreas, como nos estudos sobre a literatura da Restauração monárquica, a literatura do século XVII, a escrita de autoria feminina, o surgimento do romance na Inglaterra, e até mesmo em estudos a respeito de escritores renascentistas, sobre a literatura pós-colonial, literatura americana, teatro, escravidão e autobiografia.<sup>243</sup>

Aphra Behn não testemunhou o sucesso do seu romance, no entanto, esta publicação teve um importante papel após a sua morte. No século XVIII dois aspectos podem ser destacados: primeiro, a contribuição do romance para a produção da biografia da autora e em sua reputação como mulher escritora; depois, a influência exercida pelo romance no movimento abolicionista. As alegações narrativas de *Oroonoko*, que foram tomadas como autobiográficas pelos leitores e primeiros biógrafos, substanciaram e contribuíram para a maneira como foi construída a imagem de Aphra Behn. Já a relação do romance com o movimento abolicionista é uma questão complexa, visto que discussões mais recentes sobre o assunto apontam que a narrativa de *Oroonoko* não condena a escravidão como um todo, mas sim a escravização de um príncipe, de um homem excepcional por suas qualidades, que não merecia tal destino. Isso, no entanto, não descarta a possibilidade da autora ter condenado a escravidão por conhecê-la, uma vez que em sua época já havia escritores que condenavam as crueldades do tráfico humano e do sistema escravista.<sup>244</sup>

O livro foi reimpresso durante o século XVIII, tendo traduções para o holandês, francês, alemão e russo. Houve também uma adaptação muito bem sucedida para o teatro, escrita por Thomas Southerne (1660-1746)<sup>245</sup> em 1696,<sup>246</sup> sendo, junto com Otelo, de William

---

<sup>243</sup> ALKER, Sharon et al. *Approaches to Teaching Behn's Oroonoko*. Modern Language Association, 2014. Prefácio. p. 1.

<sup>244</sup> SPENCER, Jane et al. *Aphra Behn's afterlife*. Oxford University Press on Demand, 2000. p. 223-225.

<sup>245</sup> Dramaturgo irlandês.

<sup>246</sup> WALLACE, David. *Premodern Places: Calais to Surinam, Chaucer to Aphra Behn*. John Wiley & Sons, 2008. p. 240.

Shakespeare, uma das peças mais encenadas desde então, ao menos uma vez por ano em cem anos. Portanto, foi uma história bem conhecida não só pelo público leitor. A versão de Southerne, porém, apresentava uma narrativa diferente da história narrada por Behn. O dramaturgo fez mudanças importantes ao eliminar o relato de vida de Oroonoko em Coramantien, na África, com foco dramático na história de amor do príncipe africano por uma mulher branca, com final heroico, no qual Oroonoko tira a própria vida ao invés de ser executado brutalmente, como acontece no romance de Behn.<sup>247</sup>

A tradução para o alemão, em 1709, trouxe uma breve biografia de Behn. A versão teatral de Southerne também teve uma tradução para o alemão no final no século XVIII. A adaptação francesa do romance, feita por Pierre-Antoine de la Place (1707-1793),<sup>248</sup> foi publicada em 1745, no entanto, foi a tradução mais influente, com sete edições até o final do século, tornando-se um dos romances ingleses mais populares na França no século XVIII, tendo também contribuído para tornar a escravidão um tópico de discussão na opinião pública francesa do período.<sup>249</sup>

Diferente da tradução alemã, fiel ao texto original, a tradução francesa é, na verdade, uma adaptação, com algumas partes livremente improvisadas por La Place, como pontua Spencer. A principal diferença é o final feliz de Oroonoko, o único final feliz entre todas as traduções e adaptações deste romance. Nessa versão francesa, a promessa feita a Oroonoko de enviá-lo de volta ao seu país de origem é cumprida, contudo a escravidão continua a ser parte aceita dessa ordem, tendo Oroonoko, em uma das versões revisadas publicada em 1769, oferecido como pagamento pelo seu retorno à África 300 escravos. As mudanças na versão francesa do romance de Aphra Behn, não foram, desta forma, na direção de uma argumentação anti-escravidão, mas sim mudanças que La Place considerou necessárias para agradar o público francês. A versão francesa, assim, concentra-se no romance entre Imoinda e Oroonoko, com Imoinda seguindo os padrões de feminilidade de uma heroína, ao gosto romântico que começava a fazer muito sucesso na segunda metade do século XVIII.<sup>250</sup>

Esta tradução francesa disseminou a influência de Aphra Behn na França do século XVIII. Essa versão de Oroonoko, inclusive, tem uma continuação de 17 páginas chamada *Histoire d'Imoinda*. No final da versão francesa de *Oroonoko*, Imoinda desaparece na floresta depois de ter quase morrido pelas mãos de Oroonoko. Na continuação, Imoinda é a personagem

---

<sup>247</sup> ALKER, Op. Cit., p. 2.

<sup>248</sup> Escritor e dramaturgo francês do século XVIII, mais conhecido por ter sido o primeiro tradutor de Shakespeare para o francês.

<sup>249</sup> SPENCER, Op. Cit., p. 240.

<sup>250</sup> Ibidem, p. 241.

principal e narradora da história. Ferida, Imoinda é encontrada por Jamoan, escravo de Oroonoko, e levada à uma vila indiana onde se recupera e dá à luz ao seu filho. Ela resiste aos planos e aos interesses de Jamoan e finalmente consegue voltar para Coramantien com o filho, reunindo-se com Oroonoko.<sup>251</sup>

Ao longo do século XVIII, a maneira como Aphra Behn e sua obra mais famosa foram lembradas mudou significativamente. Isso se deve muito em decorrência da versão teatral escrita por Southerne e também pela apropriação do romance no contexto da política cultural abolicionista. Como assinala Chedgzoy, como uma obra e um autor sobrevivem através de diversas remodelações e adaptações, é revelador das operações da memória, “modificando as maneiras pelas quais uma obra é lembrada e reinterpretada à luz de mudanças circunstanciais”. Três mudanças fundamentais ocorreram nas adaptações de *Oroonoko* ao longo do século XVIII: todas eliminam a narração feminina em primeira pessoa; Imoinda sofre uma transformação radical ao ser apresentada como uma personagem branca e europeia; a parte da história que se passa na África é simplesmente eliminada.<sup>252</sup>

O mito de Oroonoko, assim, se distanciou completamente do texto original de Aphra Behn. Apenas a partir do século XX, quando renasceu o interesse pelos escritos da autora a partir da crítica literária feminista, atrelado ao crescente interesse por parte dos estudiosos com questões raciais e coloniais, é que a autora voltou a ter *Oroonoko* novamente associado à sua autoria e como uma “figura ressonante de romance e memória”.<sup>253</sup>

Apesar do relativo sucesso do romance no século XVIII, a reputação de Aphra Behn, contudo, diminuiu à medida que a Inglaterra se tornou mais conservadora em matéria de costumes e do gênero, e politicamente liberal. *Oroonoko*, assim, só voltou a gerar algum interesse muito tempo depois, a partir da década de 1970, quando a biografia e a escrita de Aphra Behn tiveram um breve ressurgimento. O romance, no entanto, foi publicado frequentemente em coletâneas junto a outros trabalhos da autora, mas sem destaque. Ademais, o interesse pelo romance costumava estar atrelado à vida aparentemente incomum de Aphra Behn: seu trabalho como espiã do Estado monárquico, seu período na prisão, o estilo de vida considerado extravagante e até mesmo obsceno para a época em que viveu. Desta forma, o foco crítico dos estudos sobre *Oroonoko* não estava na narrativa e na escrita da autora, mas sim em ser uma história baseada em fatos reais, ou seja, o foco era a vida incomum da autora.<sup>254</sup>

---

<sup>251</sup> Ibidem, p. 242-243.

<sup>252</sup> CHEDGZOY, Kate. *Women's Writing in the British Atlantic World: Memory, Place and History, 1550–1700*. p. 195. [inflecting the ways in which a work is recollected and reinterpreted in the light of changing circumstances]

<sup>253</sup> Ibidem, p. 196. [resonant figure of romance and memory]

<sup>254</sup> ALKER, Op. Cit., p. 2.

Como explica Fogarty, a recepção feminista inicial do romance de Aphra Behn é bem diferente da compreensão atual, visto que “onde antes o texto foi um emblema do otimismo e da utopia da política feminista, hoje é visto por muitos críticos como um registro das deficiências e objetivos equivocados da luta pela libertação das mulheres”. Para Fogarty, a leitura contextual do romance de Behn e de sua escrita, articulada à dimensão política de seu trabalho indica que Behn está “mais arraigada nas ideologias de sua época do que até mesmo seus contemporâneos do sexo masculino”. O mito de que Behn era uma revolucionária anti-escravidão hoje já não se sustenta mais.<sup>255</sup>

As divergências a respeito do romance revelam como ele adquiriu grande importância nos estudos literários e também nos estudos das representações históricas a partir da literatura. Argumentos referentes à raça, classe e ao gênero têm aparecido com maior frequência recentemente e gerado um interesse crescente em Aphra Behn e no seu romance mais famoso.<sup>256</sup> Assim, analisar *Oroonoko* é importante não apenas para entendermos o contexto histórico no qual viveu e escreveu Aphra Behn, mas também para entender como a autora enfrentou certas questões, que continuam suscitando críticas e ações na atualidade.

### 3.2 Lendo Oroonoko

A partir da leitura e interpretação do romance dividimos a análise em quatro momentos. O primeiro se dá a partir da explicitação, por parte da narradora/autora, dos elementos principais que conduzem a sua história. O segundo momento vai focar a construção da história do protagonista Oroonoko no espaço africano; na sequência tratamos da narrativa sobre a captura do príncipe Oroonoko e sua chegada, como escravo, na colônia inglesa do Suriname. A última etapa da análise, seguindo a estrutura narrativa do romance, é a respeito da rebelião escrava organizada pelo protagonista e que resulta no seu martírio e na morte do herói. O fio condutor desta análise é a relação entre ficção e realidade no romance, assim como dois temas importantes centrais da narrativa de Behn: a escravidão e o colonialismo.

Escrito em primeira pessoa, logo no início o romance insiste na realidade e veracidade dos acontecimentos narrados:

<sup>255</sup> FOGARTY, Anne. Looks that kill: Violence and representation in Aphra Behn's *Oroonoko*. In: *The Discourse of Slavery: From Aphra Behn to Toni Morrison*. Routledge, 2013, p. 6. [Where once this text was emblematic of the optimism and utopianism of feminist politics, it currently is seen by many critics as a register of the shortcomings and mistaken goals of the fight for women's liberation] e [more entrenched in the ideologies of her day than are even her male contemporaries]

<sup>256</sup> ROSENTHAL, Laura J. *Oroonoko*: reception, ideology, and narrative strategy. In: *The Cambridge Companion to Aphra Behn*, v. 162, 2004, p. 154.

Não é minha intenção, ao apresentar a história deste escravo real, entreter meu leitor com as aventuras de um herói fictício, cuja vida e cujo destino a imaginação pode manipular ao bel prazer do poeta; nem tampouco, ao relatar a verdade, enfeitá-la com acontecimentos fantasiosos. Sua história vai ser narrada com simplicidade, amparada apenas por seus próprios méritos e pelos acontecimentos que ocorreram naturalmente, pois tem suficiente apoio na realidade para que se torne atraente, prescindindo dos acréscimos da imaginação.

Eu mesma fui testemunha ocular de grande parte daquilo que aqui será narrado. O que não testemunhei, ouvi da boca do principal protagonista desta história, o próprio herói, que narrou todos os acontecimentos de sua juventude, embora eu tenha omitido, por questão de brevidade, milhares de pequenos incidentes de sua vida, os quais, por mais agradáveis que tivessem sido ao meu ouvido numa época em que eram raras as histórias, poderão acabar sendo enfadonhos para meu leitor, que vive num mundo onde a cada instante pode encontrar diversões novas e raras. Como o caráter deste grande homem me encantava, eu não perdia a oportunidade para saciar minha curiosidade, recolhendo os menores detalhes de sua vida.<sup>257</sup>

Portanto, ao se dirigir ao leitor, Aphra Behn pretende esclarecer que seu romance não é fruto de imaginação prodigiosa ou de uma invenção, mas que tudo foi testemunhado pela narradora/autora, ou a ela foi narrado pelo herói, logo, sua escrita é verdadeira, mais do verossimilhante. Essa é sem dúvida a maior indagação crítica ao romance. Quando conhecemos seu mais conhecido romance a relação entre a ficção e a realidade não esteve no horizonte de indagações, pois geralmente a recepção deste livro se alinha à perspectiva da narradora, ou simplesmente o livro foi recebido como um texto ficcional.

No entanto, à luz da bibliografia especializada, percebemos que a relação entre realidade e ficção seria uma chave de entrada para construir uma problematização histórica deste romance. O fato de não conhecermos, pela ausência de documentação, mais detalhes sobre a vida de Aphra Behn, contribuiu para a criação de um imaginário em torno dessa história ímpar, confundindo biografia com ficção. Se realmente Aphra Behn viajou para o Suriname – a maioria dos críticos acredita nesta possibilidade, mesmo sem evidências documentais –, se conheceu um escravo – apesar de ser uma possibilidade menor, vários são os casos de africanos pertencentes à realeza em seus reinos de origem, que foram capturados e escravizados, ou seja, são questões que por não se sustentarem em evidências que atestem sua veracidade são revolvidas pelo debate crítico do romance de Behn.

Ainda que haja algumas escassas evidências que possam sugerir sua veracidade, o certo é que Aphra Behn criou uma história relevante até os dias atuais para diferentes áreas de estudo. Apesar de considerarmos as discussões sobre a veracidade ou não do texto, a história do príncipe africano escravizado no Suriname não depende da constatação da enunciação de uma

---

<sup>257</sup> BEHN, A. *Oroonoko*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 23-24.

verdade definitiva e conclusiva. A importância do texto não reside na verdade ou na sua invenção, mas na maneira como foi narrado e nas interpolações históricas da autora.

Na primeira parte do romance a autora apresenta o espaço colonial, um dos lugares no qual a história se desenrola, o Suriname: “O cenário da parte final de suas aventuras (Oroonoko) localiza-se em uma colônia na América, chamada Suriname, nas Índias Ocidentais”.<sup>258</sup> Nesta parte Aphra Behn descreve as belezas e os recursos naturais da colônia inglesa, lembrando que se os colonos podiam delas usufruir era graças ao trabalho dos escravos:

Com estes escravos, porém, convivíamos em perfeita amizade, sem ousar dar-lhes ordens; muito pelo contrário, os estimávamos com todo amor fraterno e afeição própria de amigos e com eles negociávamos peixe, caça, búfalos, peles e algumas pequenas raridades, tais como o sagui, um tipo de macaco do tamanho de um rato ou de uma doninha, mas de formas delicadas e maravilhosas, com feições e mãos muito humanas, bem como um animalzinho com formas e jeito de leão, mas do tamanho de um gatinho e tão idêntico em tudo àquele nobre animal que é a sua miniatura. Além disso, caturritas, papagaios, araras, e inúmeros outros pássaros e animais de formas e cores maravilhosas e surpreendentes.<sup>259</sup>

Essas descrições da fauna e da flora do Suriname evocam outra mulher que, assim como Aphra Behn, teve certa notoriedade ao também viajar para o Suriname no século XVII, Maria Sibylla Merian (1647-1717). Ela e sua filha Dorothea embarcaram em Amsterdam em junho de 1699<sup>260</sup> tendo como destino o Suriname, com o objetivo de “estudar e pintar insetos, borboletas e plantas dessa terra tropical”. Diferente de Aphra Behn, que provavelmente visitou a colônia em sua juventude, Merian já tinha 52 anos e uma carreira de desenhista bem sucedida. Ela e sua filha ficaram no Suriname até 1701, voltando para a Europa carregadas com exemplares de espécimes animais e de plantas, produzindo quatro anos depois o livro *Metamorphosis insectorum surinamensium*, importante trabalho entomológico, referencial até os dias atuais, em especial pela qualidade dos desenhos e observação da autora.<sup>261</sup>

Formas de representar o “Novo Mundo” passaram a ser bastante frequentes a partir do século XVII. Havia na Europa uma mistura de interesses econômicos e pelo exotismo, algo um tanto contraditório, visto que explorar escravos e nativos por motivos econômicos não era algo que estava no mesmo patamar do fascínio pelo glamoroso e exótico.<sup>262</sup> Merian e Behn tinham

<sup>258</sup> Ibidem, p. 24.

<sup>259</sup> Idem.

<sup>260</sup> Lembramos que nessa data a colônia do Suriname já era administrada pelos holandeses.

<sup>261</sup> DAVIS, N. Z. *Nas Margens: Três Mulheres do Século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 132-133, 166.

<sup>262</sup> WISEMAN, Sue J. *Aphra Behn*. Liverpool University Press, 1996. p. 89.

em comum, cada uma à sua maneira, um fascínio pelo glamoroso e pelo exótico. Behn, contudo, não faz nenhuma referência ao local de origem da palavra Oroonoko, apesar de suas generosas descrições sobre a fauna e a flora do local, ainda que não da mesma maneira científica que Merian. O que sabemos sobre a origem do nome que dá título ao romance é que provavelmente seja uma referência ao rio Oronoque, localizado entre o Suriname e a Guiana. Desta forma, apesar do romance a princípio parecer oferecer todas as informações de um manual de viagens ou um exercício naturalista, como o de Merian, é um texto ficcional devido à maneira como Behn elabora e conduz a narrativa, recorrendo com frequência a estratégias textuais que levam seus leitores a acreditar que estão lendo uma narrativa realista.

Voltando ao romance, a autora descreve os moradores da colônia. Três grupos sociais vivem naquele espaço colonial e se relacionam: os nativos, os escravos e os colonos. Os nativos são representados a partir de uma percepção eurocêntrica, a única que a narradora de fato conhecia. Ela não apenas os compara aos animais conhecidos pelos ingleses, como também os define a partir de seus próprios padrões de humanidade,<sup>263</sup> ou seja, padrões europeus:

São extremamente modestos e ariscos, muito tímidos e relutantes em se deixar tocar. Embora estejam desnudos, não se percebe entre eles nenhuma ação ou olhar indecente. Visto estarem perfeitamente acostumados a se verem assim despidos, exatamente como nossos primeiros pais antes da queda, tem-se a impressão de que eles não têm desejos.<sup>264</sup>

O romance, desde o princípio, “endossa os valores hierárquicos e elitistas da classe dominante”.<sup>265</sup> Tal visão de mundo está evidente na primeira parte do texto quando a autora conta dos presentes que ganhou na colônia: “Um desses conjuntos foi-me presenteado e acabei doando-o ao Teatro do Rei em Londres, tendo sido utilizado na peça *The Indian Queen*, causando imensa admiração e sendo considerado inimitável”.<sup>266</sup> Sobre essa questão voltaremos mais à frente, quando tratarmos da escravização de Oroonoko.

Além do Suriname ser uma colônia valorizada e lucrativa pelas plantações de açúcar, chegou a ter alguma ressonância no imaginário inglês a partir da popularidade de *Oroonoko*. Foi território inglês por um período de dezesseis anos (de 1651 a 1667), sendo trocada pela ilha de Manhattan com a Holanda. O holandês se tornou a língua dominante, tendo em vista o

<sup>263</sup> RIVERO, Albert J. Aphra Behn's "Oroonoko" and the "Blank Spaces" of Colonial Fictions. *Studies in English Literature*, 1500-1900, v. 39, n. 3, p. 443-462, 1999. p. 449.

<sup>264</sup> BEHN, Op. Cit., p. 26.

<sup>265</sup> PACHECO, Anita. Royalism and Honor in Aphra Behn's Oroonoko. *Studies in English Literature*, 1500-1900, v. 34, n. 3, p. 491-506, 1994. p. 496. [endorses the hierarchical and elitist values of the ruling class]

<sup>266</sup> BEHN, Op. Cit., p. 25.

domínio colonial até 1975, quando o país conquistou sua independência. Foi no período de domínio inglês, no entanto, que o idioma Sranan, língua crioula hoje falada pela maioria dos surinameses,<sup>267</sup> passou a ser usual. Para Wallace, nenhum estudioso de Aphra Behn se atentou a esse fato ao analisar este romance, dando atenção apenas às memórias e experiências de Behn na então colônia inglesa. Ainda segundo Wallace, o relato de uma mulher branca da metrópole colonizadora que ao chegar ao Suriname faz amizade com um príncipe/escravo africano e depois o abandona é cada vez mais importante para entendermos as relações anglófonas coloniais entre as pessoas brancas e negras.<sup>268</sup>

Retornando ao texto de Behn, um último elemento importante nos é apresentado nesse primeiro momento da história: a religião. No caso da narrativa de Aphra Behn, a maneira como o cristianismo é retratado em relação às religiosidades africanas é algo que permeia todo o texto, sendo os valores religiosos cristãos constantemente reafirmados. Logo no início do texto, quando descreve a colônia do Suriname e as pessoas que ali viviam, a autora comenta sobre o efeito da religião sobre as pessoas, assumindo a religião cristã como a verdadeira: “A religião, aqui, apenas destruiria aquela tranquilidade que a ignorância dá às pessoas e as leis seriam apenas mestras da transgressão, da qual as mesmas não têm noção”.<sup>269</sup> Desta forma, através de sua narrativa, Aphra Behn defende os valores cristãos e invalida as religiosidades africanas. Isso acontece em vários momentos do texto, como destacaremos mais a frente em nossa análise.

No final da primeira parte do romance, Behn faz uma afirmação que dá dicas importantes do desfecho do livro. Ao descrever os escravos que viviam na colônia a narradora informa: “vivíamos em perfeita harmonia e em bom entendimento com estes escravos, como nos convinha”.<sup>270</sup> Essa aparente paz, no entanto, tinha uma razão, pois era “um povo de grande utilidade para nós em qualquer ocasião, achamos ser de absoluta necessidade tratá-los como amigos e não como escravos. Nem ousaríamos agir de outra forma, visto que eram muito mais numerosos do que nós naquele continente”.<sup>271</sup>

Esses dois trechos destacados são fundamentais para compreendermos a história que é nos apresentada a seguir. A princípio a relação entre colonos e nativos é descrita como pacífica, mas não podemos nos esquecer que os ingleses chegaram ao Suriname e logo reivindicaram

---

<sup>267</sup> Língua crioula formada pela junção do idioma inglês com os idiomas falados na África Ocidental. Apesar de existir traços de palavras em inglês na forma atual da língua, o Sranan se desenvolveu como uma língua distinta e independente. Apesar da língua oficial do Suriname ser o holandês, o Sranan é falado por cerca de 85 a 90% dos habitantes do país, seguido pelo holandês, pelo hindi e pelo javanês. (WALLACE, Op. Cit., p. 241-242)

<sup>268</sup> Ibidem, p. 7-8, 239-240.

<sup>269</sup> BEHN, Op. Cit., p. 27.

<sup>270</sup> Ibidem, p. 27-28.

<sup>271</sup> Ibidem, p. 28.

propriedade da terra com o intuito de lucrar através das plantações cultivadas pelos escravos africanos. Este propósito os levou a administrar a colônia pelo uso da força brutal. Ser pacífico não era uma prioridade e quem considerava essa relação desta forma, como nossa narradora, era conivente com a subtração da liberdade de inúmeros seres humanos em prol do lucro. A evidência do conhecimento da autora sobre o funcionamento da política local fica clara nesse trecho em que descreve como funcionava o trabalho escravo na colônia inglesa:

Aqueles, portanto, que empregamos para trabalhar em nossas plantações de açúcar são negros, na verdade escravos negros, que para cá são transportados da seguinte forma: os que querem escravos entram em negociação com um mestre ou capitão de navio, estabelecendo por contrato que pagarão tanto por cabeça, coisa de umas vinte libras, por um determinado número de escravos e que o pagamento se efetuará quando da chegada dos mesmos à plantação. Ao chegar o navio, aqueles que fecharam um contrato com o capitão vão a bordo e recebem o lote de escravos. No lote, poderá haver três ou quatro homens e os demais são mulheres e crianças, ou um número maior ou menor de escravos de um ou outro sexo, mas o comprador tem que se contentar com o que lhe foi destinado.<sup>272</sup>

Esse relato detalhado e partidário da política local feito pela autora, algo pouco provável de ter sido tão apurado se ela não tivesse visitado o local, pode ser usado como evidência de que Aphra Behn realmente visitou o Suriname e que tinha conhecimentos sobre o tráfico de escravos.

O que podemos perceber nessa primeira parte do livro é como a autora, em poucas páginas, é capaz de apresentar os elementos necessários e mais importantes de sua narrativa. Este, definitivamente, não é o texto de uma mulher iludida com uma realidade desconhecida. A autora/narradora, desta forma, conhecia o local e o funcionamento do sistema colonial que ali havia sido implantado e parecia aceitar sem questionar. Ainda que apresente só as partes atraentes do local e a aparente bondade dos colonos, deixando de lado uma dura realidade que conheceremos ao longo da história, ela o faz dessa forma por escolha narrativa, com a intensão de suscitar fortes emoções em seu leitor com o desenrolar da história.

Há dois espaços narrativos bem distintos no romance de Aphra Behn, com diferentes significados e sistemas políticos e econômicos diferentes. O segundo momento de nossa análise é centrado em um desses lugares, Coramantien. Nesse momento da narrativa somos transportados a África e conhecemos o herói Oroonoko. No que diz respeito à representação da cultura africana, esta é até certo ponto bastante precisa. Embora Coramantien não tenha sido

---

<sup>272</sup> Ibidem, p. 28-29.

um reino africano, era uma cidade na costa com a qual os ingleses tinham frequente negociação. Assim a autora descreve o local: “O país dos negros chamado Coramantien era um dos lugares considerados mais vantajosos para o tráfico de escravos, muito procurado pelos que faziam este comércio, pois a mencionada nação era guerreira e brava...”<sup>273</sup>

Coramantien é um lugar governado por um rei muito idoso, sem filhos, restando-lhe apenas um sucessor, seu neto Oroonoko. O reino é conhecido como uma nação guerreira, administrado por um Rei que tinha poder absoluto sobre seus súditos, sendo o senhor de um harém, renovado com frequência por jovens mulheres à sua escolha. Oroonoko, desta forma, representava o futuro do reino. Proclamado general aos 17 anos, “era capaz da mais elevada paixão, muito embora seu objetivo único fossem as batalhas, onde via homens despedaçados e mortos e onde não ouvia outros sons que não fossem os gritos de guerra e os gemidos dos feridos e dos agonizantes”.<sup>274</sup>

Nesse momento conhecemos o príncipe Oroonoko. É visível a admiração da narradora pelo africano desde o início, sempre o comparando e o elogiando a partir de parâmetros europeus. A grande admiração por Oroonoko, no entanto, não impede que a autora use de preconceito, estereótipos e objetificação ao descrever a jornada de Oroonoko ao longo do romance. Isso é notável em vários trechos do romance, mas fica mais evidente nas descrições físicas do príncipe escravo:

era adornado de uma beleza nativa que excedia de tal forma a que caracterizava os de sua sombria raça que a admiração e a reverência que ele irradiava atingiam mesmo aqueles que não conheciam suas demais qualidades, exatamente como aconteceu comigo, ao vê-lo, surpreendida e maravilhada, quando chegou, mais tarde, a nosso mundo.<sup>275</sup>

No entanto, não foi só a beleza de Oroonoko que chamou a atenção da narradora, mas o conhecimento que o príncipe escravo demonstrava ter do mundo e das coisas: “Tal nobreza de formação deve ser parcialmente atribuída à dedicação de um francês de grande inteligência e erudição o qual, [...] ensinava-lhe com grande prazer a moral, as línguas e as ciências, o que tornava tal mestre amado e valorizado”.<sup>276</sup> Aqui novamente vemos a autora relacionar um dos atributos, agora intelectual, do príncipe aos padrões europeus, inserindo um tutor francês como responsável pelo conhecimento que ela acredita fora do normal para uma pessoa africana.

---

<sup>273</sup> Ibidem, p. 29.

<sup>274</sup> Ibidem, p. 30-31.

<sup>275</sup> Ibidem, p. 30.

<sup>276</sup> Ibidem, p. 31.

Behn, de maneira geral, descreve seu herói, no início, como um verdadeiro “europeu”: “o príncipe [...] apreciava demais o contato com os comerciantes ingleses que aportavam a seu país e com os quais aprendeu a língua inglesa”, “Seu amplo conhecimento em tudo dava a impressão de que era muito lido”; “Nada havia de bárbaro em sua natureza”.<sup>277</sup> Essa é uma visão bastante estereotipada da autora, visto que no período no qual a história se desenvolve a população da costa africana já tinha contato com os colonizadores europeus há mais de dois séculos, visto que os portugueses já haviam chegado à Costa da África Ocidental no século XV.<sup>278</sup> Assim, era uma população que estava acostumada a lidar com pessoas vindas de fora e não poderiam ser considerados bárbaros ou sem instrução, apenas com a exceção de uma pessoa, Oroonoko.

Essa questão se estende quando a autora descreve a personagem feminina principal da história, Imoinda, como possuidora “de beleza tal que basta dizer que era a parceira certa do nobre príncipe, a bela Vênus negra de nosso jovem Marte, tão encantadora em sua pessoa quanto ele e dona das mesmas virtudes”.<sup>279</sup>

Não é apenas uma eventualidade Aphra Behn salientar tanto a beleza de seus protagonistas. A beleza era um ideal das elites inglesas do início do período moderno. Estava longe de ser trivial vestir-se e postar-se de maneira adequados, tanto entre os homens como entre as mulheres. A beleza feminina, em especial, ocupava um papel central na cultura literária do período. Entre os escritores a beleza era um ideal estético e conservador. O ideal estético era o mesmo na Itália, França, Espanha, Alemanha e Inglaterra: pele branca, cabelos loiros, lábios e bochechas vermelhas, sobrancelhas negras. Essa beleza padronizada, apesar de ter criado uma miríade de ansiedades e exclusões, foi idealizada como um sinal físico da verdade e da virtude. A pele negra representava o maior desafio em termos do que era considerado belo.<sup>280</sup>

Sobre Imoinda, assinalamos alguns pontos importantes. Quando conhecemos a personagem, esta encontra-se em luto pela perda do pai no campo de batalha. Isso muda quando conhece Oroonoko e uma imediata atração mútua acontece entre o casal. Essa, no entanto, não é uma história com um final feliz, visto que o Rei, ao saber da existência de uma mulher com tanta beleza como a de Imoinda, vai a seu encontro e ao vê-la a deseja como não havia desejado outra mulher. Assim, manda um véu real – o qual ela não pôde recusar, pois a recusa significaria

---

<sup>277</sup> Ibidem, p. 31-32.

<sup>278</sup> ROGERS, Katharine M. Fact and Fiction in Aphra Behn's "Oroonoko". *Studies in the Novel*, 1988, 20.1: 1-15. p. 6.

<sup>279</sup> BEHN, Op. Cit., p. 33-34.

<sup>280</sup> SNOOK, Edith. *Women, Beauty and Power in Early Modern England: A Feminist Literary History*. Springer, 2011. p. 1-8.

sua morte – e a transforma em sua propriedade, parte de seu harém particular. Apesar da recusa de Imoinda em se deitar com o Rei, esse só sossega quando ela conta que não é mais virgem e para sua proteção mente que havia sido contra sua vontade. Esse fato, no entanto, acaba fazendo com que seja expulsa do harém e vendida como escrava.

A idealização da beleza feminina também incluía a castidade. Imoinda não é apenas desejada por causa de sua beleza, mas também por sua virgindade. Quando o rei de Coramantien descobre que Imoinda cedeu aos encantos de Oroonoko, “tendo por aliados a noite, o silêncio, a juventude, o amor e o desejo, logo foi-lhe oferecida a vitória, pois ele arrebatou num momento aquilo que seu avô se esforçara para conseguir por meses a fio”,<sup>281</sup> o Rei perde totalmente interesse pela bela moça. Não tendo conseguido a virgem Imoinda, o rei luxurioso passa a ver nela “um objeto poluído, absolutamente indigno de seus abraços”.<sup>282</sup> Imoinda foi condenada e vendida como escrava, sentença que foi cumprida em segredo, visto que Oroonoko foi informado de que a amada tinha sido castigada com a morte.

Imoinda é uma personagem que apresenta diversas facetas na história de Aphra Behn, desempenhando um papel duplo. Em alguns momentos do romance somos apresentados a uma Imoinda no registro da opressão feminina e em outros momentos há indícios de alteridade, ordem moral e selvageria. Imoinda está também no centro dos dois maiores acontecimentos, em Coramantien e no Suriname. No reino africano ela é a principal causa da discórdia familiar entre o Rei e seu neto Oroonoko; na colônia inglesa é a instigadora da revolta dos escravos que resulta em sua morte e no suplício e morte de seu amado, como veremos mais à frente. Enquanto Oroonoko é descrito de maneira europeizada, atraente e eloquente, diferindo pela cor da sua pele, Imoinda permanece estranha, absolutamente estrangeira e silenciosa para o leitor. Ela sofre a opressão de ser mulher e ser negra. Apesar de ser uma presença contante na narrativa, é uma personagem que é mantida à distância pela autora, enquanto a autora se mantém sempre próxima a Oroonoko. Desta forma, Imoinda é uma personagem constantemente privada de voz no romance, enquanto a narradora domina o registro dos eventos e sua relação com o herói Oroonoko.

Nesse momento do livro também conhecemos o tipo de escravidão praticada em Coramantien, que é diferente do sistema colonial. Em Coramantien, os escravos faziam parte de uma economia de trocas, não sendo tratados como mercadorias, como era o caso do Suriname.<sup>283</sup> Um exemplo dessa relação pode ser percebido quando Oroonoko conhece

---

<sup>281</sup> BEHN, Op. Cit., p. 53.

<sup>282</sup> Ibidem, p. 56.

<sup>283</sup> ROSENTHAL, Laura J. *Oroonoko*... Op. Cit., p. 152.

Imoinda. Ela tinha acabado de perder o pai, um general, no campo de batalha e recebe a visita do príncipe:

Tendo Oroonoko retornado das guerras, agora já acabadas, julgou ponto de honra, após ter visitado seu avô, visitar Imoinda, a filha do falecido general, não só para apresentar-lhe escusas, pois sua sobrevivência devia-se à morte de seu pai, o general falecido, mas também oferecer-lhe como presentes os escravos que havia conquistado nesta última batalha, como sendo troféus das vitórias de seu falecido pai.<sup>284</sup>

A prática da escravidão em Coramantien expressa a rígida hierarquia de sua cultura guerreira, e não apenas uma transação comercial. Os combatentes derrotados nas guerras travadas no país se tornavam escravos dos vencedores das batalhas, como no trecho acima. Guerreiros como Oroonoko, já influenciados pelas práticas europeias, vendiam escravos aos ingleses, uma atividade que sustenta o luxo desfrutado pela aristocracia local. Desta forma, o príncipe Oroonoko estava na fronteira entre a cultura hierárquica tradicional de Coramantien e o mercantilismo europeu, posição essa muito vulnerável visto que o deixava suscetível a uma possível captura, que acabou acontecendo.<sup>285</sup>

Sobre a religião a autora não faz muitos comentários, apenas se refere ao comportamento dos homens de Coramantien em relação às mulheres, bastante diferente do que ela conhecia: “Esse tipo de imoralidade somente é praticado nos países cristãos, onde a religião é apenas um rótulo considerado suficiente, pois ali não existe virtude ou moralidade”.<sup>286</sup> Essa, segundo a narradora, não era a religião professada por Oroonoko, visto que “Suas noções de honra eram retas”.<sup>287</sup> Aqui, novamente Behn valoriza as qualidades morais do príncipe africano. A autora, desta forma, cria uma realidade sobre a África ocidental a partir de sua visão eurocêntrica e de um discurso colonialista, sempre isentando dessa equação Oroonoko, a quem considerava diferente e muito virtuoso.

No mais, essa parte do romance afirma a capacidade guerreira de Oroonoko, preparando os leitores para a verdadeira batalha de sua vida. Desta forma, a autora apresenta todos os antecedentes da história do príncipe antes dos eventos trágicos que mudariam seu destino. Conhecemos a nação Coramantien, seu líder, seu futuro líder, Oroonoko, e a bela mulher que mudaria o curso dos acontecimentos que eram esperados, Imoinda.

---

<sup>284</sup> BEHN, Op. Cit., p. 34.

<sup>285</sup> ROSENTHAL, Laura J. *Oroonoko*... Op. Cit., p. 152.

<sup>286</sup> BEHN, Op. Cit., p. 36.

<sup>287</sup> Idem.

No terceiro momento do romance, encontramos um Oroonoko que, acreditando na morte de sua amada Imoinda, tenta voltar à sua vida normal após retornar de mais uma batalha bem sucedida. Certo dia é convidado para jantar por um capitão de um navio que estava aportado no local para negociar escravos. O capitão escolhe a companhia de Oroonoko por considerá-lo educado e civilizado, conforme os padrões europeus. O príncipe vai acompanhado do amigo Aboan e de seu tutor francês e é recebido com as melhores comidas e bebidas. O capitão do navio, no entanto, já tinha um esquema preparado para transformar os visitantes em prisioneiros e escravos.

No século XVII eram poucos aqueles que consideravam a escravidão um problema moral, uma iniquidade. Havia uma distinção entre os africanos que deveriam ser tratados como parceiros de negócios e aqueles que deveriam ser escravizados. Havia dois tipos de comerciantes, os que eram considerados “legítimos”, negociando apenas escravos que foram comprados de forma “legal”, e os comerciantes que agiam ao arrepio da lei, a exemplo do capitão que sequestrou Oroonoko, enviando-o para o Suriname.<sup>288</sup>

Este capitão tinha particular preferência por Oroonoko, cuja educação e civilidade se conformavam mais com os padrões europeus e que demonstrava especial atração pelas nações brancas e pela conversação de homens mais inteligentes e mais influentes. [...] Certo dia, o capitão convidou Oroonoko a jantar no navio, em sua companhia. [...] Foi então que o capitão, que já tinha um esquema preparado, deu subitamente uma ordem e todos os visitantes se transformaram em prisioneiros. [...] Em um só momento, em diversas partes do navio, todos foram acorrentados e, dessa forma, traídos e transformados em escravos.<sup>289</sup>

Cabe destacar que o sequestro de pessoas das nobrezas africanas era uma preocupação para a *Royal African Company*,<sup>290</sup> em um período onde a companhia monopolizava o comércio de escravos. Tais práticas geravam uma enorme turbulência entre os capturados e desta forma os ingleses eram precavidos quanto ao status social de quem era escravizado.<sup>291</sup> No caso da história de Behn, Oroonoko é sequestrado com o conhecimento do capitão, tendo ele inclusive já comprado escravos do príncipe.

A narradora, inclusive, cita a coragem de tal atitude: “Há quem tenha considerado esta atitude do capitão como um ato de bravura; prefiro deixar esse julgamento a critério do próprio

---

<sup>288</sup> ROGERS, Op. Cit., p. 6.

<sup>289</sup> BEHN, Op. Cit., p. 65.

<sup>290</sup> Corporação britânica fundada em 1672 pelo rei Carlos II, tendo como principal objetivo o comércio transatlântico de escravos da África.

<sup>291</sup> FERGUSON, Moira. Oroonoko: The Birth of a Paradigm. *New Literary History*, 23.2 (Spring 1992): 339-59. p. 341.

leitor”.<sup>292</sup> Desta forma, a autora prefere se manter neutra, aceitando a atitude do capitão inglês em detrimento da perda da liberdade de alguém que considerava como amigo.

Depois do sequestro o navio segue viagem entre a África Ocidental e o Caribe. Oroonoko, impedido de tirar a própria vida devido às correntes que o aprisionavam, decide morrer de inanição. Isso faz com que o capitão, com medo do prejuízo pela morte de inúmeros escravos, que pretendiam seguir o mesmo caminho do príncipe, se dissesse arrependido e assim, prometeu a liberdade de Oroonoko e seus companheiros. Essa liberdade, no entanto, só se aplicava imediatamente ao príncipe, visto que o capitão tinha medo de uma revolta ao libertar todos, prometendo a liberdade do restante quando aportassem na primeira ilha do Caribe.

Uma questão que podemos perceber nesse momento do romance é a romantização da dura realidade que era uma viagem de navio nesse período. Para Ferguson, essa é uma descrição fantasiosa de Behn do que seria aquele tipo de viagem, visto que era um percurso no qual morria aproximadamente um terço dos escravos.<sup>293</sup> Na narrativa de Behn o que podemos perceber é quase um sentimento de felicidade durante a viagem, em especial quando foi prometido aos escravizados alcançarem a liberdade quando chegassem a terra firme:

Oroonoko, que era por demais generoso para não dar crédito às palavras do capitão, apresentou-se a seus homens que, extasiados de alegria ao ver seu querido príncipe, jogaram-se a seus pés, beijando-os e abraçando-os. A inesperada presença do seu príncipe tinha a força de um oráculo divino, em cujas palavras e promessas todos acreditaram sem a menor dúvida. Ele insistiu para que suportassem suas correntes com a mesma bravura que tão nobremente tinham demonstrado nos campos de batalha, pois só assim o capitão se sentiria seguro contra a justa vingança que poderia sofrer por tê-los tratado de maneira tão injuriosa. Unanimemente, responderam que suportariam qualquer sofrimento, se o mesmo redundasse em paz e segurança para Oroonoko.<sup>294</sup>

Quando o navio chegou ao Suriname, a promessa feita a Oroonoko não é cumprida. Assim, foi vendido como escravo como as pessoas que estavam com ele, com a exceção do tutor francês que foi libertado, pois esse era europeu. Desarmado e sem defesa, Oroonoko não esboçou qualquer resistência, no entanto, apesar de ter perdido sua liberdade, não perdeu sua dignidade nem a capacidade de liderança, voltando-se para seus súditos dizendo: “Vamos descer, meus concidadãos, e verificar se há mais honra e honestidade nessa terra a que somos destinados”.<sup>295</sup> Esse espírito de liderança vai fazer de seu tempo na colônia ao mesmo tempo uma benção e uma maldição.

---

<sup>292</sup> BEHN, Op. Cit., p. 66.

<sup>293</sup> FERGUSON, Moira. *Oroonoko*... Op. Cit., p. 346.

<sup>294</sup> BEHN, Op. Cit., p. 69.

<sup>295</sup> Ibidem, p. 71.

Nesse momento o romance passa a ser ambientado na colônia do Suriname, apresentando uma mudança de perspectiva na história, na qual a visão do príncipe não é mais mediada, mas passa a ser narrada por uma jovem mulher. Há também uma mudança na forma de retratar os personagens. Não ocorre só a mudança no nome de Oroonoko para César: “Devo esclarecer que os cristãos nunca comprem escravos sem dar-lhes um nome próprio de sua crença, pois acham os nomes nativos dos escravos muito bárbaros e difíceis de pronunciar”,<sup>296</sup> como também a autora faz referência, pela primeira vez, ao fato da narradora ser uma mulher: “Ele teve, porém, a desdita de ter nascido num mundo obscuro, onde sua fama pôde somente ser celebrada pela pena de uma mulher”.<sup>297</sup>

Diferente de Coramantien, o Suriname representa o “sistema emergente de capitalismo mercantil do século XVII”.<sup>298</sup> As colônias britânicas no mundo atlântico cresceram a partir da migração de vários grupos sociais. Como dado, na década de 1630 mais de 30.000 pessoas migraram para o “Novo Mundo”, número que corresponde a 1% da população inglesa da época. A consciência entre os ingleses sobre as implicações da migração e da colonização foram transmitidas através de “correspondência, publicações, comércio, lembranças de viajantes que retornaram e histórias de visitantes exóticos”, como cita Chedgzoy. Aphra Behn também pode ter sido uma das pessoas que fez a travessia do Atlântico, viajando para a fronteira mais meridional na qual os ingleses tiveram presença nas Américas, o Suriname.<sup>299</sup>

Desta forma, o local aonde Oroonoko chegava já era uma colônia bem estabelecida. Ele foi comprado por um senhor chamado Trefry, que logo descobre em Oroonoko uma figura extraordinária. Inclusive promete ao príncipe escravo que tudo faria para conseguir a sua liberdade e a de seus companheiros. Mas, ele não foi o único a se encantar pelo escravo, visto que, por onde passava chamava a atenção. Todos admiravam sua beleza e sua postura: “A juventude real transcendia o escravo e as pessoas não conseguiam evitar de tratá-lo de maneira diferente, sem saber por quê”,<sup>300</sup> sendo “recebido mais como um governador do que como um escravo”.<sup>301</sup>

A chegada de Oroonoko à colônia sem dúvida tem um impacto grande no local. Mas o impacto maior é quando o príncipe descobre que sua amada não está morta, mas viva e também

---

<sup>296</sup> Ibidem, p. 74.

<sup>297</sup> Idem.

<sup>298</sup> ROSENTHAL, Laura J. *Oroonoko...* Op. Cit., p. 152-153. [of the seventeenth-century's emergent system of mercantile capitalism]

<sup>299</sup> CHEDGZOY, Op. Cit., p. 168. [correspondence, publications, trade, the recollections of returning travelers and the stories of exotic visitors]

<sup>300</sup> BEHN, Op. Cit., p. 73.

<sup>301</sup> Ibidem, p. 75.

escrava. Assim como na África, a figura de Imoinda, batizada com o nome cristão de Clemene, também chama a atenção por sua beleza: “Trefry contou a César que a maioria daqueles escravos mais jovens tinham sofrido muito no amor, por causa de uma belíssima escrava que havia chegado àquelas terras a cinco ou seis meses”.<sup>302</sup> Quando descobre que a bela escrava que todos falavam era na verdade Imoinda, Oroonoko fica extasiado e sem reação: “Em poucos segundos ele viu seu rosto, sua forma, seu porte, sua modéstia, e tudo aquilo que fazia a alma de Oroonoko brilhar em seus olhos, quase deixando exânime seu corpo, que ali ficou imóvel, como se nele não mais existisse o ser”.<sup>303</sup> O casal, a partir desse reencontro, não se separou mais, logo se casando e não demorando muito para Imoinda ficar grávida. A gravidez, apesar de celebrada entre o casal, acabou por deflagrar a rebelião que daria um fim trágico ao casal.

Nesse terceiro momento da história conhecemos como Oroonoko acaba se tornando escravo e indo para a colônia inglesa do Suriname. Ainda que tenha perdido sua liberdade, em nenhum momento a autora descreve o príncipe fazendo atividade que seria típica de uma pessoa escravizada. Ao invés disso, o que temos é uma descrição da admiração que todos tinham por ele e a felicidade por ele ter reencontrado sua amada. No entanto, a política colonial está sempre presente na narrativa, visto que o príncipe africano logo recebe um novo nome, que a narradora não hesita em usar: “Daqui em diante, portanto, passarei a chamar Oroonoko de César, já que este era o nome pelo qual era conhecido nestas terras ocidentais”,<sup>304</sup> consolidando, desta forma, as duas identidades narrativas que parecem concordar, a do escravo e a do príncipe. Assim, corroboramos com o ponto de vista de Ortiz quando assinala que

o romance de Behn mostra uma consciência da importância dos nomes para a eficácia do imperialismo, e essa consciência informa o uso cuidadoso da terminologia pela narradora. Em um nível textual, a narrativa de Behn tanto espelha quanto reencena a transformação de Oroonoko de príncipe em escravo.<sup>305</sup>

O retrato que Aphra Behn faz de seu “amigo escravo” quase ameniza a escravidão, visto que, desde que chegou à colônia apenas coisas boas aconteceram para Oroonoko. Todos o respeitavam e o reverenciavam, ficando inclusive felizes quando ele reencontrou sua amada.

---

<sup>302</sup> Ibidem, p. 76.

<sup>303</sup> Ibidem, p. 78-79.

<sup>304</sup> Ibidem, p. 74.

<sup>305</sup> ORTIZ, Joseph M. Arms and the Woman: narrative, imperialism, and virgilian memoria in Aphra Behn's Oroonoko. *Studies in the Novel*, v. 34, n. 2, p. 119-140, 2002. p. 127-128. [Behn's novel shows an awareness of the importance of names to imperialism's efficacy, and this awareness informs the narrator's careful use of terminology. On a textual level, Behn's narrative both mirrors and reenacts Oroonoko's transformation from prince to slave]

Isso, no entanto, estaria para mudar, uma vez que Oroonoko tinha seus próprios planos de liberdade.

No quarto e último momento do romance encontramos Oroonoko e Imoinda com esperanças pela sonhada liberdade prometida por Trefry, que dizia estar esperando a chegada do governador para libertá-los. No entanto, começaram a suspeitar que estavam sendo enganados e “que eles esperavam intencionalmente até o dia em que sua esposa desse à luz a criança, pois essa ficaria também escrava, já que os filhos de escravos pertencem aos donos dos pais”.<sup>306</sup>

A autora, assim, pela primeira vez no texto, fala em uma possibilidade de rebelião entre os escravos. Isso, no entanto, não era visto com bons olhos por ela: “Devo acrescentar que um motim é de consequências imprevisíveis nestas regiões, pois nelas o número de escravos frequentemente é muito superior ao número de brancos”.<sup>307</sup> Logo na sequência, de maneira proposital, a narradora comenta a experiência convivendo com César e Clemene e como ela os entretinha com histórias sobre os grandes romanos, dos homens célebres, sobre as artes femininas que dominava, além de histórias de freiras. Nessa passagem do livro a autora expõe o que pensa Oroonoko sobre a existência de um Deus absoluto: “o conhecimento do verdadeiro Deus, assunto este que deixava César aborrecido, pois não conseguia reconciliar sua inteligência com a nossa noção de Deus Trindade, a qual chegava mesmo a ridicularizar um pouco, pois parecia-lhe um enigma a desafiar seu cérebro”.<sup>308</sup>

Esse trecho mostra alguns dos argumentos usados por Behn para provar a moral convencional que professa o cristianismo, indiferente às pessoas não cristãs, nesse caso os nativos da colônia e as pessoas negras escravizadas.<sup>309</sup> O interessante é esse trecho vir logo após a possibilidade da existência da rebelião. Ainda que Oroonoko promettesse que nada afetaria a população branca da colônia, já podemos perceber uma preocupação pelo que poderia acontecer e isso estava completamente atrelado à falta de confiança que a narradora tinha por pessoas que proferiam uma crença religiosa diferente da religião cristã.

Na sequência dos acontecimentos, continuamos a perceber a preocupação pelas possíveis atitudes de Oroonoko, mas a decisão foi que

---

<sup>306</sup> BEHN, Op. Cit., p. 81.

<sup>307</sup> Idem.

<sup>308</sup> Ibidem, p. 82.

<sup>309</sup> ROGERS, Op. Cit., p. 10.

ele deveria continuar a ser tratado da melhor maneira possível, contanto que ele se restringisse bastante a sua área e contanto que não se lhe dessem frequentemente ocasiões de se juntar aos demais escravos; quando o fizesse, que fosse acompanhado devidamente, por pessoas que mais dessem a impressão de ser seus assessores do que seus espiões.<sup>310</sup>

Aqui novamente temos a autora manifestando seu respeito pelo príncipe escravo desde que não atentasse contra a ordem. Nesse momento, inclusive, a narradora desvia a atenção da possível desordem que estava nascendo para falar um pouco sobre sua estadia na região

Minha estadia naquela região devia ser curta, visto que meu pai viera a falecer durante a viagem para cá, nunca chegando a tomar posse do honroso cargo que lhe foi designado, ou seja, vice comandante de trinta e seis ilhas e do território do Suriname, e nem colheu as vantagens que tal cargo lhe daria. Não pretendíamos, portanto, permanecer naquelas terras.<sup>311</sup>

Entre as evidências que sugerem que Aphra Behn não viajou ao Suriname, a mais convincente é a de que Behn provavelmente era filha de um barbeiro com uma ama de leite. Desta forma, seria pouco provável que seu pai tenha sido uma pessoa a quem foi concedido um cargo importante na então colônia inglesa. Esse trecho citado seria, portanto, uma forte evidência de como o texto da autora não é baseado numa possível viagem que teria feito na juventude. A maioria das interpretações sobrepõe a narradora à autora, incentivadas pelo texto narrado em primeira pessoa por Aphra Behn e a reivindicação da história como sendo verdadeira e autobiográfica. Vários estudiosos sugeriram inúmeros cenários possíveis para explicar se a história era verdadeira ou falsa, muitos dos quais acreditando que a autora nunca tenha de fato conhecido o Suriname e tenha copiado detalhes de livros de viagens.<sup>312</sup>

Voltando à descrição da permanência da narradora na colônia:

“Trata-se na verdade de um vasto continente, cuja extensão é ainda mais desconhecida, mas que pode conter mais terras de alto valor do que todo o resto do mundo”; “Ali é eterna a primavera, pois nunca deixa de ser abril, maio e junho”; “Fazer um relato completo das tantas maravilhas e curiosidades seria uma tarefa quase interminável”; “Não tínhamos nada a temer, todavia, quando César nos acompanhava nessas expedições”.<sup>313</sup>

Oroonoko, assim, tem uma condição peculiar sendo escravo, pois não vemos ao longo do romance o príncipe engajado em nenhum trabalho realizado por escravos. Seu tempo é

---

<sup>310</sup> BEHN, Op. Cit., p. 84.

<sup>311</sup> Ibidem, p. 85.

<sup>312</sup> ROSENTHAL, Laura J. *Oroonoko*... Op. Cit., p. 156.

<sup>313</sup> BEHN, Op. Cit., p. 85-86.

dedicado a aventuras de caça, atos de heroísmo e trabalhos de campo. Na maioria das vezes é tratado como um homem livre e tendo suas proezas heroicas narradas, como o dia que ele salva a narradora e outras mulheres inglesas de serem atacadas por um tigre em uma das expedições pela colônia:

Nós, mulheres, corremos o que nossas forças permitiam, mas de nada nos teriam ajudado as pernas, se César não tivesse depositado o tigrinho no chão e, tomando a espada do senhor Martin, pediu-lhe que seguisse as mulheres. A tigre imediatamente largou sua presa para correr com mais liberdade em direção a César. O príncipe se preparou para enfrentar esta poderosa fera, de extraordinário tamanho e assustadoras patas e que dele se aproximava com a boca espancada. Tomando uma firme posição de defesa e fixando seus severos e impressionantes olhos com determinação nos olhos da fera, César manejou a espada com destreza e enfiou-a no peito da tigre até o punho, atingindo seu coração. O animal ainda estendeu a pata, conseguindo fincar aquelas afiadas unhas na coxa de César, sem, todavia, ter tido forças para arrancar a carne, pois caiu morto. Feito isso, César gritou que voltássemos, o que fizemos assim que nos certificamos de que o animal estava morto.<sup>314</sup>

É interessante como a autora escolhe falar sobre sua experiência no Suriname logo após manifestar sua preocupação, e a de todos os colonos aparentemente, sobre uma possível revolta escrava, antecipando a curiosidade sobre os acontecimentos que estão por vir. O foco deixa de ser o casal Oroonoko e Imoinda, passando para sua maravilhosa experiência no local. Aphra Behn demonstra, assim, um controle sobre sua narrativa, visto que soube diminuir o ritmo, preparando o leitor para o evento final: a rebelião.

Quando volta a destacar seus protagonistas, Imoinda já estava em fase avançada da gravidez e começa a temer pela liberdade da criança que está para nascer. Isso faz com que Oroonoko tome a decisão que vinha maturando. É inquestionável o esforço da autora no que diz respeito aos detalhes realistas em seu romance, seguindo um padrão descritivo conhecido na época. Um desses detalhes realistas está na descrição da rebelião orquestrada por Oroonoko que tinha como objetivo não só libertar ele e sua amada Imoinda, mas também os outros escravos do local:

Depois de separar os homens das mulheres e crianças, César fez-lhes uma preleção sobre as misérias e a vergonha da escravidão, fazendo com que eles vissem que todos os trabalhos e sofrimentos a que eles se submetiam ao levar pesadas cargas em tarefas terrivelmente rotineiras eram mais adequados para animais, que são burros insensíveis, do que para seres humanos, que têm uma alma sensível. Explicou-lhes que seus sofrimentos não eram de curta duração, de dias, meses, ou mesmo anos, mas eram para sempre, eram sem fim. [...] Cada gota deste sangue deveria ser vingada com a vida daqueles que impõem tão cruel e bárbaro sofrimento. “E por que”, prosseguia César, “meus queridos amigos e irmãos no sofrimento, deveríamos ser escravos de um povo que nem conhecemos? [...] Somos comprados e vendidos como macacos.

<sup>314</sup> Ibidem., p. 88.

Ficamos à disposição de mulheres, de tolos, de covardes e daqueles bandidos e renegados que foram obrigados a deixar seus próprios países por terem sido estupradores, assassinos e ladrões. [...] “Não, não, não! César falou como um grande capitão, como um grande rei!”.<sup>315</sup>

É inegável o poder de liderança do príncipe escravo, conseguindo reunir 300 escravos no dia de folga deles e proferindo palavras tão fortes e certeiras. Depois notamos que Oroonoko tinha completa noção das pessoas que decidiam conhecer ou fixar residência nas colônias. O que a narradora descreve como atos de heroísmo de Oroonoko quando salva “as pobres mulheres inglesas indefesas”, é na verdade uma forma de mostrar como o príncipe tinha conhecimento sobre suas reais funções como escravo e de como enxergava os passeios recreativos que ele era obrigado a fazer parte. Por fim, revela a visão de Oroonoko sobre a escravidão. Ainda que fosse um negociador de escravos em sua terra natal e que tivesse feito outros homens escravos, não aceitava ser escravizado em prol de pessoas não merecedoras, como considera os colonos ingleses.

Desta forma, encerrado o discurso de Oroonoko, todos expressaram concordância. No entanto, existe a dúvida em relação aos planos da rebelião, ainda que jurassem segui-lo até a morte. O plano de Oroonoko era rumar em direção ao mar e lá chegando erguer uma nova colônia e defendê-la a todo custo. Decidiram, assim, na mesma noite partir em busca da liberdade.

As rebeliões de escravos eram conhecidas nas colônias desde o século XVII e durante o século XVIII. Apesar de não ser conhecida nenhuma rebelião histórica como a narrada na história de *Oroonoko*, Aphra Behn tinha certo conhecimento sobre o governo colonial do Suriname, marcado por violentas disputas internas, rebeliões e fuga de escravos.<sup>316</sup>

As rebeliões na colônia do Suriname eram bastante comuns e uma vez sendo capturados os rebeldes, sofriam duras punições. Por esse motivo, quando se rebelavam, já sabiam qual seria seu destino caso fracassassem, como é descrito por Behn em duas passagens: “Se viessem a morrer na luta pela liberdade, maior ainda seria sua bravura, pois a morte é preferível à perpétua escravidão”;<sup>317</sup> “Sabia muito bem que se os negros fossem levados ao desespero no meio do combate eles prefeririam o suicídio à rendição”.<sup>318</sup>

A fuga, no entanto, não durou muito tempo. Tendo deixado várias marcas de fogo e clareiras na mata, os escravos logo foram encontrados. A eles foi prometido que, caso se

<sup>315</sup> BEHN, Op. Cit., p. 101-102.

<sup>316</sup> SPENCER, Op. Cit., p. 227.

<sup>317</sup> BEHN, Op. Cit., p. 104.

<sup>318</sup> Ibidem, p. 106.

rendessem, seriam poupados: “Rendam-se e viverão, rendam-se e serão perdoados” e “Entreguem-se e deixem que os ingleses se vinguem de César”.<sup>319</sup> Os escravos, assim, foram aos poucos abandonando Oroonoko e se entregando. O príncipe foi o último a ser convencido, com a promessa do governador Byam de que “se vocês (Oroonoko e Imoinda) decidirem render-se, vamos tratá-los com todo o respeito possível, garantindo que vocês e a criança que vier a nascer partam livremente de nossas terras”.<sup>320</sup>

Ao longo da narrativa Oroonoko é enganado com falsas promessas. Nesse momento ele já não sabia mais em quem acreditar. Aphra Behn privilegia a honra e a moral de seu protagonista. A honra de Oroonoko pode ser constatada em vários momentos do romance, mas em especial porque acreditava nas promessas que lhe faziam e que não eram cumpridas. A primeira é quando Oroonoko é capturado pelo capitão, fazendo-o prisioneiro. Fingindo arrependimento depois que o príncipe decidiu que seria mais honroso morrer por inanição à escravidão, o capitão promete que “tanto o príncipe como seus companheiros seriam libertados no primeiro país a que chegassem, o que o capitão jurava cumprir, contanto que Oroonoko e seus companheiros resolvessem viver”.<sup>321</sup> Chegando ao Suriname o capitão do navio traiu suas próprias palavras e vendeu Oroonoko e seus amigos em lotes separados como escravos. Oroonoko, desarmado e sem ter como se defender, contava somente com a sua honra e a usou para proferir as seguintes palavras para o capitão traidor: “Adeus, capitão! Vale a pena sofrer como eu para chegar a conhecer não somente a sua pessoa como também os deuses por quem o senhor jura!”.<sup>322</sup>

A segunda promessa não cumprida feita a Oroonoko vem do senhor que o comprou, Trefry. Notando sua nobreza e o tratamento diferenciado que todos tinham para com Oroonoko, inclusive da parte dos outros escravos africanos que “jogaram-se a seus pés, exclamando em sua língua: “Viva o Rei! Viva o Rei!” beijando-lhe os pés”.<sup>323</sup> Trefry e Oroonoko fazem um acordo para seu resgate, tendo o príncipe prometido ouro e até mesmo escravos em troca de sua liberdade. Com a desculpa de Trefry que dizia esperar a chegada do Governador da colônia para libertar Oroonoko, mais uma vez ele se vê enganado por um inglês colonizador: “de forma que ele começou a suspeitar de que estava sendo tratado com falsidade”,<sup>324</sup> o que acabou se confirmando.

---

<sup>319</sup> Idem.

<sup>320</sup> Ibidem, p. 108.

<sup>321</sup> Ibidem, p. 66.

<sup>322</sup> Ibidem, p. 71.

<sup>323</sup> Ibidem, p. 75.

<sup>324</sup> Ibidem, p. 81.

A terceira e a maior promessa descumprida acontece durante a rebelião escrava. Byam, vice-governador da colônia, promete a Oroonoko e Imoinda “tratá-los com todo o respeito possível, garantindo que vocês e a criança que está a nascer partam livremente de nossas terras”.<sup>325</sup> Desta vez, no entanto, Oroonoko já tinha perdido a esperança nas promessas que lhe eram feitas:

A tudo isso César só respondeu que ele tinha perdido completamente a confiança no homem branco e nos deuses que ele adorava, os quais só lhe ensinavam princípios falsos, tornando impossível que pessoas honestas convivessem em meio a eles. Nenhum povo como os cristãos, continuava César, demonstrava externamente tanta religiosidade e vivia tão pouco de acordo com aquilo que diziam acreditar. Ele, César, sabia muito bem quando estava tratando com pessoas honestas e honradas. Com os cristãos ele tinha que estar constantemente atento e vigilante e nunca sentar-se à mesa com eles sem ter à mão uma arma para defender-se e nem jamais dar crédito a sua palavra.<sup>326</sup>

A valorização da honra é constante na narrativa de Behn, no entanto, essa crítica ao cristianismo no texto é algo um tanto quanto surpreendente, visto que não se alinha ao discurso monarquista do texto que “legitimou a reivindicação do poder monárquico irrevogável apelando ao Deus cristão” e também pelo fato de Aphra Behn ser aparentemente simpática ao catolicismo, assim como o rei Jaime II, como assinala Pacheco.<sup>327</sup>

Ainda que vários estudiosos tenham explicado as críticas ao cristianismo por parte de Behn como uma crítica à civilização europeia, essa explicação parece um tanto quanto infundada, uma vez que a maioria dos europeus retratados por Behn, à exceção do capitão e Byam, são retratados de forma positiva. Assim, o romance de Aphra Behn “mostra traços de algumas das estratégias revisionistas empregadas durante a Restauração monárquica para lidar com uma fé religiosa que foi vista como tendo inspirado rebelião, assim como lealdade ao Rei e à Igreja”.<sup>328</sup>

Voltando a narrativa, Oroonoko é enganado mais uma vez. Apesar de seu discurso no qual se diz sem confiança no homem, acredita em promessas que acabam não se cumprindo. Ao se entregar sob uma promessa falsa de perdão, sofreu as maiores torturas então imaginadas: “O castigo foi aplicado com maior intensidade a César, de quem não se ouvia o menor gemido

---

<sup>325</sup> Ibidem, p. 108.

<sup>326</sup> Idem.

<sup>327</sup> PACHECO, Anita. Royalism and Honor in Aphra Behn's Oroonoko. *Studies in English Literature, 1500-1900*, v. 34, n. 3, p. 491-506, 1994. p. 500. [legitimized the claim to indefeasible monarchical power by appeal to the Christian God]

<sup>328</sup> Idem. [show traces of some of the revisionist strategies employed during the Restoration to deal with a religious faith that was seen to have inspired rebellion as well as loyalty to King and Church]

e cujo rosto não se alterava, a não ser pelos olhos, que faiscavam com fúria e indignação em direção ao vice-governador a àqueles que ele julgava mais culpados”.<sup>329</sup> Imoinda foi poupada de ver tal cena, pois “temiam que ela abortasse à vista do bárbaro espetáculo e então perderiam um pequeno escravo e, talvez, ainda a mãe”.<sup>330</sup>

Nesse momento da narrativa é nítido o fato de que Oroonoko era apenas mais um escravo para o colonizador inglês. Enquanto ele cumpria as ordens e não criava problemas na colônia todos o adoravam e o consideravam um herói. A partir do momento que reivindicou sua liberdade, liberdade essa que lhe foi prometida desde que foi capturado, passou a ser tratado de forma desumana. Até mesmo a narradora, que se dizia sua amiga, passa a temê-lo. Tratou-o, assim, como mais um objeto exótico que havia conhecido na colônia.

Oroonoko estava sedento por vingança, mas tinha medo, pois sabia que, “uma vez consumada sua vingança, seu fim era certo”,<sup>331</sup> e seu maior medo era morrer “e deixar Imoinda à mercê da fúria da multidão enraivecida, pensamento que seu coração não conseguia suportar”.<sup>332</sup> Após dias entregue a vários pensamentos, Oroonoko finalmente toma uma decisão, que a narradora considerou “corajosa e justa depois que ouvimos seus motivos”.<sup>333</sup>

E foi ali que, em meio a mil gemidos, os olhos fixos no belo rosto de Imoinda e cheios de lágrimas, que ele tentava reprimir em vão, que ele lhe contou seus planos, ou seja, sacrificá-la em primeiro lugar, depois vingar-se de seus inimigos e, por último juntar-se a ela pelo sacrifício de si mesmo. Explicou-lhe que, dada a impossibilidade da fuga, a morte era a única solução.<sup>334</sup>

Imoinda aceita a sugestão do amado sem relutar visto que tinha medo que Oroonoko morresse e ela ficasse à mercê de seus inimigos. Apesar de Imoinda representar a subordinação feminina, como a crença inquestionável na sugestão de Oroonoko à morte de ambos pelas próprias mãos do príncipe escravo, Imoinda não pode ser considerada somente uma figura submissa, visto que sua agência durante a rebelião de escravos foi fundamental. Assim, temos a figura de Imoinda, que além de bela era também guerreira, mas representa o estereótipo de feminilidade idealizada, sendo obediente aos homens, até mesmo no momento de sua morte, quando não questiona o plano suicida de Oroonoko, apenas aceita.

---

<sup>329</sup> BEHN, Op. Cit., p. 110.

<sup>330</sup> Idem.

<sup>331</sup> Ibidem, p. 114.

<sup>332</sup> Ibidem, p. 115.

<sup>333</sup> Idem.

<sup>334</sup> Ibidem, p. 116.

Oroonoko mata sua amada, “com a mão firme e coração despedaçado, desferiu o golpe fatal, degolando aquela que, ainda sorrindo, carregava o fruto de seu mais sincero amor”.<sup>335</sup> Isso faz com que seu ódio por todos que o haviam colocado nessa situação apenas aumentasse, decidindo, assim, se manter vivo para vingar-se: “Não”, gritava ele, “já que eu cheguei a ponto de sacrificar minha Imoinda para cumprir meu plano de vingança, será que eu vou perder a glória que comprei a tão alto preço, pois me custou a mais bela, a mais querida e a mais amável criatura que a natureza já formou? Não, não!”<sup>336</sup>

O príncipe permanece ao lado do corpo sem vida de Imoinda por vários dias, planejando sua vingança, que nunca aconteceria, pois estava cada vez mais fraco. Quando finalmente são encontrados, Oroonoko mal tem forças para se levantar. O grupo que os encontra fica horrorizado com a cena que avistam e proclamam: “Ó monstro! Tu assassinaste tua mulher!”.<sup>337</sup> Nesse momento nada resta que possa salvá-lo da morte certa. Oroonoko, assim, é condenado à morte pelo governador da colônia.

Nesse momento, onde estava a narradora, aquela que se dizia tão amiga do príncipe escravizado? Apesar da narradora afirmar ser amiga de Oroonoko e Imoinda, nada fez para ajudar o casal, atuando em nome dos colonos, espiando e relatando as ações do príncipe escravo, que é constantemente incentivado com a promessa de sua liberdade.<sup>338</sup> A narrativa de Behn, assim, se mostra tendenciosa e contraditória, sendo condizente com o discurso colonizador que citamos no início da análise e aqui repetimos: “vivíamos em perfeita harmonia e em bom entendimento com estes escravos, como nos convinha”.<sup>339</sup>

Como exemplo dessa conveniência, citamos as duas vezes em que a narradora deixa o local de ação, abandonando Oroonoko às consequências de suas ações. A primeira, quando o príncipe escravo é capturado após a rebelião:

É preciso que eu lhes relate que, na manhã em que eu soube da fuga de César para os matos, à frente de todos os negros, ficamos tomados de extremo medo de que César e os escravos voltassem à noite para nos degolar a todos. Esse temor fez com que todas nós, mulheres, nos refugiássemos para perto do rio, onde estaríamos seguras. Foi quando lá escutávamos que as barbáries acima descritas foram cometidas.<sup>340</sup>

---

<sup>335</sup> Idem.

<sup>336</sup> Ibidem, p. 117.

<sup>337</sup> Ibidem, p. 119.

<sup>338</sup> SPENCER, Op. Cit., p. 229.

<sup>339</sup> BEHN, Op. Cit., p. 27-28.

<sup>340</sup> Ibidem, p. 111.

A segunda ocasião é quando Oroonoko é encontrado ao lado do corpo sem vida de Imoinda e está prestes a ter seu corpo desmembrado até a morte:

Como o discurso do príncipe era muito triste e deprimente, e como havia junto a ele um forte e estranho cheiro de terra, fui convencida a sair daquele ambiente por algum tempo, pois eu mesma era uma pessoa doentia e inclinada a sofrer doenças perigosas sempre que uma melancolia incomum me envolvia.<sup>341</sup>

Na ausência da narradora, Oroonoko é atacado e depois morto de forma extremamente violenta. O motivo para o afastamento da narradora pode estar relacionado “à corrupção moral de uma autoridade usurpadora mercantilista”, como pontua Ferguson. Essa talvez seja uma ação consistente com o comportamento da narradora ao longo do texto, ou quem sabe, uma fuga de suas próprias contradições quando Oroonoko ameaça o status quo. Enquanto o comportamento de Oroonoko é apenas exótico, inocente e em concordância com o domínio branco colonial, a narradora elogia sua vida aventureira, se mostrando fascinada pela diferença cultural e racial representada pelo príncipe escravo. Porém, quando ele se rebela e ameaça a colônia, a narradora convenientemente se retira de cena. O texto exalta o heroísmo e as atitudes de Oroonoko desde que não ele não ameaçasse o projeto colonial inglês e a autoridade real.<sup>342</sup>

No fim, o príncipe escravo sofre uma morte chocante:

O carrasco então aproximou-se e começou por cortar as partes pudendas, as quais atirou no fogo. Em seguida, com uma faca de pouco fio, cortou-lhe as orelhas e o nariz, que também jogou no fogo. [...] César foi imediatamente esquartejado e as partes de seu corpo mandadas para diversos dos chefes de plantação.<sup>343</sup>

Nesse momento, Oroonoko deixa de ser visto como desejável, tornando-se uma imagem do horror e da abjeção. A sua lenta e brutal morte é uma lembrança do abismo que separa uma mulher branca e os escravos em uma sociedade colonial. Existe uma diferença nítida entre a narradora, Oroonoko e Imoinda. Aphra Behn, desta forma, não foi capaz, em seu texto, de atacar a escravidão, nem provar que as mulheres e os escravos, grupos marginalizados, têm uma experiência de subalternização e inferioridade.<sup>344</sup>

Por fim, quando não havia mais nada a ser feito, a narradora espera ter feito jus à história de Oroonoko:

---

<sup>341</sup> Ibidem, p. 122.

<sup>342</sup> FERGUSON, Moira, Op. Cit., p. 347-348. [the moral corruption of a mercantilist usurping authority]

<sup>343</sup> BEHN, Op. Cit., p. 123.

<sup>344</sup> FOGARTY, Op. Cit., 13-14.

E foi assim que morreu este grande homem, que merecia uma melhor sorte e um biógrafo de estro mais inspirado e sublime do que eu. Não obstante, espero que minha pena já seja suficientemente famosa para fazer com que o glorioso nome de Oroonoko viva para sempre, bem como o de sua corajosa, bela e fiel Imoinda.<sup>345</sup>

Em suas últimas palavras, a narradora continua insistindo na grandeza de Oroonoko, aquele pelo qual teve tanta estima, mas que no momento mais difícil de sua vida, simplesmente o abandonou. Insiste também na beleza e fidelidade de Imoinda, deixada de lado em boa parte da narrativa. Para terminar se refere à sua escrita feminina, esperando ter feito jus ao grande homem que Oroonoko foi.

### 3.3 Um romance, várias perspectivas

*Oroonoko* é um romance que foi analisado por diversos críticos ao longo das últimas décadas, das mais diversas formas. Decidimos nos apoiar na relação entre a realidade e a ficção para guiar nossa análise não apenas porque é a mais conhecida e interessante, mas também porque acreditamos que a partir desse caminho poderíamos ver não apenas a relação entre o que Aphra Behn pode ou não ter vivido em sua possível viagem ao Suriname, do mesmo modo que poderíamos discutir questões como escravidão e colonialismo a partir do ponto de vista de uma mulher inglesa do século XVII.

A relação entre a ficção e a realidade foi recorrente entre as romancistas inglesas do século XIX. Um exemplo é o caso das irmãs Brontës.<sup>346</sup> Em seus escritos, ficção e realidade parecem caminhar juntas. Esse é o caso de *Agnes Grey*, de Anne Brontë (1847), romance que conta a história de uma jovem, filha de um clérigo (como Anne), que decide trabalhar como preceptora para ajudar a família (situação que também aconteceu com Anne), trabalhando em duas residências de família até o retorno em definitivo ao lar (ocorrido com Anne, também). Apesar do romance ter tido origem na experiência de Anne Brontë como preceptora, é impossível avaliar o quanto suas representações podem ter sido influenciadas por suas experiências vividas.<sup>347</sup> Assim, não se pode confundir autor e personagem, pois, ainda que Anne tenha levado em consideração suas experiências pessoais quando escreveu o romance, não é

---

<sup>345</sup> BEHN, Op. Cit., p. 124.

<sup>346</sup> Charlotte Brontë (1616-1855), Emily Brontë (1818-1848) e Anne Brontë (1820-1849).

<sup>347</sup> BARKER, J. *The Brontës. Wild Genius on the Moors: The Story of a Literary Family*. New York: Pegasus Books, 2013. p. 593.

possível “negligenciar o alto nível de modelagem artística presentes no romance publicado”, como assinala Langland.<sup>348</sup>

Acreditamos que o romance de Aphra Behn, guardadas as devidas diferenças, pode também ser considerado um romance autobiográfico em sua concepção, porém, a direção da história, a amizade da narradora com um príncipe escravo e seu fim trágico, pode ter sido uma licença artística da autora, que pode ter aproveitado suas memórias de viagem ao Suriname na juventude como cenário para a criação literária.

O romance de Aphra Behn pertence a uma linhagem de narrativas de “testemunhas oculares” de “viagens para o outro mundo”, como pontua Rivero. Esse outro mundo era o continente americano, espaço que era presumido pelos europeus, até sua descoberta, como um “espaço em branco” no mapa. Esses espaços coloniais foram naturalizados em narrativas europeias familiares. Esse “Novo Mundo” era uma espécie de Jardim do Éden, no qual “seus nativos eram versões bizarras de Adão e Eva, e quem registrava essas maravilhas era um visitante em um paraíso até então desconhecido, mas apesar disso estranhamente familiar”.<sup>349</sup>

Brepohl elabora uma reflexão a respeito da imaginação literária como produtora de sentimentos, sensibilidades e fantasias, como parte de estudos que têm se consolidado cada vez mais na produção histórica. Usando como ponto de partida a dominação imperialista, a historiadora examina os romances de aventura que desde meados do século XIX, tinham linguagem e argumentação próprias, representando o espírito da época, como “a sedução da velocidade, o gosto pela aventura, a fé na ciência, o incomodo diante da pobreza, o herói individual e voluntarista, o desejo da ostentação”. Nesse período, os textos literários se disseminam e tornam-se expressivos e numerosos. Um tópico que chama atenção nesses escritos é a perspectiva autobiográfica que se faz presente a partir de experiências concretas ou a partir de elaborações ficcionais. Assim, o foco central do assunto é a “interiorização da consciência que leva a um desdobrar-se sobre si”, no qual a escrita dos textos está apenas interessada em si mesma e para si mesma.<sup>350</sup>

A imaginação literária é uma modalidade discursiva na qual o pensar crítico se constitui subjetivamente na escrita. No caso de Aphra Behn e do livro *Oroonoko*, vemos uma mulher que sobreviveu por meio da escrita com uma vida pouco convencional para a Inglaterra no

<sup>348</sup> LANGLAND, E. *Anne Brontë: The Other One*. New Jersey: Barnes & Noble Books, 1989. p. 97. [neglect to appreciate the high level of artistic shaping present in the published novel]

<sup>349</sup> RIVERO, Op. Cit., p. 445. [“Eye-Witness” narratives of Travels to the World”] e [it natives outlandish versions of Adam and Eve, and the recorder of those wonders a visitor to a hitherto undiscovered yet strangely familiar paradise]

<sup>350</sup> BREPOHL, Marion. *Imaginação literária e política: os alemães e o imperialismo 1880/1945*. Uberlândia: Ed. UFU, 2010. p. 24-25, 30.

período da Restauração monárquica, e que viu numa nova forma de contar histórias – o romance – um lugar de pertencimento.

A literatura teve um papel importante na época do Imperialismo. Como assinala Brepohl, “autores de diversas tendências debruçaram-se sobre esse tema, estetizando-o ora como heroico, ora como tirânico, ora como um mal necessário”. A autora retoma as ideias de Edward Said, para quem “a cultura [...] conferiu autoridade social à dominação imperialista”, o que para a Brepohl oferece “imagens sobre a resistência do colonizado à chegada do homem branco, tensão permanentemente presente tanto nas narrativas do nativo como na do conquistador.”<sup>351</sup>

Aphra Behn é um caso interessante desta tradição literária. A escritora inglesa demonstrou interesse e preocupação realmente genuínos pelas culturas estrangeiras, muito mais que outros dramaturgos que estavam apenas interessados em fazer proveito de seus cenários exóticos com o intuito de fazer comparações culturais. Behn estava disposta a mostrar características mais realistas, que acabaram por contribuir para uma simbologia poderosa em seu romance.<sup>352</sup>

A literatura de aventura é certamente escapista, transporta o leitor para lugares distantes no qual ele pode ser livre, se apaixonar e dominar da maneira que lhe fosse mais desejada. São histórias de heróis “com quem nos identificamos, que nos fazem prender a respiração, arregalar os olhos, tentar adivinhar seu futuro, e que parece nos trazer pelo menos por alguns segundos, a sensação de prazer”, nos levando para regiões “com todos os seus perigos, mistérios e riquezas”, como pontua Brepohl.<sup>353</sup>

O diferencial de Oroonoko em relação aos romances de aventuras posteriores que tinham como cenário a conquista colonial é o lugar narrativo, no qual os relatos não são sobre a vida da narradora, mas sim de uma narrativa em primeira pessoa sobre a vida de um terceiro. Como assinala Azim, “o sujeito e o objeto da narrativa são nitidamente separados, e uma narradora branca conta a história de um escravo negro na colônia britânica do Suriname”. Essa relação não serve apenas para colocar o sujeito narrador em posição de domínio e segurança em relação ao Outro, mas também “destaca as fissuras e pontos de perigo aos quais esse conceito é vulnerável”.<sup>354</sup>

---

<sup>351</sup> Ibidem, p. 26-27.

<sup>352</sup> ROGERS, Op. Cit., p. 9. [while they might take advantage of their exotic settings to make cross-cultural comparisons]

<sup>353</sup> BREPOHL, Op. Cit., p. 32.

<sup>354</sup> AZIM, F. *The Colonial Rise of the Novel: From Aphra Behn to Charlotte Brontë*. 1993. p. 35-36. [Subject and object of narrative are sharply separated, and a white female narrator tells the story of a Black slave in the British

O texto de Aphra Behn, desta forma, aborda a questão do indivíduo colonizado de uma forma diferente do que era usual entre os escritores de romances de aventuras. Não só vemos essa representação a partir da pena de uma mulher, como também o protagonista da história não é o típico herói europeu que sai de sua terra em busca de aventuras, mas um príncipe africano que é feito escravo. Apesar de validar os padrões coloniais do período, a autora dá voz em sua narrativa a uma trágica história de amor de um casal africano escravizado.

Sobre a representação do colonizado, Said assinala que representar alguém ou algo é hoje um esforço complexo e problemático, “com consequências para a certeza e a capacidade de decidir tão cheias de dificuldades quanto se possa imaginar”. Para o autor, a noção que se tinha do colonizado, antes da Segunda Guerra Mundial, era de pessoas que habitavam um mundo não ocidental e não europeu e que haviam sido controladas e estabelecidas à força pelos europeus e assim, eram associadas a um mundo não desenvolvido e não civilizado. O colonizado, continua Said,

não era um grupo histórico que conquistara a soberania nacional e se dispersara, mas uma categoria que incluía os habitantes de novos Estados independentes, bem como povos subjugados em territórios adjacentes ainda colonizados por europeus. O racismo continuava a ser uma força importante, com efeitos mortais em guerras coloniais terríveis e sociedades rígidas e fechadas.<sup>355</sup>

*Oroonoko* não foi o único texto escrito por Aphra Behn a ter como cenário as colônias americanas. *The Widow Ranter, or the History of Bacon in Virginia*, peça encenada postumamente em 1689, teve a colônia britânica da Virginia como cenário.<sup>356</sup> Os críticos, de forma geral, investigaram das mais diversas maneiras como essas duas obras refletem as preocupações da autora sobre a política interna inglesa do período.<sup>357</sup> Para Todd, a peça de Behn conversa perfeitamente com o cenário político agitado de 1688.<sup>358</sup> Trata-se de uma tragicomédia que recria de forma ficcional a Rebelião de Bacon, em 1676.<sup>359</sup> A peça conta a história do colono Nathaniel Bacon que, aliado a um grupo voluntário de guerreiros, derrubam temporariamente o governo de William Berkeley.

---

colony of Surinam], [as self and Other are bound in a dialectical relationship] e [it also highlights the fissures and points of danger to which such a concept is vulnerable]

<sup>355</sup> SAID, Edward W. A representação do colonizado: os interlocutores da antropologia. In: *Reflexões sobre o exílio: e outros ensaios*. Editora Companhia das Letras, p. 114-136, 2003. p. 115.

<sup>356</sup> Foi a primeira peça inglesa a ser ambientada na América colonial britânica. (TODD, Janet. *Aphra Behn...* op. Cit., p. 429).

<sup>357</sup> CHEDGZOY, Op. Cit., p. 170.

<sup>358</sup> TODD, Janet. *Aphra Behn...* Op. Cit., p. 428-429.

<sup>359</sup> Rebelião armada dos colonos americanos, liderada por Nathaniel Bacon, contra o governador da Virginia William Berkeley, sob a alegação de desprezo e desimportância do governador para com a colônia. Teve como desfecho o retorno de Berkeley à Inglaterra.

Assim como em *Oroonoko*, *The Widow Ranter* dramatiza uma rebelião fracassada em uma *plantation* americana. Ainda que no caso da peça teatral seja uma rebelião liderada por um inglês, esse se mostra avesso ao governo colonial, colocando-o, desta forma, no mesmo campo ideológico dos heróis criados por Aphra Behn. Para Chedgzoy, mesmo que *Oroonoko* seja um romance constantemente associado à biografia de Behn e *The Widow Ranter* um texto baseado em acontecimentos históricos, a peça de Behn compartilha com o romance a “preocupação do livro *Oroonoko* em encontrar maneiras apropriadas de registrar e memorizar eventos traumáticos que afetam a vida pública e política de uma pequena comunidade colonial”. Aphra Behn transformou essas duas obras em registros de memória pessoal e nacional, sendo “obras de memória e recriação, existindo no ponto onde verdade e fantasia, história e memória se cruzam”. Behn, assim, nos proporciona uma visão única sobre o mundo atlântico que estava emergindo.<sup>360</sup>

Tanto em *Oroonoko* como em *The Widow Ranter*, Behn explora a incapacidade dos ingleses em viver numa sociedade civil pacífica, no qual a autora via seu povo como tendo uma predisposição incansável à violência, ganância e desobediência. Assim, Aphra Behn usa o cenário das colônias americanas, que eram imaginadas tradicionalmente como local de existência de governos primitivos, para tratar da sociedade política europeia com suas qualidades bárbaras e vorazes. A violência primitiva descrita tanto no romance como na peça de Aphra Behn, é resultado da rejeição da política monárquica dos Stuart. Desta forma, Aphra Behn recorre às colônias da Virginia e do Suriname como cenário para tratar de acontecimentos cruciais: que o processo civilizador inglês era fraco e que a falta de um governo ilustrado para as colônias americanas estava reativando tendências bárbaras que a nação havia a pouco superado.<sup>361</sup>

A possibilidade de se tratar de um romance autobiográfico, contando a história de uma jovem que viaja para o Suriname e estabelece relação de amizade inusitada com um príncipe escravizado, fez com que se criasse um interesse particular pelo texto escrito por Aphra Behn. Para Rosenthal, a narradora e *Oroonoko* demonstram alguns paralelos interessantes: ambos “vivem em alguma forma de exílio, ambos se sentem superiores aos colonos brutos, ambos [...]

---

<sup>360</sup> CHEDGZOY, Op. Cit., p. 196-197. [*Oroonoko's concern with finding appropriate ways to record and memorialize traumatic events that affect the public political life of a small colonial community*] e [*works of recollection and recreation, existing at the point where truth and fantasy, history and memory, intersect*]

<sup>361</sup> VISCONSI, Elliott. A Degenerate Race: English Barbarism in Aphra Behn's "Oroonoko" and "The Widow Ranter". *ELH*, v. 69, n. 3, p. 673-701, 2002. p. 673-675.

perdem ou se afastam de seus pais ou figuras paternas, [...] ambos demonstram curiosidade sobre o ambiente natural e os nativos do Suriname, ambos se expressem eloquentemente”.<sup>362</sup>

Inicialmente, esses paralelos podem sugerir algum tipo de analogia política no texto de Behn. A simpatia demonstrada pela narradora pelo príncipe escravo poderia ser explicada pelo fato de Behn, como mulher, também ter experimentado injustiças na sua vida. *Oroonoko*, no entanto, não pode ser lido simplesmente a partir desse viés, visto que o texto, apesar de acolher a história do príncipe, não apoia ideais abolicionistas, nem protesta contra desigualdades de gênero de forma explícita. Até que ponto Aphra Behn naturalizou ou sustentou o sistema escravista colonial em seu texto é algo em aberto entre os críticos de sua obra. Diversas foram as representações examinadas pelos críticos sobre o romance: “escravidão, colonialismo, raça, classe, gênero, filosofia política e história econômica”.<sup>363</sup>

Acreditamos, no entanto, que, apesar do romance de Aphra Behn apresentar inúmeras possibilidades de análises, além da perspectiva autobiográfica que enfatizamos, não se pode condená-lo por não ser uma obra abolicionista ou por ter idealizado a vida dos escravos e de suas relações com os colonizadores. Não podemos esquecer que a autora era uma mulher que usava a escrita como forma de sustento, não como forma de protesto. Ainda que tenha trabalhado com assuntos polêmicos em seus textos, provavelmente o fez por serem assuntos em voga no período em que viveu e também porque um pouco de polêmica poderia ser vantajoso para as vendas ou na repercussão de suas histórias.

Também não podemos nos esquecer que estamos falando de uma mulher solteira e com uma condição financeira instável vivendo no século XVII, ou seja, tinha uma vida bastante limitada. Nesse sentido, podemos dizer que a narrativa do romance é bastante realista, afinal, o que poderia Behn fazer para salvar a vida de Oroonoko na sua narrativa? Ainda que a narradora sentisse uma afeição grande por ele e até mesmo o considerasse como amigo, ela estava sozinha na colônia, apenas esperando o tempo que pudesse voltar finalmente para casa. Seus atos questionáveis – como deixar a cena quando seu “amigo” mais precisa – são, assim, justificáveis e não condenáveis.

A narradora não estar presente no momento em que Oroonoko foi executado é um aspecto controverso do romance, sendo frequentemente visto de forma negativa e depreciativa para a narradora e para Aphra Behn. No entanto, como pontua Richards,

---

<sup>362</sup> ROSENTHAL, Laura J. *Oroonoko*... Op. Cit., p. 155. [live in some form of exile, both feel themselves to be superior to the brutal colonists, both [...] have either lost or become estranged from fathers or father figures, [...] both display curiosity about their natural surroundings and the Surinam natives, both express themselves eloquently]

<sup>363</sup> *Ibidem*, p. 155-156. [slavery, colonialism, race, class, gender, political philosophy and economic history]

Este detalhe narrativo não representa uma cumplicidade moral por parte de Behn; ela faz a escolha estratégica para representar sua narradora, que está ausente durante essa cena crucial, como incapaz de atender aos seus próprios padrões de credibilidade. Este detalhe da trama permite que Behn revele que o poder da narrativa ficcional é apenas isso - uma ficção.<sup>364</sup>

Defendemos que, moralmente, essa é a questão mais importante do texto, visto que dos senhores de escravos e dos colonizadores não se podia esperar alguma compaixão para com Oroonoko e seu desejo de liberdade. Mas, da pessoa que dividiu aventuras e considerava como amigo se esperava mais, e isso acabou gerando entre os leitores contemporâneos do romance certo desconforto em relação à atitude da narradora em se afastar ao invés de pelo menos estar presente e defendê-lo, nem que fosse por palavras.

O papel desempenhado pelo romance *Oroonoko* no debate sobre a escravidão é, como já citamos, algo complexo. Durante a segunda metade do século XVIII a questão da escravidão foi bastante debatida, mas só a partir da década de 1780 teve início um esforço conjunto para impedir e colocar termo no tráfico de escravos. Em 1787 foi fundada a “*The Society for the Abolition of the Slave Trade*” (Sociedade em prol da abolição do comércio de escravos) e teve início uma longa campanha parlamentar na Inglaterra na qual a propaganda anti-escravidão teve um papel importante na mobilização de apoio.<sup>365</sup> A peça teatral baseada no romance de Aphra Behn, a versão mais conhecida de *Oroonoko* no século XVIII na Inglaterra, não foi muito popular nesse período. A popularidade reduzida da peça de Southerne coincidiu com o crescimento de escritos abolicionistas na poesia e na ficção, sendo alguns deles inspirados em Oroonoko. Dessa forma, “Oroonoko estava sendo substituído pelo mito de Oroonoko”, como pontua Spencer.<sup>366</sup>

Ainda que *Oroonoko* não tenha sido o primeiro texto inglês a abordar a escravidão colonial, o romance de Aphra Behn elabora o discurso mais influente, gerando um paradigma no discurso colonial britânico. O romance de Aphra Behn, segundo a análise de diversos estudiosos, está diretamente ligado às visões políticas ambíguas que a autora tinha sobre a

<sup>364</sup> RICHARDS, Op. Cit., p. 675. [This narrative detail does not represent a moral complicity on Behn’s part; she makes the strategic choice to represent her narrator, who is absent during this crucial scene, as failing to meet her own standards of credibility. This plot detail allows Behn to reveal the narrator’s fiction of power to be just that—a fiction]

<sup>365</sup> Apenas em 1834 foi assinada a “Emancipation Act”, que aboliu a escravidão no Império britânico e no qual todos os escravos passaram a ser livres pela lei britânica.

<sup>366</sup> SPENCER, Op. Cit., p. 255. [Oroonoko was being replaced by the Oroonoko myth]

realeza e o poder colonial, e também sobre os relacionamentos múltiplos presentes no texto entre a narradora, Oroonoko e os colonos.<sup>367</sup>

A Inglaterra passava por um período conturbado politicamente, culminando com a deposição do rei Jaime II, por quem Aphra Behn tinha estima. Desta forma, muitos críticos acreditam que o romance seja na verdade uma alegoria política, no qual “o “escravo real” africano representa os amados reis Stuart “negros” de Behn, desde o martirizado Carlos I, ao seu filho e sucessor Carlos II, e ao Rei Jaime II”.<sup>368</sup>

A morte de Oroonoko é, inclusive, analisada por muitos críticos como parte de uma advertência ao Rei Jaime II. O livro foi escrito em meio a uma crise monárquica, onde o Rei Jaime II tentava se manter em meio ao conflito com o Parlamento que foi buscar num príncipe estrangeiro a legitimidade para a deposição do rei Stuart. Muitos críticos acreditam que a execução de Oroonoko serviu, assim, como lembrete ao Rei de que sua imprudência poderia fazer com que tivesse o mesmo destino que seu pai, Carlos I. Apesar da simpatia que Aphra Behn demonstrava pelo Rei, não concordava com as atitudes do monarca. Isso também pode ser percebido em seu texto. Apesar da simpatia demonstrada pela narradora a Oroonoko, ela não é simpática à rebelião,<sup>369</sup> chegando mesmo a temer aquele que considerava um amigo.

Consideramos essas análises que interpretam a história de Aphra Behn como uma alegoria política um tanto quanto exageradas. Ainda que a autora tenha demonstrado apoio aos Stuarts durante toda sua vida, tendo inclusive espionado em favor do Estado, nos parece que essas análises tentam criar outra narrativa sobre a narrativa de Behn, procurando relacionar o livro que foi publicado em seus últimos anos de vida aos últimos momentos de Jaime II no poder.

Voltando ao tópico da escravidão, a posição de Aphra Behn sobre o tema foi muito debatida, mas não chegamos a uma conclusão. Sobre a escravidão, o romance apresenta dois tipos distintos: a colonial e a africana, que são representadas a partir de diferentes significados sociais e inseridos em diferentes culturas e economias. O modelo colonial de escravidão vê como mercadoria em potencial qualquer africano, correspondendo ao modelo que ocidentais estão familiarizados. Em relação ao modelo africano, Aphra Behn caracteriza a sociedade africana como opressora e elitista. Pouco se sabe sobre aquelas realidades sociais africanas a

<sup>367</sup> FERGUSON, Moira. Op. Cit., p. 339-340.

<sup>368</sup> RIVERO, Op. Cit., p. 447. [the African "royal slave" stands for Behn's beloved "black" Stuarts, from the martyred Charles I, to the recently deceased Charles II, to the soon-to-be deposed James II] e [we mourn with its author the passing of her youth and the aristocratic ideals symbolized by the young Oroonoko e Imoinda]

<sup>369</sup> RICHARDS, Cynthia. Interrogating Oroonoko: Torture in a new world and a new fiction of power. *Eighteenth-Century Fiction*, v. 25, n. 4, p. 647-676, 2013. p. 650.

partir do romance, apenas que os perdedores das batalhas eram escravizados pelos vencedores, que os escravos eram dados como presentes e que a hierarquia se baseava na posição e no parentesco.<sup>370</sup>

De maneira geral, Aphra Behn constrói uma realidade sobre a África Ocidental a partir de sua visão eurocêntrica e de um discurso colonialista sobre a escravidão, que se intensifica em relação aos africanos, em especial os escravos, enfatizando certos estereótipos, como os citados por Winthrop Jordan (1931-2007):<sup>371</sup> "ser cristão era ser civilizado em vez de bárbaro, inglês em vez de africano, branco em vez de negro".<sup>372</sup>

O argumento tradicional de que o romance de Aphra Behn é o primeiro romance antiescravidão tem fundamento em apenas uma passagem do livro. É o momento em que Oroonoko, já chamado de César, faz um discurso contundente contra a escravidão em busca de apoio para a rebelião, trecho que assinalamos na página 112. No entanto, são várias as passagens ao longo do romance que afirmam a aceitação da escravidão, mostrando os personagens principais apenas preocupados com a própria situação em relação à dominação que estavam submetidos. A começar pelo fato de que o próprio Oroonoko foi responsável pela venda de inúmeros escravos quando ainda vivia em seu reino, Coramantien: "o príncipe [...] ao negociar escravos com os espanhóis, aprendeu-lhes também a língua".<sup>373</sup> Assim, Oroonoko lucrou e perpetuou a escravidão em seu próprio país e quando se encontrava escravo no Suriname chegou a tentar subornar Trefry, seu senhor, na tentativa de liberdade: "César oferecia ouro, ou então grande número de escravos, que deveriam ser pagos antes que o deixassem livre, contanto que lhe fosse assegurado que ele ficaria, de fato, livre assim que o resgate fosse pago".<sup>374</sup>

Desta forma, não consideramos o texto de Aphra Behn uma narrativa abolicionista. No entanto, podemos destacar e apreciar os momentos em que a autora elogia, ainda que a partir de sua visão eurocêntrica, a cultura africana, sua amizade com Oroonoko, seu respeito ao amor do príncipe escravo pela bela Imoinda e a representação, de maneira geral apurada, de uma colônia inglesa do século XVII.

<sup>370</sup> ROSENTHAL, Laura J. *Owning ...* Op. Cit., p. 27-28.

<sup>371</sup> Estadunidense, foi professor de história, especializado em escravidão e as origens do racismo nos Estados Unidos.

<sup>372</sup> FERGUSON, Moira. Op. Cit., p. 340, apud WINTHROP, Jordan. *White Over Black: American Attitudes Toward the Negro, 1550-1812* (Chapel Hill, N.C., 1968), p. 94. [to be Christian was to be civilized rather than barbarous, English rather than African, white rather than black]

<sup>373</sup> BEHN, Op. Cit., p. 31.

<sup>374</sup> Ibidem, p. 81.

*Oroonoko* é um romance tardio no conjunto da obra de Aphra Behn, no qual a autora relata uma possível experiência do passado e também estabelece sua autoridade como escritora com narrativa em primeira pessoa. O romance, no século seguinte à sua morte, foi adaptado e interpretado de várias maneiras, contribuindo para a mitologia da autora e, em alguns aspectos, como predecessor literário do movimento abolicionista inglês. Este romance foi a publicação de maior repercussão de Aphra Behn e é até hoje objeto de novas interpretações, críticas e adaptações. *Oroonoko*, assim, se afastou de sua criadora e ganhou vida própria.<sup>375</sup>

Tanto a vida como o trabalho de Behn têm um certo grau de ficção e, desta forma, suscitam tantas dúvidas. Assim, a leitura deste romance pode realizar um duplo apagamento, visto que, ao se negar a veracidade da viagem de Behn ao Suriname não apenas se desacredita sua jornada, mas também obscurece e coloca em dúvida a história colonial que Behn narra literariamente.<sup>376</sup> Desta forma, não tomamos como verdadeiros, ou falsos, os relatos apresentados pela autora durante sua narrativa. Pensamos que questões como essas e também a veracidade dos fatos relatados por Aphra Behn são indagações que dificilmente terão uma resposta definitiva e satisfatória, a não ser que novos documentos venham a ser descobertos. Ainda que a autora, no início do romance, afirme que ela vivenciou os acontecimentos descritos, isso não torna os acontecimentos verdadeiros e mesmo que Aphra Behn tenha contado uma história verídica, não consideramos que essa seja a questão principal do romance, mas sim sua narrativa, que é forte o suficiente, ainda que toda a história não passe de uma ficção.

Mesmo sendo um romance relativamente curto, o texto de Aphra Behn é rico pelas questões que apresenta. A partir desse grande desafio, optamos por uma análise levando em consideração o panorama geral do texto, abordando as questões que consideramos principais, como a escravidão, o colonialismo e a relação do romance com a trajetória de vida da autora. Esperamos com essa análise conseguir demonstrar a importância desse livro no contexto do surgimento dos romances escritos por mulheres na Inglaterra. Ainda que nem todos os estudiosos considerem *Oroonoko* um verdadeiro romance, ele definitivamente representa o nascimento de um novo tipo de narrativa, que teve como ápice os romances do século XIX.

---

<sup>375</sup> SPENCER, Op. Cit., p. 264.

<sup>376</sup> FOGARTY, Op. Cit., p. 4.

## CAPÍTULO 4: UM ROMANCE ENTRE O AMOR E A HONRA

Now you are sure of the fatal conquest, you scorn the trifling glory, you are silent now; oh I am inevitably lost, or with you, or without you: and I find by this little silence and absence of yours, that 'tis most certain I must either die, or be Philander's.<sup>377</sup>

Oh tell me not, mistaken foolish maids, true love is innocent, ye cold, ye dull, ye unconsidering lovers; though I have often heard it from the grave and wise, and preached myself that doctrine: I now renounce it all, it is false, by heaven! it is false, for now I love, and know it all a fiction; yes, and love so, as never any woman can equal me in love, my soul being all composed (as I have often said) of softer materials.<sup>378</sup>

One may believe for some time one's love is abated, but when it comes to a trial, it shews itself as vigorous as in its first shine, and finds its own error; but when once one comes to love a new object, it can never return with more than pity, compassion, or civility for the first.<sup>379</sup>

*Love Letters between a Nobleman and his Sister* é um romance publicado em três volumes inspirado em um grande escândalo sexual da época - a fuga de Lorde Ford Grey com sua cunhada Henrietta Berkeley, atrelado a acontecimentos políticos - o complô descoberto de um grupo de protestantes Whigs, que incluía Ford Grey, para assassinar Carlos II e seu irmão e provável sucessor, Jaime Stuart. Foi um livro muito popular nas primeiras décadas depois de seu lançamento, mas acabou esquecido com o avanço do conservadorismo na Inglaterra a partir do final do século XVIII. Trata-se de um romance que articula acontecimentos históricos e políticos com a imaginação romanesca da escritora, além de ser considerado por muitos estudiosos da literatura inglesa como o primeiro romance escrito e publicado na Inglaterra.

O romance teve a primeira parte publicada em 1684. É composta majoritariamente por cartas de amor entre as personagens Sylvia e Philander, seu cunhado, culminando com a fuga do casal. A segunda parte, publicada em 1685, trata das relações de amizade e amor do casal no novo país para onde fogem, a Holanda. Na terceira parte, publicada em 1687, vários personagens são inseridos e o enredo apresenta inúmeros casos de amor, disfarces, intrigas pessoais e políticas. É considerada a parte com maior verossimilhança histórica do romance.

---

<sup>377</sup> BEHN, A. *Love Letters between a Nobleman and his Sister*. Createspace Independent Publishing Platform, 2017. p. 10.

<sup>378</sup> Ibidem, p. 31.

<sup>379</sup> Ibidem, p. 105.

Em nossa análise, recorreremos a duas versões do livro, uma em ebook e outra em formato físico. A versão impressa, apesar de não possuir muitas páginas, 207, é densa e concentrada, o que faz da leitura um processo demorado e minucioso, em especial o terceiro volume, que consideramos o mais difícil, visto que a autora recorreu a referências pouco familiares para leitores não ingleses e apresenta uma narrativa tortuosa. Assim como fizemos no capítulo 3, no qual analisamos *Oroonoko* a partir da relação entre ficção e realidade, decidimos analisar *Love-Letters* a partir da relação entre o amor e a honra, visto que são os dois pilares estruturantes da história. Esse, sem dúvida, é um texto que apresenta um grau de complexidade maior que *Oroonoko*, assim, será uma análise diferente da que fizemos no capítulo anterior, menos detalhada, mas que tem o mesmo propósito: analisar o texto de Aphra Behn colocando sua escrita e força narrativa em primeiro plano, pontuando, quando necessário, os acontecimentos históricos presentes no romance.

A princípio nossa intenção foi analisar o romance sob o viés do amor e da política, algo que parecia, num primeiro momento, ser o principal tema do romance. Depois de algumas leituras mais atentas, decidimos mudar o viés de análise. Se compararmos com *Oroonoko*, *Love-Letters* é um romance que tem bem menos apelo acadêmico. Desta forma, há poucos artigos acadêmicos sobre o romance e nenhum em língua portuguesa. A maioria desses trabalhos acabam sublinhando a relação entre ficção e realidade na obra e assim, salientando o contexto político. No entanto, o viés político adotado por Aphra Behn não é apenas escasso de informações, dificultando sobremaneira a compreensão dos fatos, como também, salvo algumas partes do terceiro volume, é pouco citado.

Por estes motivos decidimos analisar apenas as relações amorosas entre as personagens principais, deixando de lado a complexidade da questão política, que não é totalmente explicada ao leitor e apenas colocada no texto como algo que os leitores dos séculos XVII e XVIII conheciam, mesmo que parcialmente.

Esse capítulo tem como objetivo analisar o romance *Love Letters between a Nobleman and his Sister* (1684-87) destacando o amor de Philander e Sylvia, relacionando com a questão da honra, que no começo do romance é muito presente e importante para as personagens. Por se tratar de um livro em 3 volumes, cada parte do romance será analisada separadamente. Inicialmente faremos uma análise geral do romance, pontuando aspectos como lançamento, recepção, edições e a construção narrativa. Em seguida analisaremos o texto, dividindo cada volume do livro em um tópico separado. Por fim, faremos uma breve conclusão, relacionando os três volumes.

#### 4.1 História de um romance

Como já destacamos nesta dissertação, Aphra Behn foi uma autora que em vida recebeu muita atenção crítica, seja em seus trabalhos para a dramaturgia, como também na poesia e na prosa ficcional. A maioria de seus trabalhos apresenta evidências sólidas em relação à autoria. Quase todos foram publicados em vida e a maioria de seus manuscritos traz o nome da autora junto ao título. O problema no reconhecimento da autoria se encontra nos trabalhos que foram publicados postumamente, todos eles de ficção em prosa.

Como saber se realmente escreveu esses textos e como podemos confiar nas atribuições de autoria, são questões que segundo Leah Orr, são reconhecidas pelos mais destacados estudiosos de Aphra Behn, como Janet Todd, Jane Spencer e Mary Ann O'Donnell. No entanto, essas questões não são levadas em consideração nas leituras críticas da ficção de Behn. Para Orr, saber como e por que esses trabalhos não foram atribuídos a Aphra Behn é fundamental antes da sua discussão. Assim, existem, de antemão, dois problemas a serem considerados quando atribuímos a Aphra Behn a autoria desses textos: o uso do nome da autora em coletâneas de contos de textos atribuídos à autora nunca antes publicados e a reivindicação de que ela é de fato a autora de *Love-Letters*.<sup>380</sup>

Entre as obras ficcionais escritas por Aphra Behn, poucas foram publicadas com seu nome na capa do livro enquanto a autora ainda estava viva, como *Oroonoko* (1688), *The Fair Jilt* (1688), *The Lucky Mistake* (1689) e *The History of Nun* (1689), publicadas entre os anos de 1688 e 1689, o ano de sua morte. As outras obras de ficção da autora só foram publicadas vários anos após sua morte, junto a edições novas de seus textos e também em coleções de contos da autora, visto que a maioria de seus textos ficcionais se enquadra no formato de contos. Desta forma, todos os outros trabalhos atribuídos a Aphra Behn publicados postumamente deveriam ter a autoria questionada, não apenas *Love-Letters*.<sup>381</sup>

Dentre as possibilidades a favor e contra às atribuições póstumas das obras de Aphra Behn, Orr propõe três possibilidades principais que devem ser consideradas: Behn escreveu essas obras sozinha e por algum motivo não as publicou, tendo o livreiro Samuel Briscoe obtido e publicado esses trabalhos postumamente; Behn escreveu as obras e deixou a cargo de seu

---

<sup>380</sup> ORR, Leah. Attribution Problems in the Fiction of Aphra Behn. *Modern Language Review*, v. 108, n. 1, p. 30-51, 2013. p. 30-31.

<sup>381</sup> Ibidem, p. 31.

editor Charles Gildon editar e depois entregar os textos a Briscoe, e Behn escreveu as obras e deixou a cargo de Thomas Brown a edição e revisão dos textos após a sua morte.<sup>382</sup>

As maiores evidências de que Aphra Behn foi realmente a autoras desses textos, sem dúvida, é a presença de seu nome da página inicial do livro, algo que era comum em seus textos, sempre assinando como “by Mrs. Behn”. *Love-Letters*, no entanto, foi publicado enquanto Aphra Behn ainda estava viva e não teve sua autoria questionada por muitos anos, ainda que tendo sido reimpresso ao longo dos séculos XVII e XVIII sem o nome da autora na capa do livro. Como evidências da autoria de Aphra Behn temos as iniciais A.B. depois do prefácio dos volumes dois e três do romance.<sup>383</sup>

Aproximadamente 70% das obras que foram publicadas no final do século XVII e início do século XVIII eram anônimas, desta forma a contestação de autoria ou o desconhecimento do autor de várias outras obras foi algo comum na literatura da época. Diversos pesquisadores, como Janet Todd, acreditam, a partir de evidências narrativas, que esse romance foi escrito por uma mulher. Isso faz com que as possibilidades de autoria sejam bastante restritas.<sup>384</sup> Outro fator que pesa a favor da autoria de Aphra Behn é o fato de não haver nenhum outro autor ou autora para quem a autoria de *Love-Letters* tenha sido reivindicada. De forma geral, a discussão sobre a autoria de *Love-Letters* é exaustiva e inconclusiva, assim, apoiadas nos estudos de Orr e Todd, optamos por analisar o romance sem questionar a autoria de Aphra Behn.<sup>385</sup>

Em relação à recepção do livro, não temos tantas informações como em relação ao livro *Oroonoko*, que inclusive teve um relativo sucesso em outros idiomas e países. O que se sabe é que *Love-Letters* foi um romance muito popular. Grande parte desse sucesso se deve por ter sido um romance que relatou, de forma ficcional, um escândalo bem conhecido da época. O que se sabe sobre as edições do livro é que teve pelo menos dezesseis reedições até o final do século XVIII. Como o século XIX foi um período bastante moralista e conservador, o livro acabou sendo esquecido e não teve uma nova publicação até 1987.<sup>386</sup> Até mesmo hoje em dia encontrar uma edição recente de *Love-Letters* é um trabalho árduo. Há edições recentes em formato de ebooks do romance, visto que esse se encontra em domínio público. A edição física que temos é uma edição mal cuidada, com uma péssima formatação, o que dificultou bastante

---

<sup>382</sup> Ibidem, p. 32.

<sup>383</sup> Ibidem, p. 32, 39.

<sup>384</sup> Ibidem, p. 46.

<sup>385</sup> Para maiores informações sobre evidências da autoria, ou não, das obras de Aphra Behn, indicamos o artigo de Leah Orr, que faz uma discussão bastante detalhada sobre o assunto: ORR, Leah. Attribution Problems in the Fiction of Aphra Behn. *Modern Language Review*, v. 108, n. 1, p. 30-51, 2013.

<sup>386</sup> DORREGO, Op. Cit., p. 212 e DUFFY, Op. Cit., p. 231.

a leitura. Esperamos um dia encontrar, ainda que apenas em inglês, uma edição especial e bem-acabada desta obra tão importante de Aphra Behn.

Outra questão interessante a ser pontuada é a forma narrativa de cada volume do romance, sendo o primeiro inteiramente epistolar, o segundo uma mistura de cartas e narrativa em terceira pessoa, e o terceiro volume inteiramente em terceira pessoa. A escolha da forma narrativa, de acordo com Chaskin, pode tanto limitar como expandir as possibilidades dentro de uma história. Assim, a escolha de Aphra Behn em apresentar três formas diferentes em cada um dos três volumes do romance chama bastante atenção. As narrativas que se utilizam da ficção epistolar, em geral, se utilizam da forma que é apresentada no segundo volume, mesclando os elementos, “a fim de sugerir ao leitor a ilusão de acesso imediato à subjetividade ou interioridade feminina”.<sup>387</sup>

Diferente de *Oroonoko*, *Love-Letters* é um romance não apenas pouquíssimo conhecido, como também bem menos analisado pela crítica ao longo de três séculos. Apesar de encontrarmos diversos artigos sobre o romance, poucos se comparados com *Oroonoko*, a maioria analisa a relação entre ficção e realidade e as questões políticas presentes no romance. Isso, de início, fez que com que acreditássemos que essas questões eram as mais importantes e desta forma esses deveriam ser os pilares de nossa análise. Apenas depois de uma releitura minuciosa do romance e um afastamento daquelas leituras canônicas que encontramos sobre o livro, é que finalmente decidimos analisar o romance sob outro viés, que consideramos ser o aspecto principal do texto de Aphra Behn: as relações entre o amor e a honra.

A análise de *Love-Letters*, de forma geral, se mostrou complexa, demorada e muitas vezes bastante confusa, fazendo deste capítulo o mais desafiador de nossa dissertação. Foi, no entanto, uma análise importante e necessária em nossa pesquisa, visto que a primeira parte do romance é considerada o primeiro romance publicado na Inglaterra e trata-se também do texto ficcional mais longo de Aphra Behn. Assim, analisar *Love-Letters* é importante não apenas por se tratar de um texto importante para a escrita de autoria feminina da época, mas também para demonstrar aos leitores dessa dissertação a complexidade narrativa que Aphra Behn foi capaz de produzir ao longo desses três volumes que serão analisados a seguir.

---

<sup>387</sup> CHASKIN, Hannah. Masculinity and Narrative Voice in Aphra Behn's *Love Letters Between a Nobleman and his Sister*. *Women's Writing*, p. 1-15, 2019. p. 2, 12. [in order to suggest to the reader the illusion of unmediated access to female subjectivity or interiority]

## 4.2 Lendo Love-Letters

Logo no início do romance, intitulado de “*The Argument*”, a autora faz um breve resumo dos acontecimentos do livro, algo que a princípio parece muito importante, mas como logo descobriremos, demonstra a complexidade do texto e como a autora parece brincar com seu leitor. Nesta parte com efeito de prólogo, conhecemos os personagens principais, Philander e Sylvia, e descobrimos a natureza de seu relacionamento.

Philander é descrito como um homem jovem bonito, de qualidade e fortuna, que se apaixona por uma “lady” chamada Myrtila, “que tinha charme suficiente para encantar qualquer coração”:<sup>388</sup>

ela tinha todas as vantagens da juventude e naturalidade, uma aparência excelente, a mais agradável estatura, não muito alta mas longe de ser pequena; sua face levemente arredondada, delicada, macia e branca; seus olhos eram azuis, um pouco apagados, mas cheios de amor e sagacidade; sua boca curiosamente feita com covinhas, cheias de doçura; lábios arredondados, suaves, carnudos e vermelhos; dentes brancos, firmes e uniformes; seu nariz, um pouco romano, trazia uma graça de nobreza para seu rosto amável e seus cabelos castanhos claros; seu pescoço e colo delicadamente torneados, brancos e salientes; suas mãos e braços precisamente formosos; essa encantadora vivacidade juvenil; de uma perspicácia ágil e espontânea; um humor alegre e um ar irresistivelmente charmoso;<sup>389</sup>

Logo no início do texto Aphra Behn já revela algo recorrente em toda a história: a imprevisibilidade dos fatos e a mudança constante de voz narrativa. Lembramos que a primeira parte de *Love-Letters* é considerada o primeiro romance já publicado em língua inglesa, desta forma, podemos aventar sobre o caráter experimental desta obra, no qual nem sempre vamos perceber uma narrativa contínua e coerente.

Na citação acima se percebe a quantidade de palavras que a autora usa para descrever uma personagem que logo imaginamos que terá um papel muito importante na história. O que logo em seguida ficamos sabendo é que Myrtila é a pessoa por quem Cesario está apaixonado. Cesario é o filho bastardo do rei da França, amigo de rebelião de Philander, e que tem como ambição se tornar o próximo rei da França.

<sup>388</sup> BEHN, A. *Love Letters*... Op. Cit., p. 3. [who had charms enough to engage any heart]

<sup>389</sup> Idem. [she had all the advantages of youth and nature; a shape excellent; a most agreeable stature, not too tall, and far from low, delicately proportioned; her face a little inclined round, soft, smooth and white; her eyes were blue, a little languishing, and full of love and wit; a mouth curiously made, dimpled, and full of sweetness; lips round, soft, plump and red; white teeth, firm and even; her nose a little Roman, and which gave a noble grace to her lovely face, her hair light brown; a neck and bosom delicately turned, white and rising; her arms and hands exactly shaped; to this a vivacity of youth engaging; a wit quick and flowing; a humour gay, and an air irresistibly charming;]

Philander se apaixona perdidamente por Myrtilla, impedindo as intenções amorosas de seu companheiro. Casa-se com ela, mas logo se vê apaixonado por outra mulher, a criada e irmã de sua esposa, sua cunhada Sylvia. Toda a relevância de Myrtilla é exposta nesse início de romance e quase nada ficamos sabemos dela no desenrolar da história, apenas que, assim como seu marido, também tem um amante, o bastardo Cesario. Sentimos, assim, pela primeira vez, a estranheza e peculiaridade da história que Behn começa a construir, envolvendo amizade, paixão e traição.

A autora também situa o leitor no contexto histórico que envolve as personagens. Esse cenário, que tem a França como ponto de partida, é fictício. No entanto, é possível relacioná-lo aos eventos históricos de grande repercussão na Inglaterra do século XVII. Philander foi inspirado em Lord Grey of Werky, apoiador do duque de Monmouth<sup>390</sup> e implicado na conspiração que ficou conhecida como *Rye House*<sup>391</sup>. Sylvia foi inspirada em Lady Henrietta Berkeley, cunhada e amante de Lord Grey. Na história contada por Behn uma grande rebelião estava sendo organizada, sob o comando de Cesario, que tinha a grande ambição de se tornar rei.

Em 1682 Lady Henrietta Berkeley, uma notória aristocrata inglesa, fugiu com seu cunhado, Lord Grey, um homem considerado bonito e libertino, companheiro próximo do Duque de Monmouth. O caso veio a conhecimento público quando Grey foi julgado por sequestro e difamação de Lady Henrietta. Quando o primeiro volume do romance de Aphra Behn foi publicado, em 1684, estes acontecimentos escandalosos ainda estavam em andamento, as vidas pessoais e políticas das figuras públicas em que a autora se baseou para criar sua história ainda continuavam sem uma solução.<sup>392</sup>

*Love-Letters*, desta forma, apresenta uma dimensão política explícita, com o personagem principal, Philander, envolto em um plano para derrubar o governo. No entanto, a política, que é tão referenciada na maioria dos artigos sobre o romance, tem uma parte muito pequena na história de Aphra Behn. As relações amorosas têm um papel muito mais importante e relevante no romance do que as intrigas políticas.

O enredo inicial criado por Behn foi claramente inspirado nesses acontecimentos. No entanto, conforme a autora desenvolve sua história, ela se afasta dos eventos. De acordo com Chernaik: “O elemento factual em *Love-Letters* serve assim como um ponto de partida apenas

---

<sup>390</sup> Filho ilegítimo do rei Carlos II da Inglaterra e de sua amante Lucy Walter.

<sup>391</sup> Foi um plano que tinha como intuito assassinar o rei Carlos I da Inglaterra e seu irmão James, herdeiro ao trono. O ataque planejado nunca aconteceu.

<sup>392</sup> CHERNAIK, Warren. Unguarded Hearts: Transgression and Epistolary Form in Aphra Behn's "Love-Letters" and the "Portuguese Letters". *The Journal of English and Germanic Philology*, v. 97, n. 1, p. 13-33, 1998. p. 23.

para uma obra da imaginação onde, à maneira de ficção muito posterior, quaisquer materiais históricos que possam estar por trás do romance são transmutados e universalizados.”<sup>393</sup>

Consideramos *Love-Letters* um romance bastante peculiar. Começa, em seu primeiro volume, com uma narrativa epistolar, e acaba de uma forma completamente diferente, em uma narrativa em terceira pessoa aparentemente confusa e complexa. A forma epistolar, como assinala Chernaik, tem suas vantagens e desvantagens. Como vantagens a autora cita a intensidade e o imediatismo dessa forma narrativa, permitindo inúmeras possibilidades, como a justaposição de duas versões distintas de um mesmo evento e a impresivibilidade em saber quando uma carta será escrita por determinado personagem. Ainda que seja possível por parte do autor da história usar artifícios narrativos para criar suspense e dar uma forma desejável aos eventos, os romances epistolares tendem a ser longos, lentos e terem um melhor desenvolvimento quando apresentam dimensões internas e psicológicas, do que quando descrevem alguma ação externa. Trazem, de forma geral, uma narrativa de um ponto de vista limitado, sem uma voz autoral separada e sem a possibilidade de uma narrativa onisciente.<sup>394</sup>

No caso do romance de Aphra Behn, apenas o primeiro volume é inteiramente epistolar. No volume dois ocorre uma mudança marcante na narrativa, no qual as cartas ainda estão presentes, mas também um narrador em terceira pessoa comentando as ações que estão acontecendo. As cartas ainda têm um papel importante na narrativa, mas não são mais a narrativa predominante pela qual a autora desenvolve sua história. Ainda que intervenções autorais sejam comuns na ficção de Aphra Behn, como pudemos ver na análise de *Oroonoko*, em *Love-Letters* não temos a indentificação do gênero do narrador. Essa mudança de método narrativo, portanto, permite uma maior abrangência da história, incluindo mais personagens e informações sobre eles na narrativa.<sup>395</sup> No volume três as mudanças são ainda maiores. As cartas são quase que inexistentes, a narrativa traz muitas histórias e personagens novos e o final ignora completamente os personagens principais, Sylvia e Philander. É como se fosse um outro romance dentro do romance, ensaiamos afirmar.

---

<sup>393</sup> Ibidem, p. 24. [The factual element in *Love-Letters* thus serves as a starting point only for a work of the imagination where, in the manner of much later fiction, any historical materials which may lie behind the novel are transmuted and universalized]

<sup>394</sup> Ibidem, p. 24-25.

<sup>395</sup> Ibidem, p. 25.

### 4.2.1 Uma história de amor

O primeiro volume do livro de Aphra Behn é uma narrativa construída pelas cartas de amor trocadas entre Philander e Sylvia. Logo no início podemos notar a intensidade do sentimento que ambos demonstravam um pelo outro. Logo na primeira carta, de autoria de Philander, ele expressa o fervor e da vivacidade de seus sentimentos: “Ó, charmosa Sylvia! que após milhares de conflitos entre amor e honra” e “Com todos os charmes da juventude desabrochando, com todos os encantos da beleza celestial!”<sup>396</sup>

Em retribuição a esses sentimentos, Sylvia responde: “Ó, por que me fazes reconhecer (oh, tão importuno Philander!) com remorso que fiz-te prometer favorecer minha honra ante o seu amor?”<sup>397</sup> O fato de serem cunhados é constantemente citado no início do romance:

Ó, não me atrevo a pensar para que meus desejos não se tornem enlouquecedores e delirantes; que isso baste, óh adorável Sylvia! Penso e sei o suficiente para justificar a chama que há em mim, a qual nossa frágil aliança de irmãos tornou tão criminosa;”, “Decerto nenhum irmão amou sua irmã com uma chama tão criminosa antes”, “Você cresceu comigo como um irmão; este título se prendeu em meu coração, quando era muito jovem para compreender suas indiscrições sutis, e dali cresceram e se espalharam;<sup>398</sup>

O que se pode logo perceber é que, apesar de ser um relacionamento “incestuoso”, onde os dois amantes estão cientes da gravidade daquele amor, expressam o paradoxo da situação pelo reconhecimento da culpa e pelo desejo de que a história não tivesse esse destino desafortunado. Essa questão é, inclusive, questionada por Sylvia: “Mas porque, ó poderes cruéis e eternos, não era Philander meu amor antes de o destiná-lo meu irmão? Ou porque, sendo irmão, teriam vocês, poderes maldosos, o destinado meu amante?”<sup>399</sup>

Philander e Sylvia não tinham laços de sangue, porém, no século XVII, relações sexuais entre cunhados era considerado incesto tão grave quanto em parentes consanguíneos.<sup>400</sup> Desta forma, os personagens estavam totalmente cientes da enorme transgressão da lei moral que seu

<sup>396</sup> BEHN, A. *Love Letters...* Op. Cit., p. 4. [oh charming Sylvia! that after a thousand conflicts between love and honour] e [With all the charms of blooming youth, with all the attractions of heavenly beauty!]

<sup>397</sup> Ibidem, p. 5. [OH why will you make me own (oh too importunate Philander!) with what regret I made you promise to prefer my honour before your love?]

<sup>398</sup> Ibidem, p. 4-5. [Oh I dare not think on, lest my desires grow mad and raving; let it suffice, oh adorable Sylvia! I think and know enough to justify that flame in me, which our weak alliance of brother and sister has rendered so criminal;”, “For sure no brother ever loved a sister with so criminal a flame before”, “You grew up a brother with me; the title was fixed in my heart, when I was too young to understand your subtle distinctions, and there it thrived and spread;]

<sup>399</sup> Ibidem, p. 5. [But why, oh cruel and eternal powers, was not Philander my lover before you destined him a brother? Or why, being a brother, did you, malicious and spiteful powers, destine him a lover?]

<sup>400</sup> CHERNAIK, Warren. Unguarded Hearts: Transgression and Epistolary Form in Aphra Behn's "Love-Letters" and the "Portuguese Letters". *The Journal of English and Germanic Philology*, v. 97, n. 1, p. 13-33, 1998. p.23.

amor significava. O casal, até mesmo, faz referências um ao outro como se fossem irmão e irmã, como podemos perceber em alguns trechos do livro: “Mas, meu adorável irmão, já que me implora com tanta sinceridade e meu coração consente com facilidade, eu devo declarar minha própria ruína e dizer: venha, meu Philander, seja pelo amor ou pelo sutil desejo que lhe chama; e tome o rumo em direção à este poderoso romance.”<sup>401</sup>

As cartas que o casal trocava também apresentam um excesso de sentimentalismo, como podemos observar nesse trecho onde Sylvia descreve sua tormenta diária em não ter Philander só para ela, tendo que dividi-lo com sua irmã:

Ali com milhares de suspiros, com a lembrança dos ternos minutos que passamos, então tirei sua última carta do meu colo, e muitas vezes a beijei, e muitas vezes reli; mas ó! quem poderia imaginar meu tormento, quando cheguei na parte fatal, onde me dizes que prometera sua mão à minha irmã? Minha alma encontrou-se agitada com milhares de paixões diferentes, todas insuportáveis, todas furiosas e enlouquecedoras; por vezes, me jogava no chão com fúria e apertava meu coração ofegante contra a terra; então, levantava com ódio, partia meu coração e mal poupava aquela face que primeiramente te ensinou a amar; depois, dobrava meus braços miseráveis suprimindo os suspiros que saíam do meu peito. Eu atravessava rapidamente pelo bosque da consciência com meus olhos encharcados direcionados em vão para o céu implacável, o adorável tom silencioso favorecia meus lamentos, eu soluçava, Ó Deus! Philander, casado, a coisinha encantadora pela qual sofro está casado! - Aquela palavra fatal bastava, não precisava acrescentar há quem. Casado é suficiente para amaldiçoar meu nascimento, minha juventude, minha beleza e meus olhos que me traíram para o desgraçado alvo: maldição sob os feitiços que te encantam, por eles toda graça desejada tem sido minha ruína;<sup>402</sup>

Muito rapidamente as cartas tornam-se quase que repetitivas, com Sylvia e Philander reforçando constantemente o amor que sentem um pelo outro e como esse sentimento fere, visto que não podiam desfrutar da companhia e do amor que sentiam. Apesar desse sofrimento, havia também a esperança de que o destino pudesse mudar: “E desta maneira, minha encantadora Sylvia, serás minha, apesar de todas as tiranias deste cruel estorvo;”<sup>403</sup> Contudo, nem tudo é

<sup>401</sup> BEHN, A. *Love Letters...* Op. Cit., p. 13. [but, my lovely brother, since you beg it so earnestly, and my heart consents so easily, I must pronounce my own doom, and say, come, my Philander, whether love or soft desire invites you; and take this direction in the management of this mighty affair”]

<sup>402</sup> Ibidem. p. 5-6. [there with ten thousand sighs, with remembrance of the tender minutes we passed then, I drew your last letter from my bosom, and often kissed, and often read it over; but oh! who can conceive my torment, when I came to that fatal part of it, where you say you gave your hand to my sister? I found my soul agitated with a thousand different passions, but all insupportable, all mad and raving; sometimes I threw myself with fury on the ground, and pressed my panting heart to the earth; then rise in rage, and tear my heart, and hardly spare that face that taught you first to love; then fold my wretched arms to keep down rising sighs that almost rend my breast, I traverse swiftly the conscious grove; with my distracted show’ring eyes directed in vain to pitiless heaven, the lovely silent shade favouring my complaints, I cry aloud, Oh God! Philander’s, married, the lovely charming thing for whom I languish is married! - That fatal word’s enough, I need not add to whom. Married is enough to make me curse my birth, my youth, my beauty, and my eyes that first betrayed me to the undoing object: curse on the charms you have flattered, for every fancied grace has helped my ruin on;]

<sup>403</sup> Ibidem, p. 6. [And this way, my charming Sylvia, you shall be mine, in spite of all the tyrannies of that cruel hinderer;]

perfeito entre o casal. Sylvia questiona Philander, visto que ela é uma mulher solteira apaixonada pelo marido de sua irmã e ele é um homem que pode desfrutar, se quiser, do amor de duas mulheres. Sobre isso, ele escreve:

Você diz, minha Sylvia, que sou casado e aí minha felicidade foi naufragada; mas Sylvia, eu nego, e não aceitarei que penses assim: não, minha alma casou-se com você em sua primeira criação; e apenas Sylvia é a esposa dos meus sagrados, eternos votos; dos meus solenes e atenciosos pensamentos, do meu melhor julgamento, de minhas considerações maduras.<sup>404</sup>

Outra questão que pesa moralmente a favor de Philander, é que sua esposa também tem um relacionamento amoroso com outro homem, Cesario, algo que começou antes do *affair* entre Philander e Sylvia:

Além do mais, esta coisa fatal chamada esposa, esta irmã azarada, esta Myrtila, este obstáculo para o meu céu, que causa tantas diferenças fatais em nossos assuntos, essa Myrtila, eu digo, primeiramente eu quebro seus votos de casamento para comigo; Eu não a culpo, não seria razoável fazê-lo; ela viu o jovem Cesario e o amou.<sup>405</sup>

Philander descreve Cesario como um homem que possui “aquela amável composição de homem e anjo!”<sup>406</sup>, a quem chama herói. Philander também não nega os sentimentos que um dia já teve por Myrtila, no entanto, quando descobriu a quebra de votos da esposa, seus sentimentos por ela mudaram:

Quando, em minha própria alma, descobri sua paixão dissimulada, quando ela já não conseguia esconder a vermelhidão, ou a sua palidez com as aproximações do meu rival desordenado, quando eu vi o amor dançando nos olhos dela, e a disfarçada batida de seu coração com movimentos ágeis, suavemente tremendo por todos os membros do corpo com a aproximação ou o toque de seu nobre amante, então eu me considerei desobrigado a esconder minha chama por Sylvia;<sup>407</sup>

Philander, até mesmo, diz ter encontrado uma certa felicidade em toda essa confusão de amores e sentimentos, visto que, desta forma, pode encontrar amor nos braços de Sylvia. Não

---

<sup>404</sup> Ibidem, p. 7. [You say, my Sylvia, I am married, and there my happiness is shipwrecked; but Sylvia, I deny it, and will not have you think it: no, my soul was married to yours in its first creation; and only Sylvia is the wife of my sacred, my everlasting vows; of my solemn considerate thoughts, of my ripened judgement, my mature considerations.]

<sup>405</sup> Idem. [Besides, this fatal thing called wife, this unlucky sister, this Myrtila, this stop to all my heaven, that breeds such fatal differences in our affairs, this Myrtila, I say, first broke her marriage-vows to me; I blame her not, nor is it reasonable I should; she saw the young Cesario, and loved him.]

<sup>406</sup> Idem. [that lovely composition of man and angel!]

<sup>407</sup> Idem. [when by my own soul I found the dissembled passion of hers, when she could no longer hide the blushes, or the paleness that seized at the approaches of my disordered rival, when I saw love dancing in her eyes, and her false heart beat with nimble motions, and soft trembling seized every limb, at the approach or touch of the royal lover, then I thought myself no longer obliged to conceal my flame for Sylvia;]

se pode ter certeza se essas palavras proclamadas por Philander foram realmente verdadeiras, ou se foram ditas apenas para acalmar o coração desesperado de Sylvia devido à culpa. Philander, no entanto, sabe medir suas palavras e parecer realmente apaixonado por Sylvia nesse momento: “Acredite, Sylvia, todos nós temos falsas noções de honra e virtude, e certamente isto se deu por um marido desesperado, apaixonado por uma esposa ausente, e então eu o perdoo;”<sup>408</sup>

Philander a todo momento justifica seu casamento com Myrtila, esclarecendo que a relação do casal não era das melhores:

Espero que, ao menos, você ache minha aversão sensata; e que estando então indiscutivelmente livre de minhas obrigações para Myrtila como marido, possa me permitir reivindicar Sylvia como minha amante e me casar com meus votos eternos mais eficazes, como o padre faria comumente com qualquer outra mulher menos amada; não tendo assim outro caminho deixado pelos céus, eu me rendo à Sylvia.<sup>409</sup>

Sobre Sylvia estar ciente dos acontecimentos políticos, sabe-se logo no início do romance que ela tinha ciência das complicações políticas que envolviam seu amado:

Ó, Philander, eu tenho milhares de medos selvagens que me distraem, sabendo que estás envolvido em uma dívida com o esposado jovem Cesario: como o perigo te cerca, como sua vida e glória dependem do frágil sacrifício de vilões e rebeldes; Ó, me dê um descanso do temor eterno de sua fama e vida, se não, seu amor;<sup>410</sup>

Sobre estes assuntos políticos só sabemos o que a autora conta no “*Argumento*”. Num primeiro momento, imaginamos que essas questões políticas seriam demarcadas ao longo de todas as três partes do romance e que em algum momento a narrativa explicasse o que estava realmente acontecendo. No pouco que essas questões são citadas na primeira parte do livro, a autora se refere aos acontecimentos como se o leitor já estivesse ciente do que se tratava.

O que se sabe de fato é que havia um plano liderado por Cesario para derrubar o rei da França do poder. Alguns poucos detalhes, como veremos na análise da terceira parte do romance, foram descritos pela narradora. Nesse primeiro momento também ficamos sabendo a posição de Sylvia sobre o que está acontecendo e como isso pode influenciar seu romance com

<sup>408</sup> Idem. [believe me, my Sylvia, we have all false notions of virtue and honour, and surely this was taken up by some despairing husband in love with a fair jilting wife, and then I pardon him;]

<sup>409</sup> Ibidem, p. 8. [I hope you will at least think my aversion reasonable; and that being thus indisputably free from all obligations to Myrtila as a husband, I may be permitted to lay claim to Sylvia, as a lover, and marry myself more effectually by my everlasting vows, than the priest by his common method could do to any other woman less beloved; there being no other way at present left by heaven, to render me Sylvia's.]

<sup>410</sup> Ibidem, p. 10. [for oh, Philander, I have a thousand wild distracting fears, knowing how you are involv'd in the interest you have espoused with the young Cesario: how danger surrounds you, how your life and glory depend on the frail sacrifice of villains and rebels: oh give me leave to fear eternally your fame and life, if not your love;]

Philander. Sylvia sabe do plano que está sendo armado, porém acredita que nada de bom pode sair de tais ações:

É claro, é razoável, é honesto, grande e glorioso de acreditar que seu próprio senso (se teu desejo e pensamento assim considerar) irá te instruir que traição, rebelião e assassinato estão longe de ser os caminhos que levam à glória, os quais são tão distantes como o inferno do céu. O que há então para avançar? (Já digo, claramente, que desta maneira a glória nunca será alcançada)<sup>411</sup>

Sylvia, inclusive, não concorda com o plano de fazer de Cesario o próximo rei da França: “Isto é para fazer de Cesário o rei? Ó, quem é Cesário perto do meu Philander? Se é uma monarquia que planejas, então por que não este rei, este grandioso, bondoso e misericordioso nobre? Este, que nasceu rei e nasceu teu rei; que segura sua coroa por direito natural, por lei, pelo próprio direito divino;”<sup>412</sup> Como podemos perceber, ainda que Sylvia não seja uma pessoa ativa nos assuntos políticos, estava completamente ciente dos acontecimentos e teve o destino de sua vida transformado a partir desses eventos. De forma geral, Sylvia acreditava que os acontecimentos não iriam resultar em bons frutos para Philander.

O responsável por manter Philander e Sylvia conectados, ajudando nos encontros do casal, mantendo-os informados das notícias e também entregando as cartas escritas pelos dois é Brilliard, que mais a frente vai ter um papel muito importante na vida dos apaixonados, em especial na vida de Sylvia. Ele é criado de Philander e considerado uma pessoa fiel. Outra pessoa que ajuda o casal e é citada algumas vezes nas cartas é Melinda, ajudante de Sylvia. Ambos são considerados fiéis por Philander e Sylvia. Mais para frente da história, Sylvia passará a ter uma outra ajudante, Antonet.

De forma geral, a história é repleta de situações mal explicadas. As cartas trocadas pelo casal em alguns momentos são confusas, difíceis de entender, visto que apresentam um tom bastante poético e na maioria das vezes as falas, tanto de Philander como de Sylvia, são em terceira pessoa, podendo deixar um leitor mais desatento bastante perdido. Outra questão que destacamos é o fato da escrita das cartas ser bastante similar, não havendo diferenças entre a narração das duas personagens. Ainda que no início e final das cartas saibamos de quem é a autoria, Aphra Behn não estabelece personalidades distintas para suas personagens, como se o

<sup>411</sup> Ibidem, p. 19. [’Tis plain, ’tis reasonable, ’tis honest, great and glorious to believe, what thy own sense (if thou wilt but thinkand consider) will instruct thee in, that treason, rebellion and murder, are far from the paths that lead to glory, which are as distant as hell from heaven. What is it then to advance? (Since I say ’tis plain, glory is never this way to be achiev’d.)]

<sup>412</sup> Idem. [Is it to make Cesario king? Oh what is Cesario to my Philander? If a monarchy you design, then why not this king, this great, this good, this royal forgiver? This, who was born a king, and born your king; and holds his crown by right of nature, by right of law, by right of heaven itself;]

amor apagasse suas diferenças, especialmente de gênero. Sem a demarcação de autoria, em muitos momentos seria impossível distinguir quem está falando.

Ao longo deste primeiro volume, há cinquenta e cinco cartas, sendo apenas cinco escritas por outras personagens que não sejam Sylvia e Philander. A primeira delas escrita por Melinda a Philander, a segunda escrita por Philander para Melinda, a terceira escrita por Cesario para Philander, a quarta escrita por Myrtilla para Sylvia e a quinta, escrita por Foscario para Sylvia. Dessas cinco cartas, a única que apresenta relevância para a história é a carta de Myrtilla para Sylvia.

Nesta carta, Myrtilla demonstra enorme descontentamento ao descobrir sobre a relação amorosa entre seu marido Philander e Sylvia:

Considere, ó jovem e nobre donzela, a infâmia de ser uma prostituta! E, no entanto, o ato em si desta paixão fatal não é o maior pecado, mas a maneira que carrega um horror incomum; pois é também um irmão, minha cara, bem como um amante, aquele que esteve ao lado de sua infeliz irmã por tantos anos, à quem ele tem uma querida e adorável descendência, pela qual ele mais se apegou por relação e sangue.<sup>413</sup>

Ainda que também tivesse um amante, Cesario, Myrtilla demonstra sua fúria com o romance de seu marido com sua irmã. Ela se refere ao comportamento infantil da irmã e prevê o péssimo futuro ao casal incestuoso: “O objetivo será alcançado finalmente e o percurso chegará ao fim, onde estarão suspirando e olhando para trás, observando o longo caminho pelo qual enganaram o precioso tempo;”<sup>414</sup>

Apesar de serem irmãs, a relação de Sylvia e Myrtilla não parece muito amorosa, tendo também Sylvia usado palavras duras para descrever o comportamento da irmã:

Falsa como ela é, você ainda é casado com ela; Inconsistente como ela é, ainda é sua esposa; e nenhuma brecha em seus votos nupciais podem desfazer esse laço fatal; isso é um mistério para o senso comum: com certeza, ela nasceu para a maldade; e para o azar, o que ela lhe deu e causou a ruína de todos nós; mas especialmente para a desafortunada Sylvia.<sup>415</sup>

---

<sup>413</sup> Ibidem, p. 35. [Consider, oh young noble maid, the infamy of being a prostitute! And yet the act itself in this fatal amour is not the greatest sin, but the manner, which carries an unusual horror with it; for it is a brother too, my child, as well as a lover, one that has lain by thy unhappy sister's side so many tender years, by whom he has a dear and lovely off-spring, by which he has more fixed himself to thee by relation and blood.]

<sup>414</sup> Ibidem, p. 36. [the course will end, the goal will be arrived to at the last, where they will sighing stand, look back, and view the length of precious time they've fool'd away;]

<sup>415</sup> Ibidem, p. 12. [False as she is, you still are married to her; inconstant as she is, she is still your wife; and no breach of the nuptial vow can untie the fatal knot; and that is a mystery to common sense: sure she was born for mischief; and fortune, when she gave her you, designed the ruin of us all; but most particularly The unfortunate Sylvia.]

A questão da honra é algo muito importante nesse primeiro volume, especialmente porque é o grande obstáculo ao amor, tema muito explorado pela tradição literária e poética ocidental. Decidimos salientar a relação entre o amor e a honra, visto ser algo que tanto Sylvia como Philander, em especial no primeiro volume, enfatizam em vários momentos: “Os efeitos violentos do amor e honra, o impetuoso encontrar das ondas extremas de alegria e medo, se precipitando tão de repente, sobrecarregando meus sentidos;”<sup>416</sup>

Essa questão, ainda que aparentemente seja menos importante nos volumes dois e três, continua a moldar a personalidade das personagens. Embora a honra não seja mais tão importante, principalmente para Sylvia, esse ainda é um valor que explica determinadas atitudes, como veremos.

A princípio, a honra vem atrelada ao medo, o receio de estar não apenas fazendo algo condenado devido ao poder do amor, mas também o temor das consequências de tais atos. Sylvia e Philander estão dominados por uma paixão intensa que consideram verdadeira. No entanto, sempre recordam que esse sentimento tinha que ser ocultado do mundo, uma vez que se origina numa transgressão, num pecado horrendo, na ruptura da lei e na afronta aos bons costumes da sociedade em que viviam. Ainda que uma paixão perigosa não fosse algo que se conseguia resistir: “Ó, eu morro de apreensão com o perigo que se aproxima! e ainda, não tenho poder para recuar; eu devo seguir, o amor me compele, o amor me segura firme;”<sup>417</sup>

Philander também expressa seus receios, como se pode notar nesse trecho de uma das cartas que escreve à Sylvia: “Não irei abusar da liberdade com qual a Sylvia me abençoou; nem deve meu amor ir além dos limites da honra.”<sup>418</sup> Sylvia, em contrapartida, sente que a vida sem Philander é tediosa e sem sentido: “Ó Philander! as milhares de coisas que fiz para distrair as horas enfadonhas, no entanto, nada basta; tudo é entediante sem você.”<sup>419</sup>

Ainda que a princípio a honra seja algo importante, um valor social fundamental, a felicidade de estar junto a Philander é imperioso: “Ai de mim, Philander, eu mais do que temo que ela seja: e oh, meu adorável amante, quando penso em nossa felicidade que está por vir, quando deixo ir os pensamentos sobre honra e me rendo ao amor;”<sup>420</sup> No entanto, de maneira

<sup>416</sup> Ibidem, p. 15. [the violent effects of love and honour, the impetuous meeting tides of the extremes of joy and fear, rushing on too suddenly, overwhelm'd my senses;]

<sup>417</sup> Idem. [oh I die with the apprehension of approaching danger! and yet I have not power to retreat; I must on, love compels me, love holds me fast;]

<sup>418</sup> Ibidem, p. 17. [I will not abuse the freedom my Sylvia blesses me with; nor shall my love go beyond the limits of honour.]

<sup>419</sup> Idem. [Oh Philander! a thousand things I have done to divert the tedious hours, but nothing can; all things are dull without thee.]

<sup>420</sup> Ibidem, p. 18. [Alas, Philander, I more than fear she is: and oh, my adorable lover, when I look forward on our coming happiness, whenever I lay by the thoughts of honour, and give a loose to love;]

aguda, mais que amor, Sylvia também quer se sentir segura. Ela tem consciência da situação delicada e perigosa que vivia por amor, ainda assim sonhava ter Philander todo para si, apesar da impossibilidade social deste intenso desejo.

De acordo com Chernaik, o amor romântico elaborado nos textos literários cria, paradoxalmente, um excesso de energia emocional. Esse subgênero narrativo floresce na última metade do século XVII, com inúmeras histórias retratando os desamores de mulheres que foram abandonadas e que através das cartas falavam por si próprias, sem a ajuda de intermediários. Esse tipo de produção situa-se na fronteira entre o fato e a ficção. Isso acaba gerando, nas discussões acadêmicas, uma preocupação em torna da autenticidade literal entre as obras analisadas.<sup>421</sup>

Podemos comparar a primeira parte de *Love-Letters* com outro romance muito popular do período, *Cartas Portuguesas*. Trata-se de um romance que foi publicado pela primeira vez na França em 1669 sem a indicação da autoria na capa do livro. Foi rapidamente traduzido para o inglês e publicado com o nome de *Five Love-Letters from a nun to a Cavalier*, em 1678, sendo as duas versões, em francês e em inglês, aclamadas pela qualidade literária.<sup>422</sup> Em comum com *Love-Letters*, as *Cartas Portuguesas* também não apresenta em sua capa o nome de seu autor. Hoje sabemos que foi escrito por um homem, diferente de *Love-Letters*, de autoria de Aphra Behn.

Obras como *Love-Letters* e as *Cartas Portuguesas* induzem os leitores a pensar que o que estão lendo é um autêntico testemunho de uma verdadeira paixão, afinal os romances epistolares se organizam a partir de efeito de realidade produzido pela ficção. Qualquer tentativa de distinguir nitidamente entre o que é agora aceito como ficção e como fato descaracteriza o que foi esse gênero no século XVII. Para Chernaik, essas obras estavam em desacordo com a exaltação do controle racional da ideologia dominante da época, no qual incorporavam uma convicção de que as mulheres, por sua emoção, são superiores aos homens.<sup>423</sup>

Sylvia e Philander compartilham a mesma paixão desenfreada e até mesmo referências libertinas, desprezando as convenções sociais e ignorando possíveis consequências de seus atos.<sup>424</sup> Diferente do que temos em *Cartas Portuguesas*, a paixão de Sylvia é explicitamente sexual:

---

<sup>421</sup> CHERNAIK, Op. Cit., p. 13.

<sup>422</sup> Ibidem, p. 15.

<sup>423</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>424</sup> Ibidem, p. 26.

Eu tenho desejos novos, desejos incomuns, a cada pensamento em ti sinto um estranho tumulto em meu sangue, que avidamente queima em minhas veias, me faz corar e suspirar, me torno impaciente, envergonhada e brava; mas quando sei que são esses os efeitos do amor, me recomponho, e desejo e suspiro novamente; pois ao sentar e contemplar seu olhar, seu pesar, seus amáveis olhos angustiados, brinco com suas mãos suaves e brancas, e deito minha face sob ti — Meu Deus! Com que linguagem poderia expressar o meu êxtase!<sup>425</sup>

O amor que tanto Philander como Sylvia expressam em suas cartas é uma fusão contraditória de prazer físico, honra e culpa, sempre com muito drama e sentimentalismo:

Ah! O que eu fiz, Philander, e onde devo esconder meu rosto corado de culpa? Tu estragastes minha quietude eterna: ó, tu arruinaste meu descanso perpétuo, e devo nunca, nunca mais olhar lá fora novamente: maldição sob minha face que primeiro perverteu minhas virtudes, e lhe ensinou como amar; maldição sob minha juventude tentadora, meu corpo, meu ar, meus olhos, minha voz, minha mão e qualquer outro charme que favoreceu meu amor fatal, uma maldição contínua sob tudo - mas aqueles do adorável Philander, e aqueles - até nestes minutos de ira, minha paixão furiosa não se atreve com pensamentos indecentes.<sup>426</sup>

Philander, inclusive, se diz sufocado por seus sentimentos: “Ó, Sylvia! Eu nunca poderei ser verdadeiramente feliz—adeu, dedique-se em escrever para mim, e lembre-se que minha vida tem uma data marcada mas apenas com tua fé e amor.”<sup>427</sup> Nesse momento da história é quase impossível crer ou descrever na veracidade de toda a paixão que ambos demonstram um pelo outro. Esse amor sufocante e enlouquecido que ambos expressam se tornou algo semelhante a um jogo: “Eu serei corajosa no amor, e generosa; não deve Philander pensar que bem o amo, a menos que eu o faça.”<sup>428</sup>

Em um determinado momento do primeiro volume, quando já estão bem estabelecidos os sentimentos de ambas as personagens, seus problemas e suas limitações e a autora precisa decidir um destino para o casal apaixonado apresenta-se a possibilidade de um término para o amor:

<sup>425</sup> Behn, Aphra. *Oroonoko and Love-Letters Between a Nobleman and His Sister* (Illustrated) (p. 76). Golding Books. Edição do Kindle. [I have wishes, new, unwonted wishes, at every thought of thee I find a strange disorder in my blood, that pants and burns in every vein, and makes me blush, and sigh, and grow impatient, ashamed and angry; but when I know it the effects of love, I am reconciled, and wish and sigh anew; for when I sit and gaze upon thy eyes, thy languishing, thy lovely dying eyes, play with thy soft white hand, and lay my glowing cheeks to thine—Oh God! What language can express my transport!]

<sup>426</sup> BEHN, A. *Love Letters*... Op. Cit., p. 30. [Ah! What have I done, Philander, and where shall I hide my guilty blushing face? Thou hast undone my eternal quiet: oh, thou hast ruin'd my everlasting repose, and I must never, never look abroad again: curse on my face that first debauched my virtue, and taught thee how to love; curse on my tempting youth, my shape, my air, my eyes, my voice, my hands, and every charm that did contribute to my fatal love, a lasting curse on all - but those of the adorable Philander, and those - even in this raging minute, my furious passion dares not approach with an indecent thought.]

<sup>427</sup> Ibidem, p. 35. [oh, Sylvia! I can never be truly happy—adeu, employ thyself in writing to me, and remember my life bears date but only with thy faith and love.]

<sup>428</sup> Ibidem, p. 33. [I will be brave in love, and lavish all; nor shall Philander think I love him well, unless I do.]

Sim, minha adorável Sylvia, não te procurarei mais; somente por todas as minhas dores, todo meu sofrimento, por todas as tormentosas noites em claro, e todos os dias repletos de pensamentos ansiosos; por todas minhas esperanças desleais, meus medos, meus suspiros, minhas orações e minhas lágrimas, por minha inigualável paixão sem limites, minhas incansáveis buscas no amor, minha chama eterna, e por fim, por minha morte;<sup>429</sup>

Sylvia fica desesperada com a possibilidade apresentada por Philander, fazendo com que ela mergulhe em mais promessas de amor: “ó, eu juro que todos os teus votos são verdadeiros; ó, eu juro que são teus, Sylvia; e em troca, irei jurar que sou seu sem reservas, qualquer que seja o destino reservado a ti.”<sup>430</sup> Isso faz com que Philander também faça mais promessas a Sylvia, e assim o casal volta ao seu ciclo de amor e promessas: “Tu; Pois juro por todos os poderes que se compadecem da mortalidade frágil, não há alegria, não há vida, não há céu sem ti! Seja cruel, ingrata, infame, ainda assim eu te adoro; minh’alma é feita somente de amor, e todo este amor, e toda alma é de Sylvia;”<sup>431</sup>

Diferente de Philander, Sylvia demonstra sempre a preocupação com sua segurança e sua felicidade: “Oh! Eu nunca serei feliz, ou pensarei seguramente em ti, até quitar esta dívida fatal: vá, meu Philander—e lembre-se de que qualquer labuta será recompensada com uma noite em meus braços”<sup>432</sup> Essa preocupação de Sylvia está presente em todo o primeiro volume do romance. Sylvia sabe de suas limitações pelo fato de ser uma mulher. A única preocupação real que podemos observar em Philander é sobre a perda de sua honra e a privação do amor por Sylvia. Sylvia se sente, de forma geral, culpada e julgada por todos a sua volta: seu pai, sua mãe e sua irmã, principalmente:

Philander, tudo o que eu temia, tudo aquilo do que eu tinha medo caiu sobre mim: fui acusada e condenada, três juizes, severos como os três juizes do inferno, juntaram-se em condenação a mim, um pai, uma mãe e uma irmã; o fato, infelizmente, foi provado com clareza, e haviam muitas verdades circunstanciais contra mim para que eu pudesse me declarar inocente. Mas, ó céus! Tivesse visto as lágrimas, e escutado as orações, ameaças, reprovações e repreensões — essas de uma irmã ferida, aqueles meus pais de coração partido; uma mãe terna aqui, uma irmã insultante e insultuosa ali — um pai

<sup>429</sup> Ibidem, p. 37. [Yes, my adorable Sylvia, I will pursue you no farther; only for all my pains, for all my sufferings, for my tormenting sleepless nights, and thoughtful anxious days; for all my faithless hopes, my fears, my sighs, my prayers and my tears, for my unequalled and unbounded passion, and my unwearied pursuits in love, my never-dying flame, and lastly, for my death;]

<sup>430</sup> Ibidem. P. 38. [oh, swear that all your vows are true; oh, swear that you are Sylvia’s; and in return, I will swear that I am yours without reserve, whatever fate is destined for your.]

<sup>431</sup> Ibidem, p. 40. [thee; for I swear by all the powers that pity frail mortality, there is no joy, no life, no heaven without thee! Be false! Be cruel, perjured, infamous, yet still I must adore thee; my soul was formed of nothing but of love, and all that love, and all that soul is Sylvia’s;]

<sup>432</sup> Ibidem, p. 35. [Oh! I shall never be happy, or think you safe, till you have quitted this fatal interest: go, my Philander—and remember whatever toils you take will be rewarded at night in the arms of]

zangado e uma consciência culpada — você teria se maravilhado com minha fortaleza, minha coragem e minha resolução, e tudo por amor!<sup>433</sup>

Com o andamento dos planos da rebelião, Philander, para se esconder das autoridades, tem de mudar de cidade. Mesmo longe de sua amada, em Bellfest, continua sua adoração por Sylvia: “esta estimada, estimada noite me arruinou, me confirmou agora que devo ter Sylvia, e não posso viver sem ela, nem um dia, uma hora”.<sup>434</sup> Pode-se notar que não é apenas Sylvia que parece disposta a tudo. Philander sonha em ter Sylvia a todo custo: “Pelo céu, para mim não há nada tão desnatural; não, Sylvia, é você que devo possuir, você consumou minha ruína agora, e devo morrer a menos que você me dê tudo - mas ó, estou indo até ti - quando poderemos nos encontrar - ó, como devo suportar estas horas ausentes!”<sup>435</sup>

Apesar de todos os obstáculos, o casal se mantém firme e apaixonado: “Tanto medo e afeição, uma paixão tão terrível, que superou sua fraca resistência; minhas razões e meus argumentos eram fortes, pois você era meu por amor, por votos sagrados, e quem poderia reivindicar melhor Sylvia? Como frequentemente eu chorava.”<sup>436</sup> Essa paixão intensa é retribuída imediatamente por Sylvia: “Oh, me ame, me ame, me ame!”<sup>437</sup> Mais inegável que o amor que Sylvia e Philander sentem um pelo outro, é o fato dos dois estarem dispostos a fazer qualquer coisa para estarem juntos.

Sem mais alternativas, o casal decide que chegou o momento de fugir. Com a ajuda de Brilliard, criado de Philander, Sylvia foge para Paris, onde, para não ser descoberta, muda de nome e passa a se vestir como um homem. Sylvia está disposta a afrontar todos os códigos de honra, sua fama e amigos para ficar com Philander.

Nessa primeira tentativa de fuga Sylvia acaba sendo encontrada pela família. Como tentativa de salvar sua honra, um casamento de última hora é planejado, algo que deixa Sylvia em desespero:

---

<sup>433</sup> Ibidem, p. 45. [Philander, all that I dreaded, all that I feared is fallen upon me: I have been arraigned, and convicted, three judges, severe as the three infernal ones, sat in condemnation on me, a father, a mother, and a sister; the fact, alas, was too clearly proved, and too many circumstantial truths appeared against me, for me to plead not guilty. But, oh heavens! Had you seen the tears, and heard the prayers, threats, reproaches and upbraidings—these from an injured sister, those my heartbroken parents; a tender mother here, a railing and reviling sister there—an angry father, and a guilty conscience—thou wouldst have wondered at my fortitude, my courage, and my resolution, and all from love!]

<sup>434</sup> Ibidem, p. 46. [this dear, dear night has ruined me, it has confirmed me now I must have Sylvia, and cannot live without her, no not a day, an hour.]

<sup>435</sup> Idem. [by heaven, to me there is nothing so unnatural; no, Sylvia, it is you I must possess, you have completed my undoing now, and I must die unless you give me all - but oh, I am going from thee - when are we like to meet - oh, how shall I support my absent hours!]

<sup>436</sup> Ibidem, p. 48. [such fear and fondness, such an awful passion, as overcame your faint resistance; my reasons and my arguments were strong, for you were mine by love, by sacred vows, and who could lay a better claim to Sylvia? How oft I cried.]

<sup>437</sup> Ibidem, p. 49. [Oh, love me, love me, love me!]

Estivesse eu no auge da juventude, como agora estou, forçada por meus pais, obrigada por honra e por proveito, a casar com o velho, deformado, doente e decrépito Conde Anthonio, cuja pessoa, qualidades e princípios eu abomino, e preferiria sofrer do que consumir suas núpcias, suponho que eu deva (como certo que deveria) me matar, seria uma blasfêmia colocar este casamento fatal sob o dever dos céus — maldição sob suas tolices, suas vestimentas imponentes, maldição sob sua santa hipocrisia; então poderia até dizer que estupros e assassinatos, traição e roubo, são atos do céu; porque o céu permite que sejam cometidos em seu nome.<sup>438</sup>

Philander propõe que Sylvia se case com seu criado Brilliard, pessoa que considera um homem honrado e que diz confiar com a vida. Dessa forma, Sylvia ficaria livre dos direitos legais de seu pai e poderia finalmente se unir a Philander, visto que esse seria apenas um casamento de conveniência, tendo Brilliard prometido não a reivindicar como sua esposa.

O primeiro volume do romance termina com uma carta de Philander à Sylvia. Na carta conta que havia sido capturado, julgado e condenado à prisão pelas autoridades francesas. Ele, no entanto, havia conseguido fugir e se escondido num pequeno vilarejo onde estava ansioso esperando a chegada de sua amada: “e embora minha vida dependa de minha fuga, ou melhor, a vida de Sylvia, não posso ir sem ela; vista-se então, minha querida, com as roupas de seu menino, e apresse-se com Brilliant, para onde este marinheiro irá conduzi-la, a quem eu contratei para nos colocar em alguma costa com segurança;”<sup>439</sup>

#### 4.2.2 Uma grande experimentação?

O segundo volume do romance começa com a chegada de Sylvia e Philander à Holanda, lugar escolhido pelo casal para iniciarem uma nova vida. Sylvia chega acompanhada de Brilliard e dois outros criados e logo se junta a Philander. Sylvia ainda está travestida como homem e assim permanece nesta segunda parte do segundo volume. Essa é uma questão curiosa, visto que sabemos o tempo todo que se trata de Sylvia vestida de homem, porém os personagens masculinos que se apaixonam por ela não sabem desse detalhe.

<sup>438</sup> Ibidem, p. 54. [Were I in height of youth, as now I am, forced by my parents, obliged by interest and honour, to marry the old, deformed, diseased, decrepit Count Anthonio, whose person, qualities and principles I loathe, and rather than suffer him to consummate his nuptials, suppose I should (as sure I should) kill myself, it were blasphemy to lay this fatal marriage to heaven's charge——curse on your nonsense, ye imposing gownmen, curse on your holy cant; you may as well call rapes and murders, treason and robbery, the acts of heaven; because heaven suffers them to be committed.]

<sup>439</sup> Ibidem, p. 56. [and though my life depend upon my flight, nay, more, the life of Sylvia, I cannot go without her; dress yourself then, my dearest, in your boy's clothes, and haste with Brilliant, whither this seaman will conduct thee, whom I have hired to set us on some shore of safety;]

É o caso de Octavio, personagem que junto de Sylvia e Philander, será muito importante para o desenvolvimento da trama:

Ele era muito bonito, de boa forma, bem vestido e muito bem cuidado; a quem chamaremos de Octavio, e que, jovem como era, era de um dos estados da Holanda; falava francês admiravelmente bem, e tinha uma vivacidade e sagacidade rápida, incomuns aos nativos daquela parte do mundo e superior ao restante do seu sexo.<sup>440</sup>

Desde o primeiro momento Octavio se interessa por Sylvia travestida. Esse interesse é bastante complexo porque em nenhum momento a autora trata Octavio como uma personagem com interesses homossexuais ou bissexuais e a revelação de que Sylvia na verdade é uma mulher vai demorar bastante para acontecer na história. O texto é bastante confuso em relação ao assunto, visto que num primeiro momento dá a entender que Octavio sabe a verdade de Sylvia, chegando inclusive a ficar feliz ao saber que Philander e Sylvia não são casados:

Mas Octavio, quem agora não só tinha confirmado que ela era uma mulher, mas que ela não era esposa de Philander, nem haveria qualquer possibilidade de ser; que ela era sua amante, deu-lhe esperança de que um dia ela também poderia ser conquistada por ele; e ele considerou sua juventude, sua beleza e suas qualidades merecedoras das dores de um cortejo opulento.<sup>441</sup>

Mas ele ainda não sabia. Ou talvez ele já soubesse e fingia não saber. O texto em nenhum momento deixa claro ao leitor o que realmente se passava. Pelo contrário, a história tem muitas idas e vindas, com parágrafos longuíssimos que acabam tornando a história extremamente intrincada e difícil para a leitura e compreensão.

A alegria de Philander e Sylvia, que imaginam terem conseguido finalmente ficar juntos e felizes, logo é abalada. Philander recebe uma carta de Octavio avisando-o que deve ir embora, caso contrário será preso. Philander, dessa forma, tem de tomar uma grande decisão. Pondera todas as possibilidades e decide ir embora:

Mas com a minha estadia, eu arruíno Sylvia e a mim mesmo, a vida dela depende da minha; e é impossível que a dela possa ser preservada quando a minha está em perigo: ao me ausentar, serei rapidamente abençoado ao vê-la em um refúgio mais seguro, ao

---

<sup>440</sup> Ibidem, p. 57. [He was very handsome, well made, well dressed, and very well attended; and whom we will call Octavio, and who, young as he was, was one of the States of Holland; he spoke admirable good French, and had a vivacity and quickness of wit unusual with the natives of that part of the world, and almost above all the rest of his sex.]

<sup>441</sup> Idem. [But Octavio, who now was not only confirmed she was a woman, but that she was neither wife to Philander, nor could in almost all possibility ever be so; that she was his mistress, gave him hope that she might one day as well be conquered by him; and he found her youth, her beauty, and her quality, merited all his pains of lavish courtship.]

ficar, resigno-me pobremente ao escárnio público da França, e ao cruel assassino de Sylvia.<sup>442</sup>

Octavio, sem perder tempo algum, se declara a Sylvia. Ela, no entanto, repudia o seu amor, tendo uma opinião extremamente negativa em relação a ele:

considerava Octavio com todas as qualidades que alguém pudesse conceber, aquela que não era sua amante; ela sabia que ele merecia um coração, embora não tivesse nenhum para lhe dar; ela o achou encantador sem ter uma ternura por ele; ela o achou jovem e amoroso sem sentir desejo por ele; ela o achou grandioso, rico, poderoso e generoso sem se imaginar com ele;<sup>443</sup>

Philander, ainda que distante, continua a ser uma forte presença na história, mas passamos a observar que Sylvia passa por uma intensa transformação, oscilando seus pensamentos com muita frequência. Isso faz com que a história de certa forma fique bastante interessante, ao mesmo tempo em que a mudança incessante faça o leitor ficar bastante confuso sobre o que está acontecendo. Essa mudança constante dos sentimentos de Sylvia nunca é bem explicada. A personagem gosta e quer alguém em um momento e um instante depois já tem outro interesse, chegando também a desistir do novo interesse em detrimento do interesse anterior. O que Aphra Behn pretendia com essa oscilação constante é algo que apenas podemos especular. Talvez fosse uma experimentação narrativa da autora, que havia adentrado na escrita ficcional há pouco tempo e, estivesse experimentando formas narrativas, sem se deixar conduzir por modelos já bem conhecidos há muito tempo na tradição literária ocidental.

Logo após a explícita repulsa que Sylvia sente por Octavio, começa pela primeira vez a duvidar dos sentimentos de Philander por ela e, aos poucos, começa a duvidar de um futuro com Philander. Imediatamente começa a se aproximar de Brilliard, criado de Philander que permaneceu com Sylvia depois que seu senhor teve que partir. O que Sylvia ainda não sabia é que Philander já havia começado um *affair* com outra mulher, informação que dividiu em segredo com Brilliard: “Não preciso implorar para que você guarde esse conhecimento para si mesmo, pois tive uma confirmação muito boa de sua fé e amizade para duvidar de você agora,

---

<sup>442</sup> Idem. [But by my stay I ruin both Sylvia and myself, her life depends on mine; and it is impossible hers can be preserved when mine is in danger: by retiring I shall shortly again be blessed with her sight in a more safe security, by staying I resign myself poorly to be made a public scorn to France, and the cruel murderer of Sylvia.]

<sup>443</sup> Idem. [she considered Octavio to all the advantages that thought could conceive in one, who was not a lover of him; she knew he merited a heart, though she had none to give him; she found him charming without having a tenderness for him; she found him young and amorous without desire towards him; she found him great, rich, powerful and generous without designing on him;]

e acredito que você tem muito respeito por Sylvia para causar-lhe qualquer inquietação.”<sup>444</sup> Brilliard fica muito satisfeito em saber dessa notícia, esperando que Sylvia, ao saber da traição do amado, desistisse finalmente de Philander e se casasse com ele. Brilliard, assim, começa um jogo de interesses, tanto com Philander, como com Sylvia. A Philander promete seu total apoio e obediência, mas realmente está interessado em conquistar Sylvia.

Não podemos esquecer, no entanto, que Octavio também nutre um forte sentimento por Sylvia e começa a desconfiar de seu envolvimento com Brilliard. Nesse momento da narrativa, o foco da história deixar de ser o amor de Sylvia e Philander e passa a ser os amores que Sylvia e Philander nutrem por outras pessoas. Como estão longe de seus familiares e pessoas de seu vínculo social mais próximo, vivendo em outro país, a questão da honra deixa de ser uma barreira, como vimos no primeiro volume, enquanto desejo e interesse passam a catalisar as decisões dos protagonistas.

O que vemos é uma sequência de declarações de amor, seguidas de rejeição, de arrependimento pela rejeição, seguidas de novas declarações, dessa vez recíprocas, de nova rejeição e assim sucessivamente, de forma a deixar o leitor confuso e exausto com as diversas mudanças. O texto de Aphra Behn, de forma geral, não facilita em nenhum momento e parece brincar com o leitor, fazendo desta narrativa uma grande experimentação. Lembramos que esse é o texto ficcional mais longo de Behn, todos os outros podendo ser considerados, devido seus tamanhos, como contos ou novelas. Podemos especular que pela vontade da autora em escrever um texto mais longo, ela teve que fazer escolhas narrativas mais detalhadas e sem ter ainda a experiência na escrita de tais textos, ter dado a impressão de ser um livro mais complexo do que realmente a autora tinha a intenção.

Octavio não entende porque seu amor por Sylvia a ofendia tanto. Ele é muito confiante sobre seus sentimentos e se sente no direito de amar Sylvia. Como não vê outra alternativa a não ser aceitar as constantes declarações, Sylvia permite que Octavio escreva a Philander contando de seu amor por ela, acreditando que desta forma Philander ficasse furioso e voltasse a ser o mesmo apaixonado de antes. O que Sylvia não contava é que Philander não se importou em saber dos sentimentos de Octavio, visto que estava mais preocupado com seu novo amor, Calista. Philander não perdeu tempo e descreve sua nova amada com a mesma paixão que costumava expor seus sentimentos por Sylvia:

---

<sup>444</sup> Ibidem, p. 70. [I need not bid you keep this knowledge to yourself, for I have had too good a confirmation of your faith and friendship to doubt you now, and believe you have too much respect for Sylvia to occasion her any disquiet.]

seu manto era alegre e opulento, como o que as jovens noivas reais usam quando se despem em alegria; seus olhos eram pretos, o céu mais suave já feito; sua boca era doce e formada para todo o deleite; seus lábios tão vermelhos, tão arredondados, tão enfeitados com covinhas, que sem outro encanto, isso era o suficiente para despertar desejos calorosos sobre um coração congelado; um ar jovial e perspicaz completou tudo, aumentou minha chama e me deixou louco de amor:<sup>445</sup>

Nesse momento ficamos sabendo que Calista é uma mulher rica, importante e casada com um Conde espanhol, sendo assim conhecida como a Condessa de Clarinau. Essa informação deixa Octavio perplexo, visto que Calista é sua irmã. Ele, ao saber dessa verdade sórdida, acredita que sua irmã está perdida para sempre. À vista desses novos acontecimentos, Octavio começa a pensar em vingança. Assim, se sente confortável em contar toda a verdade da nova paixão de Philander à Sylvia. De uma maneira completamente estranha, a desgraça moral de Calista poderia significar o sucesso de Octavio com Sylvia: “Primeiramente, ele se atentou aos temores de Calista, esses imaginando Philander dissimulando Sylvia: 'Bem', gritou ele - 'Se estás perdida, Calista, pelo menos a sua ruína levantou um alicerce para a minha felicidade, e cada triunfo que Philander faz de tua virtude, trará mais segurança ao meu império sob Sylvia;’”<sup>446</sup>

Philander, nesse meio tempo, continua a enviar cartas para Sylvia. As cartas, no entanto, não expressam a mesma paixão de antes. Sylvia considera as cartas de Philander frias e sem afeto. Ela, querendo entender melhor toda a situação, escreve a ele pedindo explicações: “Diga-me, Philander, que novo acidente, que infortúnio poderoso se abateu sobre ti, maior do que o que já experimentamos até então, para expulsar o pouco de Deus do seu coração e torná-lo tão diferente de meu suave Philander?”<sup>447</sup> Assim, Sylvia começa a ficar desesperada, sem saber o que será de seu futuro. Sentimos em Sylvia nesse momento uma mistura de amor por Philander e desespero pelas consequências dessa recém descoberta.

A protagonista, desesperada em busca do amor, acaba recebendo conforto nos braços de Octavio. Nesse momento, sublinhamos, Octavio ainda não tinha tido coragem de contar toda a verdade sobre o novo *affair* de Philander e já não sabia mais o que fazer. Sylvia, entendendo que Octavio estava lhe escondendo algo, acredita que a amizade de Octavio e Philander é maior

<sup>445</sup> Ibidem, p. 81-82. [her robe was gay and rich, such as young royal brides put on when they undress for joys; her eyes were black, the softest heaven ever made; her mouth was sweet, and formed for all delight; so red her lips, so round, so graced with dimples, that without one other charm, that was enough to kindle warm desires about a frozen heart; a sprightly air of wit completed all, increased my flame, and made me mad with love:]

<sup>446</sup> Idem. [At first he strove to atone for the fears of Calista, with those of imagining Philander false to Sylvia: 'Well,' cried he - 'If thou be'st lost, Calista, at least thy ruin has laid a foundation for my happiness, and every triumph Philander makes of thy virtue, it the more secures my empire over Sylvia;]

<sup>447</sup> Ibidem, p. 89. [Tell me, Philander, what new accident, what powerful misfortune has befallen thee, greater than what we have experienced yet, to drive the little god out of thy heart, and make thee so unlike my soft Philander?]

que o amor de Octavio por ela. Sylvia, desta forma, passa a se sentir traída pelos dois homens que sente mais admiração: “então depois de toda a raiva que uma mulher apaixonada pudesse expressar, se via ferida pelas duas únicas pessoas no mundo de quem ela esperava a maior adoração;”<sup>448</sup>

Nesse momento da história, tanto Octavio como Sylvia encontram-se confusos e sem saber o que fazer. Octavio está incerto se conta ou não toda a verdade à Sylvia e ela já não tem controle sobre suas emoções, sentindo-se ainda bastante apaixonada por Philander, mas já demonstrando uma certa dependência de Octavio em sua vida. A mudança drástica de vida e rotina faz com que Sylvia comece a se comportar de forma bastante egoísta, se mostrando desesperada pelo sentimento dos homens ao seu redor, mas se sentindo no direito de constantemente mudar de ideia sobre quem ela deseja. Antonet, uma das criadas de Sylvia, observando toda a situação, tenta alertá-la de seu comportamento:

‘Meu Deus, senhorita’, disse ela, ‘e você está com raiva de tais desejos dos homens em relação a você? Acredito que você seja a primeira dama no mundo que se ofendeu por ser desejável: alguma coisa pode proclamar mais sua beleza, ou sua juventude, ou inteligência? Casar, senhorita, gostaria eu de ser digna de receber propostas de todos os cavalheiros dançantes, bem-vestidos e cantantes mais finos da cidade.’<sup>449</sup>

Enquanto isso, Octavio espera uma decisão de Sylvia. Ele se considera o maior partido da Holanda e acredita ter muito a oferecer financeiramente à Sylvia. Podemos observar, desta forma, que não é apenas Sylvia que apresenta um comportamento ganancioso e interesseiro. Todos aparentam estar envoltos em um delírio coletivo, no qual seus desejos íntimos estão sendo colocados ao vento sem nenhum tipo de filtro ou preocupação. Isso acaba refletindo em um vai e vem de sentimentos: em um momento parecem amar e em outro parecem desistir da outra pessoa. Octavio, assim como Sylvia, também passa por esse processo de incertezas, considerando, em determinado momento, que Sylvia não é merecedora do sentimento que ele nutre por ela.

Brilliard, que estava ausente da narrativa, retorna e também se encontra completamente apaixonado por Sylvia. Ele, inesperadamente desafia Octavio a um embate, que acaba não acontecendo nesse momento. De forma também repentina Sylvia fica sabendo de toda a verdade sobre Philander e Calista. Isso faz com que ela adoeça e seja encontrada por Antonet quase

<sup>448</sup> Ibidem, p. 93. [so that after all the rage a passionate woman could express, who believed herself injured by the only two persons in the world from whom she expected most adoration;]

<sup>449</sup> Ibidem, p. 98. [‘Good lord, madam,’ said she, ‘and are you angry at such desires in men towards you? I believe you are the first lady in the world that was ever offended for being desirable: can any thing proclaim your beauty more, or your youth, or wit? Marry, madam, I wish I were worthy to be asked the question by all the fine dancing, dressing, song-making fops in town.’]

morta. Sylvia também descobre que Calista é irmã de Octavio, fazendo com que a narrativa abandone completamente a questão da enfermidade de Sylvia, que agora começa a planejar, por defesa de sua honra, se vingar de Philander. Sylvia acredita que o fato de Octavio ser irmã de Calista e esse ter ficado furioso com a descoberta do romance entre os dois, seja uma ótima oportunidade para destruir Philander:

“Ha! irmã para quem? Ó, como tu me agradaria se dissesse a Octavio”. “Por que, senhorita, isso lhe agradaria?” Disse a empregada corada. “Porque,” disse Sylvia, “isso me vingaria em parte por suas declarações ousadas para mim, e ele também seria obrigado, em honra a sua família, a se vingar de Philander.”<sup>450</sup>

Sylvia fica obcecada com a ideia de vingança, querendo se vingar de seus dois amores. A fúria, no entanto, é mais intensa com Philander, ao qual envia uma carta avisando que já sabe de toda a verdade: “Sim, vilão perjurado, finalmente toda a tua perfídia chegou ao meu conhecimento;”<sup>451</sup> e “Vilão, vilão, de onde tirou coragem de me usar assim, conhecendo minhas feridas e meu espírito?”<sup>452</sup> Sylvia está enfurecida, pois perdeu tudo para poder ficar com Philander:

pois não sobrou nenhum bom princípio, nem uma pobre virtude para te proteger da condenação, tu tinhas apenas uma amiga que sobrou-lhe, uma verdadeira, uma amiga de verdade, e essa foi a miserável Sylvia; ela, quando todos te abandonaram, exceto o carrasco, fugiu com você, sofreu com você, passou fome com você, perdeu sua fama e honra com você, perdeu seus amigos, seus pais e todas as esperanças de sua beleza para você;<sup>453</sup>

Fragilizada com toda a situação, Sylvia elege Octavio seu amor do momento. Primeiro começa a enaltecer seu caráter: “e entre todos os seus amantes, ou pelo menos aqueles que ela sabia que a adoravam, nenhum foi considerado tão adequado como o nobre Octavio, sua juventude, sua inteligência, sua bravura, mas acima de tudo sua fortuna a instiga poderosamente;”<sup>454</sup> Isso faz com que Sylvia passe a acreditar que agora tem sentimentos por Octavio.

<sup>450</sup> Idem. [‘Ha! sister to whom? Oh, how thou wouldst please me to say to Octavio.’ ‘Why, madam, would it please you?’ said the blushing maid. ‘Because,’ said Sylvia, ‘it would in part revenge me on his bold addresses to me, and he would also be obliged, in honour to his family, to revenge himself on Philander.’]

<sup>451</sup> Ibidem, p. 104. [Yes, perjured villain, at last all thy perfidy is arrived to my knowledge;]

<sup>452</sup> Idem. [Villain, villain, where got you the courage to use me thus, knowing my injuries and my spirit?]

<sup>453</sup> Idem. [for not one good principle was left, not one poor virtue to guard thee from damnation, thou hadst but one friend left thee, one true, on real friend, and that was wretched Sylvia; she, when all abandoned thee but the executioner, fled with thee, suffered with thee, starved with thee, lost her fame and honour with thee, lost her friends, her parents, and all her beauty’s hopes for thee;]

<sup>454</sup> Ibidem, p. 105. [and among all her lovers, or those at least that she knew adored her, none was found so proper an instrument as the noble Octavio, his youth, his wit, his gallantry, but above all his fortune pleads most powerfully with her;]

A narrativa retorna a Philander. Ele fala sobre seu amor por Calista: “Via diariamente o bom e velho Conde de Clarinau, de quem nem me atrevi a fazer qualquer pergunta civilizada apenas para a satisfação da minha alma;”<sup>455</sup> O sentimento que Philander manifesta por Calista é carregado de emoção, assim como eram as cartas de amor que enviava à Sylvia: “ó, como meu coração dançou com a afetuosa visão das melodias de amor!”<sup>456</sup>

Nesse momento da história se começa a questionar sobre a veracidade dos sentimentos de Philander e de Sylvia. Philander parece ser uma pessoa imatura que anseia por aventuras, tendo todos os privilégios possíveis para isso. Já Sylvia parece alguém desesperada pela ideia do amor idealizado. Como veremos no terceiro volume do romance, tanto Philander, como Sylvia, se perdem entre os ideais de honra e o sentimento amoroso que tanto destacam em suas cartas apaixonadas no primeiro volume do romance.

No final do segundo volume, as personagens principais estão em meio ao caos. Octavio se encontra confuso com a história de amor de sua irmã Calista e Philander. Sylvia muda de opinião novamente e agora só quer a amizade de Octavio, passando a acreditar que Brilliard é o homem certo para ela. E Philander, enlouquecido de amor por Calista, envia uma carta para Sylvia, quase que em despedida:

Há mil razões, querida Sylvia, neste momento que me impedem de lhe escrever, razões que serão suficientemente convincentes para compelir o teu perdão e pleitear a minha causa àquela que me ama: tudo o que apresentarei diante de ti quando tiver a felicidade de te ver; Eu tenho encontrado com alguns afazeres desde minha chegada a este lugar, que tomam totalmente meu tempo; assuntos do Estado, cujo cansaço tem desentoadado o meu coração, e se não for cuidadosamente administrado, poderá transformar-se na minha ruína eterna, de modo que não tenho uma hora do dia sobrando para Sylvia; isto, acredite em mim, é a maior aflição da minha vida; e não tenho perspectiva de tranquilidade nas labutas intermináveis da vida, senão a de repousar nos braços de Sylvia: alguns curtos intervalos: perdoe minha pressa, pois você não pode adivinhar a massiva ocupação que atualmente rouba de você o Seu PHILANDER.<sup>457</sup>

Essa carta deixa Sylvia tão abalada e sedenta por vingança que ela decide que a melhor solução é se casar com Octavio, pessoa que há pouco tinha rejeitado. Sylvia está absolutamente

---

<sup>455</sup> Ibidem, p. 110. [I saw daily the good old Count of Clarinau, of whom I durst not so much as ask a civil question towards the satisfaction of my soul;]

<sup>456</sup> Ibidem, p. 111. [oh how my heart danced at the dear sight to all the tunes of love!]

<sup>457</sup> Ibidem, p. 120. [There are a thousand reasons, dearest Sylvia, at this time that prevent my writing to you, reasons that will be convincing enough to oblige my pardon, and plead my cause with her that loves me: all which I will lay before you when I have the happiness to see you; I have met with some affairs since my arrival to this place, that wholly take up my time; affairs of State, whose fatigues have put my heart extremely out of tune, and if not carefully managed may turn to my perpetual ruin, so that I have not an hour in a day to spare for Sylvia; which, believe me, is the greatest affliction of my life; and I have no prospect of ease in the endless toils of life, but that of reposing in the arms of Sylvia: some short intervals: pardon my haste, for you cannot guess the weighty business that at present robs you of Your PHILANDER.]

transtornada pela tragédia que se transformou sua vida, esquecendo de um pequeno detalhe: o seu casamento arranjado com Brilliard:

Sylvia estando tão decidida a se vingar (cuja façanha só aceitaria de Octavio) havia perdido toda a lembrança de seu casamento anterior com Brilliard: ou se isso alguma vez esteve em seu pensamento, considerou-o apenas uma farsa, nada mais que um plano arquitetado por seus pais para tirá-la de Philander; e, sem qualquer respeito aos laços sagrados, já não o dava importância; muito menos juntar-se-ia a Octavio por qualquer respeito que ela tivesse pelo sagrado estado do matrimônio, mas por uma ânsia de vingança que ela compraria a qualquer preço, a qual ela não encontrou outro homem tão bem capaz de desempenhá-la quanto Octavio.<sup>458</sup>

#### 4.2.3 As desventuras amorosas de Philander e Sylvia

O terceiro volume do livro, intitulado ironicamente de “The Amours of Philander and Sylvia”, inicia de forma bastante peculiar: a narradora escolhe elogiar Octavio:

Octavio, o valente, o generoso e amoroso, tendo deixado Sylvia absolutamente decidida a se entregar àquele amante apaixonado e afetuoso, mas apenas sacrificava si mesma à sua vingança, aquele infeliz fato imprudente, cuja paixão o expôs a todos os seus efeitos irracionais, voltou para sua própria casa, totalmente fascinado com seu sucesso feliz.<sup>459</sup>

Essa é uma escolha narrativa um tanto quanto peculiar. Estaria a narradora se colocando no ponto de vista de Octavio? Seria Octavio o grande herói dessa história? Por que escolher iniciar o volume dessa forma? Por que dar tanta importância a Octavio? Sabemos que Octavio estava muito feliz com a possibilidade de se casar com Sylvia, ainda que os motivos dela são fossem os mais louváveis, visto que para ela Octavio é apenas o alvo perfeito para sua vingança contra Philander:

No entanto, ela agora era tão discreta, ou melhor, astuta, para disfarçar seu ressentimento o melhor que podia para seu amante generoso, por quem ela tinha mais inclinação do que havia tido tempo para perceber, e que agora atribui inteiramente à sua vingança; e considerando Octavio o instrumento mais adequado para isso, imaginava

<sup>458</sup> Idem. [Sylvia being so wholly bent upon revenge (for the accomplishment of which alone she accepted of Octavio) that she had lost all remembrance of her former marriage with Brilliard: or if it ever entered into her thought, it was only considered as a sham, nothing designed but to secure her from being taken from Philander by her parents; and, without any respect to the sacred tie, to be regarded no more; nor did she design this with Octavio from any respect she had to the holy state of matrimony, but from a lust of vengeance which she would buy at any price, and which she found no man so well able to satisfy as Octavio.]

<sup>459</sup> Ibidem, p. 121. [Octavio, the brave, the generous, and the amorous, having left Sylvia absolutely resolved to give herself to that doting fond lover, or rather to sacrifice herself to her revenge, that unconsidering unfortunate, whose passion had exposed him to all the unreasonable effects of it, returned to his own house, wholly transported with his happy success.]

que o fato desta ternura crescente se dava por seu mérito, sendo o efeito daquela vingança de que tanto ansiava;<sup>460</sup>

Há também outro interesse romântico nesse volume: o de Antonet, criada de Sylvia, por Brilliard. Imaginando que Brilliard deixaria de amar Sylvia ao saber de toda a trama para se casar com Octavio, Antonet conta toda a verdade a ele. Brilliard, no entanto, se recusa a desistir de Sylvia, ficando na dúvida de como agir, se desafiava Octavio, algo que tentou fazer no volume anterior, ou se tomava Sylvia como sua verdadeira esposa, o que havia prometido a ela nunca fazer.

Desesperado, visto que o casamento vai acontecer no próximo dia, Brilliard começa a conspirar e vai atrás de alguma fraqueza de Octavio: “Brilliard conhecia cada divisão, e para que lado eles se inclinavam; ele sabia que Octavio não estava tão bem com o Estado que não pudesse piorar facilmente;”<sup>461</sup> Acaba descobrindo correspondências que comprovavam que Octavio estava planejando trair o Estado e as usa sem pensar nas consequências futuras.

No dia do casamento, no momento em que Sylvia e Octavio estavam prestes a se casar, guardas são enviados por Brilliard e impedem o casamento, levando Octavio preso. Sylvia não expressa nenhuma tristeza, mas sim uma nova mudança de opinião em relação aos seus sentimentos, considerando que seria um erro ter se casado com Octavio. Sylvia, assim, demonstra mais uma vez sua instabilidade emocional. O amor por Philander ainda é muito forte, ao mesmo tempo em que mantém a esperança pelo fim desse sentimento, ainda que esse fim seja trágico.

Já da parte de Brilliard, responsável por essa nova confusão na vida de Sylvia, há o medo que Sylvia descubra que foi ele o causador de todo esse transtorno. Tentando consertar um pouco a situação, Brilliard vai ao encontro de Octavio para informá-lo que ele é casado com Sylvia. No fim, toda a estratégia de Brilliard em separar Sylvia e Octavio não tem resultado satisfatório, tendo ele que inclusive pedir perdão a Octavio pelo acontecido.

A constante mudança de sentimentos e opiniões de Sylvia a partir desse momento só confirma a estratégia narrativa da autora em gerar nos leitores a sensação de torvelinho. Sylvia está com receio de contar a verdade a Octavio, temendo perdê-lo. Depois de tudo que passou por amor, Sylvia definitivamente tem medo de ficar sozinha e desamparada. Não se trata mais

---

<sup>460</sup> Idem. [Nevertheless she was now so discreet, or rather cunning, to dissemble her resentment the best she could to her generous lover, for whom she had more inclination than she yet had leisure to perceive, and which she now attributes wholly to her revenge; and considering Octavio as the most proper instrument for that, she fancies what was indeed a growing tenderness from the sense of his merit, to be the effects of that revenge she so much thirsted after;]

<sup>461</sup> Idem. [Brilliard knew each division, and which way they were inclined; he knew Octavio was not so well with the States as not to be easily rendered worse;]

de amor. O medo faz dela uma pessoa sem personalidade, constantemente mudando de ideia para se preservar e resolver seus problemas. Uma personagem aparentemente fraca, instável e volúvel, bem distante das heroínas dos romances medievais e modernos.

Na continuidade da história retomamos os pedidos de desculpa de Brilliard, que atribui a culpa de tudo a Antonet. Octavio fica irritado com a desculpa de Brilliard, considerada falsa, e continua em sua saga de se declarar novamente à instável Sylvia. Sylvia se sente abandonada e sem reputação, admitindo a verdade para Octavio, de que foi seu pai quem planejou um casamento às pressas com um homem mais velho e indesejável, sendo persuadida por Philander a se casar com Brilliard, contando que se opôs a princípio, só aceitando porque não seria um casamento de verdade. O mais chocante de tudo é que Brilliard era, na verdade, um homem casado e pai de dois filhos, tendo sua verdadeira esposa tentado impedir o casamento entre Brilliard e Sylvia, só vindo a concordar com essa união porque seria apenas um casamento de aparências. Todas estas revelações fazem com que Sylvia e Octavio reconheçam que o casamento dela com Brilliard não tinha validade alguma, um casamento falso.

Uma coisa não podemos negar nesta história rocambolesca de Aphra Behn: ela nos surpreende o tempo todo. Fica-se, boa parte da narrativa, muito confuso e sem saber o motivo da autora ter escolhido essa estrutura para nos contar as desventuras amorosas de Philander e Sylvia. Em contrapartida, é um texto bastante desafiador, não é simplista e traz muita satisfação quando se consegue desvendar seus mistérios.

Nesse momento da narrativa se vislumbra finalmente como Sylvia se liberta emocionalmente de Philander. Um dos motivos desse desprendimento emocional de Sylvia pode ser o crescente interesse dela por Octavio, que resulta em uma noite ardente de paixão:

mas ó! uma noite; que não se levante em julgamento contra ela, vocês, donzelas modestas e tímidas, que nunca experimentaram se quer um minuto de poder; nem vós, esposas castas, que não se permitem esta oportunidade; uma noite — eles se perderam em flertes, esqueceram o quão perto estavam de ceder, e com delírios imperfeitos encontraram-se meio mortos de amor, abraçados um ao outro, traídos pelas suaves nuances de prazer em tudo aquilo que desejavam. Seria muito imoral lhe contar mais; para te contar tudo daquela noite, de tudo feito naquela alegre noite; basta dizer que Sylvia se entregou por inteira e fez Octavio mais feliz do que um deus.<sup>462</sup>

---

<sup>462</sup> Ibidem, p. 131-132. [but oh! one night; let it not rise up in judgement against her, ye bashful modest maids, who never yet tried any powerful minute; nor ye chaste wives, who give no opportunities; one night—they lost themselves in dalliance, forgot how very near they were to yielding, and with imperfect transports found themselves half dead with love, clasped in each other's arms, betrayed by soft degrees of joy to all they wished. It would be too amorous to tell you more; to tell you all that night, that happy night produced; let it suffice that Sylvia yielded all, and made Octavio happier than a god.]

A noite de amor torna Octavio ainda mais apaixonado por ela. Entra em cena Sebastian, tio de Octavio, que não gosta nada do comportamento de seu sobrinho: “um pouco de fornicção de maneira civilizada poderia ter sido permitida, mas isso não é nada.”<sup>463</sup> Octavio ficou furioso com toda a situação, visto que como punição por ter sido preso por conspirar contra o Estado tem que abandonar Sylvia, caso contrário ela seria enviada novamente à França, como inimiga do Estado. A punição de Octavio acaba sendo bastante branda, porém o deixa furioso. Não vendo outra alternativa, recorrerão seu tio, que se mostra extremamente sexista:

Ele disse, se fosse ele que fizesse leis, ele confinaria todas as jovens em monastérios, onde elas nunca deveriam ver um homem até os quarenta anos, e então sair para se casar apenas pela gestação, não mais: de sua parte, ele ainda não tinha visto a beleza que poderia inspirá-lo com aquela coisa boba chamada amor; e se perguntava que diabos afligiam todos os jovens de sua idade, para que eles não falassem de outra coisa.<sup>464</sup>

Apesar disso, Sebastian promete ajudar Octavio, contudo, com uma condição: em troca da liberdade de Sylvia, que passaria a morar por um tempo sob a proteção de Sebastian, Octavio deveria se casar com uma viúva cuja fortuna era uma das maiores da Holanda. Sem opções Octavio aceita a proposta do tio, porém Aphra Behn nos proporciona com outra surpresa narrativa: Sebastian logo se apaixona enlouquecidamente por Sylvia:

Perdoe-me, senhora, sou um sujeito cuja idade tornou menos cerimonioso do que na juventude: nunca estive tão contente a ponto de me acostumar com uma bela dama. As mulheres nunca me deram um minuto do seu precioso tempo, mas fui um sátiro de todo o sexo; e, se meu tratamento para com você for mais rude do que seu nascimento e beleza merecem, eu te imploro — bela criatura, perdoe-o, já que vim para prestar-lhe serviço.<sup>465</sup>

Antes de ver Sylvia, Sebastian se demonstra uma pessoa que odeia profundamente as mulheres. Seu discurso muda completamente ao conhecê-la, deixando até mesmo Sylvia surpresa, que muito esperta, tenta se aproveitar da situação: “Se eu merecer da sua estima e ajuda, para me livrar deste confinamento cruel, vou pensar no que se passou como uma alegria, uma vez que me torna digno de sua piedade e compaixão.”<sup>466</sup> Nesse momento fica claro como

<sup>463</sup> Ibidem, p. 132. [a little fornication in a civil way might have been allowed, but this is stark naught.]

<sup>464</sup> Ibidem, p. 134. [He said, if he were to make laws he would confine all young women to monasteries, where they should never see man till forty, and then come out and marry for generation-sake, no more: for his part, he had never seen the beauty that yet could inspire him with that silly thing called love; and wondered what the devil ailed all the young fellows of this age, that they talked of nothing else.]

<sup>465</sup> Ibidem, p. 135. [‘Pardon me, madam, I am a fellow whom age hath rendered less ceremonious than youth: I have never yet been so happy as to have been used to a fair lady. Women never took up one minute of my more precious time, but I have been a satyr upon the whole sex; and, if my treatment of you be rougher than your birth and beauty merits, I beseech you——fair creature, pardon it, since I come in order to do you service.’]

<sup>466</sup> Idem. [if I can merit your esteem and assistance, to deliver me from this cruel confinement, I shall think of what is past as a joy, since it renders me worthy of your pity and compassion.’]

o comportamento de Sylvia em relação aos homens era apenas movido pelo interesse. Amor deixa de ser o motor que orienta suas atitudes. O importante era tirar os maiores proveitos dos homens que tanto desonraram sua vida. Uma interessante forma de Aphra Behn problematizar as desigualdades entre homens e mulheres, recorrendo à manipulação e à vingança.

Nota-se, portanto, uma mudança na personalidade de Sylvia nos volumes dois e três. A personagem se torna uma pessoa muito mais calculista, deixando de ser apenas uma mulher apaixonada. Torna-se uma mulher experiente, transformando sua paixão em uma moeda de troca no mercado das relações de gênero. Sylvia, no decorrer dos três volumes, vai gradualmente mudando e se tornando fria, assim como vai também endurecendo seu coração. A personagem, deste modo, assume o papel e o instinto de uma libertina, tornando-se o Outro de Philander. A princípio uma vítima, Sylvia torna-se uma algoz manipuladora.<sup>467</sup>

Sylvia sabia que naquele momento o melhor para ela era ficar a salvo na casa de Sebastian, discurso esse que ele usa para fazer com que ela se sinta mais confortável com a situação. Sebastian, logo, diz a Octavio que está loucamente apaixonado por Sylvia:

“Estou”, diz ele, “apaixonado — acho que é amor, ou o que você assim chama: não posso comer, nem dormir, nem mesmo orar, sem que esta bela visitante se interponha; ou, se por acaso eu adormecer, todos os meus sonhos são com ela, eu a vejo, eu toco-a, eu a abraço e, mesmo assim, encontro um prazer que nenhum dos meus pensamentos acordados nunca poderiam me proporcionar.”<sup>468</sup>

Octavio, muito sagaz, recorda ao tio suas ideias misóginas: “mas você é sábio e solene, deveria odiar todas as mulheres, senhor, até cerca dos quarenta, e depois, preocupar-se apenas com a procriação: você está acima das tolices desta juventude vã.”<sup>469</sup> Assim, ficam Sebastian e Octavio trocam acusações, tentando, cada um, conquistar Sylvia. De repente, uma noite quando Sylvia recusa se deitar com Octavio se descobre que Sylvia decidiu casar-se com Sebastian. Aphra Behn transforma Octavio na maior vítima sofredora da história, que até então era Sylvia, a pessoa que movida por uma grande paixão, a princípio inocente, perde honra e prestígio.

Sylvia, no entanto, promete se casar com Sebastian apenas como forma de ganhar sua liberdade. Ela finalmente deixa de ser a jovem inocente apaixonada e passa atirar proveito de sua beleza e poder de persuasão sobre os homens. Isso, no entanto, não agrada a Octavio, que

<sup>467</sup> CHERNAIK, Op. Cit., p. 28.

<sup>468</sup> BEHN, A. *Love Letters*... Op. Cit., p. 137. [‘I am,’ says he, ‘in love—I think it is love, or that which you call so: I cannot eat, nor sleep, nor even pray, but this fair stranger interposes; or, if by chance I slumber, all my dreams are of her, I see her, I touch her, I embrace her, and find a pleasure, even then, that all my waking thoughts could never procure me.]

<sup>469</sup> Idem. [but you are wise and grave, should hate all women, sir, till about forty, and then for generation only: you are above the follies of vain youth.]

implora que ela não se comporte desta forma: “diga o que for, prometa sacrificar tudo ao seu desejo; mas, ó, não entregue o seu querido, o seu precioso ser pelos votos, a ninguém, a não ser ao enfraquecido OCTAVIO.”<sup>470</sup>

Octavio e Sebastian desejam Sylvia a todo custo. Isso acaba resultando em um duelo. Sebastian é rapidamente atingido com um tiro no coração e morre. Octavio culpa o amor por tudo que está acontecendo em sua vida: “Ele diz à ela, todas suas falhas eram amor, o que o fez gostar tanto de alegrias com ela, ele ficou para colhê-las quando deveria tê-las preservado para fuga.”<sup>471</sup> Abalado com os acontecimentos, Octavio avisa Sylvia que a cidade já não é mais um lugar seguro e que eles deveriam fugir para qualquer outro lugar, acabando por escolherem Bruxelas como próximo destino.

A narrativa volta para Philander. Calista está grávida de Philander e isso faz com que eles também tenham que fugir, visto que ela é casada com um homem importante e bastante perigoso, tendo assassinado sua primeira esposa. O casal incestuoso tenta fugir, mas é capturado e enviado à prisão. Para a segurança de Calista, ela é enviada a um convento, local que Philander acredita poder resgatá-la depois. Sylvia sofre ao ficar sabendo da força do amor de Philander por Calista. Recebe uma carta dele na qual fala sobre sua ausência e medo das consequências de seus atos:

Eu sei, minha adorável Sylvia, sou acusado de mil barbaridades por deter grosseiramente seu amante, que muito antes disso deveria ter se jogado a seus pés, implorando mil perdões por seus tediosos seis meses de ausência, embora a calamidade disso é toda minha, e temo todo o castigo; mas quando, minha querida Sylvia, volto a refletir, é para a nossa tranquilidade futura, dependo do seu amor e esta é minha desculpa. Sei que minha ausência me trouxe mil rivais, e a você tantos adoradores, e teme Philander que tenha envelhecido no amor e se abatido pela tristeza e pelo descaso, incapaz de divertir-se com a jovem e delicada Sylvia; novos amantes têm novos votos e novos presentes, e seu sexo inconstante inclina-se para estes velhos luxos.<sup>472</sup>

Após ler as palavras de Philander, Sylvia se diz curada de seu amor, se apegando ainda mais aos seus sentimentos por Octavio, fazendo-o prometer vingá-la por Philander ter destruído a vida de sua pobre irmã e a dela mesma. O sentimento de solidariedade a Calista logo muda, no

---

<sup>470</sup> Ibidem, p. 141. [say any thing, promise to sacrifice all to his desire; but oh, do not give away thy dear, thy precious self by vow, to any but the languishing OCTAVIO.]

<sup>471</sup> Ibidem, p. 143. [He tells her, all their fault was love, which made him so heedlessly fond of joys with her, he stayed to reap those when he should have secured them by flight.]

<sup>472</sup> Idem. [I know, my lovely Sylvia, I am accused of a thousand barbarities for unkindly detaining your lover, who long ere this ought to have thrown himself at your feet, imploring a thousand pardons for his tedious six months' absence, though the affliction of it, is all my own, and I am afraid all the punishment; but when, my dearest Sylvia, I reflect again, it is in order to our future tranquillity, I depend on your love and reason for my excuse. I know my absence has procured me a thousand rivals, and you as many adorers, and fear Philander appears grown old in love, and worn out with sorrow and care, unfit for the soft play of the young and delicate Sylvia; new lovers have new vows and new presents, and your fickle sex stoop to the lavish prostrate.]

momento em que Sylvia decide ir visitá-la no convento. Ao ver Calista e toda sua beleza, Sylvia entende o porquê do encanto de Philander. Isso faz com que Sylvia perdoe Philander e passe a culpar Calista por tudo. Nesse momento, Calista se mostra mais madura em relação a todos os acontecimentos: “Senhorita, se meus encantos fossem tão poderosos, como você tem o prazer de me dizer que são, eles certamente atraíram amantes demais para que eu soubesse o que estou tão infelizmente roubando de ti.”<sup>473</sup> As duas continuam a trocar acusações que não trazem nada de positivo. Calista decide, conseqüentemente, se isolar do mundo, dá à luz ao filho que estava esperando, coloca o bebê para adoção e converte-se numa religiosa exemplar no convento. Calista, desta forma, é mais uma vítima de Philander e Sylvia, mas se redime pela religião.

Enquanto isso, o amor de Sylvia e Octavio parece estar no ápice. No entanto, uma nova reviravolta acontece na história. Philander volta à cidade e Sylvia não resiste a ideia de ir atrás dele novamente. A presença de Octavio é constante no dia a dia de Sylvia e ela precisa enganá-lo para conseguir ver Philander. Sylvia engana Octavio usando um de seus melhores atributos, o sexo: “Ela o permitiu de tudo para que fosse embora, o que não foi até que ele a viu deitada, como se para seu descanso.”<sup>474</sup>

Com a volta de Philander à história, o foco narrativo muda para a questão política. A autora apresenta diversos novos personagens e uma história que pressupõe que seu leitor já estivesse familiarizado. O texto agora se centra na história no Príncipe Cesario e em seu amor por Hermione. Cesario, no entanto, não é um pobre jovem apaixonado, mas sim um homem casado, assim como todos os homens apaixonados descritos nesse romance, que tenta iludir Hermione. Ela, contudo, não é uma mulher inocente e sabe que nunca será uma mulher respeitada se for amante de Cesario.

Como argumento para conquistar Hermione, Cesario diz que a Princesa era apenas uma pessoa com quem ele tinha obrigações legais, mas que não sentia nada por ela, visto que tinha se casado com ela aos doze anos de idade. Por fim, promete a Hermione que se ele se tornasse rei da França, faria dela sua rainha: “que se a fortuna o favorecesse com a coroa, ele a colocaria na cabeça dela e a tornaria rainha da França, apesar de todos os laços e obrigações anteriores.”<sup>475</sup> Algo interessante é o fato de Hermione ser descrita como uma mulher mais velha que já não possui a mesma beleza da juventude. O Príncipe, pelo contrário, é descrito como um jovem

---

<sup>473</sup> Ibidem, p. 149. [Madam, if my charms were so powerful, as you are pleased to tell me they are, they sure have attracted too many lovers for me to understand which it is I have been so unhappy to rob you of.]

<sup>474</sup> Ibidem, p. 150. [She permits him any thing to have him gone, which was not till he saw her laid, as if to her rest:]

<sup>475</sup> Idem. [that if ever fortune favoured him with a crown, he would fix it on her head, and make her in spite of all former ties and obligations, Queen of France.]

bonito e atraente. Eles provavelmente tivessem idades próximas, visto que Hermione foi amante de Cesario também em sua juventude.

Nesse momento da história Philander e Sylvia desaparecem completamente da narrativa e parece que estamos lendo uma história completamente nova e diferente, sem prévia explicação. O rei da França, pai de Cesario, entra brevemente em cena, aparentemente tendo consciência do plano para tirá-lo do trono. Rei e príncipe começam a passar bastante tempo juntos e até mesmo fazendo aparições públicas. Essa aproximação, no entanto, não é bem vista e um complô surge para acabar com essa amizade. Logo, a situação do príncipe muda e ele é banido da Corte, sem maiores explicações. De forma geral, o que entendemos de todo o enredo político é que há uma conspiração da qual Philander faz parte, para destruir o rei e Cesario tomar o trono de seu pai e se tornar o novo rei da França. Lembramos que Cesario é filho bastardo do rei e nunca teria nenhum direito legal de sucessão ao trono.

Voltando a Philander e Sylvia, o casal continua causando confusões amorosas. Brilliard ainda tem esperanças no amor de Sylvia. A expectativa de Brilliard é que Philander e Octavio duem pelo amor de Sylvia e desta forma um dos dois morra e ele tenha apenas um concorrente pela frente. Sem Calista, Philander quer mais uma vez atrair a atenção de Sylvia. Sylvia, por sua vez, ainda que considere Philander uma pessoa falsa, nutre muitos sentimentos por ele. Ela, em mais um momento de inocência, acredita nas palavras de Philander e assim, apesar do que ainda resta de sua honra e dos seus votos a Octavio, Sylvia se entrega novamente aos amores de Philander: “E tais efeitos causou em Sylvia, que apesar de todas as suas honras e votos prometidos a Octavio, e terríveis protestos para nunca mais receber o fugitivo em seus braços, ela padece com tudo que ele pede, se entrega novamente ao amor, e é desfeita pela segunda vez.”<sup>476</sup>

Sylvia, em realidade, não sabe quem quer e se diz dividida entre Philander e Octavio. Para Philander, no entanto, diz que vai deixar Octavio. Em resumo, tanto Sylvia e Philander, apesar de nesse momento merecerem apenas a companhia um do outro, visto que já destruíram tantos sonhos e vidas sem o mínimo remorso, estão finalmente dizendo adeus um ao outro. A paixão ardente que viveram no primeiro volume é apenas a memória de uma ilusão de amor e felicidade que ambos criaram sem nenhuma empatia e consideração pelas pessoas que os cercavam.

---

<sup>476</sup> Idem. [and such effects it wrought on Sylvia, that in spite of all her honour and vows engaged to Octavio, and horrid protestations never to receive again the fugitive to her arms, she suffers all he asks, gives herself up again to love, and is a second time undone.]

Uma figura inesperada entre em cena, Clarinau, marido de Calista. Sem saber o paradeiro da esposa, busca Philander para se vingar. Encontra Sylvia e Octavio juntos e os toma por Philander e Calista. Tenta um ataque ao casal, que é mal sucedido e acaba sendo ferido. Ao perceber o erro Clarinau pede perdão ao casal e só nesse momento Octavio descobre que Clarinau era seu cunhado. Octavio parece não se importar com o ocorrido e promete vingança em honra de Clarinau e de sua irmã Calista. Nesse momento, todos desejam algum tipo de vingança contra Philander.

Enquanto isso, Sylvia e Philander, que demonstravam cada vez mais distância emocional um do outro, são pegos em flagrante por Octavio: “Ele abriu as cortinas e encontrou Sylvia dormindo com Philander nos braços. Não preciso fazer nenhuma descrição de sua confusão e surpresa; o caráter que lhe dei daquele amante cavalheiro, honesto e generoso, é suficiente para fazer você imaginar seu coração, quando pode acreditar no que seus olhos estavam a ver.”<sup>477</sup> Octavio, aparentemente, começa a conhecer a verdade sobre Sylvia. Ele percebe que enquanto Philander estiver por perto seu amor por Sylvia sempre estará ameaçado, e indignado com toda a situação, começa a cogitar a possibilidade de ir para um mosteiro, local de onde nunca mais será visto por mulheres.

Antes de tomar essa decisão de forma definitiva, chega o momento em que Philander e Octavio finalmente vão duelar pelo coração de Sylvia. É curioso Philander fazer parte desse duelo, visto que aparentemente não está mais apaixonado por Sylvia. Parece que esse duelo é muito mais motivado pela honra do que para ganhar o coração de Sylvia. Quem acaba ferido e quase morto é Octavio. A princípio Sylvia fica com medo de ter perdido seus dois amores, mas logo em seguida, acredita nas desculpas de Philander, que culpa Octavio por querer afastá-los. Desta forma, mais uma vez Sylvia acredita em Philander e mais uma vez o casal se reconcilia:

Em suma, depois de omitir tudo que pudesse lhe dar algum crédito, assegurou-lhe do amor e do coração dela, e o possuiu com uma fê para o futuro, de seus votos duradouros: ele, totalmente vencido e convencido, a agarra em seus braços e, desatando a chorar, clamou — “Pega — pega toda a minha alma, és minha amável dona, e desfaça-se do destino de Octavio.” E a sufocou com beijos e abraços, era uma reconciliação perfeita.<sup>478</sup>

<sup>477</sup> Ibidem, p. 166. [he opened the curtains, and found Sylvia sleeping with Philander in her arms. I need make no description of his confusion and surprise; the character I have given of that gallant honest, generous lover, is sufficient to make you imagine his heart, when indeed he could believe his eyes:]

<sup>478</sup> Ibidem, p. 171. [In fine, after having omitted nothing that might gain a credit, and assure him of her love and heart, and possess him with a belief, for the future, of her lasting vows: he, wholly convinced and overcome, snatches her in his arms, and bursting into a shower of tears, cried— ‘Take—take all my soul, thou lovely charmer of it, and dispose of the destiny of Octavio.’ And smothering her with kisses and embraces made a perfect reconciliation.]

Nesse momento acontece algo inesperado, Sylvia entra em trabalho de parto: “Não havia sequer uma semana que estava lá e seus baús de pratos e coisas finas haviam chegado, mas ela entrou em trabalho de parto e foi acamada, embora tenha mostrado muito pouco de sua condição durante todo o tempo em que estava ali.”<sup>479</sup> Essa revelação é uma grande surpresa, visto que em nenhum momento esta informação da gravidez fora dada. Não se fica sabendo o que acontece com o bebê e nem quem é o pai da criança, se Philander ou Octavio, talvez porque nem Sylvia soubesse, um verdadeiro escândalo para a época. Duas menções são feitas posteriormente à gravidez de Sylvia: a primeira é a descrição de que ela está um pouco mais gorda que o seu normal, provavelmente ainda devido à gravidez: “apenas sua forma era um pouco mais predisposta a ser gorda, o que, no entanto, não prejudicava sua elegância;”<sup>480</sup> a segunda menção é quase no fim do romance, quando a narradora informa seu afastamento da vida pública em Bruxelas porque ela estava grávida: “durante todo o tempo em que Sylvia esteve em Bruxelas antes, o fato de estar grávida a impediu de aparecer em todos os lugares públicos;”<sup>481</sup>

Depois dessa revelação bombástica, a narrativa volta ao seu aparente normal, onde não se sabe quem gosta de quem, nem quem vai ficar com quem. A única coisa que se sabe é que Octavio ainda está perdidamente apaixonado por Sylvia: “Meu amor, minh’alma, minha vida, minha própria honra, tudo estava resignado a ti;”<sup>482</sup>

Sylvia mais uma vez quer deixar Philander e se reconciliar novamente com Octavio, mas desta vez admitindo que gostava mesmo era da fortuna de Octavio do que de sua pessoa. No entanto, Sylvia mal tem tempo para se decidir por Philander ou Octavio e já tem um novo interesse amoroso: Brilliard, que ela tanto tinha rejeitado. Sem perder tempo e mesmo considerando que ele era um homem de posição muito inferior para ela, o novo casal se entrega a paixão:

ele caiu aos pés dela e implorou tão bem, como nenhum de seus opositores, que Sylvia não resistiu mais, ou se ela resistiu, foi muito suavemente e com uma espécie de desejo de que ele a perseguisse com ainda mais ousadia; o que ele finalmente fez, de um grau de suavidade para outro de força gentil, e se tornou o homem mais feliz do mundo;<sup>483</sup>

<sup>479</sup> Idem. [She had not been there a week, and her trunks of plate and fine things were arrived, but she fell in labour, and was brought to bed, though she shewed very little of her condition all the time she went.]

<sup>480</sup> Ibidem, p. 177. [only her shape was a little more inclining to be fat, which did not at all however yet impair her fineness;]

<sup>481</sup> Ibidem, p. 196. [for all the time of Sylvia’s being at Brussels before, her being big with child had kept ther from appearing in all public places;]

<sup>482</sup> Ibidem, p. 174. [My love, my soul, my life, my very honour, all was resigned to thee;]

<sup>483</sup> Idem. [he fell at her feet, and pleaded so well, where no opposers were, that Sylvia no longer resisted, or if she did, it was very feebly, and with a sort of a wish that he would pursue his boldness yet farther; which at last he did, from one degree of softness and gentle force to another, and made himself the happiest man in the world.]

A relação de Sylvia e Brilliard evoluiu rapidamente, ele começando a tratá-la com a autoridade de um marido, algo que ela rejeitou: “Mas Sylvia ansiava por liberdade e por aquelas necessitadas cortesias que a cada dia diminuía; ela amava roupas opulentas, carruagens extravagantes e ter uma vida abastada; e agora era restrita a ser uma boa dona de casa, uma penúria que ela odiava.”<sup>484</sup>

A narrativa, de forma já habitual, muda novamente e descobrimos que Octavio finalmente consegue se livrar de Sylvia, cumprindo a promessa de entrar para um monastério: “Ele se recolheu para o monastério da Ordem de St Bernard, e em um ou dois dias, sem o ano probatório, faria as Ordens Sacras.”<sup>485</sup> Octavio não parece guardar rancor de Sylvia: “Desejo-lhe tudo de bom — tão bom, que se arrependa de todos os seus erros contra mim — é tudo o que tenho a dizer.”<sup>486</sup> Ele aparenta finalmente ter superado a avassaladora paixão que sentia por ela: “Estou farto de todas as vaidades opulentas da vida, agora pensarei em Sylvia, mas como uma coisa celestial, adequada para contemplações divinas, mas nunca com os pensamentos juvenis de amor.”<sup>487</sup> Octavio é, desta forma, mais uma vítima da obsessão de Sylvia e Philander por paixão e poder.

Sem Philander e Octavio em sua vida, Sylvia procura ter uma nova vida em Bruxelas, cheia de novas aventuras. Ela não perde tempo e já tem um novo interesse amoroso: Alonzo, sobrinho do governador de Flanders, um jovem bonito e importante que intriga Sylvia. Ela decide voltar a se travestir como homem pois acredita que assim será mais bem sucedida na cidade. Alonzo a conhece assim, mas fica muito curioso a seu respeito. Não resiste a seu charme e a beija mesmo sem saber que ela é uma mulher:

Mas Alonzo, achando seu jovem companheiro tão charmoso (e à sua maneira também), não pôde evitar, por muitas vezes, de cair sobre seu pescoço e beijar a dama em disfarce, com um ardor tão vigoroso como nunca havia tido por alguém do outro sexo: ele disse que a adorava; ela era compatível com todos seus princípios, toda alegre, inconstante, espirituosa e errante, e com tanto entusiasmo, ele elogiava as alegrias da juventude fugaz, o que Sylvia costumava responder, que ela tinha então ciúmes dele e inveja daqueles que o possuíam, embora ela não soubesse quem fosse. Quanto mais ela olhava para ele, e o ouvia falar, mais ela gostava dele: e o vinho que aquecia sua cabeça, a fazia

<sup>484</sup> Idem. [But Sylvia longs for liberty, and those necessary gallantries, which every day diminished; she loved rich clothes, gay coaches, and to be lavish; and now she was stinted to good housewifery, a penury she hated.]

<sup>485</sup> Idem. [he was retired to the monastery of the Order of St Bernard, and would, in a day or two, without the probationary year, take Holy Orders.]

<sup>486</sup> Ibidem, p. 178. [I wish her well—so well, as to repent of all her wrongs to me—It is all I have to say.]

<sup>487</sup> Ibidem, p. 179. [‘I have done with all the gilded vanities of life, now I shall think of Sylvia but as some heavenly thing, fit for diviner contemplations, but never with the youthful thoughts of love.’]

dar-lhe mil demonstrações de amor, que aquecia seu coração; que ele confundiu com amizade, tendo confundido o sexo dela.<sup>488</sup>

Sylvia parece ter um poder de sedução tão grande que transcende a questão de gênero, visto que Alonzo se apaixona por ela sem saber que ela é uma mulher. Alonzo, ou mesmo Octavio, se apaixonaram pela Sylvia travestida, estando os dois no espectro da bissexualidade, pelo qual a própria Aphra Behn foi também conhecida. No entanto, é difícil fazer esta afirmação. Decidimos, desta forma, apenas aceitar que esse romance foi uma grande experimentação narrativa de Behn, não tendo em nenhum momento a intenção de fazer sentido como um romance tradicional, da forma como conhecemos hoje.

Voltando à narrativa, Sylvia se diz apaixonada por Alonzo. Dado a experiência amorosa Sylvia, essa declaração não nos parece muito importante, porque sabemos que logo ela vai mudar de ideia ou encontrará um novo amor. Ela, no entanto, tem a intenção de contar para Alonzo que é na verdade uma mulher, mas acredita que tem muito mais vantagens continuando a viver como homem.

Brilliard, que ainda acredita que conquistará o amor de Sylvia, retorna à narrativa e fica sabendo do novo amor de Sylvia. Ela, contudo, conta a ele outra versão desse interesse por Alonzo: “Ela o garantiu que não era amor ou afeição, mas um interesse que a aproximou, e que se ele a ajudasse, ela seria muito gentil com ele, como um homem que ganhou um espaço em seu coração.”<sup>489</sup> Ele, assim como Octavio, acredita em Sylvia.

A narrativa volta para Cesario e Hermione. Descobrimos que Hermione é uma mulher poderosa, que exerce poder sobre Cesario em todos os sentidos. Nesse momento ficamos sabendo que Hermione é versada em Magia Negra e que junto de Cesario usa seus poderes sobrenaturais para ambos conseguirem o poder que tanto almejam:

para incendiar toda a França ele não teria feito apenas o que cabia ao poder dos homens, mas chamou pela ajuda dos próprios demônios do inferno, e não há nenhum homem famoso pela necromancia a quem ele não tenha se dedicado; o que, de fato, foi feito por conselho de Hermione que é muito próxima a esse tipo de gente e deposita muita confiança neles. Ela, apesar dos altos custos, mandou chamar um mágico alemão que chegou outro dia, e está sempre consultando outro do mesmo tipo, um escocês de

<sup>488</sup> Ibidem, p. 183. [But Alonzo finding his young companion altogether so charming (and in his own way too) could not forbear very often from falling upon his neck, and kissing the fair disguised, with as hearty an ardour, as ever he did one of the other sex: he told her he adored her; she was directly of his principle, all gay, inconstant, galliard and roving, and with such a gusto, he commended the joys of fickle youth, that Sylvia would often say, she was then jealous of him, and envious of those who possessed him, though she knew not whom. The more she looked on him, and heard him speak, the more she fancied him: and wine that warmed her head, made her give him a thousand demonstrations of love, that warmed her heart; which he mistook for friendship, having mistaken her sex.]

<sup>489</sup> Idem. [She assured him it was not love or liking, but perfectly interest that made her design upon him, and that if he would assist her, she would be very kind to him, as a man that had gained very greatly upon her heart.]

nascimento, chamado Fergusano. Ele já esteve na Sagrada Ordem e ainda está, mas toda a sua prática é magia negra; e é excelente nisso, como me relataram.<sup>490</sup>

Hermione descobre que há uma forte oposição a ela de pessoas que acreditam que Cesario está totalmente sob seu controle e que isso está atrapalhando seus objetivos, visto que ele colocava o amor acima do trono da França. Isso deixa Hermione preocupada, pois ainda não conseguiu se casar com Cesario e se sente vulnerável apenas na posição de amante. Começa, assim, a organizar um ritual de Magia Negra para atar Cesario a ela para sempre: “não apenas para atrair o Príncipe a ela por toda a força da Magia Negra, mas também o casamento necessário.”<sup>491</sup>

Ao mesmo tempo, Cesario, com a também ajuda de Fergusano, também está preparando um ritual de magia para ser bem-sucedido na batalha que virá a seguir. O mago promete o mundo a Cesario. Desta forma, com o intuito de fazer do príncipe invencível, um ritual é realizado. Descobrimos, assim, que a pessoa poderosa por trás de Cesario é Fergusano e não Hermione. Ela, no entanto, não desiste da ideia de se casar com Cesario antes da batalha final pelo trono da França, que está cada vez mais eminente.

A narrativa volta uma vez mais para Sylvia, que descobre que Octavio, antes de se isolar do mundo, deixou uma quantia de dinheiro considerável para ela, suficiente para que tenha uma vida confortável. Ela, no entanto, só está preocupada com as coisas caras que poderá comprar com todo o dinheiro: “A isso ela não sabia o que responder, mas o dinheiro fácil era o maior prazer do seu coração, e a estrutura de sua vaidade, ela pareceu ceder, mesmo tendo dito tanto antes; porém ela pensou nas mil coisas que queria para enfeitar sua beleza, sendo estas muito caras;”<sup>492</sup>

Sylvia, acreditando ter superado completamente os sentimentos por Philander e Octavio, decide deixar Bruxelas. Sobre Alonzo, ainda não está decidida, mas via todas as vantagens do dinheiro, juventude e todos os privilégios que poderia usufruir. Alonzo é uma possível próxima vítima de Sylvia. Da parte de Alonzo, ele está apaixonado por ela ou ele, e surpreendentemente,

---

<sup>490</sup> Ibidem, p. 188. [nor has he done all that lies in the power of man only, to set all France yet in a flame, but he calls up the very devils from hell to his aid, and there is no man famed for necromancy, to whom he does not apply himself; which, indeed, is done by the advice of Hermione, who is very much affected with those sort of people, and puts a great trust and confidence in them. She sent at great expense, for a German conjurer, who arrived the other day, and who is perpetually consulting with another of the same sort, a Scot by birth, called Fergusano. He was once in Holy Orders, and still is so, but all his practice is the Black Art; and excellent in it he is reported to be.]

<sup>491</sup> Ibidem, p. 189. [not only to attach the Prince to her by all the force of the Black Art, but that of necessary marriage also:]

<sup>492</sup> Ibidem, p. 195. [To this she knew not what to answer, but ready money being the joy of her heart, and the support of her vanity, she seems to yield to this, having said so much before; and she considered she wanted a thousand things to adorn her beauty, being very expensive;]

ainda acredita que ela é um homem: “mil vezes desejei que o céu tivesse feito você uma mulher!”<sup>493</sup>

Enquanto isso, Sylvia não perde tempo e aproveita momentos íntimos com Brilliard, ficando os dois sumidos por oito dias:

Você pode acreditar que o amoroso jovem não deixou nenhum argumento para convencê-la desse ponto não dito; e é mais do que certo que chegaram a um entendimento tão bom, que ele não foi visto em Bruxelas por oito dias e noites depois, nem sua beleza excepcional, por tanto tempo, foi vista no Tour ou em qualquer lugar público.<sup>494</sup>

Brilliard, contudo, se diz decepcionado com Sylvia, que depois dessa semana apaixonada evita encontrá-lo. A última informação sobre Sylvia na narrativa é que ela teve que se ausentar alguns dias e que durante esse período Brilliard não conseguia imaginar viver sem a sua amada.

Aphra Behn não constrói um final para Sylvia, nem para Philander, como veremos a seguir. A autora simplesmente não vê mais motivos para informar o que aconteceu com sua protagonista Sylvia. A sensação a princípio é de decepção com esta falta de desfecho para quem teve a paciência de acompanhar a vida e os sentimentos erráticos de Sylvia e Philander, e até mesmo torcer pela felicidade do casal em determinados momentos, para enfim deixar seus leitores sem saber nada a respeito de ambos. No entanto, acreditamos que o tom experimental do romance favorece um desfecho sem muitas respostas. Definitivamente, a autora escreve um romance que subverte o que seriam as narrativas clássicas dos romances, deixando de lado o final feliz de seus heróis e a punição aos vilões. Neste romance não existem heróis nem vilões, mas personagens que subvertem os estereótipos com os quais estamos acostumados nas histórias de amor. A pergunta que fica é se realmente se pode afirmar que este romance é uma história de amor?

A história, no entanto, ainda não acabou. Behn muda completamente o foco narrativo para a política. Em resumo, Cesario se autoproclama rei da França, marchando por várias cidades francesas tentando formar seu exército. Essa não é a maneira que Cesario queria que as coisas acontecessem, mas é convencido que essa atitude tornaria sua causa justa e legal. Seria, assim, venerado pelas pessoas que viviam longe da corte e nunca viam o rei. A batalha, contudo, estava perdida, visto que o exército real era muito maior. A batalha mal teve começo e já acabou.

<sup>493</sup> Ibidem, p. 199. [a thousand times I wished that heaven had made you woman!]

<sup>494</sup> Idem. [You may believe the amorous youth left no argument to convince her in that point unsaid; and it is most certain they came to so good an understanding, that he was not seen in Brussels for eight days and nights after, nor this rare beauty, for so long a time, seen on the Tour or any public place.]

Sobre Philander há apenas uma menção de sua suposta covardia demonstrada em batalha, visto que abandona seu posto na primeira oportunidade:

Alguns autores, em relação a esta batalha, afirmam que Philander abandonou seu posto assim que a acusação foi dada, e se ausentou da ala que comandava; mas todos os historiadores concordam neste ponto, que se ele o fez, não foi por falta de coragem; pois em mil confrontos ele deu provas suficientes de tanta bravura quanto um homem pode ser capaz: no entanto, ele não gostava da causa, desaprovava todas as suas pretensões e olhava para toda a questão como algo injusto e mesquinho; e de todas as falhas quais seus maiores inimigos poderiam acusá-lo era de que ele não tratava com tanta gratidão um príncipe que o amava e confiava;<sup>495</sup>

Ainda que breve, a batalha deixou muitos feridos e mortos. Cesario foi um dos feridos: “Mas quando não conseguiram encontrá-lo entre os mortos, enviaram grupos de busca para todos os cantos, vasculharam os bosques, as florestas e as planícies; não demorou muito para perceberem que o buscaram em vão; pois aquele havia se colocado, como eu disse, sob o abrigo de uma árvore e não havia nada que o tirasse dali;”<sup>496</sup> É capturado pelo exército do rei, rapidamente julgado e condenado à morte. No fim, sua morte é vista como algo heroico por seus apoiadores:

Se eu tenho um inimigo, desejo que ele viva como — e morra como Cesario”: assim terminou a corrida deste jovem glorioso, que foi em sua época o homem de maior conhecimento no mundo e o favorito de seu príncipe, de fato, acima de muitos monarcas, se a ambição e a influência de patifes e tolos não o tivessem levado à destruição, de uma vida gloriosa o levaram a uma morte vergonhosa.<sup>497</sup>

Desta forma tem fim o romance de Aphra Behn, de forma repentina, sem muitas explicações. Como a história do amor de duas pessoas, que a princípio parece genuína, inocente e intensa, que desencadeia uma série de desventuras para todos aqueles que estiveram à sua volta (Myrtila, Octavio, Calista, Brilliard, Alonzo) pode ter chegado a um final no qual nenhum de seus protagonistas é mesmo citado? A conclusão que chegamos é que os três volumes desse romance foram um grande experimento narrativo de Aphra Behn, subvertendo a narrativa e o

<sup>495</sup> Ibidem, p. 204. [Some authors, in the relation of this battle, affirm, that Philander quitted his post as soon as the charge was given, and sheered off from that wing he commanded; but all historians agree in this point, that if he did, it was not for want of courage; for in a thousand encounters he has given sufficient proofs of as much bravery as a man can be capable of: but he disliked the cause, disapproved of all their pretensions, and looked upon the whole affair and proceeding to be most unjust and ungenerous; and all the fault his greatest enemies could charge him with was, that he did not deal so gratefully with a prince that loved him and trusted him;]

<sup>496</sup> Ibidem, p. 205. [but when they could not find him among the dead, they sent out parties all ways to search the woods, the forests and the plains; nor was it long they sought in vain; for he who had laid himself, as I said, under the shelter of a tree, had not for any consideration removed him;]

<sup>497</sup> Ibidem, p. 206-207. [‘If I have an enemy, I wish he may live like——, and die like Cesario’: so ended the race of this glorious youth, who was in his time the greatest man of a subject in the world, and the greatest favourite of his prince, happy indeed above a monarch, if ambition and the inspiration of knaves and fools, had not led him to destruction, and from a glorious life, brought him to a shameful death.]

estilo a dos textos ficcionais sobre o amor na tradição literária ocidental. Desta forma, a autora debocha dos modelos binários de gênero, da história dos grandes e poderosos, das normas sociais, dos códigos morais e, mais importante, ela subverte a lírica antiga das poesias de amor, do amor cortês, do amor neoplatônico, que exaltavam o amor como a dor/prazer que todos querem sentir e só poucos sentiam, os eleitos do deus amor. A autora também zomba das heroínas e dos heróis, que nesse romance são rebaixados, humilhados, pessoas fúteis e sem qualidade, ou seja, o avesso dos amantes e das amadas presentes na lírica e no romance moderno.

Ainda que Aphra Behn tenha se inspirado em acontecimentos reais, no qual a situação política teve uma grande influência, acreditamos que essa questão foi apenas um pano de fundo rapidamente esquecido pela autora e explorado apenas em alguns momentos da narrativa. Aphra Behn, desta forma, construiu personagens que foram, ao longo de sua narrativa, ficando tão vulgares e inverossímeis, que como punição não lhes concedeu nem mesmo um final infeliz, simplesmente desaparecem. Talvez se possa conjecturar que este romance foi uma experiência jocosa de Aphra Behn, com personagens que se desmancham em suas irrelevâncias, algo bem ousado para uma escritora do século XVII.

### 4.3 Um romance subversivo?

Aphra Behn e as suas narrativas ficcionais são exemplares de como as mulheres escritoras do passado foram capazes de escrever uma ficção complexa e de difícil classificação. Há uma concepção generalizada entre os estudiosos literários do período Vitoriano de que as mulheres foram incapazes de escrever esse tipo de narrativa, especialmente a narrativa irônica. No entanto, se analisarmos o contexto histórico da sociedade patriarcal na qual essas mulheres viveram, compreendemos que as mulheres foram impedidas de demonstrar sua capacidade nesse tipo de escrita não porque lhes faltassem talento ou capacidade intelectual para tal, mas porque viviam em uma sociedade com fortes restrições sociais, e a ironia seria um registro privilegiadamente masculino.<sup>498</sup>

O humor para as mulheres, desta forma, foi um processo social condicionado pela situação social. No período vitoriano, extremamente conservador, as mulheres tinham uma vida

---

<sup>498</sup> DORREGO, J. 'I have my Tools about me Sweet-Heart': El humor como herramienta para la (de) construcción de género em las Love-Letters de Aphra Behn. In: *Estudios sobre humor literario*. Servizo de Publicacións, 2001. p. 81-88. p. 82, 87.

bastante monótona e religiosa, sendo esse o principal motivo para não terem produzido textos irônicos. Os padrões de “decência” e “refinamento” do período fizeram que muitas obras de autoria feminina que apresentavam elementos humorísticos fossem esquecidas ou desprezadas.<sup>499</sup>

Aphra Behn foi uma escritora que no período vitoriano teve seus textos ignorados, visto que mulheres de respeito não liam obras consideradas “indecentes” como os escritos dela. Behn escreveu um número considerável de comédias e tragicomédias, tendo várias delas ganhado reconhecimento durante o período da Restauração e no século XVIII. O que condenou seus textos ao esquecimento durante o período vitoriano até boa parte do século XX foi o forte componente sexual e a discordância com a moralidade presentes em sua escrita.<sup>500</sup>

Em *Love-Letters*, Behn usa da ironia para ridicularizar o poder dos homens, tanto no aspecto sexual como moral. Na primeira parte do romance, que é inteiramente epistolar, Aphra Behn utiliza a retórica amorosa convencional e o discurso padrão do romance pastoral. No entanto, esse discurso aparentemente tradicional é interrompido por passagens nas quais a autora explora um conteúdo libertino. Segundo Dorrego, Behn rompe com o tom romântico das cartas trocadas por Philander e Sylvia e impõe um tom irônico ao texto, algo que perdura nos três volumes do romance.<sup>501</sup>

As figuras masculinas do romance, assim, em vários momentos são convertidas em personalidades do estereótipo feminino: Philander, tendo sua honra degradada socialmente e sofrendo excessivamente pelo amor de Calista, Octavio e Brilliard enlouquecidos de uma paixão avassaladora por Sylvia, onde só pensam no matrimônio, independente das consequências. Em contrapartida temos Sylvia, que no decorrer do texto, deixa de se importar com seus sentimentos e passa a explorar possibilidades, tanto amorosas e sexuais como as de interesse financeiro.

Outra característica peculiar dos romances foi o recurso à ironia como instrumento crítico que provinha de várias fontes e emergiu no início do período moderno. Na opinião de Donovan, o atributo definidor mais importante do romance é o conhecimento ético. Por causa de sua combinação única de realismo e ironia crítica o romance “pode fomentar a compreensão ética das dificuldades dos personagens individuais e das forças responsáveis, melhor do que

---

<sup>499</sup> Ibidem, p. 82.

<sup>500</sup> Idem.

<sup>501</sup> Ibidem, p. 83-84.

qualquer outro meio”. Como efeito, fornece uma defesa contra as normas tirânicas, além de enfatizar circunstâncias individuais e particularizadas. Desta forma, é um gênero subversivo.<sup>502</sup>

Para Dorrego, o terceiro volume de *Love-Letters* é basicamente um texto antirromântico e essencialmente ficcional, no qual o tom irônico domina a narrativa com o uso da ironia verbal e situacional, que é usada para criticar e expor a hipocrisia das personagens. Essas características citadas são, desta forma, suficientes para demonstrar a inconsistência do discurso que foi estabelecido pelos intelectuais de que as mulheres não foram capazes de escrever textos irônicos e que optaram por escrever gêneros mais idealistas de romances, com apelo sentimental apenas. As mulheres não foram incapazes de escrever textos irônicos. O fato é que historicamente encontraram muitos obstáculos morais e culturais que dificultaram a escrita irônica.<sup>503</sup>

Desta forma, por meio do uso da ironia, da paródia e da sátira as mulheres escritoras subverteram um gênero considerado oposto ao conceito patriarcal de feminilidade. As mulheres usaram a ironia para “expressar sua resistência à opressão social sofrida, questionando preceitos, ridicularizando valores e papéis e firmando a existência feminina”, como assinala Dorrego. Romance e humor são dois gêneros que estão fortemente relacionados, compartilhando uma inclinação para o irreverente, para o subversivo e para o desmistificador. Assim, ironia, paródia e sátira podem ser consideradas elementos constituidores do romance, conferindo um forte caráter ideológico e desmistificador.<sup>504</sup>

Nos primeiros romances as mulheres passaram a enunciar o discurso público pela representação narrativa e o valor dado às personagens fictícias escrevendo suas opiniões sobre os mais diversos assuntos: religião, política, família, casamento, sexualidade feminina, limites e abusos de autoridade e direitos e obrigações dos monarcas. Os textos ficcionais escritos pelas mulheres, em maior ou menor grau, exibem uma forma característica do romance, que é a habilidade de transferir a consciência de uma personagem para forças e eventos externos, desta forma os protagonistas desses textos têm um desenvolvimento narrativo mais completo que os personagens fictícios em outros gêneros narrativos. Mas, o mais importante, as mulheres escreveram sobre as mulheres, narrando suas ambições, necessidades, emoções, aspirações,

---

<sup>502</sup> DONOVAN, J. *Women and the Rise*, Op. Cit., p. 1, 4-5. [the novel can foster ethical understanding of individual characters' plights and of the forces responsible better than perhaps any other medium]

<sup>503</sup> DORREGO, J. *I have my Tools...* Op. Cit., p. 85-86.

<sup>504</sup> Ibidem, p. 86. [para expressar su resistencia a la opresión social que han sufrido, cuestionando preceptos, ridiculizando valores y roles, y afirmando la experiencia femenina]

sexualidade e independência, de forma muito diferente daquela representação feminina oferecida predominantemente pelos textos escritos por homens.<sup>505</sup>

De forma geral, a experiência de leitura e análise de *Love-Letters* foi desafiadora, dada a proposta experimental e subversiva do texto de Aphra Behn, que mesclou elementos humorísticos por meio da ironia, da paródia e da sátira. Tentamos, ao máximo, dar uma coerência narrativa para a história, ainda que entendamos que essa não foi a intenção da autora, que entregou nessa obra um emaranhado de cenários e personagens, não se preocupando em dar significado, e nem mesmo um fim a história, como se fosse um teatro sem sentido. O que podemos afirmar é que a experiência de leitura e análise deste romance é algo único e desafiador e esperamos ter dado mostras deste desafio ao longo do capítulo.

---

<sup>505</sup> RICHETTI, John J. Op. Cit., p. xv-xvi.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação analisamos a escrita de Aphra Behn a partir de dois de seus romances: *Oroonoko* (1688) e *Love-Letters between a Nobleman and his Sister* (1684-1687). Para tanto não tratamos apenas dos romances, mas discutimos ao longo dos capítulos questões importantes para a compreensão do contexto no qual esses livros foram escritos e a época em que viveu a escritora, o período da Restauração monárquica (1660-1688).

Primeiramente, analisamos a escrita de autoria feminina na Inglaterra do século XVII. Apesar do gênero romance ter tido o auge de sua popularidade no século XIX, com nomes como o de Jane Austen e das irmãs Brontë entre os mais conhecidos, foi um gênero que teve suas primeiras publicações na Inglaterra do século XVII, assim consideramos importante entender o contexto histórico de todo o período e não apenas o período da Restauração monárquica, visto que consideramos a emergência de Aphra Behn não um fenômeno literário isolado. Inicialmente retomamos a crítica literária feminista, campo de estudo que nos orientou em nossa pesquisa e trouxe contribuições importantes para a compreensão e a visibilidade da escrita de autoria feminina. Em seguida, discutimos família, religião e educação, três temas fundamentais nas vidas das mulheres escritoras no período, e por fim analisamos dados qualitativos e quantitativos referentes às escritoras e suas publicações durante o século XVII a partir de levantamentos da bibliografia especializada à qual recorreremos nesta dissertação.

No segundo capítulo adentramos no período da Restauração monárquica através da literatura então produzida, em especial a de autoria feminina. De início discutimos as transformações políticas e sociais do período atrelado a importância da literatura. Também analisamos os romances publicados pelas mulheres na Inglaterra com o objetivo de compreender o surgimento e o desenvolvimento do romance como gênero literário. Por fim, analisamos a trajetória de vida de Aphra Behn.

No capítulo três iniciamos as análises dos romances. Consideramos fundamental dedicar um espaço para entender o contexto histórico no qual os textos de Aphra Behn surgiram, assim como o campo de estudo da escrita de autoria feminina e todos seus desdobramentos. Analisamos *Oroonoko*, romance mais famoso de Aphra Behn e único texto da autora com uma tradução no Brasil. Entre as diversas possibilidades de análises do texto, escolhemos as relações entre a ficção e a realidade, no qual o romance é mais conhecido e analisado. *Oroonoko* conta a história de um príncipe africano capturado e enviado à colônia do Suriname. É narrado em primeira pessoa pela própria autora, que alega a veracidade dos eventos narrados. O enredo da história apresenta dois espaços narrativos, a África Ocidental, local de nascimento e formação

moral de Oroonoko, e o Suriname, local onde a maior parte da história se desenvolve e conhecemos o final trágico de nosso protagonista. De forma geral, a análise de *Oroonoko* proporcionou um leque de opções, entre elas escravidão, o colonialismo e as relações entre o romance e a vida da autora.

Por fim, no quarto capítulo fizemos a análise de *Love-Letters between a Nobleman and his Sister*, romance em três volumes que conta a história dos amores de Philander e Sylvia em meio a um plot político para tirar o rei da França do trono. Esse é um romance que, assim como *Oroonoko*, transita entre a ficção e a realidade, visto que se trata de uma história que utiliza referências a eventos reais para construir uma narrativa ficcional. No entanto, decidimos não basear nossa análise novamente nas relações entre a ficção e a realidade. Os motivos para que optássemos por outra análise são inúmeros: em relação à política, não nos pareceu que esta questão seja fundamental na narrativa, sendo mais um pano de fundo nos dois primeiros volumes e tendo um relativo interesse apenas na última parte da história; mas principalmente gostaríamos de demonstrar através desse análise que Aphra Behn não era uma escritora que se utilizava apenas de fatos e da realidade para escrever suas histórias, mas que, a partir de seus escritos ficcionais, deu forma e significado a um gênero que ainda estava surgindo e que viriam a ser famosos e consagrados nos séculos seguintes.

Depois das análises de nossas fontes literárias podemos nos perguntar: o que teriam em comum esses dois romances aqui analisados? A princípio os dois romances têm poucas características em comum, aparentemente foram inspirados em fatos, sendo o primeiro supostamente baseado em situações presenciadas pela própria Aphra Behn. *Oroonoko* é o tipo de narrativa que tem um apelo instantâneo, com uma história de amor de final trágico. *Love-Letters* também é um romance sobre uma história de amor, mas diferente de *Oroonoko*, tem uma narrativa mais complexa, na qual a história de amor se transforma em jogos de interesses sem heróis ou vilões. Em *Oroonoko*, em contrapartida, a autora opera com distinções precisas entre o bem e o mal.

Quanto às narrativas, *Oroonoko* é um texto que permite uma leitura fluida, com enredo envolvente, sem apresentar antecipações a respeito do final das personagens Oroonoko e Imoinda. A comparação com *Love-Letters* é um tanto quanto injusta, visto que esse romance é constituído de três volumes, que se fossem analisados separadamente ainda assim seriam muito mais extensos e complexos que *Oroonoko*. Outra questão a ser considerada é o fato de *Oroonoko* ter sido traduzido para o português, o que facilita a compreensão. *Love-Letters* é um livro bem complexo, de leitura intrincada, por vezes enigmático, com parágrafos longuíssimos e que de forma geral demanda de leitores não falantes do inglês um conhecimento avançado deste

idioma e bastante paciência do leitor, que vai encontrar uma construção narrativa experimental para os padrões do século XVII e que subverte as narrativas tradicionais de histórias de amor.

A recomendação que fazemos, desta forma, ao iniciar a leitura e o conhecimento das obras de Aphra Behn, é começar por *Oroonoko*, texto bastante acessível, que conta com uma fortuna crítica, com estudos produzidos também em português, como citamos em nossa Introdução. Esse também foi o motivo pelo qual analisamos *Oroonoko* primeiro e não optamos, devido a ordem cronológica, pela análise de *Love-Letters* inicialmente. Ainda que tenha sido publicado antes, *Love-Letters* traz elementos mais desafiadores de análise e demandou um tempo maior de amadurecimento das ideias para sua análise. Ainda que seja um texto inovador, rico em personagens e no enredo com reviravoltas inesperadas e às vezes inverossímeis, pode ser compreendido como um romance experimental, no qual a autora subverte várias ideias pré-estabelecidas dos romances clássicos.

Aphra Behn foi, sem dúvida, uma escritora invulgar e até mesmo inconformista. A partir de seus escritos ajudou a dar forma a um gênero literário que por muito tempo seria de dominância feminina e que até hoje tem como principais nomes as escritoras que surgiram dessa tradição literária iniciada com Aphra Behn no século XVII.

Ainda que sua biografia esteja envolta em muita imaginação, Aphra Behn foi uma mulher transgressora por vários motivos, tendo viajado a serviço da Coroa, por uma sexualidade mais livre e que precisou sobreviver pela escrita sem os privilégios de ter uma família rica ou um marido que a sustentasse.

Apesar de ser uma autora pouco conhecida, não apenas no Brasil, e ter uma obra peculiar e talvez pouco atraente para os parâmetros literários atuais, Aphra Behn continua a gerar novas discussões nos meios acadêmicos e literários, como é o caso desta dissertação. Sua literatura apresenta temas fortes que foram retomados posteriormente por escritoras dos séculos XVIII e XIX e que assim, se mantem relevantes e atuais.

Aphra Behn e sua vasta obra apresentam uma grande potencialidade para a análise histórica, em especial no campo da escrita de autoria feminina na História Moderna. Apesar de ser uma obra ampla e diversificada, no Brasil apenas um de seus romances foi traduzido, encontrando-se no momento esgotado. Com esta dissertação esperamos ter contribuído para a divulgação de sua vida e de suas obras, esperando gerar interesse nos leitores desse trabalho, assim, quem sabe, novos pesquisadores possam se interessar em adentrar no universo dos escritos de uma autora singular para os estudos da escrita de autoria feminina da Inglaterra.

**FONTES**

BEHN, A. *Oroonoko*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

BEHN, A. *Oroonoko and Other Writings*. Oxford Paperbacks, 2009.

BEHN, A. *Oroonoko and Love Letters between a Nobleman and his Sister*. Createspace Independent Publishing Platform, 2017.

BEHN, A. *Oroonoko and Love Letters between a Nobleman and his Sister*. Golding Books, 2018. Kindle Edition.

BEHN, A. *The Collected Works of Aphra Behn*. Digireads.com, 2011. Kindle Edition. (6 volumes)

BEHN, A. *Complete Works of Aphra Behn*. Delphi Classics, 2016. Kindle Edition.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMS, Meyer Howard et al. *The Norton anthology of English literature*. WW Norton, 1993.

ALKER, Sharon et al. *Approaches to Teaching Behn's Oroonoko*. Modern Language Association, 2014.

AMADEO, Javier. As origens do liberalismo: liberdade, autoridade e propriedade no pensamento político do século XVII. Publicado nos *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo, 2011.

ANDRADE, Susan Z. White skin, black masks: Colonialism and the sexual politics of Oroonoko. *Cultural Critique*, 1994, 27: 189-214.

AZIM, F. *The Colonial Rise of the Novel: From Aphra Behn to Charlotte Brontë*. 1993.

BALLASTER, R. 'The Story of the heart': Love-Letters between a Nobleman and his Sister. In: *The Cambridge Companion to Aphra Behn*. Cambridge University Press, 2004.

BALMUTH, Miriam. Female Education in 16th and 17th Century England. *Canadian Woman Studies*, v. 9, n. 3, 1988.

BARKER, J. *The Brontës*. Wild Genius on the Moors: The Story of a Literary Family. New York: Pegasus Books, 2013.

BAUM, Rob. Aphra Behn's Black Body: Sex, lies & Narrativity in Oroonoko. *Brno Studies in English*, v. 37, n. 2, 2011.

BENSON, Pamela Joseph; KIRKHAM, Victoria. *Strong voices, weak history: early women writers & canons in England, France, & Italy*. University of Michigan Press, 2005.

BERNBAUM, Ernest. Mrs. Behn's biography a fiction. *Publications of the Modern Language Association of America*, 1913, 432-453.

BERRY, Helen; FOYSTER, Elizabeth (Ed.). *The family in early modern England*. Cambridge University Press, 2007.

BLACK, Joseph et al. (Ed.). *The Broadview Anthology of British Literature: Concise Volume A-: The Medieval Period-The Renaissance and the Early Seventeenth Century-The Restoration and the Eighteenth Century*. Broadview Press, 2016.

BREPOHL, Marion. *Imaginação literária e política: os alemães e o imperialismo 1880/1945*. Uberlândia: Ed UFU, 2010.

CAMPANA, Crislaine Aline. *A Irmã Silenciosa: Anne Brontë e a escrita de autoria feminina na Inglaterra do início do século XIX*. Monografia de Conclusão de Curso, Curitiba: UFPR, 2017. Disponível em:  
<http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2017/12/MONOGRRAFIA-CRISLAINE-REVISADA.pdf>

CARR, H. A history of women's writing. In: *A history of feminist literary criticism*. Cambridge University Press, 2007.

CHARTIER, Roger et al. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Artmed, 2001.

CHARLTON, K. Women and Education. In: *A companion to early modern women's writing*. John Wiley & Sons, 2008.

CHARLTON, K. *Women, religion and education in early modern England*. Routledge, 2002.

CHASKIN, Hannah. Masculinity and Narrative Voice in Aphra Behn's Love Letters Between a Nobleman and his Sister. *Women's Writing*, p. 1-15, 2019.

CHEDGZOY, Kate. *Women's Writing in the British Atlantic World: Memory, Place and History, 1550–1700*. 2007.

CHERNAIK, Warren. Unguarded Hearts: Transgression and Epistolary Form in Aphra Behn's "Love-Letters" and the "Portuguese Letters". *The Journal of English and Germanic Philology*, v. 97, n. 1, p. 13-33, 1998.

CHIBKA, Robert L. "Oh! Do Not Fear a Woman's Invention": Truth, Falsehood, and Fiction in Aphra Behn's Oroonoko. *Texas Studies in Literature and Language*, 1988, 30.4: 510-537.

CRAWFORD, P. Women's published writings 1600-1700. In: *Women in English society, 1500-1800*. Routledge, 2005.

CONWAY, Alison. *The Protestant Cause and a Protestant Whore: Aphra Behn's Love-letters*. *Eighteenth-Century Life*, v. 25, n. 3, p. 1-19, 2001.

CORNS, Thomas, N. Literature and History. In: *A Companion to Stuart Britain*. John Wiley & Sons, 2008.

CRESSY, D. *Literacy and the social order: Reading and writing in Tudor and Stuart England*. Cambridge University Press, 2006.

CROSBY, Christina. *Stranger than Truth: Feminist Literary Criticism and Speculations on Women*. The Dalhousie Review, 1984.

COSS, Peter. *The origins of the English gentry*. Cambridge University Press, 2005.

DAVIS, N.Z. *Nas Margens: Três Mulheres do Século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DE LAURETIS, Teresa. *Technologies of gender: Essays on theory, film, and fiction*. Indiana University Press, 1987.

DOBIE, Ann B. *Theory into practice: An introduction to literary criticism*. Cengage learning, 2011.

DONOVAN, J. *Women and the Rise of the Novel, 1405-1726*. Springer, 2016.

DORREGO, J. 'I have my Tools about me Sweet-Heart': El humor como herramienta para la (de) construcción de género en las Love-Letters de Aphra Behn<sup>1</sup>. In: *Estudios sobre humor literario*. Servizo de Publicacións, 2001. p. 81-88.

DORREGO, J. F. Seventeenth-century prose fiction by English women writers: primary sources and recent studies (1977-97). *Revista Alicantina de Estudios Ingleses*, v. 12, p. 205-218, 1999.

DUBY, G & PERROT, M. *História das Mulheres. O século XIX*. V.4. Porto, Afrontamento, 1995.

DUFFY, M. *The Passionate Shepherdess. Aphra Behn 1640-4689*. Drama, 1989.

EAGLETON, M. Literary Representations of Women. In: *A history of feminist literary criticism*. Cambridge University Press, 2007.

EAGLETON, Terry. *Literary theory: An introduction*. John Wiley & Sons, 2011.

EZELL, M. Women and Writing. In: *A companion to early modern women's writing*. John Wiley & Sons, 2008.

EZELL, M. *Writing Women's Literary History*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press. Fendler, Susanne (ed.) (1997). *Feminist Contributions to the Literary Canon*. Lewiston, NY and Lampeter, Wales: Edwin Mellen, 1993.

FERGUSON, Margaret W. Juggling the Categories of Race, Class, and Gender: Aphra Behn's Oroonoko. *The Scriblerian and the Kit-Cats*, v. 28, n. 1, p. 9, 1995.

FERGUSON, Moira. 'Oroonoko: The Birth of a Paradigm'. *New Literary History*, 23.2 (Spring 1992): 339-59.

FETTERLEY, Judith (1991). 'Introduction: on the politics of reading.' In: Robyn R. Warhol and Diane Price Herndl (eds), *Feminisms: An Anthology of Literary Theory and Criticism* (p. 492–508). New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1991.

FOGARTY, Anne. Looks that kill: Violence and representation in Aphra Behn's Oroonoko. In: *The Discourse of Slavery: From Aphra Behn to Toni Morrison*. Routledge, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Ordem do discurso (A)*. Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. "O que é um autor, de Michel Foucault: duas traduções para o português." Org. Sônia Queiroz. Traduzido por Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. FALE/UFGM, Belo Horizonte (2011): 49-80.

GARDINER, J.K. "The First English Novel: Aphra Behn's Love Letters, the Canon, and Women's Tastes. In: *Tulsa Studies in Women's Literature*, 8.2 (1989): 201-222.

GARGANIGO, Alex. ELIZABETH SAUER (ed.). *Emergent Nation: Early Modern British Literature in Transition, 1660-1714*. 2020.

GOREAU, A. *The Whole Duty of a Woman Female Writers in Seventeenth Century England*. 1985.

GRUNDY, Isobel. Restoration and Eighteenth Century. In: *The Oxford illustrated history of English literature*. Oxford University Press, USA, 2001.

GUBAR, S; GILBERT, S. *The Madwoman in the Attic: the woman writer and the nineteenth century literary imagination*. New Haven: Yale University Press, 2000.

HAMMOND, Brean; REGAN, Shaun. *Making the novel: fiction and society in Britain, 1660-1789*. Macmillan International Higher Education, 2006.

HENDRICKS, M. Feminist Historiography. In: *A Companion to Early Modern Women's Writing*, p. 337-360, 2002.

HOBBY, E. *Virtue of Necessity: English women's writing, 1649-88*. Univ of Michigan Pr, 1989.

HUFTON, O. Mulheres, trabalho e família. In: *História das mulheres no Ocidente*. Volume 3: do Renascimento à Idade Moderna. Porto: Afrontamento, 1991.

IWANISZIW, Susan B. Behn's Novel Investment in "Oroonoko": Kingship, Slavery and Tobacco in English Colonialism. *South Atlantic Review*, v. 63, n. 2, p. 75-98, 1998.

KROLL, Richard. "Tales of Love and Gallantry": The Politics of Oroonoko', *Huntington Library Quarterly*, 67:4 (December, 2004), 573–605.

LAÍNEZ, F. Aphra Behn. Uma feminista no grande teatro do mundo. In: *Escritores e espiões: a vida secreta dos grandes nomes da literatura mundial*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

LANGLAND, E. Anne Brontë: *The Other One*. New Jersey: Barnes & Noble Books, 1989.

LÓPEZ, Villegas. "The Conscious Grove": Generic Experimentation in Aphra Behn's Love-Letters between a Nobleman and his Sister (1684–87). *Women's Writing*, v. 22, n. 1, p. 69-83, 2015.

MACCARTHY, B.G. *The Female Pen: Women Writers and Novelists, 1621-1818*. NYU Press, 1994.

MACLEAN, Gerald. Literature, culture, and society in Restoration England. In: *Culture and society in the Stuart Restoration: literature, drama, history*. Cambridge University Press, 1995.

MENDELSON, S. Women and Work. In: *A companion to early modern women's writing*. John Wiley & Sons, 2008.

MESSINGER, A. *His and Hers: Essays in Restoration and 18th-Century Literature*. University Press of Kentucky, 2015.

MILLER, John. Politics in Restoration Britain. In: *A Companion to Stuart Britain*. John Wiley & Sons, 2008.

MOTHERSOLE, B. *Female philanthropy and women novelists of 1840-1870*. Thesis submitted for the degree Doctor of Philosophy. Brunel University, 1989. Chapter 3 “The novel and the woman writer –a tradition on her own?”

O'DONNELL, M.A. Aphra Behn: the documentary record. In: *The Cambridge Companion to Aphra Behn*. Cambridge University Press, 2004.

ORR, Leah. Attribution Problems in the Fiction of Aphra Behn. *Modern Language Review*, v. 108, n. 1, p. 30-51, 2013.

ORTIZ, Joseph M. Arms and the Woman: narrative, imperialism, and virgilian memoria in Aphra Behn's Oroonoko. *Studies in the Novel*, v. 34, n. 2, p. 119-140, 2002.

PACHECO, A. *Early women writers: 1600-1720*. Routledge, 2014.

PACHECO, Anita. Royalism and Honor in Aphra Behn's Oroonoko. *Studies in English Literature, 1500-1900*, v. 34, n. 3, p. 491-506, 1994.

PEARSON, J. The short fiction (excluding Oroonoko). In: *The Cambridge Companion to Aphra Behn*. Cambridge University Press, 2004.

PLAIN, G; SELLERS, S. (Ed.). *A history of feminist literary criticism*. Cambridge University Press, 2007.

POOLEY, Roger. *English Prose of the Seventeenth Century 1590-1700*. Routledge, 2014.

POOVEY, M. *The Proper Lady and the Woman Writer: ideology as style in the works of Mary Wollstonecraft, Mary Shelley and Jane Austen*. Chicago: University of Chicago Press, 1984.

PRIOR, M. (Ed.). *Women in English society, 1500-1800*. Routledge, 2005.

RABB, Melinda Alliker. The Work of Women in the Age of Electronic Reproduction: The Canon, Early Modern Women Writers and the Postmodern Reader. In: *A Companion to Early Modern Women's Writing*, p. 337-360, 2002.

RICHARDS, Cynthia. Interrogating Oroonoko: Torture in a new world and a new fiction of power. *Eighteenth-Century Fiction*, v. 25, n. 4, p. 647-676, 2013.

RICHETTI, John J. et al. *Popular Fiction by Women: 1660-1730: An Anthology*. Oxford: Clarendon Press, 1996.

RIVERO, Albert J. Aphra Behn's "Oroonoko" and the "Blank Spaces" of Colonial Fictions. *Studies in English Literature, 1500-1900*, v. 39, n. 3, p. 443-462, 1999.

RIVERO, Albert J. Hieroglifick'd" History in Aphra Behn's "Love-Letters between a Nobleman and his Sister. *Studies in the Novel*, v. 30, n. 2, p. 126-138, 1998.

ROGERS, Katharine M. Fact and Fiction in Aphra Behn's "Oroonoko". *Studies in the Novel*, 1988, 20.1: 1-15.

ROSENTHAL, Laura J. Oroonoko: reception, ideology, and narrative strategy. In: *The Cambridge Companion to Aphra Behn*, v. 162, 2004.

ROSENTHAL, Laura J. Owning Oroonoko: Behn, Southerne, and the Contingencies of Property. *Renaissance Drama*, v. 23, p. 25-58, 1992.

SAGE, L; GREER, G; SHOWALTER, E. *The Cambridge Guide to Women's Writing in English*. Cambridge University Press, 1999.

SAID, Edward W. A representação do colonizado: os interlocutores da antropologia. In: *Reflexões sobre o exílio: e outros ensaios*. Editora Companhia das Letras, 2003. P. 114-136.

SALZMAN, Paul (Ed.). *An anthology of seventeenth-century fiction*. Oxford University Press, USA, 2001. P. xxiv.

SALZMAN, Paul. Prose Fiction. In: *A companion to early modern women's writing*. John Wiley & Sons, 2008.

SAUER, Elizabeth (Ed.). *Emergent Nation: Early Modern British Literature in Transition, 1660–1714*. Cambridge University Press, 2019.

SCHLUETER, J; SCHLUETER, P. *An encyclopedia of British women writers*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1998.

SCHONEVELD, Cornelis W. *English Theory and Criticism of Prose Fiction, 1660-1800*.

SHOWALTER, E. *A Literature of Their Own*. London: Virago, 1997.

SNOOK, Edith. *Women, Beauty and Power in Early Modern England: A Feminist Literary History*. Springer, 2011.

SONNET, M. Uma filha para educar. In: *História das mulheres no Ocidente*. Volume 3: do Renascimento à Idade Moderna. Porto: Afrontamento, 1991.

SPENCER, Jane et al. *Aphra Behn's afterlife*. Oxford University Press on Demand, 2000.

SPENDER, Dale. *The writing or the sex? or, Why you don't have to read women's writing to know it's no good*. 1989.

STEEN, Francis F. The Politics of Love: Propaganda and Structural Learning in Aphra Behn's Love-Letters between a Nobleman and His Sister. *Poetics Today*, v. 23, n. 1, p. 91-122, 2002.

STRETTON, T. Women, Property and Law. In: *A companion to early modern women's writing*. John Wiley & Sons, 2008.

STONE, Lawrence et al. *The family, sex and marriage in England 1500-1800*. Harmondsworth: Penguin, 1979.

THOMAS, Hugh. *The Slave Trade: The History of the Atlantic Slave Trade 1440–1870* (London: Macmillan, 1997).

TODD, J. *Aphra Behn: A Secret Life*. Bloomsbury Publishing, 2017.

TODD, Janet. *Aphra Behn: A Secret Life*. London: Fentum Press, 2017.

TODD, J. *Feminist Literary History*. Oxford: Polity Press, 1988.

TODD, Janet. "I do not see how it can be ascertained": Aphra Behn and Jane Austen. *Women's Writing*, v. 19, n. 2, p. 192-203, 2012.

TODD, Janet. "The hot brute drudges on": ambiguities of desire in Aphra Behn's Love-Letters between a Nobleman and his Sister. *Women's Writing*, v. 1, n. 3, p. 277-290, 1994.

URL: <https://wwp.northeastern.edu/blog/print-networks/>. Acesso em 14/07/2019.

URL: <https://www.theguardian.com/books/booksblog/2019/jan/28/poem-of-the-week-from-a-crown-of-sonnets-dedicated-to-love-by-lady-mary-wroth> (disponível em: 06/07/2020)

VAN HENSBERGEN, Claudine. " Why I Write Them, I Can Give No Account": Aphra Behn and " Love-Letters to a Gentleman"(1696). *Eighteenth-Century Life*, v. 35, n. 1, p. 65-82, 2011.

VISCONSI, Elliott. A Degenerate Race: English Barbarism in Aphra Behn's " Oroonoko" and " The Widow Ranter". *ELH*, v. 69, n. 3, p. 673-701, 2002.

WALLACE, David. *Premodern Places: Calais to Surinam, Chaucer to Aphra Behn*. John Wiley & Sons, 2008.

WEHRS, Donald R. Eros, Ethics, Identity: Royalist Feminism and the Politics of Desire in Aphra Behn's Love Letters. *Studies in English literature, 1500-1900*, v. 32, n. 3, p. 461-478, 1992.

WILCOX, H. Feminist criticism in the Renaissance and seventeenth century. In: *A history of feminist literary criticism*. Cambridge University Press, 2007.

WILLEN, D. Religion and the Construction of the Feminine. In: *A companion to early modern women's writing*. John Wiley & Sons, 2008.

WILLIAMSON, M.L. *Raising their voices: British women writers, 1650-1750*. Wayne State University Press, 1990.

WINTHROP, Jordan. *White over Black: American Attitudes Toward the Negro, 1550- 1812* (Chapel Hill, N.C., 1968).

WHITEHEAD, Barbara. *Women's Education in Early Modern Europe: A History, 1500 to 1800*. Routledge, 2012.

WISEMAN, Sue J. *Aphra Behn*. Liverpool University Press, 1996.

WOOLF, V. Mulheres e ficção. In: *Mulheres e ficção*. São Paulo Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ZWICKER, Steven N. Is there such a Thing as Restoration Literature? *huntington library quarterly*, v. 69, n. 3, p. 425-450, 2006.